

MEMÓRIAS DE UM
**VENDEDOR
DE MULHERES**



Giorgio Faletti

AUTOR DE **EU MATO**



GIORGIO FALETTI

Memórias de um vendedor de mulheres

TRADUÇÃO DE MARCELLO LINO



©2010 Baldini Castoldi Dalai editore S.p.A. – Milão

TÍTULO ORIGINAL

Appunti di un venditore di donne

CAPA

Mara Scanavino

IMAGEM DE CAPA

Fotografia Shutterstock/Tereza Dvorak e ilustração ALE+ALE

PREPARAÇÃO

Luna de Oliveira Valeriani

REVISÃO

Milena Chagas

Clarissa Peixoto

REVISÃO DE EPUB

Camila Dias

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

E-ISBN

978-85-8057-176-9

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Faz: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br



[»](#)



*A Marcella e Corrado,
que nunca foram embora.*

Certo, vamos comê-la.

ADÃO E EVA

PRÓLOGO

EU ME CHAMO BRAVO E NÃO tenho pau.

Essa poderia ser minha apresentação. O fato de eu andar por aí com um apelido, e não com um nome de verdade, não significa nada. Cada um é o que é, apesar dos rastros burocráticos que carrega consigo como serpentinhas depois de um baile de carnaval. Não importava o nome com que eu me apresentasse ao dar apertos de mão: minha vida não seria mudada em nem uma vírgula. Nada a mais nem a menos. Nem altos nem baixos, nenhum braço de mar calmo ou agitado no qual me atormentar ou do qual lamentar o tormento. O fato de eu não ter um nome era uma providencial área de sombra na qual me esconder, um rosto que mal se entrevê, uma figura quase despercebida, o nada, o ninguém. Já que eu era o que era, uma condição semelhante abrangia, de maneira específica, tudo o que me era útil, sem opções nem exceções.

No que diz respeito à outra particularidade anatômica, vale a pena nos demorarmos um pouco mais.

Não nasci assim.

Não houve, naquele momento, a expressão atônita de um médico que me viu sair de dentro da fissura totalmente desguarnecido, nem o olhar perplexo de uma mãe ainda abalada pelo último e definitivo esforço do parto. Não houve ternuras infantis para com um menino marcado por uma deficiência no mínimo singular e suscetível a piadas pesadas nos anos que viriam. Nem trágicas confidências adolescentes com a cabeça baixa e olhos que parecessem querer decorar o formato da ponta dos sapatos.

Quando me apresentei ao mundo, tudo estava em seu devido lugar. Até demais, eu diria, à luz dos fatos que vieram à tona. E, até um determinado dia, tudo aquilo que estava em seu devido lugar foi fonte de diversos incômodos para senhoras e senhoritas aventureiras e arrojadas que não procuravam outra coisa. Sempre pensei que aquilo fosse problema delas.

Até que o problema de uma delas se tornou o meu.

O como, o quando e o porquê não serão futuramente objeto de estudo dos historiadores. Tratou-se simplesmente de ter conhecido a pessoa errada no momento errado. Réu confesso, se é que isso pode valer algo. Eu admito, mas não me recrimino. A ordem das coisas na vida de cada um é como é, e ponto final. Às vezes, não temos como nem por que nos comportar de outra maneira. Ou, se temos, no meu caso, foi difícil enxergar. A simples proposta de um porquê seria apenas uma agulha a mais em um bonequinho de vodu com o meu rosto.

Em uma noite daquelas em que o tempo deixa uma marca, houve alguém que, com uma navalha afiada e bastante raiva e sadismo, deixou-me na condição atual. Fiquei caído no chão com uma mancha de sangue que se alargava nas minhas calças e, em minha boca, a voz se reduzia cada vez mais a um sopro, enquanto a mancha se tornava um grito. Fui expulso do teatro e obrigado a passar do palco para a plateia. Jogado na última fila, eu diria. No entanto, a dor daquele corte não foi nada se comparada à dor do aplauso.

Até então, eu havia falado de amor por conveniência, e praticado sexo por prazer pessoal. Naquele momento, vi-me na condição de não ser mais obrigado a prometer aquele amor porque não era mais capaz de receber em troca sua compensação monetária. O sexo, justamente.

O corpo de um homem não me dizia nada e eu não tinha nada a propor ao corpo de uma mulher.

De repente, surgiu a calma. Nada de picos nem vales, apenas planície. Nada de mar calmo ou revolto. Somente a zombeteira bonança, aquela que não estufa nem rasga velas. Quando não havia mais motivo para correr, pude olhar à minha volta e ver como o mundo realmente girava.

Amor e sexo.

Mentiras e ilusões.

Alternando-se. Depois, a partida em busca da próxima escala, do próximo endereço anotado na mente com meios improvisados. Por intuição, por faro, por toque. Cego, surdo e mudo, apenas com o auxílio do tato e do olfato, a última fronteira do instinto.

Quando recuperei a visão, a audição e a fala, refleti e entendi.

Logo depois, aceitei.

No momento imediatamente seguinte, agi.

Desde então, foi derramado sangue, matéria-prima de pouco valor em qualquer parte do mundo. Pessoas morreram e talvez o valor delas fosse ainda menor. Alguns dos responsáveis pagaram, outros se safaram. Como todas as coisas que têm um fim na morte, esta também tem um pequeno início.

Tudo começou quando entendi que havia mulheres dispostas a vender o próprio corpo para conseguir dinheiro e percebi que havia homens dispostos a gastar o próprio dinheiro para ter aqueles corpos.

É necessário avidez, rancor ou cinismo para ficar no meio dessa troca.

Eu tinha todos os três.

ABRIL DE 1978

QUANDO DAYTONA E EU VAMOS PARA a rua, está amanhecendo.

Paramos na calçada, a dois passos de distância um do outro, respirando o ar fresco da manhã, que, mesmo em uma cidade grande, dá a impressão de ser puro. Na verdade, a respiração em Milão é um sopro malcheiroso, exatamente como deve estar nosso hálito àquela hora. A única coisa pura é a sugestão, mas também se vive disso.

Daytona abre os braços, boceja e se espreguiça.

Acho que ouço um estalo em suas costas, mas talvez seja apenas impressão. Seu rosto mostra marcas da noite que passou jogando pôquer e cheirando cocaína. Está alterado, dá para ver pelo movimento dos músculos que se contraem sobre os maxilares. A peruca farta que lhe cobre a calvície como um truque de ilusionismo e laquê cedeu um pouco e está levemente inclinada, como uma boina peluda. Sua pele está pálida e uma mancha escura contorna seus olhos. O bigodinho faz com que ele pareça um daqueles personagens neuróticos e malvados dos desenhos animados que acabam sendo cômicos sem querer.

Leva a mão ao rosto, puxa o punho da camisa guarnecido pela noite em claro e vê as horas.

— Nossa, são quase seis.

Daytona fala como se isso fosse um problema. Como se, para ele, fosse uma exceção ainda estar acordado àquela hora. Como se tivesse que prestar contas da própria vida a alguém além de si mesmo e, às vezes, à polícia. Deixa cair o braço e o relógio desaparece. Aquele relógio é a origem do seu apelido. Há anos ele usa um Rolex Daytona de ouro, modelo Paul Newman.

Quando o usa.

Esse detalhe faz com que seja muito fácil distinguir seus períodos de penúria e de fartura. É só observar seu pulso esquerdo. Se o relógio não está ali, significa que foi penhorado no Monte di Pietà. E, se foi penhorado, quer dizer que Daytona está fazendo de tudo para reavê-lo. Sem se preocupar muito com meios e métodos.

De qualquer forma, agora o relógio está no seu pulso e ele sobreviveu a uma noite desenfreada e a uma partida de pôquer na qual teve sorte. Depois do fechamento, ficamos na salinha do Ascot Club, aquela que fica ao lado do bar. Ele, Sergio Fanti, o Godie, Matteo Sana (conhecido como Sanantonio) e eu. Bonverde, o proprietário, foi embora com a mulher logo depois do último espectador e encarregou Giuliano, o gerente, de fechar o local. Sem se importar com o que aconteceria depois que ele saísse de cena. Ficamos ali, respirando um aroma remanescente de humanidade promíscua, em meio à umidade com cheiro de feno de um carpete que não é arejado há anos. Surgiram cartas, cigarros e alguns metros de cocaína.

As horas, as cartas e os cigarros passaram e, quando a cocaína era apenas uma lembrança, Daytona se tornou o indiscutível protagonista do evento. O golpe de sorte foi uma quadra de nozes que caiu sobre a mesa como um raio que

destrói um *fullhand* com cartas de uma só cor. Foi o destaque da noitada.

Como se tivesse lido meu pensamento, Daytona se vira para mim.

— Que sorte tive esta noite! Eu estava mesmo precisando.

Sorrio, embora tenha tentado evitar. Viro a cabeça para olhar o tráfego ainda incerto da manhã. Poucos carros se deslocam indolentes pela via Monte Rosa. Dentro deles, há fantasmas assustados, que voltam para casa, e fantasmas iludidos, que acreditam ser assustadores e saem rumo à sua danação cotidiana. Como observador, parece-me que Daytona deu um nome e um endereço à sorte com algumas artimanhas não totalmente impecáveis. Ao menos, não para mim. Mas isso não é da minha conta. Não jogo, portanto, não ganho nem perco. Sempre fui o espectador que vê e cuida da própria vida. Com o tempo, essa regra se tornou um hábito agradável. Vive-se melhor e, em certos ambientes, simplesmente vive-se.

Volto a ele.

— Foi sorte mesmo. Quanto você ganhou?

Daytona me examina para ver se há ironia em meu rosto. Não a encontra, ou talvez prefira não encontrá-la. Põe a mão no bolso e a deixa lá, como se bastasse o tato para contar o dinheiro. Parece que estou vendo seus dedos gorduchos e peludos amarfanhando as notas com o movimento grosseiro geralmente usado com o dinheiro fácil.

— Um milhão e oitocentas mil liras, mais ou menos.

— Boa jogada.

— Verdade. Deu mole, eu caio dentro.

Ele esfrega as mãos satisfeito e eu penso que certos seres humanos têm muita dificuldade para aprender com os próprios erros. A mesma dificuldade que eu tenho para não sorrir novamente. Certa vez, durante uma partida com pessoas que não estavam à sua altura, de tanto repetir aquela frase, Daytona levou um soco na cara de um sujeito mais alto, mais forte e mais armado que ele. Sem poder reagir, por motivos óbvios. Circulou durante um bom tempo com um olho roxo que o fazia parecer um dálmata roliço e triste. E havia uma bela comissão de risadinhas que o acompanhava como se fosse a cauda de um vestido de noiva.

Atrás de nós, surgem os outros.

Sobem uma escada sob um letreiro que, à noite, representa um convite para descer até o Ascot Club, o indiscutível templo do cabaré milânês. Nas paredes que ladeiam os degraus gastos, há pôsteres dos famosos que, no início de suas carreiras, passaram por aquelas salas, sobre aquelas mesas, sob aquelas luzes. Todo dia, na rua, ao lado da entrada do clube, é colocado um painel luminoso que anuncia os nomes dos aspirantes.

Um passado provisório, um futuro de glória e um presente de esperança. Todos reunidos no velho axioma segundo o qual em Milão, depois de certa hora da noite, circulam pelas ruas apenas policiais, artistas, delinquentes e putas.

O difícil sempre foi entender quem é quem.

Giuliano sai por último. Demora-se baixando a porta de metal que lacra definitivamente o Ascot Club e o protege da contaminação do dia.

Os outros nos alcançam.

O Godie se aproxima de Daytona e apoia o indicador e o dedo médio

abertos como se fossem uma tesoura em seu pescoço.

— Tac! Capturado, seu *gãoca*!

O Godie tem um jeito de falar e de agir bastante folclórico. Representa muito bem o lugar, a hora e o tipo de gente com quem convive. Aquele círculo de pessoas que se exprime com uma linguagem que tem a pretensão de ser reconhecível, ou até mesmo original. Basta inverter as sílabas das palavras, assim gato se transforma em *toga*, mesa se transforma em *same* e carta se transforma em *tacar*. E Diego, seu nome verdadeiro, se transforma em Godie.

O Godie, para ser mais preciso.

Simple e talvez um pouco estúpido também. Mas cada um pendura as medalhas que quer.

Daytona afasta a mão dele.

— *Gãoca* nada. Vocês é que não sabem jogar. Principalmente você.

O Godie o empurra pelo cotovelo.

— Vá pro inferno. Lembre que em Las Vegas só dávamos Steve McQueen e eu.

O humor é o de sempre, um pouco repetitivo, às vezes inspirado naquele dos artistas que a cada noite se exibem no Ascot, às vezes servindo de inspiração para eles.

Giuliano nos alcança. Assim como eu, ele também não participou do jogo. Só da algazarra limítrofe. Acho que ele embolsou algum por ter deixado o local à nossa disposição. Mas, como sempre, não é da minha conta.

— Então, o que vamos fazer?

Sergio Fanti, estatura média, magro, calvo, nariz protuberante, olha o relógio. Todos nós sabemos o que ele está prestes a dizer.

— Só tenho tempo de passar em casa, tomar um banho e ir direto para o escritório.

Sergio é o único que tem um emprego sério. Trabalha com moda, o que é confirmado por seu terno amarrotado, porém elegante. Ninguém sabe como ele consegue conciliar as noites de *fuego* e rock'n'roll com uma atividade comercial, mas ele dá conta. O único indício dos seus delitos são as duas olheiras profundas que ostenta no rosto como se fossem uma grife.

Matteo Sana boceja. Depois, alisa a barba descuidada, que começa a apresentar alguns fios brancos, assim como seus cabelos.

— Vou tomar um *cappuccino* na Gattullo.

O Godie encosta os dedos em forma de tesoura no pescoço dele também. Com seu sotaque tão milanês a ponto de parecer uma caricatura, adere à proposta.

— *Tac!* Tô nessa. Pago e aumento. *Cappuccino* com *croissant*.

Giuliano olha para mim e para Daytona.

— Vocês dois vêm?

Daytona bate com o indicador no dorso da mão.

— Eu passo.

Balanço a cabeça.

— Idem. Vou para o cafofo.

Vemos os quatro que se afastam até chegarem à BMW 528 de Sergio Fanti,

que, no fim das contas, acabou cedendo. O Godie se agita e fala, como sempre faz quando está meio doidão. Entram e, abafado pelo barulho das portas batendo, o motor dá a partida, soltando pelo cano de descarga uma fumaça azulada. O carro sai do estacionamento e segue para a piazza Buonarroti, na direção da confeitaria Gattullo, em Porta Lodovica.

Já os vejo entrar transtornados na loja que, devido ao tempo que levarão para chegar até lá, estará cheia de gente pedindo um *cappuccino* e um *croissant*. Ao contrário do planejado, talvez peçam três uísques e um Campari, chamando a atenção de uma dezena de pessoas. Depois, irão para casa dormir, tomarão um Rohypnol para combater o efeito da cocaína e a taquicardia provocada pela anfetamina que, certamente, foi usada para malhá-la. A noite terminou e é assim que certos animais voltam para as suas tocas.

Eu e Daytona estamos na calçada, novamente sozinhos.

— Sabe o que está faltando para terminar bem uma noite de sorte?

— Não.

Na verdade, eu sei. Sei muito bem. Mas quero que ele diga.

Daytona me olha com sua peruca que vai e vem e os olhos brilhantes, se é que podem brilhar depois de uma noite insone. Depois, indica com a cabeça um ponto do outro lado da rua.

— Uma aventura com aquela *taga*.

Sorriso, sem precisar disfarçar desta vez.

Em frente ao Ascot Club fica um edifício comercial grande, totalmente ocupado pela Costa Britain. São quatro andares que tomam boa parte do quarteirão. Desde a esquina com a via Tempesta até mais à frente de onde estamos, na direção de piazzale Lotto. Cimento, metal e vidros. E luzes sempre acesas, iluminando tetos e escrivatinhas para lembrar a todos que, nesta cidade, mesmo quando estamos descansando, pensamos em trabalho.

Da porta de vidro, acaba de sair um grupo de pessoas. São as faxineiras. Esvaziaram latas de lixo, passaram o aspirador de pó e limparam banheiros, escravas da noite que deram duro até agora para que os escravos do dia encontrem tudo em ordem. Duas se afastaram logo, atraídas por uma cama ou um café da manhã. As outras se demoraram um pouco em uma conversa, talvez com a mesma sensação que tivemos, a de que, àquela hora da manhã, vale a pena respirar o ar. Uma delas se detém para acender um cigarro, ficando um pouco isolada das demais. É alta e magra, e as roupas disformes não conseguem esconder alguma graciosidade. Os cabelos são longos e castanhos, o rosto é claro, cheio de luz.

E conformado.

Também a indico com a cabeça.

— Aquela?

— É. Que gata.

Olho para Daytona e vejo que, na sua cabeça, já está passando um filme. E, certamente, não é um filme que possa ser exibido em um cinema do centro da cidade.

— Para você, quanto vale?

— Uma perna, se topasse.

Cem mil liras são um belo par de sapatos nos dias de hoje, que passam cada vez mais rápido.

— Duzentas mil liras e ela topa.

Daytona arregala os olhos. Não questiona as minhas palavras, mas o valor.

— Nossa, duas pernas!

— Cento e cinquenta para ela e cinquenta para mim.

— Você é um filho da puta.

Olho para ele como olharia para um emigrante com uma mala de papelão.

— São seis da manhã, você está sozinho, é feio e ela é uma garota bonita.

Está indeciso. Talvez não consiga entender se estou brincando ou falando sério.

Dou o golpe de misericórdia.

— Você acabou de ganhar um milhão e oitocentas mil liras. Vai sobrar um milhão e seiscentas mil.

— Tudo bem. Vamos ver o que você é capaz de fazer.

Afasto-me. Agora, está na hora de ele bancar o espectador. Atravesso a rua e me aproximo da garota, que fuma com a bolsa pendurada em um ombro e me observa fazendo suas avaliações. É muito mais graciosa de perto. Chega a ser bonita. Seus olhos são cor de avelã, melancólicos, talvez tenham visto periferias demais, e falam de coisas desejadas e nunca obtidas.

Sorrio.

— Oi. Você tem fogo?

Ela pega a bolsa, remexe em seu interior e me oferece um isqueiro de plástico. Deve trabalhar aqui há pouco tempo. As mãos ainda não estão estragadas pelos detergentes e afazeres, domésticos e não domésticos. Pelo modo como me olha, entendo que intui que o pedido de fogo foi só um pretexto. E nem muito original, para ser sincero.

Pego o maço de Marlboro e acendo um cigarro. Em meio à fumaça, aponto para o prédio atrás dela.

— Você trabalha aí?

Ela faz um gesto vago com a cabeça.

— Faxineira. Se você chama isso de trabalho, sim, trabalho aí.

— Qual é seu nome?

— Carla.

— Certo, Carla. Posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

Ela aplica a regra do “quem cala consente”. Está curiosa. O que significa que também é esperta.

— Quanto você ganha?

Carla me estuda, espera para ver aonde quero chegar. Não há medo em seus olhos, gosto disso.

— Cento e oitenta.

— Quer ganhar cento e cinquenta em duas horas?

Ela entende logo. Fico esperando um tapa que não se materializa. Muito significativo. Talvez certos tipos de proposta não sejam uma novidade para ela. Talvez ela esteja passando por uma situação de muita necessidade. Talvez, em um lampejo, tenha simplesmente vislumbrado um caminho para sair da

periferia, dos congelados e dos vestidos da Upim. As hipóteses são muitas e nenhuma me interessa.

Só falta esclarecer uma coisa e é ela quem toma a iniciativa.

— Com quem?

Faço um gesto com a cabeça em direção a um ponto atrás de mim. Ela avista Daytona do outro lado da rua. Depois me encara com um pouco de desilusão. Por fim, baixa os olhos e procura o asfalto antes de responder.

— Não é o Robert Redford.

Mostro uma expressão inocente, como se faz diante do óbvio.

— Se fosse, eu não estaria aqui falando com você.

Ela olha para as outras que, em grupo, parecem esperá-la a poucos passos de distância. Desde que começamos a conversar, elas ficaram nos estudando, fazendo suas considerações. Algumas risadinhas e olhadelas. Não excluo a ideia de que algumas possam ser de inveja. Carla se volta para mim com ar de desafio nos olhos cor de avelã.

Fala baixinho, como se fosse um pensamento que escapou dos lábios. Propõe uma alternativa.

— Com você, seria grátis...

Balanço levemente a cabeça e elimino qualquer hipótese naquele sentido.

— Estou fora de questão.

Ela precisa de um esclarecimento.

— Não gosta de mim ou não gosta de mulheres?

— Nem uma coisa nem outra. Digamos que, nesta situação, sou apenas um intermediário.

Carla fica em silêncio. Entendo que ela está avaliando os prós e os contras. Acho que não é uma questão moral, mas somente de oportunidade. Talvez ela seja de uma daquelas famílias em que o pai é o dono de tudo o que tem em casa, inclusive das filhas. Trata-se apenas de dar um preço adequado a algo que ela geralmente é forçada a conceder sem possibilidade de escolha. Ou talvez essas ideias sejam apenas fruto da minha imaginação e, como costuma acontecer, a verdade é outra. Ninguém pode realmente saber o que se passa na cabeça das pessoas.

Às vezes, só interessa o que as pessoas decidem fazer.

Carla faz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Diga para ele me esperar na frente da Alemanha na via Monte Bianco. Daqui a dois minutos estarei lá.

Indico o Porsche cor de abóbora de Daytona. É um modelo antigo, com o prestígio ofuscado. Um prestígio que ficou nas mãos do primeiro proprietário, que agora certamente dirige o último modelo. Mas, para sujeitos como Daytona e para as pessoas com quem ele anda, aquele carro é de qualquer maneira um cartão de visitas.

— O carro é aquele.

— Tudo bem.

Enquanto conversamos, suas colegas de trabalho se afastam. Carla parece aliviada. Por enquanto, não precisa dar explicações. Tenho certeza de que, no dia seguinte, ela já vai ter uma resposta pronta. O dinheiro e o senso de culpa são

ótimos incentivos à mentira.

— Só um conselho.

— Pode falar.

— Faça com que ele pague um café para você e não entre no carro sem o dinheiro na bolsa.

Ela me olha com um sorriso que não é exatamente um sorriso.

— É assim que se faz?

— É. É assim que se faz.

Viro-me para ir embora e, do outro lado da rua, vejo a figura de Daytona, esperando. Atravesso e vou até lá. Ele assistiu ao diálogo sem saber o que realmente acontecia, exatamente como as colegas de Carla. Quando me aproximo, jogo a guimba do cigarro e solto a última baforada de fumaça para aumentar a poluição de Milão.

— Então?

— Fique esperando na frente da Alemanha. Ela encontra com você lá.

— Quanto?

— Cento e cinquenta, como eu disse.

— Cacete!

Talvez Daytona não acredite nos próprios ouvidos e com aquela palavra esteja querendo exprimir espanto. Ou talvez estivesse esperando um desconto. Parou de acreditar no próprio charme há muito tempo.

— E cinquenta para mim.

Estico a mão com a palma virada para cima. Ele entende e vasculha o bolso. Depois me estende uma nota toda amarfanhada, como é justo que seja para o dinheiro ganho sem esforço. Só que, daquela vez, fui eu que ganhei. Sem trapacear. Um jogo tão velho quanto o mundo, e eu conheço suas regras. Daytona também as conhece, mas não se rebaixa para aplicá-las. Basta que alguém faça isso em seu lugar. Como tantas pessoas, está disposto a pagar por isso.

Enquanto ponho o dinheiro no bolso do paletó, ele me olha com seriedade.

— Não brinque comigo, Bravo.

Dou de ombros.

— Você sabe que nunca brinco.

Daytona se aproxima do Porsche, abre a porta, entra e dá a partida. Espera que a rua esteja livre e parte na direção de piazzale Lotto. No sinal verde, as luzes de freio se acendem e o carro desaparece à direita, rumo a uma discutível aventura.

Agora, estou sozinho.

Apalpo o bolso do paletó, encontro a chave e vou em direção ao carro, um Innocenti Mini azul-escuro, estacionado ali perto.

Entro no meu meio de transporte anônimo. À esquerda, Carla passa depressa, indo para o seu compromisso. Ela me vê e olha para o chão. Boa sorte, garota. Um mês de salário por duas horas de trabalho não é um mau negócio, se você sabe se adequar. Ela demonstrou que estava disposta. Para mim, foi uma espécie de distração, pois geralmente tenho contratos e contatos de outro calibre. Não me pergunto o que estou infringindo com o que acabei de fazer ou com o

que habitualmente faço.

A lei dos homens é uma linha traçada com mão pouco firme. Alguns ultrapassam o limite, outros o respeitam. Estou convencido de que vivo um palmo acima dele, sem nunca pôr os pés nem de um lado nem de outro. Não me questiono porque o mundo à minha volta não me questiona.

Isso pode agradar ou não, mas eu sou assim.

COM VOCÊ, SERIA GRÁTIS...

As palavras da garota ainda ecoam nos meus ouvidos enquanto percorro a Nuova Vigevanese indo para casa. E seus olhos são ainda uma imagem. Para afastar sons, aparências e desejos, sobreponho a tudo o rosto congestionado e as prováveis palavras de Daytona enquanto está na cama com ela. Imagino-a sendo despida apressadamente por aquelas mãos gorduchas, com a pele branca dos dedos sob pelos negros. Conheço o gesto impaciente com o qual ele abaixou as calças e empurrou a cabeça de Carla para o meio de suas pernas. Sei o que acontecerá ou o que aconteceu em seguida. Uma relação de qualquer jeito, impossibilitada pelos efeitos da cocaína, pela indiferença da garota e pelo anonimato do motel.

Mas Daytona não é do tipo que presta atenção a certas coisas. Não tem a força para ser um animal de rapina e a garota não tem a ingenuidade de uma gazela. É apenas um contrato, que prevê coisas a serem dadas e recebidas. Para algumas pessoas, a perspectiva do ato é mais importante do que a sua realização. Esse é um caso assim. Por outros motivos e em outro sentido, isso também vale para mim.

O sinal de trânsito muda de amarelo para vermelho. Paro e acendo um cigarro. Enquanto brincávamos de boa vida, o domingo se transformou em segunda-feira para o resto do mundo. À minha volta, o tráfego começa a se emaranhar em um novelo que estará firme e inextricável daqui a meia hora ou pouco mais. Porém, antes disso, já estarei escondido em casa. Não existe charme nem glória alguma em ser um animal noturno. Às vezes, é um embuste, porque a escuridão embaralha tudo, crenças e verdades. Documentários continuam a nos mostrar cenas de leões que se banqueteiam e bandos de hienas que circulam enquanto esperam para brigar pelos restos. Na verdade, muitas vezes foram as hienas que mataram a presa. O leão apareceu depois, com a lei do rei, para pegar sem esforço a melhor parte, deixando para quem fez o trabalho sujo os restos de sua refeição. Essa imagem, filtrada por uma lente apressada, como em uma lei da física, é projetada no mundo real de cabeça para baixo, tornando difícil entender quem é leão e quem é hiena.

A meu lado, em um Mercedes novo em folha, um sujeito boceja sem escolha.

Tento entender que animal ele é.

Seu rosto não está destruído por uma noite passada em claro, mas sua expressão evidencia um despertador que sempre toca cedo demais. Um tipo anônimo, do gênero “não, não”. Não é jovem e não é velho, não é bonito e não é feio, não é rico e não é pobre. E assim por diante. Talvez tenha mulher e filhos e tenha comprado o Mercedes porque decidiu que era o que a vida lhe devia, do mesmo modo que, às vezes, compra algumas horas de uma garota do nível que eu costumo negociar. Deve ser um pequeno empresário, daqueles que têm galpões espalhados como uma serpente ao longo da estrada que leva a Vigevano.

No seu galpão de dois andares, talvez sejam produzidos perfis de alumínio ou vendidos sapatos a preço de custo.

O sinal abre e, simultaneamente, soa a buzina de um carro. É tão previsível que sequer desperdiço um palavrão. O céu passou de descolorido a azul e, com o sol, apareceram as sombras. Outras devem desaparecer. É a lei da cidade e do seu zumbido cotidiano que aumenta ou diminui de acordo com o horário. Para quem não o suporta, está quase na hora de tapar os ouvidos e esconder a cabeça embaixo do travesseiro.

Quando chego à altura do metrô, viro à direita, percorro um trecho na pista lateral e logo estou no Quartiere Tessera, onde moro. São edifícios quadrados de cinco andares, revestidos de ladrilhos marrons, delimitados por uma grade para dar a ideia de ordem e coesão. Entre um edifício e outro, largos canteiros cobertos por uma grama minguada, com alguns pinheiros e bordos que fazem o papel de vegetação. São prédios da Ras. Fazem parte daquela reserva imobiliária que as seguradoras devem ter. Daqui a pouco, quando os edifícios começarem a se deteriorar e a manutenção se tornar um custo excessivo no balanço, serão postos à venda. Então, veremos quem tem vocação para proprietário e quem continuará a pagar aluguel pelo resto da vida e será obrigado a migrar.

Os apartamentos são, em sua maioria, ocupados por trabalhadores pendulares, homens com ternos de lojas de departamento e colarinhos sempre um pouco largos ou apertados demais, que deixam a mulher em casa de manhã e a reencontram à noite, um dia mais velha, sem saber ou sem se importar com o que a fez envelhecer. Devo dizer que, nas minhas idas e vindas, encontrei algumas senhoras que me olharam com interesse e, depois, lançaram com os olhos um claro e rápido SOS. Abaixei a cabeça e segui em frente. Não tenho nada para dar e nada a receber. Este lugar e esta vida fazem com que as cores murchem, e de nada adianta misturar tons de cinza. Mais claro ou mais escuro, o resultado é sempre cinza.

Paro o carro no estacionamento, em uma vaga que está sendo liberada. O motorista é jovem, mas já tem um ar conformado. Sua expressão o transforma em uma bandeira branca viva. É incrível como certas pessoas se rendem logo. Não são perdedores, mas aqueles sujeitos que nem mesmo tentam. E isso os transforma em protagonistas de algo muito pior do que qualquer derrota.

Conheço muitos assim.

Às vezes, acho que vejo um deles sempre que me olho no espelho. Abro a porta, desço e tranco essa depressão de uma noite passada em claro dentro do Mini. Tomo a direção de casa, margeando a mureta divisória.

À esquerda, a duzentos metros de distância, ficam os conjuntos habitacionais. É um outro mundo, precário e permanente ao mesmo tempo. Áspero e em contínuo devir. Ali mora gente heterogênea: operários e pequenos marginais, mão de obra não especializada através da qual se atinge uma esfera maior e mais articulada. Alguns instantes de glória, um pouco de dinheiro fácil logo ostentado no bar com um carro novo, a chegada ao amanhecer de duas viaturas da polícia. Surge uma vaga e sempre tem alguém à espera, pronto para ocupá-la. Pensando bem, essa é apenas uma outra maneira de ser um trabalhador pendular.

A topografia dos subúrbios milaneses diz que estamos na via Fratelli Rosselli, número 4. Eu digo que estou no lugar que, durante algumas horas do dia, chamo de casa. Do outro lado do gramado, uma senhora passeia com o cachorro. É um pastor alemão que corre, volta e faz festa para a dona sonolenta. O bicho parece aceitar aquele verde adubado pela poluição melhor que os demais moradores.

Abro a porta de vidro e subo até o primeiro andar sem encontrar ninguém. Ponho a chave no orifício, abro a fechadura e uma voz me surpreende.

— O som de um homem que volta para casa é diferente do som de um homem que está saindo.

Viro-me e, da porta em frente à minha, desponta a figura de Lucio. A direção do seu olhar está levemente fora de eixo em relação ao ponto em que estou. Ele está de óculos escuros. Sei que quando está sozinho não os usa, mas seu compreensível pudor de cego impõe que ele cubra os olhos velados por um branco angustiante quando está na presença de alguém.

Esboço um sorriso que ele não pode ver, apenas sentir.

— Você tem ouvidos de gato.

— Tenho ouvidos de músico.

Logo se censura.

— Piada muito discutível. Eu jamais poderia trabalhar em um cabaré. Acho que terei de me contentar em ser a versão italiana de Stevie Wonder.

Lucio toca violão, esplendidamente por sinal. Da minha casa, muitas vezes o ouço enquanto pratica. Aquele instrumento sinuoso, com as laterais largas, amplas, femininas, representa sua alforria da escuridão e sua liberdade. Graças à música, ele se vira bastante bem. Alterna períodos em que toca em alguns bares em Brera e outros em que se exhibe no metrô. Imagino que seja sua maneira de diferenciar o dia da noite, já que, senão, tudo seria uma noite perene. Talvez ele pudesse ter mais, mas o que possui lhe é suficiente. Nunca perguntei e ele nunca me disse. Todos os homens têm uma área da vida que faz parte do perímetro sacrossanto dos assuntos que não dizem respeito a mais ninguém. O mais difícil é entender a extensão dessa área para cada um.

— Quer um café?

Fico parado com a porta aberta. Ele levanta um ombro.

— Apague do rosto essa expressão de dúvida. Sei que ela está aí. Não se nega a ninguém companhia para um café. E isto não é uma exceção. Não vejo motivo.

Lucio fez uma breve pausa antes de dizer essa última frase e a enfatizou levemente com a voz. Acho que a autoironia é um dos escudos que ele põe entre si e seu mundo invisível. Igualar-se, tentando não ser visto por quem não consegue ver.

— Vamos tomar esse café. Você é um pé no saco.

Ouve minha porta se fechar e meus passos atravessando o corredor. Abre um pouco mais sua porta e se afasta para me deixar entrar.

— E você é um babaca mal-agradecido. Vou fazer um café horrível, assim você aprende.

Entramos no seu apartamento. Não há qualquer concessão à visão. Os tecidos foram escolhidos pelo tato e as cores são aleatórias. A decoração, não.

Quando nos conhecemos, há um ano, Lucio me disse que se mudou para ali porque a planta era muito semelhante à do apartamento no qual morava antes. Os móveis foram arrumados na mesma disposição e os percursos foram memorizados sem esforço.

Ou quase.

Como ele costuma dizer, tem sempre um “quase” na sua situação.

Dirijo-me para a mesa perto da porta-balcão. Lanço um olhar para além dos vidros sem cortinas. A senhora com o cachorro não está mais lá embaixo. Não há ninguém na rua.

Estamos sozinhos, dentro e fora.

Lucio se movimenta como se enxergasse em seu pequeno domínio privado sem arestas ou quinas. Desaparece atrás da porta da pequena cozinha e o ouço mexer nos armários e na cafeteira. Suas palavras chegam até mim enquanto me sento.

— Uma fácil, já que você passou a noite em claro.

— Manda ver.

— Espeta cachorro. Quatro mais três igual a sete.

É um criptograma. A partir da definição, temos de descobrir duas palavras que, juntas, dão origem a uma terceira que é a soma de suas letras. Não precisei pensar nem um segundo.

— Espeta cachorro. Fura cão. Furacão.

Desta vez, sou eu que ouço o sorriso na sua voz, mesmo sem vê-lo.

— Bem, essa era *realmente* fácil demais. Bravo, senhor Bravo! — É um hábito antigo entre nós. Inventamos e trocamos enigmas em vez de confidências sobre nossas vidas. Um dia, um de nós inventará uma charada particularmente complexa e o outro a resolverá. Talvez, nesse dia, poderemos dizer que somos amigos. Por enquanto, somos apenas duas pessoas que dividem o quintal durante algumas horas para tomar ar.

O café se manifesta através do som rouco da cafeteira. Lucio sai da cozinha com duas xícaras diferentes e um açucareiro na mão. Não ofereço ajuda porque sei que ele não iria querer. A confirmação é que ele nunca me pediu.

Ele apoia tudo sobre a mesa e desaparece novamente. Quando volta, está trazendo uma cafeteira com capacidade para duas xícaras e duas colherzinhas. Põe tudo em cima da mesa e se senta à minha frente.

— Tudo bem, Matilde. Pode servir o café.

— É um criptograma?

— Não, é uma ordem.

Essa é a única concessão que Lucio faz à sua cegueira. Não estou mais fazendo um favor, mas uma obrigação. Despejo o café nas xícaras e o adoço. Duas colheres para ele, meia para mim. Ponho a xícara à sua frente dando um jeito para que ele identifique a posição através do som. Ele estende a mão, pega a xícara e saboreia o café com calma enquanto eu bebo o meu em dois goles, embora esteja pelando. É por isso que o Godie me apelidou de “boca de amianto”, sem recorrer, nesse caso, às extravagâncias do seu jargão.

Acendo um cigarro. Lucio sente o cheiro da fumaça. Vira a cabeça para um ponto indicado pelo meu vício.

— Marlboro?

— É.

— Era o que eu também fumava. Agora parei.

Bebe o último gole de café.

— Você não vai acreditar, mas não tem graça nenhuma fumar sem ver a fumaça que sai da sua boca. Obviamente, o componente estético conta muito para o vício.

Sua voz se reveste mais uma vez de ironia.

— Poderia ser um tratamento para o tabagismo. Pegar a pessoa e mantê-la vendada até que perca a vontade de fumar.

Sorri.

— Ou até que precise fazer uma plástica no nariz de tanto queimá-lo com o isqueiro.

Essa ideia torna seu sorriso mais amplo. Depois, algum tipo de associação faz com que ele mude de assunto.

— Falando em pessoas vendadas, parece que domingo a sorte levantou sua venda e resolveu dar uma olhada para as bandas de cá.

— Como assim?

— No bar do Michele, aquele perto da igreja, alguém ganhou quatrocentos e noventa milhões na loteria esportiva.

— Cacete. Que sorte! Alguém sabe quem foi?

Lucio transita bem por todos os lugares que frequenta. Por causa da sua deficiência física e do seu caráter, sabe conquistar a confiança das pessoas. E, portanto, seus segredos também.

— Ninguém sabe ao certo, apenas algumas pistas. Tem um sujeito, um tal de Remo Frontini, um coitado que mora nos conjuntos habitacionais. Acho que é operário. Tem um filho, um menino de 8 anos a quem ensino violão em troca de uma mixaria. O garoto leva jeito e é uma boa maneira para mantê-lo longe das ruas. Imagino que você já o viu saindo aqui da minha casa.

Nunca aconteceu, mas me parece irrelevante em relação à história. Lucio prossegue sem esperar minha resposta. Talvez seja da mesma opinião.

— Ele me paga pouco e de maneira irregular, se é que você me entende.

— Louvável da sua parte.

— De fato. Mas a questão não é essa.

Ele para, acho que a fim de refletir sobre o que está prestes a dizer e confirmar as conclusões a que chegou.

— Ontem, ele veio aqui com o filho e estava bastante eufórico e falador. Inusitado, já que geralmente é de poucas palavras. Garantiu que logo quitaria todos os atrasados e que, de agora em diante, sempre pagaria em dia. Até me perguntou, caso decidisse comprar um violão novo para o filho, qual era a melhor marca.

Depois de outra pausa, Lucio conclui seu pequeno inquérito pessoal:

— Se você acrescentar que Frontini frequenta o bar do Michele e que todas as semanas joga na loteria esportiva, o quadro se completa.

Reflijo. Talvez um pouco demais.

— Quando alguma coisa muda sua vida, é sempre muito difícil esconder.

Lucio inclina a cabeça. Abaixa o tom de voz.

— Não sei por que, mas essas palavras parecem se referir mais a você do que ao nosso sortudo apostador.

Levanto-me e deixo em suspenso aquela consideração antes que ela ganhe força e se torne uma curiosidade e, por conseguinte, uma pergunta.

— *Time to go*, Lucio.

Ele entende e alivia.

— Qualquer um que acerta o espeta cão depois de uma noite em claro merece a cama em que vai deitar.

Dirijo-me para a porta.

— Obrigado pela hospitalidade. Você é realmente um homem que mantém suas promessas.

A pergunta que eu estava esperando chega enquanto estou abrindo a porta.

— Como assim?

— O café estava uma merda.

Fecho a porta ouvindo sua risada, atravesso o patamar e, um instante mais tarde, estou em casa, um apartamento de 55 metros quadrados, com a planta espelhada em relação à de Lucio. Poucos passos, mas é um outro mundo. Aqui, há cores, pôsteres nas paredes, livros em uma prateleira, o verde de duas plantas.

Um televisor.

Tiro o paletó e o atiro em cima do sofá. Esvazio os bolsos e apoio o conteúdo sobre o móvel à minha frente. Cigarros, carteira, bipe, o dinheiro amarfanhado de Daytona. Uma luz pisca no telefone, indicando que há mensagens na secretária eletrônica. Aperto o botão e, enquanto desabotoo a camisa, ouço o chiado da fita sendo rebobinada.

Depois, as vozes.

Bipe. Uma voz eufórica.

— *Oi, Bravo, é a Barbara. Estou na Côte d'Azur. O barco é fantástico e este cara é muito gentil. Quer que eu fique aqui mais alguns dias. Fale com ele sobre as condições. Obrigada. Um beijo, homem fascinante.*

Bipe. Uma voz alterada.

— *É a Lorella. Preciso trabalhar. Estou realmente precisando. Estou desesperada. Não sei mais o que fazer. Por favor, ligue para mim.*

Bipe. Uma voz escondida entre lágrimas.

— *Bravo, é a Laura. Aconteceu uma confusão. Sai com o Tulipa. Não tive como negar e ele me bateu de novo. Estou com medo. Qualquer dia desses, ele vai me matar. Quando você ouvir esta mensagem, ligue para mim, a qualquer hora. Até mais.*

A camisa se junta ao paletó. Deixo para a faxineira arrumar depois. Saio da sala e entro no corredor onde ficam as portas do quarto e do banheiro.

Caminhando, tiro os sapatos e, enquanto isso, reflito.

Barbara é uma garota fantástica. Entusiasmada com a vida, perdidamente apaixonada pela boa vida, prática como alguém que só ganhou do destino um aspecto físico cativante. Nós dois nos entendemos porque, de alguma maneira, somos parecidos. Temos um acordo e nos damos bem.

Lorella é uma garota bonita que trabalhou comigo durante um tempo, antes

de eu descobrir que era viciada. Com o que me pagam, as pessoas que me procuram têm direito a certo padrão e não posso me dar ao luxo de mandar mulheres com buracos nos braços ou atordoadas pela heroína. Nem tentei recuperá-la. Simplesmente a larguei. Vi garotas como ela escorregarem ladeira abaixo e acabarem atrás da piazzale Lotto vendendo a boca, a boceta e o cu por dez mil liras. Tempo desperdiçado, não vale um telefonema.

O caso de Laura é diferente, muito mais delicado. Ela trabalha como modelo e manequim, não de alto nível, mas com constância. Complementa a renda com outros serviços mais discretos, graças à minha intermediação. Uma noite, fomos juntos ao Ascot e Salvatore Menno, conhecido como Tulipa, a viu. Todos o chamam assim porque, no inverno, ele mantém uma banca de flores em piazzale Brescia que, no verão, se transforma em quiosque de melancias. Um esboço de disfarce. Na verdade, é um marginal do bando de Tano Casale, um chefe que disputou Milão com Turatello e Vallanzasca. Por uma noite, o babaca a comprou, depois, começou a pleitear um relacionamento gratuito e, logo em seguida, um relacionamento fiel. O uso da força foi o passo seguinte. Laura é uma mulher como qualquer outra e, portanto, me interessa pouco como pessoa. Mas, no trabalho, é talentosa, gera muito dinheiro e não posso deixar que fique parada porque está coberta de hematomas.

Abro a porta do banheiro e vou em direção ao vaso. Passo na frente do espelho pendurado em cima da pia sem me olhar. Abro e abaixo as calças junto com as cuecas. Sento na privada e urino. No passado, por motivo de força maior, tive de me submeter a práticas cirúrgicas que me impossibilitaram a micção em postura vertical. Agora, faço como as mulheres. E uso papel higiênico quase da mesma maneira.

Estou pensando em como resolver a questão da Laura e do Tulipa sem que ela ou eu morramos. Enquanto escovo os dentes, tenho uma ideia. Vou precisar bater um papo com Tano Casale e propor uma troca.

Por um lado, esse pensamento me preocupa, mas, por outro, me alivia um pouco. Se eu fizer tudo direito e se ele for um homem de palavra como dizem, talvez funcione. Enfim, uma migalha de sorte também seria bem-vinda.

Saio do banheiro e vou para o quarto. Quando acordar, terei muito o que fazer. Acabo de tirar a roupa, pego um Lorax e o engulo com um pouco d'água da garrafa que está sempre em cima da mesinha de cabeceira.

Deito, puxo a coberta, apago a luz e espero que meu corpo e o comprimido me arrastem por algumas horas pela escuridão em que Lucio passa todo o seu tempo.

ABRO OS OLHOS.

Acendo a luz da mesinha de cabeceira e olho que horas são. No meu relógio, os ponteiros formam um ângulo que significa cinco e meia. Os lençóis estão praticamente intactos, como se eu não tivesse dormido sobre eles. Foi um sono sem sonhos e o despertar é um parto indolor. É estranho como, às vezes, ao se aliar à escuridão, a mente tem a capacidade de catalisar as lembranças ruins e transformá-las em pesadelos.

A lembrança que trago comigo há anos está arquivada em uma parte do meu cérebro, escondida atrás da proteção consciente dos gestos e das palavras. No sono, se ela aparece, não me deixa escapatória. Fico imobilizado e deitado, prisioneiro daquilo que a mente me remete. Mas, hoje, o encarregado dos sonhos ruins esqueceu que eu existo e voltei à tona ileso.

Coloco as pernas para fora da cama e fico sentado o tempo necessário para que minha vida se recomponha e os pensamentos voltem para o presente. Levanto-me e, andando sobre o carpete, chego na cozinha onde, ao contrário de Lucio, vejo o que está dentro dos armários. É estranho: às vezes me machuco; com ele, nunca acontece.

De fora, vem a luz do final de uma tarde de primavera.

A camisa e o paletó não estão mais em cima do sofá. Os pratos e os copos também não estão mais na pia. Os cinzeiros vazios e lavados secam sobre a bancada. Enquanto eu dormia, a sra. Argenti, minha minúscula faxineira, veio tomar conta da casa e do seu morador.

Pelejo um pouco para preparar o café e, enquanto espero que a cafeteira e o gás façam seu trabalho, vou ligar o rádio. Como em um acordo tácito com meu vizinho, também prefiro o rádio à televisão. Ele porque não pode vê-la, eu, às vezes, porque não quero. A voz de um locutor se projeta no aposento.

...lembrando o comunicado número seis das Brigadas Vermelhas, enviado há dois dias ao jornal La Repubblica, no qual era anunciado que, depois de um longo interrogatório, o prisioneiro Aldo Moro foi condenado à morte, o presidente Giovanni Leone convidou, com palavras...

Mudo de estação. Nunca saberei quais eram aquelas palavras. A voz é substituída por um rock que tenho dificuldade em reconhecer, mas aceito de bom grado a troca. Há momentos em que detesto ouvir falar de solidão, e era disso que a história daquele homem estava cheia. As fotos da sua detenção, seu rosto desolado e sua condenação me fizeram pensar que, quando suspeitamos viver rodeados pelo nada, quase sempre algo ou alguém transforma aquela suspeita em certeza. Quem sabe se ele também pensou nisso enquanto todo o vasto mundo que tinha antes à sua disposição se fechava nos poucos metros quadrados de uma cela.

Vou para perto do fogão, onde me esperam apenas as confidências de uma cafeteira e algumas nuvens de vapor sem significado. Despejo o café e começo a bebê-lo. O bipe apoiado sobre o móvel emite um som que, do ponto de vista

onomatopeico, faz jus ao nome do aparelho. Para a minha comodidade, estou inscrito em um serviço de busca telefônica. Um pouco caro, mas muito rentável. Toda vez que o aparelho emite um sinal significa que a central do serviço Eurocheck, do qual sou assinante, recebeu uma ligação para mim.

Aproximo-me do telefone e disco o número. Responde a voz levemente entubada do operador. Sem formalidades, informo minha identidade.

— Bravo. Código 1182.

— Boa tarde. Deve telefonar para o número 02 67859. Não deixaram nome.

— Obrigado.

— Nós é que agradecemos.

O operador volta a ser uma hipótese. Anoto o número em um bloco ao lado do aparelho. Não me diz nada. Sei de cor quase todos os números que me são úteis, mas esse é totalmente desconhecido. O fato de a pessoa não ter deixado o nome é bastante comum. Nem todos estão dispostos a deixar rastros quando procuram putas. Após alguns toques, atende uma voz masculina, não jovem, mas áspera e enérgica.

— Alô.

— Acabei de receber um recado para ligar para esse número.

— É o Bravo?

— Sim.

— Um amigo em comum me passou seu contato.

— Até que ponto amigo seu e até que ponto amigo meu?

— O suficiente para solicitar os serviços de duas pessoas ao mesmo tempo toda vez que vem de Roma. E para me dar garantias sobre sua discrição e sobre a qualidade das suas escolhas.

Sei de quem ele está falando. Um dos maiores antiquários da capital, apaixonado por *ménage à trois* e prostitutas. Não sei quem é meu interlocutor, mas acho que ele não me revelará sua identidade ao telefone.

— Como posso ajudá-lo?

— Eu gostaria de encontrar uma das suas colaboradoras.

— Só uma?

A resposta tem uma nota de divertimento. E um leve suspiro de nostalgia.

— Sim. Já faz algum tempo que não me são mais permitidas certas performances.

— Esta noite?

— Não, amanhã de manhã. Gosto de acordar feliz.

— Alguma preferência?

Ele decide jogar os dados e ver que número vai dar.

— Meu amigo disse que, em geral, suas surpresas não são ruins. Mas ficou especialmente satisfeito com uma tal Laura. Sabe de quem estou falando?

Meu silêncio serve de confirmação.

— Muito bem. Gostaria que fosse ela. Como incentivo, posso dizer que dinheiro não é problema.

Essa é uma boa notícia. Estava mesmo precisando, tendo em vista o telefonema que vou dar em seguida.

— Onde e quando?

— Estou no Hotel Gallia, quarto 605. Por volta das nove. Direi ao recepcionista para que deixe subir quem me procurar.

Fico tenso e não respondo. Ele entende e me tranquiliza.

— Estou em uma suite executiva. Tenho uma linha direta. Se quiser, ligue para o hotel e peça para falar com o meu quarto. Agora.

Não sei quem é o homem com quem estou falando, mas ele é inteligente. E tem dinheiro. Sabe como viver e quanto gastar para aproveitar a vida. Essas duas características são, para mim, uma fonte indiscutível de estima.

— Às nove, então. A pessoa receberá do senhor um milhão. Em dinheiro.

— É um valor alto.

— Quando o senhor vir a garota, poderá decidir se vale a pena ou não.

Destas vezes, é o meu interlocutor que faz uma pausa. Depois, um esclarecimento, em um tom um pouco mais formal. Aliás, muito mais formal.

— Gostaria de lembrar que este pode ser o início de uma colaboração longa e satisfatória para ambos.

— Naturalmente. Por isso, concedo o direito de verificação.

O tom volta a ser coloquial, como antes.

— Muito bem. Foi um prazer.

— Igualmente. Até logo.

Desligo. É o momento do segundo telefonema, muito mais difícil. Disco o número de Laura. Logo ouço a voz de alguém que estava à espera ao lado do telefone.

Alguém assustado.

— Alô.

— Oi, Laura, é o Bravo.

O alívio que senti ao me ouvir percorre rapidamente os cabos telefônicos.

— Finalmente. Onde você se enfiou?

Deixo passar um instante antes de responder. Aquele silêncio deve dar a entender que onde me enfio é problema meu. Portanto, não dou explicações.

— Ouvi seu recado. O que aconteceu?

— Aquele homem é um louco. Agora, quer que eu fique em um apartamento, assistindo televisão, esperando ele chegar. Quando eu disse não, ele me bateu.

Espontaneamente, Laura elimina uma das minhas preocupações.

— Não me deixou nenhuma marca, mas me machucou mesmo assim.

Tudo bem. O rosto está salvo. E talvez todo o resto também. Quando caímos do cavalo, a melhor coisa é voltar logo a montar na sela. Preciso que ela entenda isso.

— Tenho umas coisas engatilhadas. Importantes. Acha que dá para trabalhar?

— Ficou maluco? Se aquele cara me vir com alguém, é morte certa. Ele não é normal. Você precisava ver os olhos dele.

Não fico surpreso. Dizem que o Tulipa tem uns parafusos a menos. E algumas pessoas que já o viram com raiva confirmam. Outras que estiveram na mesma situação não podem confirmar mais nada. Pelo menos é o que dizem. Mas certos boatos, em certos casos e com certas pessoas, geralmente têm um

nível de credibilidade bastante alto.

— Não se preocupe, eu cuido de tudo.

— Como?

Como? Bela pergunta... Com um pouco de inteligência e muita sorte, espero.

— Conheço alguém que pode ajudar.

— Você tem certeza do que está fazendo?

— Absoluta.

Absolutamente.

— Estou com medo, Bravo.

E quem não ficaria com medo diante de certas pessoas?

— Você não tem qualquer motivo para ficar com medo. Tudo vai se ajeitar da melhor maneira.

Não sei se o silêncio que recebo como resposta significa esperança ou desconfiança. Intervenho com uma proposta que remete a um ambiente familiar e, portanto, à vida e ao humor de sempre.

— Por que a gente não se encontra no Ascot por volta das onze? Quero falar com você sobre uma coisa que pode ser interessante.

— Hoje é segunda-feira. Está fechado.

— Não. Tem um grupo de mímicos muito bons da BBC, o Silly Dilly M. Eles só tinham essa data livre. O pessoal da casa preferiu abrir mão da folga para que eles se apresentassem.

Mais um instante para refletir antes de ceder.

— Tudo bem, a gente se encontra lá. Às onze.

— Então até mais tarde. Tchau.

A voz desaparece no fio telefônico e é lacrada pelo fone. Com a xícara na mão, volto à cozinha para servir o resto do café, que, nesse meio-tempo, ficou um pouco mais frio. Acendo um cigarro e, impulsionado pela bexiga, dirijo-me ao banheiro. Essa história do Tulipa não precisava acontecer. Mas aconteceu e não é possível fingir que a situação é diferente. Eu poderia não dar a mínima e abandonar Laura ao seu destino de concubina forçada. Mas cada situação é sustentada pela sua credibilidade e não posso perder a minha, por menor e mais discutível que seja.

Sento-me no vaso, perto da janela. Ao lado da privada, sobre a tampa do cesto de roupa suja de vime, está um exemplar de *La Settimana Enigmistica* com uma caneta ao lado. Eu o pego e olho a foto de Dustin Hoffman que sorri para mim em preto e branco dentro de uma pequena moldura na capa. Depois, sem querer, também sorrio. Todas as vezes que leio o slogan da revista, penso no Bisteca, um dos ociosos frequentadores do Ascot, certas vezes depositário de piadas instantâneas e fulminantes, impiedosas. Uma vez, enquanto acompanhava da cabine do diretor a audição de um péssimo imitador, ele proferiu, com sua voz indiferente, uma sentença que marcaria o artista daquele dia em diante.

— Ele é como *La Settimana Enigmistica*. Vangloria-se de 206 tentativas de imitação.

Abro a revista e me deparo com a “Página da Esfinge” e um criptograma mnemônico.

Para um segundo para refletir. Talvez mais que um segundo. As charadas me excitam e relaxam. É a dificuldade de um desafio imposto a si mesmo, um obstáculo a ser superado lançando a imaginação e a fantasia para além das palavras. Às vezes, a solução vem depressa; outras vezes, nunca chega. Como acontece com tudo na vida, que fez do enigma seu conceito básico. Neste caso, a intuição abre caminho com um solavanco esclarecedor depois de poucos segundos.

“Alunas” é sinônimo de “pupilas”. “Balofa” é quem engordou, se alargou, e, portanto, se “dilatou”. Pupilas dilatadas.

Apoio a revista e me levanto. Esse resultado insignificante me deixou de bom humor. No espelho sobre a pia, reencontro oportunamente meu próprio rosto. Um homem moreno, de cabelos compridos e ondulados e olhos negros. Bonito, dizem. Uma vez, em uma cama desarrumada, uma mulher com o seio macio e a pele perfumada me disse:

— Com esses olhos, você pode se meter em encrencas uma vez por dia. Sempre haverá uma mulher para salvá-lo.

Eu era jovem e ávido por segurança a ponto de aceitar que aquela mulher sem imaginação usasse a frase de um filme para me fazer um elogio. O resultado certamente foi alcançado, já que não me lembro do seu nome, só das suas palavras. Pena que, quando as encrencas apareceram, ela não estava mais por perto. Nem ela nem nenhuma outra mulher.

Molho o rosto e começo a espalhar a espuma de barbear sobre as bochechas com o pincel. O leve odor de mentol envia suaves ondas de frescor que me irritam os olhos. Sem aviso prévio, como acontece com todas as lembranças, vem à minha mente um personagem que eu havia inventado quando criança vendo o barbeiro da minha cidadezinha passar as cerdas sobre o rosto de um cliente até que ele sumisse pela metade sob aquela coisa branca que me lembrava chantilly. Que fim terá levado meu pobre Homem de Espuma? Será que em todos estes anos ele conseguiu descobrir se embaixo daquela massa branca e inconsistente havia realmente um rosto?

Eu, por outro lado, sei que tenho um. Foi algo que descobri até cedo demais. Este sempre foi o meu problema.

Começo a me barbear.

A lâmina abre faixas de realidade em meio aos meus jogos infantis e, com as bochechas lisas, fico me observando no espelho com olhos que se tornaram adultos graças ao tempo, às escolhas pessoais e às imposições da vida. Essas últimas é que nos fazem envelhecer mais rápido, por dentro.

Abro a água do chuveiro e, enquanto espero que alcance a temperatura certa, tento inventar um novo criptograma para Lucio. Quando entro debaixo do jato d'água, o fundo escorregadio do boxe me dá uma ideia.

Pronto, um novo enigma.

Significa que a solução é composta por seis palavras, de uma, quatro, três, quatro, uma e cinco letras, respectivamente. Não é difícil e acho que ele o resolverá logo, embora muitas vezes aquilo que aparenta ser fácil esconda realidades intrincadas.

Pego uma esponja na prateleira, despejo o sabonete líquido e começo a me ensaboar. Prefiro usar este objeto inanimado, como se ao evitar o contato das mãos com o corpo, algo pudesse mudar. Às vezes, pequenas manias remediavam provisoriamente grandes problemas.

Com você, seria grátis...

O rosto da garota volta como um *flash* à minha mente. Suas palavras nunca foram embora. Imagino seu corpo delgado e forte sob o vestido. Sinto o seio firme na minha mão. O perfume do sabonete traz de volta à mente outros perfumes, o cheiro sublime do sexo, seu sabor adocicado e ferruginoso, antes e depois da fúria. O desejo sobe implacável, passando sobre meu ventre seus dedos pegajosos e moles. Começo a massagear a virilha, obtendo em troca apenas uma confirmação que se torna mais difícil de aceitar a cada dia. Ajo cada vez mais rápido, como que para me apagar ou me reconstruir, até que o coração aumenta as pulsações e escorrego até o chão, sob o jato d'água que cai indiferente do alto. Fico esperando um fim que nunca poderá chegar, recebendo como uma bênção a possibilidade de misturar à água do chuveiro a única ejaculação que me é permitida: a das lágrimas.

PARO O CARRO NA VIA MONTE ROSA, a cerca de cem metros da luminosa entrada do Ascot Club.

Acendo um cigarro e fico sentado dentro do carro, reorganizando as ideias e tirando algumas conclusões sobre meu início de noite.

Quando saí de casa, em Cesano Boscone, segui a pé na direção de via Turati e do tal bar do Michele. Estive lá algumas vezes para comprar cigarros ou tomar um café, mas não posso dizer que sou um frequentador habitual. Portanto, não conheço ninguém e ninguém me conhece.

O lugar, quase vazio, era um ambiente retangular bastante amplo, com duas vitrines e a parte mais comprida paralela à rua. À esquerda, o espaço reservado à lotérica e a todos os seus cartazes relativos ao jogo e ao destino glorioso proposto pela Sisal, a empresa que se ocupa dessa atividade. No centro, o balcão, colocado na transversal para dividir os dois setores. Na frente, algumas mesinhas e cadeiras com o espaldar de plástico, como é de se esperar em um lugar como aquele. Nas laterais, os volumes multicoloridos de um fliperama e um *jukebox*.

Na parede em frente à entrada, uma porta. Eu sabia que havia uma sala nos fundos para o carteadado. Sobretudo buraco, com apostas bastante populares. Quem podia se dar ao luxo de jogar em mesas mais sofisticadas certamente não vinha aqui gastar seu dinheiro. Frequentava cassinos clandestinos a céu aberto que não são difíceis de serem encontrados pelas ruas de Milão.

Aproximei-me do caixa e parei, esperando para ser atendido. Um sujeito alto e magro, com o rosto acinzentado e ar aborrecido terminou de servir um café e depois veio na minha direção. Nenhum cumprimento e nenhum sorriso.

— O que deseja?

— Um maço de Marlboro e uma informação.

Em lugares daquele tipo, essa última palavra tem o poder de pôr as pessoas na defensiva. O homem atrás do balcão não era uma exceção, portanto, não se apressou. Virou-se e pegou da prateleira um maço de cigarros, que colocou na minha frente.

Depois, me olhou com ar interrogativo.

— E que informação seria?

— Preciso descobrir o endereço de um tal Remo Frontini. Sei que costuma frequentar este bar.

Pus uma nota de cinquenta mil sobre a caixa registradora. Com um meio sorriso que quantificava a solidariedade humana.

— E, já que a vida é dura para todos, pode ficar com o troco.

Ele examinou meu rosto, meu terno e meu sorriso, perguntando-se até que ponto, como e por que eu poderia ser perigoso. Depois, avaliou a cédula. Por fim, decidiu que não era o caso de passar de aborrecido a enfurecido. Esticou a mão e a fez desaparecer.

Indicou a rua e, à meia-voz, pôs fim à minha ignorância.

— Segunda à esquerda, número dez. Em cima da mercearia.

Fiz um gesto com a cabeça para agradecer e saí. Caminhei no ritmo certo, procurando ao mesmo tempo a casa e as palavras adequadas. Minha abordagem seria determinante para o sucesso da empreitada. Margeei os conjuntos habitacionais, passando por entre os carros. Também naquele caso, números. Automóveis Fiat 124, 127, 128, com o luxo de alguns 131 e o exotismo de alguns Opel e Renault, até que uma placa me mostrou um 10, que era o número do edifício. Fui até uma fila de campainhas, onde encontrei o nome que estava procurando. O portão estava sem fechadura. Pensei que nem mesmo aos inquilinos fosse concedido o direito de saber há quanto tempo e por quanto tempo. Melhor assim. Preferi evitar uma apresentação prévia pelo interfone. Entrei e subi as escadas até que, no segundo andar, outra placa confirmou que eu estava diante da porta certa.

Toquei a campainha e tive sorte. Quem veio abrir a porta foi ele. Estava sorrindo e falando com alguém lá dentro, mas, quando me viu, o sorriso e as palavras foram logo embora. Sua estatura era um pouco maior que a média, constituição física regular, um rosto aberto e a expressão incerta de quem se vê de repente vivendo algo mais importante que si mesmo. Daquela nesga de porta entreaberta, era possível distinguir um apartamento modesto, com móveis comuns e, no ar, sentir o cheiro da comida e do esforço para se chegar ao fim do mês. Se era verdade o que falavam da loteria, bastava uma olhada rápida para entender o que poderiam significar naquele contexto quatrocentos e noventa milhões.

— Boa noite. Sr. Frontini?

— Sou eu.

— Sou seu vizinho. Moro no Quartiere Tessera. Posso falar com o senhor um minuto?

Cortês, abriu a porta para me deixar entrar. Interrompi seu convite fazendo um gesto com a mão.

— É muita gentileza sua, mas, se não for incômodo, gostaria de conversar em particular.

Sem dizer uma palavra, deixando que a curiosidade estampada em seu rosto servisse de resposta, Remo Frontini saiu até o corredor, puxando atrás de si a porta e deixando-a encostada.

Agora, a bola estava em minhas mãos. E eu precisava lançá-la sem errar a mira se quisesse ganhar a prenda.

— Senhor Remo, vou direto ao assunto. Ouvi boatos de que o senhor recentemente teve um golpe de sorte. Muita sorte.

A curiosidade foi substituída pelo alarme. Ele apertou os olhos e ficou na defensiva.

— Mas quem é o senhor e quem lhe disse...

Eu o interrompi. Esbocei um gesto tranquilizador.

— Fique calmo. Não sou um problema. De vez em quando, represento mais um golpe de sorte, sr. Frontini.

Fiz uma pausa.

— Digamos, dez milhões além dos que já são seus por direito. Assim arredondamos para meio bilhão.

A palavra “bilhão”, ao substituir “milhão”, causou efeito. E o fato de ele ter ficado na minha frente para ouvir o que eu tinha a dizer em vez de me mandar embora com um pé na bunda me confirmou que os boatos que circulavam eram verdadeiros.

Sorte dele, e eu esperava que fosse minha também.

Gradativamente, vencendo sua relutância e garantindo-lhe que aquela conversa ficaria apenas entre nós, levei-o a admitir que era ele que havia feito os treze pontos na loteria. O mais importante era que, para o meu alívio, o prêmio ainda não havia sido recebido. O cartão da loteria estava escondido em um cofre enquanto ele decidia o que fazer. Expliquei o que eu esperava dele, quais vantagens ele teria e de que maneira a transação seria conduzida. Dei a entender que eu representava pessoas que tinham como característica ficar muito gratas por favores recebidos ou muito aborrecidas diante de uma recusa. No fim, ele estava disposto a aceitar minha proposta, muito mais por medo das consequências do que por avidez.

— Tudo bem, se é como o senhor está dizendo...

Dei meu melhor sorriso, aquele que, ao longo do tempo, me fez obter favores e um golpe de navalha.

— Claro que é como estou dizendo. O senhor não está correndo nenhum risco. Terá muito a ganhar e nada a perder.

Estendi a mão. Ele a apertou. Não totalmente convencido, mas a apertou.

— O senhor vai ver que esta é a melhor escolha. E não haverá motivos para arrependimentos.

Dei um passo em direção à escada para indicar que aquela nossa breve conversa de negócios diante da porta da sua casa havia chegado ao fim.

— Darei notícias. Por agora, boa noite.

— Boa noite, senhor...

Sorri novamente.

— Todos me chamam de Bravo. O senhor também pode me chamar assim.

Ele se virou para entrar no apartamento e, enquanto eu descia os primeiros degraus, ouvi uma voz de mulher saindo lá de dentro.

— Remo, quem era?

A porta se fechou antes que eu pudesse ouvir a resposta. Logo eu estava na rua, respirando o ar de uma quente noite primaveril, daquelas que nos deixam em paz com o mundo. Voltei ao carro, tomado por aquilo que a televisão define como um cauteloso otimismo. Dirigindo sem pressa, cheguei a Brera, onde, como aperitivo, tive de procurar uma vaga até a fome aparecer. No final, entrei em um restaurante que eu costumava frequentar, por lazer e profissionalmente, para *networking*. Naquela época, o La Torre Pendente estava em voga, e era possível encontrar lá a Milão que badalava por aí. Aquela de Courmayeur, Santa Margherita, Portofino e mais uma longa lista de et ceteras. Todos caros, os et ceteras. Gente da moda, dos negócios, da noite, de merda. Todos misturados de uma maneira que tornava difícil identificar a posição de cada um. Vi duas garotas com as quais trabalho, uma delas com um acompanhante que eu havia arranjado. Vi mais duas com as quais eu gostaria de trabalhar. Cumprimentei amigos e amigas, muitos dos quais eram apenas rostos sem nome. Dei um

telefonema para definir as questões econômicas de Barbara e outro para programar o resto da operação iniciada com Remo Frontini.

Por fim, jantei, demorando-me até que chegasse a hora do encontro com Laura.

E, agora, estou aqui, apagando a guimba com o calcanhar e trancando meu carrinho miserável. Exceto por algumas concessões no que diz respeito à fachada, ou seja, aparência e roupas adequadas para frequentar certos ambientes, costumo manter minha vida nos bastidores. Milão é uma cidade que, à noite, oferece muitos esconderijos. Apesar das luzes e dos letreiros. Quanto maior a quantidade de luz, maior a sombra à sua disposição. E eu sempre soube me mover muito bem naquela sombra.

Estou na frente da entrada, prestes a descer a escada, quando uma Ferrari 308 GTB, vermelha a ponto de enfurecer um touro e muitos pobretões, encosta ao meu lado. O homem ao volante me faz um sinal com a mão. Aproximo-me e ele se inclina para abrir a porta para mim. Entro, sento-me e isolo a nossa conversa com um baque surdo da lataria.

— Oi, Bravo.

— Oi, Micky. Como vão as coisas?

— Às vezes vão para a direita; às vezes vão para a esquerda. Como sempre.

Noto o belo rapaz louro com um terno Armani que está ao volante. Micky tem uns trinta anos e está na crista da onda. Vive bastante bem, frequentando as mulheres apropriadas para manter seus vícios caros e as pessoas certas para guardar algum para o futuro, sem perder muito tempo com questionamentos. Ele recebeu um dos dois telefonemas que dei no restaurante.

Sob a luz amarelada dos postes, parece ainda mais louro e bronzeado. Vai direto ao assunto e eu acato.

— O que posso fazer por você?

— Preciso falar com Tano Casale.

Uma das várias ocupações de Micky é arrumar clientes para os cassinos clandestinos que o chefão monta e desloca com astúcia pela cidade e proximidades. Ele observa a rua e um casal que está entrando no Ascot. Espera até que eles desapareçam, como se pudessem nos ouvir.

— Quando?

— Hoje à noite.

— Por quê?

— Quero propor um negócio.

Ele fica na defensiva.

— Bravo, espero que não seja alguma idiotice.

— Não é. Pode crer. Você vai ver, ele vai ficar muito satisfeito com o seu interesse, e o meu.

Ele pensa um pouco. Depois, decide que sou confiável e me dá essa chance.

— Tudo bem. Mas, antes, preciso dar um telefonema.

Concordo.

— Claro.

Micky olha o relógio, que, obviamente, é de ouro e de marca. E acho que, ao contrário de Daytona, ele tem vários.

— A gente se encontra aqui fora em uma hora. Se você não me vir, é porque não vai dar para ser hoje à noite. Nesse caso, eu direi a você quando será.

— Entendido. Que a Força esteja com você.

Desço do carro e me dirijo à entrada do cabaré. Sou acompanhado pelo ronco do motor de oito cilindros da Ferrari que parte, deixando no asfalto dez mil liras em pneus e, no ar, o som do dinheiro gasto.

Chego até a escada e, depois de um pequeno número de degraus, estou em um porão que se cobriu de glória ao lançar quase todos os expoentes do vaudeville do norte da Itália. Logo depois da soleira fica uma saleta, delimitada à esquerda pela chapelaria, com um tapete barato, sofás e luminárias, uma área dedicada ao ócio, na qual os frequentadores habituais se encontram para beber e fumar. Apesar da estética que deixa a desejar e de uma sensação de desgaste institucional, há no ar certa dose de magia, de sucesso em potencial, um sucesso verdadeiro, que pode mudar sua vida de uma hora para outra. Não é segredo que essa é a primeira opção dos produtores de televisão e cinema em busca de novos talentos. Para muitos, trabalhar no Ascot será apenas a linha de chegada, mas, para outros tantos, será o ponto de partida. Depois, será um vínculo difícil de interromper. Há noites em que, além dos jovens que aparecem nos cartazes, o lugar se torna um ponto de encontro para tantos comediantes famosos e cantores das paradas de sucesso que, se uma bomba explodisse ali, metade dos artistas do nosso sorridente e melodioso país desapareceria.

Esta é uma dessas noites. A saleta ao sopé da escada está cheia. A fama de Silly Dilly M. atraiu muita gente, inclusive vários artistas, presentes para satisfazer a curiosidade e para poder criticar no final.

Há fila na chapelaria. O casal que vi entrar antes parou para olhar os pôsteres pendurados nas paredes. Talvez não sejam da cidade e estejam um pouco transtornados pela presença de gente da televisão.

Cumprimento algumas pessoas, deixo que outras me cumprimentem e, enquanto isso, olho à minha volta até vê-la. Laura está sentada em um sofá, conversando com um rapaz. A experiência com o Tulipa a enfraqueceu somente sob o aspecto moral, não ofuscou sua beleza. Parece uma garotinha. Está vestida de maneira muito casual, com jeans e uma camisa branca sob um blazer esportivo azul-marinho, fazendo poucas concessões à moda do ano de 1978. Seus cabelos cor de mogno estão presos em um rabo de cavalo e seu rosto escancara para o mundo dois olhos de um azul tão intenso a ponto de deixar com inveja as centáureas.

É o que eu diria se a amasse. Mas sou apenas o homem que a vende e minhas palavras são, necessariamente, de outra natureza.

Quem está conversando com ela é Giorgio Fieschi, um artista de cabaré que trabalha no Ascot desde o início da temporada. É um rapaz moreno que tem um rosto franco, um grande talento e muita ingenuidade. Ele chegou de fora da cidade pedindo uma audição e, na mesma noite, se tornou protagonista de um teste estrondoso. Bonverde, que enxerga bem e vê longe, logo o contratou. E o público prontamente o aceitou. Os veteranos do Ascot, aqueles de Milão, o acolheram com certa altivez e, desde o primeiro dia, o fizeram vítima de uma sutil marginalização. Não sei se ele percebeu, mas, quando isso acontecer, espero

que Giorgio se dê conta de que tal comportamento é ditado pelo medo que seu talento causa, e não por uma efetiva superioridade. Espero, por ele, que isso aconteça logo. Infelizmente, a escalada para o sucesso requer garra e frieza, coisas que ele ainda não tem.

Aproximo-me e descubro nos olhos de Laura certa expressão, repetida nos olhos dele. Conheço muito bem o sexo que corre através dos olhos para saber que não tem nada a ver com o que está acontecendo ali. Na minha frente, não estão um macho e uma fêmea, mas um homem e uma mulher. E, ao fundo, tenho a impressão de ouvir o som de violinos e sentir o cheiro de problemas.

Sento-me em uma poltrona diante deles, com a certeza de que estou interrompendo alguma coisa.

— Olá, gente bonita, como vão as coisas?

Antes que eles respondam, Piero, um garçom com ar profissional, se materializa ao nosso lado e avisa a Giorgio que, daqui a pouco, será a sua vez. A primeira parte do espetáculo será aberta por dois rapazes da trupe habitual do Ascot. A segunda será a atração principal da noite, os ingleses.

O artista em formação sorri. Seu sorriso chega até os olhos. Ao que me parece, o que o mundo chama de trabalho é para ele o início da diversão.

— Tudo bem, está na hora. A gente se vê depois, Laura.

— Certo, vou para o salão assistir ao seu espetáculo.

Ele fica contente em saber que ela vai estar na plateia. Pelo que se pode ver, fica muito contente.

— Tudo bem. Hoje vou testar um número novo.

O rapaz se levanta e, após poucos passos e três degraus, desaparece atrás de uma porta à esquerda que conduz à coxia e à cabine da direção.

Laura e eu ficamos sozinhos. Eu procuro seus olhos e ela demora a responder ao meu olhar. O som de violinos desapareceu e resta apenas o cheiro de problemas. Ela se levanta, ajeitando o blazer. Tenho a impressão de que a preocupação em relação à história em que está envolvida é muito menor. Não sei até que ponto esse é o resultado das palavras tranquilizadoras que lhe disse à tarde ou do encontro daquela noite.

Ela me precede.

— Você se incomoda se conversarmos depois? Eu gostaria de ver aquele rapaz. Ouvi dizer que ele é muito talentoso.

— Tudo bem, vou com você.

Levantamos e fazemos o caminho percorrido por Giorgio pouco antes, só que, a certa altura, seguimos adiante e passamos em frente ao bar onde estão sentados dois outros artistas que fazem parte do elenco da semana. Bonverde, ao lado do balcão, com sua forma inconfundível de gesticular, está conversando com um tenista famoso que, quando está em Milão, é um frequentador assíduo do estabelecimento.

No fundo de um corredor curto, fica a porta que conduz ao pequeno teatro. Nós a atravessamos e ficamos na penumbra, em pé, encostados na parede à esquerda da entrada. À nossa direita, uma sala em formato de anfiteatro repleta de gente. Se Giorgio Fieschi foi escolhido para esta noite, significa que está ficando conhecido no circuito dos comediantes em Milão.

Como se tivesse sido evocado por essa minha consideração, Giorgio desponta de trás do tecido preto que serve de pano de fundo e cortina e aparece no palco. Quase não há aplausos, mas noto certa expectativa. Ele começa disparando com algum descaso umas poucas piadas sobre a atualidade, como fazem todos para quebrar o gelo. Depois, quinze minutos de um ótimo repertório que já conheço, esquentando ainda mais o público. Em seguida, começa a falar de si mesmo, dizendo que pertence a uma família numerosa, que tem muitos irmãos e que sua vida não foi fácil. Fico esperando um daqueles números que são a elegia tragicômica da pobreza, mas ele surpreende a mim e a todos os presentes mudando repentinamente de voz e assumindo o tom submisso e enfático das crianças.

...ah, sim, nossa família era realmente numerosa. Lembro que acordávamos ao amanhecer e, logo após despertar, nos cumprimentávamos e dizíamos bom dia, Aldo; bom dia, Glauco; bom dia, Ugo; bom dia, Silvio; bom dia, Sergio; bom dia, Giorgio; bom dia, Amilcare; bom dia, Gaspare; bom dia, Anselmo; bom dia, Massimo...

A cada nome e cumprimento, Giorgio vira a cabeça, muda de voz e entonação e de expressão do rosto. Tem-se realmente a impressão de que, no palco, estão todas aquelas pessoas misturadas entre si. Depois de uma pausa, ele se volta para a plateia.

Por volta das onze e meia, saíamos para enfrentar o árduo trabalho do campo. Ao meio-dia, mamãe nos chamava para a boa refeição cotidiana e nos sentávamos à mesa agradecendo ao Senhor por todas aquelas novas dádivas e, depois, bom apetite, Aldo; bom apetite, Glauco; bom apetite, Ugo; bom apetite, Silvio; bom apetite, Sergio; bom apetite, Giorgio; bom apetite, Amilcare; bom apetite, Gaspare; bom apetite, Anselmo; bom apetite, Massimo...

Oferece aos espectadores um gesto de renúncia e uma voz um pouco mais adulta.

Nunca tomei uma sopa quente em toda a minha vida!

Então, volta para o mundo do seu personagem.

Depois, à noite, cansados, mas felizes, íamos para a cama após escovar os dentes, e antes de dormir...

A essa altura, o público já sabe o que está por vir e começa a repetir junto com ele...

...boa noite, Aldo; boa noite, Glauco; boa noite, Ugo; boa noite, Silvio; boa noite, Sergio; boa noite, Giorgio; boa noite, Amilcare; boa noite, Gaspare; boa noite, Anselmo; boa noite, Massimo... Então, dormíamos tranquilos...

Outra pausa dramática.

...por volta das quatro.

Alguém escorrega sem querer naquele tipo de risada que não para, que tem o poder de contagiar todos os outros e que apenas o talento de verdade pode suscitar. Giorgio continua.

Um domingo, dia em que santificávamos o descanso, estávamos no quintal de casa jogando futebol e, ao passar a bola, dizíamos obrigado, Aldo; obrigado, Glauco; obrigado, Ugo; obrigado, Silvio; obrigado, Sergio; obrigado, Giorgio; obrigado, Amilcare; obrigado, Gaspare; obrigado, Anselmo; obrigado, Massimo...

Ele se interrompe e parece olhar para algum lugar ao longe, à direita.

A certa altura, vimos uma pessoa descendo lentamente a colina em nossa direção. Quando se aproximou, notamos que era o marido da parteira, que nos conhece muito bem porque praticamente nos viu nascer. Então, fizemos uma fila ao lado da cerca, pensando que, quando ele chegasse à nossa frente, nos cumprimentaria um a um. Porém, ao nos alcançar, ele sorriu, levantou uma das mãos, disse “Olá, pessoal” e foi embora...

Giorgio faz uma nova pausa, olhando à sua volta com uma expressão de incrédulo espanto. Depois, faz uma voz desolada.

E destruiu nossa infância.

O público fica um instante em silêncio antes de cair em si. Depois, ouve-se o aplauso, caloroso graças à ternura, ao surrealismo do humor e ao virtuosismo daquele número. Ao meu lado, na penumbra, Laura aplaude com olhos brilhantes e uma lágrima que, de tanto rir, desce por seu rosto. Giorgio Fieschi deve ser realmente talentoso para fazer com que ela se esqueça de que um ser como o Tulipa existe.

Verifico a hora. Daqui a pouco tenho o compromisso com Micky, na rua. Arrasto Laura para fora do teatro. Quero que ela me veja e me ouça bem. Enquanto fechamos a porta, os aplausos ainda ecoam na sala.

Encosto Laura na parede. Falo baixo, mas de maneira incisiva. Não sou um ator, mas também sei interpretar quando necessário.

— Escute. Eu faço uma coisa para você, você faz uma coisa para mim. Tenho um encontro daqui a pouco para resolver sua questão de uma vez por todas. Então, você, amanhã, às nove, tem um encontro no Hotel Gallia, suíte 605, com um senhor muito fino e cortês que, se quiser a sua companhia, terá de pôr nas suas mãos um milhão.

Laura me olha. Eu também a olho e não há violinos, mas trovões, no ar.

— Diga que entendeu e que a resposta é sim.

Ela faz um mínimo sinal de anuência com a cabeça.

— Devo considerar isso um sim?

Finalmente, Laura aceita ser quem sempre foi.

— Entendi. Hotel Gallia, suíte 605, às nove.

— Muito bem.

Relaxo. Sorrio e permito uma diversão que acho que ela teria concedido a si mesma de qualquer maneira.

— Vá para a cama com o seu ator de cabaré, mas, amanhã, você precisa estar fantástica para aquele sujeito.

Eu a deixo com a certeza de que, daqui a pouco, ela não estará mais sozinha. Subo até a rua e saio sem cumprimentar ninguém. Na verdade, estou quinze minutos adiantado, mas queria tomar um pouco de ar fresco e fumar um cigarro para compensar a inveja que o talento e o sucesso alheios sempre me suscitaram. Espero sob a luz dos postes, observado com curiosidade por duas putas que competem entre si pelos poucos carros que passam, até que, de trás da esquina da via Silva, precedida pelo ronco do motor, desponta a Ferrari de Micky. Como antes, ele encosta ao meu lado e me faz sinal para entrar. Abro a porta e me sento na poltrona de couro Connolly cor de creme.

— Vamos?

Ele confirma com a voz e a cabeça:

— Vamos.

Arranca enquanto ainda estou fechando a porta. Instintivamente, me pergunto se esta será a última viagem que faço em um carro, já que me dirijo a um compromisso de negócios com um homem que, de acordo com o que dizem, é o responsável por uma série de sepulturas sem nome espalhadas por esta cidade.

MICKY DIRIGE A FERRARI PELO TRÁFEGO sem se entregar a malabarismos desnecessários. Deu meia-volta, entrou na via Tempesta até a piazzale Zavattari e pegou a perimetral externa. Agora, estamos passando pela piazza Bolivar rumo a não sei onde. Ele escolheu o silêncio como mote para a viagem e eu o acatei. Afinal de contas, o que poderíamos dizer um ao outro que já não soubéssemos? De duas maneiras diversas, somos a mesma pessoa, embora, fisicamente, sejamos duas peças de xadrez diferentes.

E, a despeito de qualquer alegação da defesa, duas peças de pouca importância, eu acrescentaria.

Seguimos em frente, atravessando uma cidade que em parte dorme e em parte está preparando os próprios vícios com grandiosidade. Toda noite pode ser considerada de gala, até que chegará uma meia-noite em que cada um se dará conta de que, na verdade, nenhuma delas foi nada daquilo.

Não será um bom momento.

Paramos em um sinal de trânsito ao lado de uma banca de jornais. Estão pendurados cartazes de jornais e revistas. De novo Aldo Moro e sua história desesperada, o processo das Brigadas Vermelhas, Atlas Ufo Robot, Loredana Berté e sua nova paquera, a iminente Copa do Mundo de futebol, o Juventus e o Torino, “TV Sorrisi e Canzoni”, as histórias do presidente Leone.

Tudo misturado, na mesma parede, no mesmo mundo, na mesma vida. E eu não estou nem aí para nada nem para ninguém. Talvez porque, antes de qualquer coisa, não estou nem aí para mim mesmo. Viro a cabeça a fim de olhar Micky. Será que ele pensa, de vez em quando? Será que se questiona ou é puro instinto? O carro veloz, a viagem veloz, o amor veloz. E o tempo, capaz de superar qualquer outra velocidade, nos mata logo porque não existe memória que consiga se lembrar de todos os instantes.

Micky acha que meu olhar é de impaciência.

— Ainda vai demorar um pouco. Temos de ir até a Opera.

Liquido com um gesto indiferente meus pensamentos de alguns instantes atrás.

— Tudo bem. Sem pressa. Temos todo o tempo de que precisamos.

Viro a cabeça para a rua.

Todo o tempo de que precisamos...

Lucio apreciaria a ironia. No fundo, de quanto tempo precisamos? Agora que sei quem sou, eu preferiria não saber. A memória é a única maneira de termos certeza de que existimos. Mas eu não me lembro, portanto, não serei lembrado.

Micky vira à direita, saindo de viale Liguria e se dirigindo para a entrada da rodovia Milão-Gênova. Pergunta se quero dar um teco. Recuso a cocaína com um aceno de cabeça. Ele tira do bolso do paletó um objeto de ouro, muito *noblesse obligé*, um pequeno recipiente capaz de separar uma dose por vez. Ele o enfia no nariz e aspira com força. Repete a operação na outra narina. Depois,

fecha o objeto e o agita antes de guardá-lo, pronto para o próximo uso.

Vira-se, olha para mim e comenta.

— Boa.

Não duvido. Pessoas como ele sempre têm a melhor droga.

Assim que chegamos à agulha de acesso para Assago, a velocidade aumenta e os oito cilindros da Ferrari começam a beber gasolina e a restituir potência. Esse jogo do carro me agrada, é um jogo honesto. Dou em troca do que recebo. A cocaína é um embuste: deixa as pessoas como elas são e as ilude de que são diferentes.

Entramos no anel viário e a velocidade aumenta novamente.

Não tenho medo. Não tenho medo de morrer, mais especificamente. Na verdade, esse acidente desagradável já aconteceu uma vez. Uma batida com um carro a duzentos por hora seria apenas uma ratificação formal, o lacre de cera em uma carta que já foi escrita.

A saída Vigentina-Val Tidone é a nossa. Antes de entrar em Opera, viramos à direita. Logo depois, a viagem termina. Micky diminui a velocidade e enfia a Ferrari em uma estrada de terra que começa do lado esquerdo do asfalto. Sinto o cascalho sob as rodas e, devido à rigidez do carro, cada solavanco da estrada nas costas. Algumas curvas e, ao final de uma breve reta, surgem o galpão e o pátio repleto de carcaças de um ferro-velho. A área é cercada por uma grade metálica. Algumas lâmpadas cheias de boa vontade se esforçam para mandar um pouco de luz à sua volta.

Chegamos a um portão fechado. Micky pisca os faróis e, do outro lado da grade, na penumbra, logo aparece a figura de um homem. Ele se aproxima e, no cone de luz dos faróis, surge um sujeito baixo e atarracado, com calças de um agasalho de ginástica e uma jaqueta jeans, que nos lança um olhar assustado através da grade.

Reconhece o carro e se põe a abrir a entrada. Passamos por ele e pelo portão. Percorremos a estrada que leva ao galpão em meio a colunas de automóveis empilhados, formas cubistas, destroços sem vida. Uma série de totens erguidos graças a sacrifícios humanos e mecânicos, sem ninguém disposto a adorá-los.

Micky para em uma clareira na qual há vários outros carros estacionados. Na primeira fila está um Porsche novo em folha e, a seu lado, em sua desolação, o carro de Daytona. Falando no diabo, ele aparece. Como se estivesse dizendo: este sou eu e isto é o que eu gostaria de ser. Depois, há dois Mercedes, um 240 e um Pagoda, uma BMW 733i e muitos outros carros de diversas marcas e cilindradas. Todos inteiros, imóveis e brilhantes, como insultos em meio às carcaças à sua volta. Paira no ar uma sensação de ferrugem e tristeza que só o fracasso pode suscitar.

Sinto-me um babaca.

Estou aqui por outros motivos e com outros riscos. Não tenho tempo para melancolias animistas.

Se eu cometer algum erro, posso acabar nas mesmas condições de um daqueles carros destruídos que esperam receber as atenções de uma prensa.

Micky sai do carro e eu faço o mesmo. Sigo-o em direção ao edifício à

nossa esquerda, que margeamos por um trecho sob a luz caprichosa dos postes. Depois de dobrar a quina, encontramos um portão metálico de correr. Um homem está montando guarda. Ouvindo nossa chegada, dá alguns passos em nossa direção. É um sujeito totalmente diferente do que estava na entrada. Usa um terno marrom e parece ser o tipo de pessoa que aperta com a mesma indiferença o botão de uma campainha e o gatilho de um revólver. Talvez daquele mesmo revólver enfiado no cinto que se entrevê por trás do paletó.

Quando reconhece Micky, relaxa um pouco.

Sem cumprimentos, meu amigo vai direto ao assunto.

— Temos um encontro com Tano.

O sujeito me esquadrinha antes de decidir se meu acompanhante garante que minha presença seja confiável. Depois, acena com a cabeça em direção ao galpão e abre a entrada de pedestres recortada no portão de metal.

Atravessamos a porta e, de repente, estamos em outro mundo. Deste lado do galpão ficam todos os equipamentos e maquinários necessários para a atividade da premiada empresa. Bancadas, prensas, tornos e outros aparelhos que não sei identificar. À nossa frente, uma porta de vidro da seção de pintura. Há um cheiro difuso de solvente, metal fresado e lubrificante. Não me surpreenderia se, neste lugar, além de demolir carros com a devida autorização, às vezes também fossem modificados veículos de proveniência muito menos regulamentar.

Mas a surpresa é mesmo o que se encontra no lado oposto. Sob a luz que desce do alto sobre um assoalho de madeira está armado um verdadeiro cassino em miniatura. Há uma roleta americana com crupiê, uma mesa para jogo de dados e uma outra em torno da qual diversas pessoas sentadas, homens e mulheres, dedicam-se ao que me parece um *blackjack*. Tenho a impressão de entrever entre os jogadores a cabeça de Daytona coberta pela peruca. Há até um pequeno bar, no qual um homem e uma garota loura estão apoiados, pegando uma bebida. Três homens com ternos escuros circulam, vigiando o que está acontecendo.

Tano Casale faz as coisas direito. Tenho certeza de que, amanhã de manhã, não restará nada do que estou vendo agora. As mesas serão desmontadas e os tapetes verdes e os panos pretos que tapam os vidros do galpão terão desaparecido. Haverá apenas pessoas usando maçaricos, batendo com martelos e agitando pistolas de ar comprimido. Mas, hoje à noite, quem quiser ir atrás de uma carta ou de um número de sorte ainda tem tempo para tentar. Pagando o preço justo, vencendo algumas vezes ou perdendo quase sempre, como dita a regra.

Sigo Micky, que atravessa o galpão e se dirige a uma porta que parece a de um escritório. Antes de batermos, a porta se escancara e, lá de dentro, sai um sujeito com a cara inchada e o nariz escorrendo um filete de sangue que ele tenta estancar com um lenço. Um homem de constituição robusta e com a aparência de quem já disputou algumas lutas em um ringue o aperta pelo braço e o empurra em direção à saída, ocultando-o dos outros jogadores.

Micky dá duas batidas no umbral da porta que foi deixada aberta e entra. Eu o sigo e, lá dentro, encontramos dois homens. Um está sentado à escrivaninha cheia de papéis e o outro está em pé, encostado em um fichário de zinco.

O que está sentado é Tano Casale.

Tem uns 45 anos, cabelos lisos puxados para trás. Nas têmporas, algumas linhas brancas, ao contrário do bigode, escuro e basto. Os olhos são decididos, mas a sobrancelha direita, atravessada por uma pequena cicatriz, lhe imprime um ar interrogativo. As mãos grandes, apoiadas sobre o tampo da mesa, dão uma ideia de força e de alguém que sabe usá-la.

Quando nos vê entrar, ele cumprimenta Micky com um aceno de cabeça. Sorri e dá para perceber que nutre simpatia por ele. Meu amigo deve ter lhe feito algum serviço bom e lucrativo, fato que, segundo me dizem, para um homem de palavra como Tano Casale, é algo que se reconhece e recompensa.

— Oi, louro.

— Oi, Tano.

Micky, apesar do seu ar de homem experiente, está amedrontado. Ele me indica com a mão.

— Esse é o Bravo, a pessoa de quem lhe falei ao telefone.

Parece que só então Tano se dá conta de minha presença. Ele me examina em silêncio e seu rosto endurece.

— Bravo? Que porra de nome é esse?

Uma voz emerge de uma lembrança e ecoa na minha cabeça. Tem o som de uma lixa raspando ferrugem.

...não se agite, garoto, comporte-se. Nada de bancar o bravo. Se você se comportar, também me comporte e não o machuco demais. Entendeu? Nada de bancar o bravo...

Dou de ombros.

— Talvez não seja um nome, mas apenas uma qualificação.

Tano explode em uma risada.

— Boa resposta. Bravo!

— Viu? Foi você quem disse, não eu.

Talvez minha rapidez de raciocínio o tenha impressionado. Talvez não. Mas, quando seu sorriso desaparece, ele me olha de outra maneira. Faz sinal para que eu me sente na cadeira de fórmica e metal à frente da escrivanhinha. Micky sente que está sobrando e sai antes que alguém peça. O outro homem fica em pé, à minha direita. Talvez eu devesse me sentir subjugado, mas não presto atenção.

Tano me oferece um tom reflexivo e um pouco de adulação.

— Brincadeiras à parte, ouvi falar de você. Você organizou seu pequeno circuito, sabe se virar bem e, acima de tudo, sabe até onde pode chegar.

Indica a porta pela qual acabara de sair o cara ensanguentado.

— Não como certas pessoas, que acreditam ser espertas e vêm ao meu cassino *trapacear*. É incrível até que ponto pode chegar a estupidéz humana.

Faz uma pausa.

— Mas basta de falar de coisas desagradáveis. Micky me disse que você quer propor um negócio.

— Mais do que um negócio, eu diria: uma troca.

— Estou ouvindo.

Ganho tempo e acendo um cigarro. Depois, faço um gesto que engloba o que está acontecendo no galpão.

— Imagino que, com todo esse dinheiro que está entrando, a coisa mais difícil seja saber o que fazer com ele.

Tano sorri como um gato que pensa nos ratos.

— Sempre sabemos o que fazer com o dinheiro.

Concordo, complacente, e prossigo. Porém, me pergunto se, com o mesmo tom e o mesmo sorriso, ele daria aos seus homens a ordem de me degolar.

— No entanto, às vezes, há uma maneira para facilitar as coisas. Tenho o nome e o endereço de um sujeito que ganhou quatrocentos e noventa milhões na loteria esportiva. Está disposto a vender o cartão premiado mediante uma módica gratificação de dez milhões.

Para evitar qualquer mal-entendido, explico exatamente como são as coisas.

— Não vou ganhar um centavo. Prometi o dinheiro como incentivo e porque ele se revelou uma pessoa boa. Mas, acima de tudo, sensata.

Tenho certeza de que Tano entendeu aonde quero chegar, mas quer ouvir da minha boca.

— Prossiga.

— Bem, o resto é fácil. Se você comprar o cartão premiado, terá em mãos um montante que poderá ser administrado à luz do dia. E, ainda por cima, isento de impostos, já que é o prêmio de um jogo controlado pelo Estado.

Tano Casale olha na minha direção, mas, na verdade, não me vê. Depois, vira a cabeça e procura os olhos do homem ao lado do fichário. Recebe em troca um olhar de anuência circunspecta, confirmando uma decisão que, na verdade, ele já tomou. Volta a falar comigo com a voz tranquila.

— Dá para ser feito. Precisamos estudar como, mas dá para ser feito.

Faz uma pausa e, depois, lança a segunda parte da pergunta.

— Agora, vamos falar de você. O que você ganha com isso?

— Só um pouco de tranquilidade para o meu trabalho. Uma das minhas garotas, Laura, está tendo um problema com um de seus homens.

A essa altura, tudo acontece depressa. O sujeito ao lado do fichário, um cara de estatura mediana, olhos esbugalhados e a boca com uma expressão perversa, me pega pelo colarinho do paletó e me suspende da cadeira. Ele me empurra contra a parede com os olhos endiabrados a dois palmos de distância e um hálito que não é de flores, a sibilar sua raiva. Não me espanto muito. Geralmente, é assim que Salvatore Menno, vulgo Tulipa, se comporta.

Por detrás da escrivania, seu chefe intervém.

— Salvatore, deixe-o em paz.

Meu agressor não o escuta e me joga duas vezes contra a parede.

— Cafetão de merda, que cacete você quer?

Qualquer um, penso instintivamente.

Essa observação arrancaria aplausos de Lucio, se ele a ouvisse. Mas acho que o Tulipa não entenderia a piada. Mesmo que soubesse, temo que não estaria à sua altura.

Tano Casale se levanta de repente da cadeira. Não grita, mas é pior.

— Disse para deixá-lo em paz. Volte para onde você estava.

Até mesmo um psicopata como o Tulipa se caga de medo quando Tano Casale fala com aquele tom. Sinto que ele afrouxa a mão que me segura e estou

livre. O Tulipa recua, sempre com a minha morte nos olhos, até voltar a ficar ao lado do fichário.

Afasto-me da parede, procurando ajeitar o paletó. Ignoro meu adversário e me dirijo a Tano. Com uma tranquilidade que está bem longe de ser verdadeira.

— Já que a galinha que põe o ovo é a que cacareja, acho que é supérfluo citar nomes. Laura é uma garota que trabalha para mim e o seu homem quer obrigá-la a ser sua odalisca.

Instintivamente, o Tulipa dá outro passo na minha direção. Tano o bloqueia com um gesto. Para desabafar, só lhe restam as palavras, pronunciadas com um pouco de baba branca nos cantos da boca.

— Laura é uma puta e você se aproveita dela.

— Talvez. Mas ela tem a liberdade de ser puta quando e com quem desejar. De qualquer maneira, cabe a ela decidir. Não imponho, simplesmente proponho, sem coerções e, acima de tudo, sem pancadas.

A ameaça chega pontual.

— Vou mandar cortar suas mãos.

Viro-me para ele e miro o fundo dos seus olhos.

— Já se foi o tempo em que você tinha coragem de cortá-las pessoalmente?

A voz de Tano, um pouco acima do tom, dá um corte seco a essa troca de gentilezas.

— Chega! E isso vale para os dois!

Volta a se sentar atrás da escrivaninha. Fala com o Tulipa sem olhar para ele.

— Salvo, vá ver se está tudo bem lá fora.

Esse pedido equivale a um sonoro “caí fora”. De má vontade, Menno vai em direção à porta, reservando-se a dignidade de um passo calmo. Antes de sair, me lança um olhar que diz tudo. Sei que ele não vai engolir facilmente essa humilhação e que, de qualquer maneira, ganhei um inimigo.

Por outro lado, não é possível viver para sempre.

Tano e eu ficamos sozinhos. Volto a ocupar minha cadeira. Ele põe as mãos atrás da cabeça e tira suas conclusões.

— Então, para você, a liberdade dessa tal Laura vale todo esse dinheiro?

— Vale.

Ele me olha como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Você é um cara esperto. Tem coragem. Pelo modo como fala, dá para ver que não é ignorante, e sua aparência é boa. Você é também ambicioso?

Parece o preâmbulo de uma proposta de trabalho, que procuro, com tato, evitar que seja formulada.

— Às vezes, a ambição proporciona viagens estranhas, em certos furgões e dentro de certas caixas. E eu sou alérgico a flores.

Tano Casale começa a rir.

— Filósofo também. Quem se contenta com pouco vive feliz.

Desta vez, sou eu que faço uma expressão adequada.

— Também pode ser dito de outra maneira. Quem é feliz, ao se contentar com pouco, vive mais e melhor.

O homem que está na minha frente parece satisfeito, comigo e com o

encaminhamento da conversa.

— Muito bem. Garanto que Salvo não vai mais encher o saco da sua garota. Quanto ao restante, dê-me tempo para juntar o dinheiro e, depois, levaremos a cabo essa operação. Eu gostaria que você a conduzisse, embora, por motivos óbvios, precise pôr a seu lado alguém da minha confiança.

Pego uma caneta e escrevo em um bloco que está sobre a escrivaninha o número de telefone do serviço de bipe que uso. Ponho na frente dele.

— Você pode me encontrar neste número a qualquer hora do dia ou da noite.

Tano se levanta. A despedida está subentendida. Também me levanto e aperto a mão que ele me estende.

— Se quiser jogar um pouco, mando darem umas fichas para você. Assim você não sai de mãos abanando.

Revelo outro aspecto da minha vida.

— Agradeço, mas não jogo.

— Melhor assim. Há maneiras muito mais inteligentes de queimar dinheiro.

Saímos do escritório e retornamos ao galpão. Enquanto eu negociava com Tano Casale e era maltratado pelo Tulipa, chegou mais gente. Agora, a roleta está quase invisível, rodeada por apostadores e apostadoras. Pelo mesmo motivo, a mesa dos dados também desapareceu e vejo que montaram outra mesa de *blackjack*. Este negócio deve render uma fortuna. Uma renda segura e sem riscos excessivos, todas as noites. O mundo está cheio de gente propensa a apostar a própria casa. Além de que, neste caso específico, à emoção do jogo de azar, soma-se a emoção de fazer algo proibido pela lei. Embora eu tenha certeza de que Tano, nesse sentido, já tomou as devidas precauções.

Entre nós, tudo já foi dito. O chefe acena para mim e se aproxima de Menno, que está na frente do crupiê da roleta. Vejo Micky pedir desculpa a uma senhora loura e elegante com quem estava rindo, deixá-la sozinha, aproximar-se deles e cochichar. Depois, meu amigo louro vem na minha direção, enquanto os outros saem por uma porta nos fundos, seguidos por um terceiro homem que atua como guarda-costas.

— Que diabos você está fazendo aqui?

A voz, com um forte sotaque milanês, chega de surpresa. Um instante depois, vejo à minha frente Daytona, que enxuga o rosto com um lenço. Deve ter perdido. Quando ele sua na mesa de jogo é porque a sorte tirou a venda só para colocá-la na mão de Daytona, para que ele se enxugue.

Acho que não é o caso de informar o verdadeiro motivo da minha presença no Opera Demolition Cassino. Resolvo brincar para desviar a atenção.

— Vim tomar conta para você não apostar até as cuecas.

— Então, devia ter chegado antes. Elas já se foram.

Pelo rosto corado, deve ter levado uma boa lavada. Mas acho que não chegou ao fundo do poço. O relógio ainda está no pulso.

Enquanto fazíamos essas piadas, Micky se aproximou. Ele e Daytona se conhecem, embora, entre eles, não haja aquela simpatia capaz de fazer com que as pessoas dançam flamenco em cima das mesas. De fato, Micky fala comigo e o ignora, como se eu estivesse sozinho.

— Tudo certo?

— Tudo certo. Obrigado.

— De nada. Quando você quiser ir embora, é só me avisar.

Daytona é declaradamente um personagem de meia-tigela que vê frustradas suas ambições de acesso ao nível superior. Observou a cena com a mulher loura. Sabe que Micky é um dos pupilos de Tano e usa aquele tom servil de quem quer cair nas graças de alguém.

— Se quiser ficar, eu levo o Bravo.

Micky olha para ele e, depois, para mim. Levanta uma sobrancelha.

— É um problema para você? Tenho um compromisso e seria conveniente para mim.

— Nenhum problema.

— Tudo bem. Até mais, então.

Ele nos abandona e volta a atacar sua presa. No fundo, este também é um jogo equilibrado. Dou e, em troca, recebo. O rapaz tem para vender exatamente o que aquela loura quer. Os eventos decidirão se o preço foi alto ou baixo demais. No final das contas, como sempre, é um problema exclusivamente deles.

Daytona esfrega as mãos, com o rosto sonso de quem marcou um belo ponto em termos de contatos.

— Então, vamos?

Dirijo-me à porta pela qual entrei. Ele me segue com seu passo de fanfarrão e a barriga projetada para fora do paletó de um terno azul-marinho que já foi do tamanho certo. Chegamos lá fora e o guarda nos observa sem mudar de expressão e sem esboçar um cumprimento.

Poucos passos depois, Daytona sussurra para não ser ouvido.

— Com todo o dinheiro que deixamos aqui, ele poderia ter pelo menos dito boa-noite.

Paro e olho para ele.

— Não me meta em um plural que não me compete. Com todo o dinheiro que *você* deixou aqui.

O rosto de Daytona se ilumina, como se, de repente, tivesse se lembrado de uma coisa.

— A propósito de dinheiro...

Faz uma pausa para abrir a porta do Porsche. Senta-se e espera que eu esteja a seu lado para continuar.

— Sabe a *taga* que saiu comigo hoje de manhã? Aquela que abordamos na frente do Ascot e que, graças a você, me custou uma bolada?

Abordamos?

É o que penso, mas fico calado e espero.

Daytona prossegue, acalorado.

— Uma coisa fantástica. Um físico maravilhoso. Peitos que pareciam de ficção científica e uma bunda incrível.

Dá a partida. Engrena a marcha e parte em direção ao portão.

— Se tiver vontade de sair com ela, pode crer, vale a pena. Disse que, se eu quiser me encontrar com ela outra vez, vou ter de pagar mais, então, por mim, pode ir para o inferno. Mas acho que, com você, estaria disposta a fazer um

desconto. Espera...

Enfia dois dedos no bolso do paletó e me estende um bilhete dobrado em dois.

— Tome, ela até me deu o número de telefone. É para ligar, escute o que este idiota aqui está dizendo.

Abro o bilhete amarrotado e o observo. Na luz fraca do carro é visível um número escrito com uma caligrafia feminina. Amasso o pedaço de papel e o coloco no cinzeiro. Daytona vê e comenta meu gesto.

— Você está cometendo um erro. Ela tem classe.

Encerro o assunto com poucas palavras, conclusivas, espero.

— Conheço muitas garotas de classe. Uma a mais não vai mudar minha vida.

No entanto, ao atravessarmos o portão, sinto por dentro um estranho incômodo devido às considerações de Daytona sobre a garota. Enquanto percorremos a estrada esburacada para chegar até o asfalto, penso que a nossa Carla aprendeu rápido a lição. Em seguida, durante todo o restante da viagem, apesar da conversa sem sentido do meu motorista, vejo na minha frente aquele olhar e ouço na minha mente aquelas palavras.

Com você, seria grátis...

O TÁXI ENCOSTA PRÓXIMO À ENTRADA do Ascot Club e eu estou com o estômago um pouco embrulhado. O taxista, um tipo diferente, com os cabelos compridos e uma barba arruivada de mendigo, tem um rosto que me faz lembrar o Chewbacca, o personagem peludo de *Guerra nas Estrelas*. Não sei se ele pilotava a astronave da mesma maneira. Só sei que demos pelo menos uns dois saltos no hiperespaço entre a piazza Napoli e aqui.

Dou o dinheiro que ele pede, mesmo que, como sempre, o valor não coincida com o do táximetro. Certos taxistas de Milão estariam dispostos a cobrar a bandeira dois mesmo de dia só porque você está usando óculos escuros, e um adicional de bagagens só porque sua carteira está no bolso. Ele vai embora incólume, embora eu tenha tido vontade de mandá-lo à merda.

Mas a noite está agradável, acabei de resolver um problema, estou sozinho e de bom humor.

Há pouco, depois que entramos em Milão, enquanto estávamos percorrendo a via Giambellino, Daytona interrompeu repentinamente a conversa sobre mulheres, automóveis e o dinheiro que ele está sempre prestes a receber. De um tal Rondano, seu corretor de seguros, mais especificamente.

Eu sabia no que ele estava pensando e a pergunta que rondava sua mente. Só que eu a esperava muito antes. No final, ele se manifestou com voz indiferente, continuando a olhar para a rua com uma atenção até excessiva.

— Legal o lugar que Tano Casale montou, não? Ele deve ganhar um dinheirão ali.

— É.

Eu, lacônico; ele, finalmente explícito.

— Algum negócio em andamento com ele?

— Eu diria que não.

— Sabe, vi você sair do escritório com ele e pensei...

Eu o interrompo. Torno-me escorregadio a fim de desviar o assunto.

— Daytona, não pense demais. Muitas experiências confirmaram que é uma atividade que não combina muito com você.

Se Daytona estivesse convencido de que eu tinha algum lance com Tano, eu não conseguiria mais me livrar dele. Seu comportamento em relação a Micky era revelador. Ele ficou um pouco ressentido.

— Vá tomar no cu. Se está querendo dizer que isso não é problema meu, pode manter...

Sim, vou manter para sempre meu segredo.

Tive vontade de responder com a voz da dubladora italiana de Greta Garbo. No entanto, decidi minimizar a questão e encerrar a conversa com uma explicação plausível que evitasse futuras intervenções invasivas de sua parte. Mas, sobretudo, porque já estava de saco cheio daquele papo.

— Eu tinha de dar um recado. Estava ali com um simples mensageiro. Dado o recado, fim da história. Nenhum negócio em andamento, como você diz.

Convencido ou não, o assunto morreu. E, junto com ele, o interesse de Daytona pela minha pessoa, que era um dos motivos para ele ter se oferecido para me acompanhar.

Dessa vez, para fazer a pergunta, ele se virou para mim.

— Onde você estacionou seu carro?

— No Ascot.

Rosto inexpressivo.

— Posso deixá-lo no ponto de táxi no final desta rua? Preciso ir a outro lugar e já estou atrasado.

Desde que o conheço, Daytona quase sempre precisa ir a algum lugar. Tenho certeza de que não são lugares onde se faz o bem. Um dia, ele vai passar de um desses lugares para a cadeia sem etapas intermediárias, como diria o Godie. Apoiando o indicador e o médio em forma de tesoura na garganta.

Tac, capturado! Você tem o direito de permanecer calado.

Fiz um gesto qualquer.

— Tudo bem, pode me deixar onde você quiser.

— Bravo, você é um amigo de verdade.

Um amigo. Senti vontade de rir. Depois de uma certa hora e de uma certa quantidade de álcool e pó, é muito fácil encontrar amigos em Milão. Acabamos em alguns lugares, em companhia de pessoas que, juntas, somam uma pena de setecentos anos na cadeia, jurando uma amizade extraída diretamente das folhas de coca. Na verdade, ninguém é amigo de ninguém, nem de si mesmo. Portanto, é muito fácil que, de manhã, alguém acorde ao lado de uma baranga, da qual não se lembra nem o nome. Uma qualquer, rebocada em um momento de desespero, quando a solidão e o porre fecham os olhos como se fossem um portão de ferro.

Saí do Porsche de Daytona e me dirigi à fila formada por dois ou três táxis estacionados, sem saber que, dali a pouco, eu entraria no Millennium Falcon. Que, a esta altura, já deve ter alcançado a Dobra Nove, tendo ultrapassado o estádio de San Siro.

Estou prestes a abrir a porta do Mini quando vejo sair do Ascot, junto com dois colegas, Giorgio Fieschi. Ouço suas risadas enquanto entram em um R4 verde e saem rumo à piazza Buonarroti, na direção oposta de onde estou. Fico com inveja. Eles são jovens e têm talento. Espero que percebam que, por esses motivos, o mundo está em suas mãos. Ao mesmo tempo, penso com satisfação em Laura e no seu senso de dever. A paixão pelo artista foi momentaneamente arquivada em função do compromisso da manhã seguinte. Até porque setenta por cento de um milhão é uma bela cifra, para uma hora de trabalho.

O restante é a minha comissão.

Enfio a chave na fechadura. Uma pessoa para ao meu lado. Ouço a voz, reconheço o rosto e vejo o revólver no mesmo instante. Mas o elemento mais significativo é a expressão do Tulipa, que não permite prognósticos favoráveis.

— Oi, cafetão. Como você está vendo, nos encontramos de novo.

Sei por que ele está aqui. Sua presença significa que sua noção de honra é muito mais forte que o medo em relação ao chefe. Provoquei uma humilhação que ele não é capaz de engolir. Laura ou Tano, neste momento, não têm nada a

ver com a situação. É algo entre nós dois. Não há nada que eu possa dizer ou fazer para mudar as coisas.

Portanto, fico em silêncio e olho para ele.

O Tulipa está tranquilo. Superou a irritação e foi tomado pela calma da determinação, o que considero mais um péssimo detalhe.

— O gato comeu sua língua? Como assim?

Do nada, no silêncio da rua, ao atingir minha bochecha direita, o tapa soa como um tiro. O ouvido começa a apitar. Na frente do olho, uma série de pontinhos amarelos dançam como mosquitos.

— Está vendo que ainda tenho coragem de vir pessoalmente cuidar de um merda que nem você? Ande!

Faz um gesto com o revólver na direção da piazzale Lotto. Eu me mexo, olhando disfarçadamente à minha volta. Ele percebe.

— Não tem ninguém, bonitão. Pode ficar tranquilo. Só eu e você.

Ele tem razão. O espetáculo do Ascot terminou há tempos e o estacionamento está quase deserto. Hoje, nem as duas putas que fazem ponto ao lado do cabaré estão aqui. A coisa não me agrada. Não me agrada nem um pouco.

Chegamos a um Citroën CX grande e um pouco velho. Sempre mantendo uma distância de segurança, ele enfia a mão no bolso do paletó e, depois, apoia as chaves na capota do carro.

— Tome, você dirige. Com calma e sem surpresas.

Pego as chaves, me sento ao volante, ligo o motor. Ele se senta ao meu lado. A experiência do Tulipa fez com que, durante todos esses movimentos, o cano do revólver nunca tenha abandonado minha barriga.

Fico em silêncio e espero.

— Pegue a Nuova Vigevanese.

Saio do estacionamento e sigo na direção indicada. Pergunto a mim mesmo se a expressão do meu rosto está igual à de Moro naquela foto que há tempos circula nos jornais. No meu caso, não haverá a *forte preocupação do país* e nem uma palavra de intercessão de quem quer que seja. Também acho que não as mereço. A menos que aconteça um milagre, vou desaparecer totalmente e ninguém vai me procurar, já que ninguém dá a mínima para mim.

Prosseguimos em silêncio. Eu só poderia tentar alguma coisa caso cruzássemos por acaso com uma viatura da polícia. Mas temo que isso não mudaria muita coisa para o meu sequestrador. Pelo que sei a seu respeito e pelo que vi com meus olhos, ele não deve bater muito bem da cabeça. Se decidi pular o muro e desobedecer as ordens de Tano, é porque não vai parar diante de nada.

Como se tivesse lido meu pensamento, ele quebra o silêncio.

— Tano me disse para deixar a garota em paz. Sobre você, não disse nada.

— Tenho um negócio em andamento com o seu chefe que, desta maneira, irá pelos ares. Ele vai ficar furioso.

Ele sorri. É uma careta que eu preferiria não ter visto.

— Nada irá pelos ares. Você escreve em um pedaço de papel o nome e o endereço do tal sujeito, eu o levo até Tano e assim fica tudo certo.

— Por que eu faria isso? Você vai me matar de qualquer jeito.

— Vou dizer por quê: para evitar uma morte dolorosa. Eu não tenho pressa. Posso atirar no seu joelho e esperar. Depois, atiro no outro, no ombro e assim por diante. Ou então, com um tiro só, posso acabar com o teu equipamento. Dizem que dói para burro levar um tiro no saco.

Fico em silêncio. Meu pensamento se afasta. Agora, não estou mais no carro, mas em outro lugar, com outros homens como o Tulipa, pessoas com as mesmas intenções e a mesma indiferença.

Muito tempo antes.

— *É uma pena, garoto, que você não consiga manter o pau dentro das calças. Às vezes, puxando o zíper, podem acontecer certos acidentes...*

A voz do Tulipa me traz de volta para o carro. Ele acha que estou arquitetando algum plano e me põe a par das consequências.

— Se, por acaso, você está pensando em me dar o nome e o endereço errados, é melhor mudar de ideia. Vou ver se você tem uma namorada, um amigo, um cachorro. Uma criatura qualquer de quem você gosta. E vou matá-la também.

Não tenho a menor dúvida de que ele vai manter a palavra. Convenço-me de uma vez por todas de que Salvatore Menno é um psicopata. Surge em minha mente o rosto de Laura, que olha fascinada para Giorgio Fieschi, a expressão de Lucio, perenemente absorto na sua cegueira, o criptograma que deixei para ele antes de sair e que nunca vou saber se ele conseguiu resolver.

Enquanto isso, prosseguindo pela via Lorenteggio, ultrapassamos o cruzamento com a via Primaticcio. Pego a Vigevanese, com duas pistas em cada sentido. Nas laterais, as luzes dos postos de gasolina 24 horas, as putas baratas, os galpões, os carros estacionados. Um rapaz está esperando ao lado da portinhola da farmácia de plantão. Deve, certamente, estar comprando uma seringa para se picar. Mas, neste momento, o destino de um drogado é a última das minhas preocupações, se é que me preocupo com isso. Ele teve pelo menos o privilégio de escolher como se matar.

— Siga reto até depois de Trezzano, a seguir, eu digo o que fazer.

O carro avança. O revólver continua encostado na minha barriga. Olho para a estrada, o Tulipa me olha e sorri. Passamos pelo Quartiere Tessera. É uma ida sem volta e fico surpreso com minha ausência de nostalgia. Só uma pergunta surge espontaneamente: é só isto? Não tem mais nada? Estas são as maravilhas que nos prometeram, a beleza do mundo, a vida que vale a pena ser vivida? Tenho dificuldade em dar sentido às coisas, um sentido qualquer, enquanto passo diante do lugar anônimo onde moro a caminho de um outro lugar desconhecido onde vou levar um tiro na cabeça.

Trezzano passa depressa, como todos os momentos antes da morte. Agora, estamos fora e os postes de luz são apenas uma lembrança. Aqui, não são feitas concessões. A estrada aberta aceita somente a luz dos faróis.

— Vire à direita.

O cano do revólver me indica uma estrada secundária. Reduzo a velocidade e enfio o carro naquela faixa de asfalto no meio do verde, percorrendo-a até que se torne uma estrada de terra. Prosseguimos por um trecho que ladeia uma

pedreira até chegar a um ponto em que, à esquerda, o caminho se alarga, cercado por árvores e moitas.

— Encoste aí e desça.

Paro o carro e abro a porta. O terreno sob meus pés é duro e irregular. Sinto a umidade e o cheiro de grama no ar. Era a noite certa para ficar sozinho e eu até estava a fim disso. Mas não dá tempo. Nunca dá tempo. O Tulipa já está ao meu lado, circundado pelo halo avermelhado das luzes traseiras do carro. O revólver não cedeu nem um milímetro. Suas intenções também não, ao que me parece. Ele recua alguns passos e aponta para o carro.

— Abra o porta-malas.

Executo a ordem. Dentro, no meio de várias tralhas, há uma pá. Por uma fração de segundo, digo a mim mesmo para tentar. Mas, nessas coisas, aquele babaca tem mais experiência que eu. Durante a minha vida, sempre estive do lado errado de um revólver ou de uma faca.

O lado que não ensina nada, a não ser o medo.

A voz dele chega para apagar qualquer ideia, antes mesmo que ela se forme.

— Pegue a pá e saia de perto.

Dou dois passos para trás, patético, com minha pá na mão. Vejo que ele se aproxima do porta-malas escancarado e procura algo lá dentro. Sua mão surge acompanhada da luz de uma lanterna elétrica.

— Apague os faróis.

Logo em seguida, estamos na escuridão, tendo aquele facho luminoso como única barreira entre nós e o breu. Vejo o feixe de luz se deslocar e revelar uma trilha entre as plantas.

— Por ali.

Prossigo. Não sei onde estamos, mas meu opressor parece estar em casa. Penso que, à nossa volta, embaixo de um metro de terra, estão sepultadas diversas pessoas que protagonizaram viagens como a minha. Caminho como posso, sentindo os arbustos que arranham minhas mãos, tendo como único guia a lanterna que desenha minha sombra sobre o mato.

Finalmente, chegamos a um ponto que o Tulipa, em sua cabeça, deve definir com uma única palavra: aqui. Um pequeno espaço gramado, com o tamanho certo para a finalidade que lhe foi destinada. Vejo a luz que se afasta e se desloca para a minha esquerda. A voz vem da escuridão que está ali atrás. Agora, o tom que envolve as palavras é abertamente de escárnio.

— Trate de ir cavando. Não importa se o terno vai ficar amassado. Se você quiser, quando terminar, eu mando lavar.

Começo a cavar para não ouvir sua risada. E para pensar. Sei que a minha esperança é nula. Porém, não quero entregar os pontos para esse babaca. Não é possível que um merda como o Tulipa vá dar cabo de mim. O único momento em que poderei tentar alguma coisa será quando ele me pedir para escrever um nome e um endereço. Talvez ele se distraia, escorregue ou...

Ou talvez seja verdade o que me ensinaram na escola: a esperança é realmente a última que morre e estou me agarrando a ela.

Pouco a pouco, minhas pernas ocupam um buraco cada vez mais profundo.

O suor escorre por minha testa e minhas costas. As mãos doem. Levanto-me e me apoio na pá, agarrado ao cabo.

— O que foi? Não tem fôlego? Já se cansou, seu merda?

Estou quase mandando o Tulipa ir tomar no cu. Estou quase levantando a pá e partindo para cima dele, porque a raiva, a esta altura, é mais forte do que qualquer instinto de sobrevivência. E algo acontece.

No silêncio, um depois do outro, três sons sufocados, em rápida sucessão.

pffi... pffi... pffi...

A lanterna sai voando e dá duas cambalhotas luminosas antes de tocar o chão. Ouço o barulho de ramos sendo deslocados por um corpo que cai sobre os arbustos. Acho que ouço passos leves. Mas deve ser impressão, pois logo eles desaparecem.

Depois, silêncio.

O tempo me faz dar uma olhada à minha volta e nada acontece. Nenhuma outra voz, nenhuma outra ordem. Só a luz enfraquecida da lanterna caída no chão, iluminando a base de um arbusto. Aproximo-me, pego a lanterna e faço o facho de luz girar à minha volta.

O Tulipa está caído de barriga para cima, em forma de cruz, um pouco mais à frente. Está com os olhos escancarados e olha fixamente para cima. Parece que está observando o buraco que se abriu no meio de sua testa. No peito, tem dois outros furos, de onde uma mancha de sangue vai se ampliando.

Entendo o que aconteceu. Instintivamente, recuo e apago a lanterna. Não quero de forma alguma que a pessoa que atirou naquele filho da puta decida que eu também não valho nada e use a luz para fazer mira na minha pessoa. Se essa for sua intenção. Espero um pouco, então, decido que está na hora de ir embora. Acendo novamente a lanterna, recolho a pá e percorro a trilha no sentido contrário, tentando não errar o caminho. Logo depois, aparece à minha frente o reflexo do capô do CX. Penso que a melhor coisa a ser feita é me distanciar deste lugar de merda. Entro no carro, dou a partida no motor, manobro e volto rumo à estrada principal. Durante o trajeto, não cruzo com ninguém. Agora que o pior já passou, sou acometido por um ataque de ansiedade e por um tremor nas mãos que tento, sem sucesso, controlar. Não fico buscando uma explicação para o que aconteceu. Por enquanto, me basta estar vivo. Não sei graças a quem, mas o homem que queria me matar agora pode ser enterrado no meu lugar, no buraco que abri.

Eu é que certamente não vou sepultá-lo.

Volto à estrada, viro à esquerda e retorno a Milão dirigindo calmamente. Preciso me livrar do carro o quanto antes. Não quero que uma patrulha da polícia, que nunca aparece quando a gente precisa, me pare justo agora, dirigindo um automóvel que não é meu, e me peça explicações. Um automóvel que pertence a um homem que, mais cedo ou mais tarde, será encontrado com três buracos no corpo.

Chego à piazza Frattini e abandono o CX em uma transversal da via d'Alviano. É um lugar bastante distante do Ascot e, ao mesmo tempo, perto o suficiente para que eu possa ir até o Club sem precisar tomar um táxi. É incrível a memória de certos taxistas que trabalham no turno da noite. Antes de ir

embora, limpo bem todas as partes que toquei. O volante, a alavanca do câmbio, a porta, a pá, a fechadura do porta-malas.

Depois, saio andando.

A agitação diminuiu, mas o perigo pelo qual acabei de passar drenou minhas energias. De repente, sinto-me cansado. Como se, por toda a vida até aquele momento, eu tivesse feito um trabalho extenuante sem nunca ter tido a possibilidade de descansar. Prossigo com o passo que consigo manter, ainda pensando nos acontecimentos que me levaram a caminhar sozinho por Milão com as roupas sujas de terra. Faço um monte de perguntas a mim mesmo e não consigo responder de maneira satisfatória a nenhuma delas. Não conto nem os passos nem o tempo. Apenas o cansaço. E também do cansaço já perdi a conta quando viro a esquina de via Tempesta e me vejo diante do Ascot Club. Fechado e apagado, mas, aos meus olhos, com a glória de toda Las Vegas.

Vou em direção ao Mini. Ao lado do carro, está uma mulher de costas, em pé. Ela fuma e tem um ar familiar. Paro e a olho, pensando que é tarde demais até para uma puta pobre e obstinada. Nesse momento, ela se vira e eu a reconheço.

É Carla.

A surpresa consegue superar o cansaço que está retorcendo minhas costas, minhas pernas e meu estômago.

Aproximo-me. Ela me vê, joga a guimba no chão e presenteia a noite com a última baforada de fumaça. Vem em minha direção. Seu rosto está tão bonito quanto eu me lembrava. Ela está vestindo uma jaqueta curta sobre um vestido leve e se mexe com a elegância natural de um felino.

Eu não havia percebido da outra vez. Ou talvez estivesse ocupado demais em fazer bonito na frente de Daytona para me dar conta. Com um passo depois do outro, emergem da penumbra seus olhos. Ela fixa os meus, mas, quando fala comigo, sua voz revela uma nota de constrangimento. É uma forma de prudência e de pudor absolutamente feminina por estar diante de mim, naquele lugar e àquela hora.

— Oi.

— Oi. O que você está fazendo aqui?

— Estava te esperando.

— Me esperando?

— É.

— Por quê?

Indica com a cabeça o grande edifício no qual, atrás das janelas iluminadas, suas colegas estão dando duro com panos e esfregões.

— Eu estava trabalhando. Quando cheguei, vi seu carro. Depois, da janela, continuei a olhá-lo na esperança de que você viesse buscá-lo. A certa altura, não aguentei mais. Tirei o avental, larguei tudo e descí.

Estou tendo dificuldade para colocá-la em foco. Meu estômago parece que está cheio de serragem e meu corpo não passa de lenha pronta para ser queimada. No entanto, apesar de tudo, fico arrebatado por aquele seu modo de ser mulher que eu nunca havia visto antes.

Estou mal e me sinto agredido. Por isso, sou um pouco agressivo.

— O que você quer de mim?

Ela fala comigo olhando para outro lugar.

— Estou cheia desta vida. Estou cheia de dar duro por uns trocados. Estou cheia de ver à minha volta mulheres que envelheceram sem nunca terem sido jovens. Estou cheia de transar com meu chefe para manter o emprego ou com meu senhorio para pagar o aluguel.

Respiro fundo. Essa confissão cai sobre o calçamento com o som de moedinhas tilintantes. Ignoro o motivo, mas sei que é um momento importante. Nossas vidas estão se misturando e me sinto um idiota porque estou tão cansado que só consigo falar em monossílabos.

— E daí?

Ela volta a fixar meus olhos. O pudor e a prudência desapareceram.

— A proposta que você me fez ontem de manhã...

Uma pequena pausa, como se para permitir que eu me lembre.

— Sim.

— Seu amigo me disse que você entende do que faz. Tem um belo circuito. Quero entrar nessa e ganhar muito dinheiro.

Estou à sua frente e a vejo desaparecer aos poucos na distância. Minha cabeça está explodindo e minhas pernas estão ocas. Faço uma pergunta que a surpreende.

— Você tem carteira de motorista?

— Tenho.

Ponho as mãos no bolso e estendo as chaves do carro para ela. Não sei como está meu rosto enquanto, com a pouca voz que me resta, digo o que quero que ela faça.

— Me leve para casa, por favor. Não quero desmaiar na rua.

A ÚLTIMA COISA QUE VEJO É um farol.

A luz some de repente, junto com o fôlego. Depois, um saco de tecido rústico sobre a cabeça e, então, empurrões, pancadas, uma mão áspera que me empurra para dentro de um carro. Dali em diante, apenas sons. Estalos de trancos e tique-taques de vibrações e do motor no escuro. A respiração pesada dos homens. Depois, o carro para e acontece tudo ao contrário. Desta vez, é para sair, mas são novamente puxões, empurrões, uma mão áspera

a mesma?

que me puxa para fora e a respiração que fica mais curta novamente porque, agora, duas mãos

as mesmas?

apertam meu pescoço e fazem com que eu me ajoelhe. E a voz que vem do nada e...

Acordo sobressaltado.

Estou nu na cama e sinto que o suor ensopou os lençóis. Ou talvez não seja apenas suor, mas não ligo. A cabeça está tentando pôr em ordem os pensamentos. Infelizmente, junto com a ordem, volta também a lembrança. O Tulipa, a viagem rumo à periferia, aqueles três tiros de revólver sufocados pelo silenciador, a mancha de sangue na camisa, os olhos esbugalhados no escuro. Depois, os olhos de Carla, docéis enquanto ela me olhava, rebeldes enquanto falava, atentos enquanto ela dirigia e escutava as instruções para chegar à minha casa. Não consigo imaginar quais me viram sem roupa.

Assim que entramos em casa, com o passo que consegui manter, fui para o quarto e caí na cama vestido. Adormeci instantaneamente. Deve ter sido ela quem tirou minha roupa. Posso imaginar sua surpresa. Talvez tenha dado um salto para trás quando tirou minha cueca. Um gesto de horror, um golpe de estilete no estômago, daqueles que a mente soma e que criam uma nova experiência.

Levanto-me, arranco o lençol da cama e o enrolo em meu corpo como se fosse uma toga, pronto para as minhas vinte e três punhaladas. Vou ao banheiro, fecho a porta à chave, sento-me no vaso e deixo sair tudo o que está em mim. Se penso que, a esta hora, eu deveria estar debaixo de um metro de terra com uma bala na cabeça, até mesmo urinar e defecar se tornam um hino à vida.

Vou para debaixo do chuveiro, onde me ensaboo com cuidado para me livrar de qualquer marca da noite anterior. Não sei quem atirou no Tulipa e nem me dou o trabalho de conjecturar um nome. Eu teria de procurá-lo em uma lista longa demais de pessoas que pudessem estar com raiva daquele louco sanguínário. O que não consigo entender, por mais que me esforce, é por que o sujeito não atirou em mim também.

Visto o roupão e, saindo do boxe, vejo minhas roupas amontoadas ao lado do cesto. Vou ter de me desfazer delas. Talvez seja suficiente lavá-las, mas é melhor não correr riscos. Não quero andar por aí com roupas que podem ter vestígios de

um terreno no qual foi encontrado um cadáver com três buracos no corpo.

Saio do banheiro com os cabelos úmidos, atravesso o corredor e chego à sala. Carla está à minha direita, deitada no sofá. Ela dorme vestida, as pernas encolhidas, um braço enfiado sob uma das pequenas almofadas. Tirou a jaqueta e a jogou em cima do próprio corpo como se fosse uma coberta. Os sapatos estão no chão. A respiração é leve, apesar da posição desconfortável. O rosto é lindo, a pele, clara, embora seus olhos não estejam abertos para iluminá-la.

Corro os olhos pelo aposento.

Sobre a cômoda, ao lado do televisor, estão todas as coisas que estavam no meu bolso. Os cigarros, o isqueiro, a carteira, o grampo com o dinheiro, o bipe. Na posição em que costumo colocá-los antes de tirar a roupa, quase na mesma ordem. O relógio de parede diz que é meio-dia. A luz vermelha do telefone está piscando e me diz que há recados na secretária eletrônica.

Depois.

Quando volto a olhar para Carla, ela está acordada e me observa. Caminhando sobre o carpete, não fiz barulho algum. Minha presença teve o poder de acordá-la. Ela fica encolhida, à espera, em posição de defesa. Fala sem mudar de posição.

— Desculpe.

— Por quê?

— Por ter tirado sua roupa. Eu não...

Eu a interrompo, com pressa de encerrar o assunto.

— Não tem problema. Quer um café?

Ela me estuda, atenta. Depois, senta-se com um movimento gracioso.

— Quer falar sobre isso?

Faço um leve sinal de negação com a cabeça enquanto sinto, sem querer, os músculos do maxilar se contraírem.

— Não.

Passo por ela e vou até a cozinha. Sua voz me segue.

— Aquele troço fez barulho duas vezes.

Aceito a informação sem tecer comentários. Presumo que o troço em questão seja o bipe. Também pode esperar. Ainda não quero restabelecer contato com o mundo. Estou vivo e na minha casa, na companhia de uma das poucas pessoas que conhece minha situação. Estranhamente, sinto-me à vontade. É uma sensação que deve ser encarada como uma dádiva do acaso. Acho que o céu não se incomodaria tanto por mim.

Enquanto mexo na cafeteira, sua voz me procura novamente.

— Nem sei qual é seu nome.

— Bravo.

— Nome estranho.

— Na verdade, não é meu nome. Mas é como todo mundo me chama.

— Mas você deve ter um nome.

— Um nome não significa nada. É o que Shakespeare também dizia. Pode me chamar de Bravo, como todo mundo.

— E de onde saiu esse apelido?

Entendeu? Nada de bancar o bravo...

Faço um gesto com os ombros, como se ela pudesse me ver.

— São aquelas coisas que surgem sem um motivo. Nem me lembro mais de como foi.

Viro-me para pôr a cafeteira sobre o fogão e a vejo na soleira, observando-me. Seus passos, como os meus, não fizeram barulho. Mas eu não percebi sua presença atrás de mim.

— Quer ajuda?

— Não, pode deixar. Vá se sentar. Aqui mal tem lugar para uma pessoa.

Eu a observo ir até uma das quatro cadeiras em volta da mesinha redonda perto da janela. Penso em seu desabafo matinal, quando nos encontramos na frente do Ascot. Pergunto a mim mesmo quanta determinação e emoção havia em suas palavras. A primeira faz agir, a segunda faz fugir. É necessário estabelecer a porcentagem de uma coisa e de outra. E só existe um modo para fazer isso. Apoio-me no umbral da porta e pergunto.

— Você está decidida a fazer o que me pediu hoje de manhã?

— Estou.

— Não é um caminho sem volta. Mas, depois, você vai ter de conviver com lembranças não muito agradáveis.

Ela balança instintivamente a cabeça.

— Essa é uma hipótese para o futuro. Qualquer coisa é melhor do que o presente.

Do fogão, sai o gargarejo da cafeteira. Viro-me e vou apagar o fogo. Pego as xícaras, o açúcar, e ponho tudo em cima da mesa, na frente dela. Depois, vou novamente até a cozinha e volto para servir o café. Ela me olha enquanto encho as xícaras. Um olhar intenso, que não sei até onde chegaria se eu o deixasse vagar.

— Por que você faz esse trabalho?

— Pelo mesmo motivo pelo qual você decidiu trabalhar comigo: dinheiro.

Ela toma um gole de café sem açúcar. Em seguida, pausa novamente a xícara sobre a mesa, depois de passar a mão no fundo para se certificar de que não havia nenhuma gota.

— Acho que não é tão simples assim. No meu caso, sim, porque pretendo usar o que tenho a disposição para sair de uma vida de merda.

Faz uma pausa, durante a qual me avalia mais um pouco. Depois, prossegue, com o ar de quem está pensando em voz alta.

— Você não parece que veio da periferia. Sei reconhecer homens como você. Você não tem sotaque. Tem uma boa postura, elegante, eu diria. Tem livros nas prateleiras que não me parecem os romances eróticos que meu irmão lê.

Pela tensão na sua voz, entendo que ela está tendo dificuldade em mencionar o que descobriu a meu respeito quando tirou minha cueca.

— Definitivamente, você não parece ser o que é.

— Não. Sou cem por cento o que sou.

Termino o café antes de continuar.

— Os homens que usam meus serviços geralmente têm medo e não têm tempo. Estão ocupados demais cuidando de uma empresa, de um banco ou de um partido político. Todas essas ocupações devoram o tempo. O medo, por outro

lado, é o de ouvir alguém sussurrar o monossílabo que eles estão menos dispostos a aceitar: não.

Vou pegar os cigarros em cima do móvel. Acendo um.

— Eu elimino esse medo e ofereço esse tempo. Minhas garotas são um sim certo, satisfeito e satisfatório. Uma ilha sorridente que não tem nome e não se lembra de nomes.

Sopro a fumaça na sala, que se une a palavras que têm a mesma substância.

— Às vezes, esses homens têm uma esposa que não amam mais e que, talvez, também não os ame mais. Têm filhos que veem quando conseguem. Têm uma família fraca, mas protegida por um monte de dinheiro.

Por fim, tiro meu pequeno e ávido coelho da cartola.

— Mas, como em todas as proteções, há uma rachadura. Eu a reconheço, transformo-a em uma fissura e, depois, em uma porta aberta.

Sento-me novamente. Ela me surpreende com uma digressão.

— Em espanhol, “bravo” quer dizer corajoso.

— Eu sei.

— Você é corajoso?

Penso na fossa que cavei e não ocupei. Em como eu estava me sentindo naquele momento. Esboço um sorriso, não para ela, mas para mim mesmo.

— Não é necessário muita coragem para fazer o que eu faço. Nada que seja motivo de muito orgulho. No final, o que me satisfaz é uma sensação de poder muito modesta.

Olhamos um para o outro, depois, desviamos o olhar em uma sincronia de bailarinos. Ficamos em silêncio por alguns instantes. Cada um está pensando em coisas diferentes, nascidas da mesma conversa.

Sua voz nos traz de volta às necessidades da vida.

— Posso tomar um banho?

— Claro. Se quiser, devo ter aqui em casa as roupas de uma amiga. Ela as deixou um dia em que trocou de roupa aqui antes de um encontro. Mande lavar e ela nunca voltou para pegá-las. Devem ser do seu tamanho. Estão no armário embutido no final do corredor.

Ela se levanta e é uma viagem que parece terminar cedo demais. Imagino seu corpo sob o vestido barato que está usando. Lembro-me das palavras de Daytona enquanto saíamos do cassino clandestino em Opera.

Uma coisa fantástica. Um físico maravilhoso. Peitos que pareciam de ficção científica e uma bunda incrível...

Ela dá dois passos em direção ao corredor. Então, se vira.

— Você vem comigo? Presumo que você tenha de verificar o que oferece.

Fico sentado na cadeira e a olho. Algo se mexe dentro de mim. Algo que está cavando e procurando uma saída que só encontrará se me matar. No meu caso, a raiva é a única maneira de dar vazão ao desejo. Gostaria de machucá-la, mas não posso. Consigo apenas dar uma pequena cutucada para que ela se lembre de que já agiu como uma puta para mim.

— Não é necessário. Meu amigo já me deu ótimas referências.

Ela compreende e concorda. Então, se vira, desaparece no corredor e me deixa sozinho. Infelizmente, não leva consigo o que suscitou em mim. Algo

continua ali dentro, cavando e alimentando-se de fôlego.

Depois, ligo para a central da Eurocheck. Eles me comunicam que devo ligar para o número 02 212121, que não deixou nome. Reconheço o código e sei que não é um número de telefone. É simplesmente um aviso, uma espécie de mensagem. E, na minha cabeça, cada um daqueles algarismos pode ser substituído por um cifrão.

Disco o número que sei de cor. Neste caso, nada de agendas, folhetos ou anotações. Nada que possa ser lido. E a mente é o que há de mais imperscrutável. Quanto ao rosto, é um pouco mais difícil, com o tempo, é possível decifrá-lo.

Do outro lado da linha, a resposta é quase imediata.

— Alô.

— É o Bravo.

A voz do meu interlocutor é seca e direta, acostumada ao comando.

— Preciso de três garotas.

Sem rodeios. Sei muito bem que o homem do outro lado da linha me despreza por causa de meu trabalho. Ele deve achar que eu o desprezo na mesma medida pelo que ele me pede para fazer. Nenhum dos dois se importa. Cada um tem o que o outro precisa. No seu caso, dinheiro. No meu caso, mulheres bonitas e que sabem ficar de boca fechada. Dou e recebo. Tudo funciona bem se o jogo é justo.

— Quando?

— Amanhã, no início da tarde. Por volta das três, digamos. Serão apanhadas da mesma maneira que das outras vezes. Deverão passar a noite e estar totalmente disponíveis. Acha que três milhões para cada uma são suficientes para convencê-las a tamanha dedicação?

Refreio um assobio. Calculando que tenho com as garotas uma proporção de 70-30, são dois milhões e setecentos mil que estão saltitando para sair de uma conta corrente desconhecida e entrar no meu bolso.

— Sem dúvida. Quer as mesmas garotas?

— Sim. Achei-as perfeitas. Se não me engano eram...

Eu o interrompo antes.

— Nada de nomes ao telefone. O meu já basta.

A voz concede o que em outra situação talvez não tivesse concedido.

— Como quiser.

— Muito bem. Providenciarei o que o senhor está me pedindo.

Desligo. Não é necessário mais nada. Conheço o endereço, embora o tenha esquecido rapidamente quando o decorei pela primeira vez. Sento-me novamente para fumar e pensar no encontro que *não* tive com Lorenzo Bonifaci.

* * *

Eu estava na mesa com duas garotas, Jane e Hanneke. Duas modelos, uma americana e a outra holandesa. Tinham chegado à Itália sem um tostão para

tentar a sorte no mundo da moda. Depois de várias vicissitudes, acharam-me. Não sei se achar-me poderia ser considerado sorte, mas, nesse caso específico, estava bem perto de ser. Certos parentes, na Holanda e no Tennessee, haviam melhorado muito de vida graças àquele encontro. Não era o Milagre em Milão, mas, de qualquer modo, foi um belo golpe de sorte.

À nossa volta, como corolários inevitáveis do verão, circulavam os personagens e os turistas da Riviera di Levante, que povoavam sobretudo o Covo di Nord Est, em Santa Margherita, e o Carillon, em Paraggi, onde estávamos.

A comida era boa, o vinho era fresco e as garotas eram bonitas e classudas. E eu achava que a sorte às vezes me reservava algum belo paliativo. Um homem havia se aproximado com discrição e parado ao lado da mesa.

— O senhor é *mister* Bravo?

Falou com um leve sotaque inglês, o que justificava aquele “*mister*”.

— Sou. O que deseja?

— Se não fosse incômodo, gostaria de falar com o senhor.

Sorriu para as garotas e, depois, dirigiu-se novamente a mim.

— Em particular.

Aquele sujeito impecável, trajando um terno de linho azul-escuro, cheirava a Eau Sauvage e a dinheiro. O perfume era francês. Quanto ao outro cheiro, qualquer moeda, desde que fosse negociável, era bem aceita.

Fiz uma cara inocente para as minhas duas amigas.

— Garotas, por que vocês não vão retocar a maquiagem enquanto esperamos a sobremesa?

Hanneke e Jane entenderam que deviam se afastar para que pudéssemos colocá-las no centro das atenções. Levantaram-se e foram para o banheiro. O homem se sentou no lugar liberado pela norte-americana.

— Meu nome é Gabriel Lincoln e sou um colaborador íntimo de uma pessoa que não está aqui agora, mas que estava quando o senhor e as duas garotas entraram.

Olhei para aquele sujeito de pele clara e cabelos finos esperando pelo restante.

— Essa pessoa ficou muito impressionada com a graciosidade de suas amigas. Neste momento, está em seu iate atracado aqui em frente e gostaria, depois do jantar, de oferecer uma taça de champanhe a todos vocês.

— Posso saber quem é essa pessoa?

Enfatizei as duas últimas palavras para que ele entendesse que o mistério não me atraía, mas me incomodava. Com um meio-sorriso, ele lançara o míssil, que destruiu o pequeno pomar atrás da minha casa.

— O nome Lorenzo Bonifaci significa alguma coisa para o senhor?

Significava, e como! Significava aço, papel impresso, bancos e alguns zilhões de liras. Significava também mãos na massa e poder, e, exceto por alguns episódios isolados, uma vida muito reservada e distante das colunas sociais. O fato de termos estado no mesmo lugar ao mesmo tempo poderia ser definido como um privilégio.

— Claro. Não são necessárias outras elucidações.

— Então, vocês irão?

— *Mister* Lincoln, nós dois podemos nos considerar homens experientes. É um risco ou uma indelicadeza conjecturar que minha presença poderia ser julgada supérflua?

— Nem um risco, nem uma indelicadeza. Apenas uma demonstração de *savoir-faire* que seria avaliada de maneira muito positiva.

— Muito bem, então é como se minhas amigas já estivessem no barco com uma taça na mão.

E sem calcinhas...

Por motivos óbvios, não julguei oportuno acrescentar esse último pensamento. Ele me olhou com curiosidade, mas, depois, demonstrou um leve constrangimento.

— Pelo que me contaram a seu respeito, imagino que a visita possa ter uma retribuição econômica. Portanto, não deve se preocupar.

Eu o interrompi com um gesto.

— De fato, não me preocupo. Essa visita, após um convite tão cortês, deve ser considerada um presente pessoal ao dr. Bonifaci.

Lincoln abaixou a cabeça em sinal de agradecimento e satisfação.

— Esse presente, como o senhor diz, será muito apreciado. Seria justo de minha parte pressupor a mais absoluta discrição de suas amigas? Quanto ao senhor, não me preocupo, estou seguro da sua prudência.

— Minhas amigas não são tolas. Sabem que só teriam a perder.

Nesse meio-tempo, as garotas saíram do banheiro. Lincoln havia se afastado para que eu pudesse colocá-las a par da programação da noite. Expliquei a situação e disse que cobriria pessoalmente o saldo de suas prestações. Eu nunca as havia traído e, portanto, elas não tinham motivo para não confiarem em mim também daquela vez.

— *Mister* Lincoln, estas são Hanneke e Jane. É um prazer para elas aceitar seu convite.

Estendi o cartão de visita com meus números de telefone.

— Estes são os números em que o senhor pode me encontrar caso a experiência seja satisfatória.

O homem o pôs no bolso com solenidade. Acho que teria feito a mesma expressão se aquele fosse o cartão de visita de um armador grego.

— Só mais uma coisa.

— Pode dizer.

— Qual é a marca do champanhe que estou perdendo?

— Geralmente, é Cristal.

— Que pena! Tentarei me conformar.

Com um sorriso divertido, após deixar as garotas passarem na sua frente, Gabriel Lincoln se afastou com elas rumo à saída. Fiquei sozinho, cercado pela música, com um bom pressentimento.

Para comemorar, pedi uma garrafa de Cristal.

Por volta de um mês mais tarde, fui contatado novamente por Lincoln, que me passou um número de telefone para o qual eu deveria ligar toda vez que, por meio do bipe, fosse feita a solicitação para telefonar para o número 02 212121. Para minha grande surpresa, a pessoa com quem falei foi o próprio Bonifaci, que permaneceu sendo apenas uma voz ao telefone. Acima de certo nível, pessoas como eu são usadas para o prazer, mas não são frequentadas de bom grado. Isso não era um problema para mim, em vista da confortável relação trabalho-remuneração.

O bipe emite um ruído.

A mesma rotina com a central. A novidade é que, desta vez, quem me atende é uma mulher. Identifico imediatamente o número de telefone que me é informado. Corresponde a uma linha direta da suíte 605 do Hotel Gallia. Disco o número com uma sensação incômoda. Reconheço a voz que atende. Pelo tom, não me parece estar de bom humor.

— Alô.

— É o Bravo.

— Achei que o senhor fosse um homem de palavra.

— De fato, sou.

— Bem, não se pode dizer o mesmo da sua amiga, se é que podemos defini-la assim.

— Posso saber o que aconteceu?

— Posso dizer o que *não* aconteceu. Ela não apareceu.

Merda.

— Peço desculpas por ela.

— Desculpas tardias, sr. Bravo. Relações encerradas.

— Deixe-me remediar. Mandarei...

A voz me interrompe, sem possibilidade de réplica.

— Eu avisei.

Depois, termina a ligação. Não posso culpá-lo. Ninguém mais do que eu pode entender como é frustrante o desejo não satisfeito. Fico pensando no que pode ter acontecido. Laura não é de furar. Ou, pelo menos, não fora até agora. Certamente, não houve nenhuma surpresa por parte do Tulipa, que sua maldita alma descanse em paz.

Então?

Alguns palavrões pesados passam pela minha cabeça enquanto disco o número de Laura. E não vejo a hora de usá-los. O telefone toca várias vezes, mas ninguém atende. Nem mesmo a secretária eletrônica.

Desligo e vou ouvir a minha secretária eletrônica. A fita volta com um chiado triste. Depois, escuto as vozes.

Bipe.

— *Bravo, é a Cindy. Estou em casa, finalmente. Voltei ontem. Os Estados Unidos são lindos, mas, a esta altura, já me sinto italiana. Quando nos encontramos? Tenho um monte de coisas para contar. Imagino que você também. Fiz umas contas e me deu vontade de trabalhar. Ligue assim que ouvir este recado.*

Bipe.

— *É a Barbara. Fim das férias. Estou de volta a Milão. Algo de interessante*

para mim? Um beijo, homem maravilhoso.

Bipe.

— *É a Laura. Preciso que me ligue.*

— Precisa o cacete, sua idiota.

O pensamento saiu em voz alta, instintivamente, sibilando. Como resposta, ouço um comentário.

— Vai me tratar assim também quando eu deixar um recado na secretária?

Viro-me e, em pé, na minha frente, está Carla. Achou as roupas de que eu havia falado e, agora, tudo mudou, por mais casuais que aqueles trajes sejam. É um outro mundo, uma outra história, um outro filme.

Uma outra mulher.

Está vestindo jeans e calçando botas de vaqueiro de camurça clara. Uma camiseta azul-celeste e uma jaqueta de algodão da mesma cor das botas. Os cabelos úmidos estão penteados para trás e os olhos se destacam como lençóis coloridos em meio à neve.

— Estou me sentindo como um caubói. Como estou?

Fico olhando para ela em silêncio, sem responder. Sei que estou machucando a mim mesmo, mas não consigo me comportar de outra maneira. Pelo menos enquanto imagino como ela ficará depois de passar pelas mãos de um cabeleireiro, um maquiador e um estilista. No momento em que formulo esse pensamento, entendo que estou perdido.

SAÍMOS DE CASA E PUXO a porta atrás de mim. Assim que a minha se fecha, a da frente se abre com um estalo. A figura de Lucio se insinua entre o umbral e a porta do seu apartamento.

— A vaca vai para o brejo.

Carla fica atônita. Eu sorrio. É a solução do criptograma que escrevi em uma folha de papel e enfiei sob a porta de Lucio no dia anterior.

Vereda para o pasto alagado. (1, 4, 3, 4, 1, 5).

A vaca vai para o brejo, exatamente. Eu sabia que Chico, o garoto que todo dia o acompanha até o trabalho e o traz de volta para casa, teria encontrado e lido o enigma para ele. E Lucio o teria resolvido. Não era nem muito difícil. A esta altura, suponho que seja imprescindível fazer as apresentações.

— Carla, esse é Lucio, meu vizinho.

Ela me olha, franzindo o cenho. Faço um sinal com a mão diante dos olhos para comunicar que Lucio é cego. Ele sai com os óculos escuros, agora totalmente justificados, e dá um passo em nossa direção.

— Lucio, a moça que está comigo se chama Carla.

Ele estende a mão.

— Oi, Carla. Receio que você é que terá de alcançar a minha mão, senão corro o risco de parecer alguém brincando de cabra-cega.

O senso de humor de Lucio é capaz de resolver qualquer embaraço. De fato, o momento constrangedor passa e Carla aperta sua mão. Ele a segura por mais tempo do que o necessário.

— Bela pele, Carla. Se for assim no seu corpo inteiro, seu namorado é um cara de sorte.

Carla ri. Vejo que Lucio gosta desse seu pequeno sucesso. Fico contente por ele. Somos três pessoas à mercê do mar e o andar em que estamos é nossa jangada. Acho que cada um de nós tem, a seu modo, consciência da situação.

E cada um opõe ao vento as poucas e esgarçadas velas que tem a disposição.

Lucio se vira na minha direção, com a cabeça não perfeitamente alinhada. Está com ar de quem pretende me criar problemas.

— Agora, tenho um novo enigma para você. Difícil.

— Manda ver.

— A imaginação mais desenfreada, 6, 8, 2 e 8. Para ajudar, digo que a última palavra poderia ficar entre aspas.

Repito em voz baixa, para decorar tudo. Se meu amigo disse que é difícil, a probabilidade de que realmente o seja é grande. Mas ele não disse difícilimo, o que é uma boa vantagem.

Bato em seu braço para me despedir.

— Tchau, Lucio. Precisamos ir.

Ele finge que fica ressentido e mergulha no melodrama.

— Tudo bem. Podem me deixar sozinho com minha dor e sem um enigma sequer a ser resolvido.

Começo a descer a escada e lanço uma provocação.

— Mas eu tenho um enigma pronto para você.

— E qual seria?

— Por que você teima em ser músico se não é capaz?

Ouçõ suas palavras quando já estou no patamar que divide os dois lances da escada.

— Bravo, você tem a gentileza de um ouriço-do-mar dentro das cuecas e ouve a música como Beethoven no final da carreira. Carla...

Ela, que já estava alguns degraus à frente de mim, para ao ouvir seu nome. Levanta a cabeça na direção da voz que chega a seus ouvidos pelo vão da escada.

— Pode falar.

— Se hoje à noite você quiser se convencer da pobreza cultural do Bravo, peça para ir ao Byblos, em Brera. É lá que eu toco.

Carla entende imediatamente e entra no jogo.

— Não vou perder de forma alguma. Se necessário, recorro às armas para obrigá-lo a ir.

— Muito bem. Instintivamente, sinto que você dispõe de muitas delas.

Carla parece estar gostando do diálogo jocoso que tem com Lucio. E ele também. Eu já estou acostumado e, para mim, não é mais novidade, apenas um pequeno prazer cotidiano. Empurro a porta de vidro e saímos na rua. Há carros estacionados. E crianças brincando. Algumas têm nomes improváveis, tipo Richard ou Elisabeth, seguidos por sobrenomes tão italianos que cortam pela raiz qualquer sopro de estrangeirismo. Alguns passantes de ambos os sexos nos observam passar com a curiosidade de quem não sabe de algo e faria de tudo para saber.

Acredito que Carla tenha entendido tudo em um piscar de olhos.

— Acho que você não tem uma vida social muito animada por aqui.

— Confesso que não.

Dobramos a esquina do edifício e nos encaminhamos para o portão, deixando para trás os sussurros do Quartiere Tessera.

— Bravo, que história é aquela da vereda para o pasto alagado e da vaca? E a outra frase, aquele cripto...

Ela se interrompe. Tento ajudá-la e termino a palavra em seu lugar.

— Criptograma.

No caminho até o Mini, relato o costume que eu e Lucio temos de desafiar-mo-nos com enigmas. Explico os diversos tipos de criptogramas e o mecanismo verbal para a solução desse tipo de quebra-cabeça. Ela me escuta com atenção. Talvez esteja tentando gravar na mente o que estou explicando.

Enquanto conversamos, entramos no carro e dou a partida no motor.

— Como era o último que ele disse?

— A imaginação mais desenfreada. A solução é uma frase composta por quatro palavras com 6, 8, 2, e 8 letras, palavras estas que têm um significado

duplo.

Ela fica pensativa e olha à sua volta enquanto entro na Vigevanese em direção a Milão. A luz do sol mudou o aspecto dos edifícios, galpões e pessoas. As luminárias apagadas são intrusos. Há tráfego e vida, algo que pensei que perderia na noite anterior ao percorrer esta estrada no sentido inverso, tendo a meu lado um homem com um revólver, crente que aquela seria minha última viagem.

Bastaram aqueles três sopros para mudar tudo.

pfft... pfft... pfft...

Um barulho de nada, três batidas de asas que viraram o universo de cabeça para baixo. Eu estou aqui, vivo, respiro, dirijo o carro tendo, ao lado, uma bela garota armada apenas com sua própria determinação. Outro alguém, por sua vez, teve o final que ele mesmo havia reservado para mim. Espero que queime no inferno. Resta saber o motivo. Esse é o criptograma que eu gostaria de resolver. Mas não tenho nem uma definição nem o número de letras, a menos que *mors tua vita mea* não seja a solução universal.

— Aonde estamos indo?

— Dar uma volta no País das Fadas. E buscar encantos que não terminem à meia-noite.

Sorriso para ela, cúmplice e misterioso. Ou pelo menos é o que acho. Com Carla, estou perdendo muitas das minhas certezas. Ela está prestes a responder, mas, do meu cinto, chega o sinal do bipe.

Depois de uma centena de metros, freio e paro ao lado de uma cabine telefônica. Carla não diz nada e continua a olhar à volta, talvez perguntando a si mesma que magia poderia transformar o mundo que a cerca.

— Preciso dar um telefonema.

Desço do carro depois de ter dado uma explicação a quem não havia me perguntado nada. Entro na cabine e enfio a ficha na ranhura, que a engole com gula metálica. Disco o número confiável. Comunicam-me que Laura me procurou.

Logo ela. A vagabunda da fábula.

Ponho outra ficha, que parece descer em câmara lenta por causa da fúria que sinto dentro de mim. Esculpo os números. Laura atende quase de imediato.

— Alô.

— É o Bravo. Então?

— Então o quê?

A incongruência dessa resposta me faz perder a cabeça. Não me dou o trabalho de falar por metáforas.

— Escuta aqui, sua imbecil, ficou maluca? Você não tinha que estar no Gallia às nove, hoje de manhã? Por que não apareceu? Fiz um papelão com um cara que podia ser uma mina de ouro.

Ela faz uma pausa, sem saber o que responder. Então, por algum motivo, decide que é melhor falar comigo pessoalmente.

— Bravo, precisamos nos encontrar.

Seu tom pacato não tem o poder de me acalmar. Não depois do que aconteceu.

— Também acho que precisamos nos encontrar. Logo. E é melhor que você

tenha uma boa explicação.

— Onde?

— Apareço na sua casa daqui a pouco.

Uma pausa. Depois, uma voz um pouco ansiosa.

— Bravo, prefiro outro lugar.

Eu a mandaria à merda, mas não posso. Ainda não, pelo menos. Laura é, além de Barbara e Cindy, uma das três garotas que Bonifaci me pediu para sua noite de nove milhões.

Respiro fundo antes de prosseguir.

— Estou a caminho do Alex, um cabeleireiro em frente à Estação Central. Sabe onde é?

— O do Jean-Louis David?

— É.

— Claro, sei.

— Não é longe da sua casa. Do lado, tem um bar. Vou estar na saleta interna. Daqui a vinte minutos.

— Tudo bem. Estou a caminho.

Volto ao carro, sento e bato a porta com um pouco mais de força do que o normal. Carla me olha e, pela minha expressão, entende que o humor mudou.

— Algum problema?

— Nada que não se possa ajeitar com um sonoro vá tomar no cu.

Dou a partida no carro e entro no tráfego. Carla decide que o silêncio é o melhor acompanhamento para me acalmar. Isso depõe a seu favor e faz com que ela ganhe pontos comigo.

A história de Laura me irritou. No meu relacionamento com as garotas, nunca houve represálias ou pressões, apenas clareza. Elas trabalham para mim por escolha própria e com toda a liberdade, mas essa liberdade não deve se transformar em sacanagem. Nesse caso, dei e não recebi: o jogo não é mais justo. Talvez o Tulipa não estivesse errado em dar uns tapas em Laura. O *de cuius vult* poderia ser o slogan desta minha discutível cruzada.

Essa ideia me faz rir sem querer e, quando chegamos à via Vittor Pisani, a raiva já arrefeceu um pouco. Só um pouco, decido. Acho que não é justo fazer com que Carla pague pelos erros de outra pessoa. Encontro uma vaga a cinquenta metros do lugar aonde temos de ir. Em Milão, nesta região e a esta hora, é um sinal do destino.

Descemos do carro.

Carla me olha com curiosidade. Deve ser uma região da cidade que ela não está costumada a frequentar.

— Aonde vamos?

— Você vai ver.

Saio andando e ela me segue na primeira etapa deste breve percurso rumo ao mundo encantado, que, neste caso, é o salão de beleza. Quando entramos, o estabelecimento de Alex está cheio, como sempre. Há luzes, perfumes e mulheres sob os secadores. Garotos e garotas de uniforme preto se mexem sem fazer barulho sobre o chão brilhoso. Este lugar deve render mais do que o cassino clandestino de Opera, embora eu não veja Tano Casale cortando os cabelos de

alguém. A garganta, talvez, mas não os cabelos. Carla se sente atraída e, talvez, um pouco intimidada. Acho que um lugar como este, no qual uma lavagem e um corte custam quase tanto quanto uma semana de seu trabalho, não faz parte da lista de lugares que ela costuma frequentar.

Alex, que está dando conselhos a um rapaz sobre como perder tempo com uma senhora cujo rosto parece ter sido pisoteado por uma galinha, me vê e se ilumina. Pede licença, abandona a mulher ao seu destino e vem na nossa direção. É um sujeito alto e magro, com os poucos cabelos que lhe restam cortados bem curtos, despreocupado com uma calvície que já fez todos os estragos que podia fazer. É simpático, sabe lidar com as pessoas e faz bem seu trabalho. Não por acaso é um dos cabeleireiros e maquiadores mais solicitados pela televisão, pela moda e pela publicidade. E, apesar da aparência, que não é a de um modelo, faz muito sucesso com as mulheres.

— Oi, Bravo. Já estava na hora de você aparecer. Vamos dar uma ajeitada nessa moita aí na sua cabeça?

— Hoje não vim cuidar de mim. Preciso que você esteja na melhor forma possível.

— Estou sempre na melhor forma possível.

A esta altura, acho que é necessário deixar minha acompanhante a par do que está acontecendo, embora, pelo brilho de seus olhos, ela já deva ter entendido alguma coisa.

— Carla, esse é o Alex, que transformará você em uma deusa.

Finalmente, explico a Alex o motivo da nossa presença no seu salão.

— Você deve cuidar desta senhorita. Use todos os artifícios à sua disposição, não se preocupe com gastos e não poupe talento.

Meu amigo, desde que veio se ocupar de nós, não parou de avaliar Carla um instante sequer. Talvez, por vício profissional, já tivesse começado por conta própria a idealizar que diamante poderia estar escondido por baixo do desperdício. Agora, sabendo que tem carta branca, parece intrigado pelo desafio que lancei.

De certo modo, este também é um criptograma.

Eu já fui esquecido. Não existo mais. A mente de Alex entrou em atividade, e ele evoca a própria experiência e fantasia. Estende uma das mãos para Carla.

— Venha. Vamos ver o que podemos fazer.

Ele a leva sem sequer me olhar. Carla, ao se afastar, vira-se para mim um pouco perplexa. Faço um gesto significativo com as mãos, que é ao mesmo tempo um conselho para que ela confie em Alex e um sinal de impotência em relação a sua fúria criativa.

Fico sozinho.

Saio do salão. Deixo para trás, nas vitrines, fotos de moças e rapazes que ostentam, emburrados, seus penteados. Dou alguns passos e entro em um bar. O estabelecimento acabou de ser reestruturado, tem alguma intenção de estilo, mas é anônimo graças aos espelhos e cromados. Na hora do almoço, servem pratos quentes e frios às pessoas que trabalham nos escritórios da região. Àquela hora, o pico de movimento já passou e não há muita gente. Homens e mulheres com ar de executivos, apressados, que se permitem um café ou um lanche.

Uma garçonete demora a me dedicar sua atenção, que é escassa como sua beleza. Já bebi meu café e estou no segundo cigarro quando Laura chega. No momento de sua entrada, um instante de silêncio. É leve e quase imperceptível, mas significativo. Ela está vestida sem ostentação: jeans, uma camiseta, a mesma jaqueta de ontem à noite. Mesmo assim, está linda, fazendo com que os olhos a sigam e a imaginação a persiga. Atraio olhares de inveja das poucas mulheres presentes, assim como eu atraio olhares de inveja de todos os homens. Eu poderia me levantar e resolver a questão dizendo a eles poucas palavras. Se gostam dela, se a quiserem e puderem pagar, não tem problema: eu a vendo.

Mas fico no meu lugar e observo Laura, que puxa a cadeira à minha frente.

— Oi, Bravo.

Sequer deixo que ela se sente por completo antes de agredi-la.

— Então? E não me responda novamente “então o quê?” que acabo com a sua raça.

Ela tira os óculos escuros. Tem os olhos cansados de quem dormiu pouco durante a noite. Não me interessa se foi porque chorou ou porque trepou com alguém. O que me interessava é que tivesse trepado naquela manhã, e isso ela não fez.

— Você não assistiu ao telejornal de uma hora?

— Não. Deveria?

Ela abaixa um pouco a voz.

— O Tulipa foi encontrado morto perto de uma pedreira, depois de Trezzano. Três tiros de pistola...

Deixa a frase em suspenso e olha para mim. Percebo a pergunta em seus olhos e, ao mesmo tempo, sinto vontade de virar a mesa em cima dela. Agora entendo por que Laura não quis que nos encontrássemos na sua casa.

Está com medo de mim.

— Laura, você enlouqueceu? Acha que fui eu?

— Você disse que ia acertar tudo com ele. E, hoje de manhã, encontram o cadáver do Tulipa. O que eu deveria pensar?

— Falou sobre isso com alguém?

— Não.

— Muito bem. E nunca fale. Resolvi sua questão com Menno, estabelecendo um acordo com quem tinha autoridade para fazê-lo parar de incomodar você. E me custou dinheiro. Só isso. Nem sabia que ele tinha sido assassinado.

A mentira sai leve, com um som suave.

pfft... pfft... pfft...

Laura acredita em mim e parece aliviada. Forço a barra.

— A gente se conhece há muito tempo. Fizemos bons trabalhos juntos. Tenho cara de quem sai por aí dando tiro nos outros? Você já me viu carregando uma arma?

Laura parece totalmente tranquilizada. Agora, é ela quem deve, de alguma maneira, se defender.

— Claro que não. Mas ponha-se no meu lugar. Quando vi aquela reportagem na televisão eu...

Mas não é tudo. Tem outra coisa da qual ela precisa se defender.

— Você viu a reportagem à uma da tarde. O compromisso no Gallia era às nove. Então, a morte do Tulipa não tem nada a ver com a decisão de não aparecer por lá.

Laura baixa os olhos. Quando os levanta, estão brilhando devido às lágrimas reflowadas. Ela fica alguns segundos em silêncio, como se estivesse procurando as palavras. As que encontra me surpreendem.

— Bravo, tenho 26 anos e sou uma puta.

Interrompe com um gesto qualquer tentativa minha de retrucar.

— Você pode me chamar como quiser. Há muitas definições que tornam o termo menos grosseiro. Hostess, acompanhante, garota de programa. Mas a realidade não muda. Sou e continuo a ser uma puta. E, quando o tempo tiver passado, serei uma puta velha. Não quero terminar a vida assim.

Interrompo essa viagem que parece percorrer a toda velocidade a estrada para Damasco.

— Aquele artista de cabaré, Giorgio Fieschi, tem alguma coisa a ver com isso?

Aquele nome cai entre nós como uma bomba que destrói o alvo. Laura funge e procura um lenço dentro da bolsa. Assoa o nariz e tem uma desculpa para não me encarar.

— Tem, sim.

Não, por favor, Laura. Não interprete logo agora o papel da puta seduzida e redimida. Agora, não...

Não digo o que penso. Espero o resto. Porque certamente há um resto.

— Fiquei com ele esta noite. Nunca tinha me acontecido uma coisa do gênero. Uma coisa tão bonita e de forma tão rápida, quero dizer. Entendi que preciso tentar fazer algo diferente e parar com esta vida.

Laura tem voos de quimeras nos olhos.

— Bravo, acho que estou apaixonada.

Eu gostaria de dar um pulo e começar a gritar.

Para afastar de você um marginal que estava acabando com a sua vida, quase morri ontem à noite. E, enquanto eu estava literalmente cavando minha própria sepultura, você estava trepando com seu artista de merda. E agora vem me dizer que acha que está apaixonada? Eu gostaria pelo menos do benefício da certeza, por aquilo que me custou...

No entanto, não me levanto, não começo a gritar nem a encho de porrada. Fico sentado na minha cadeira, imóvel, parabenizando a mim mesmo pelo autocontrole. É uma misera satisfação, mas é tudo ao que posso me agarrar neste momento. Enquanto volto a assumir o controle dos meus nervos, me pego pensando de repente na risada daquele rapaz ao sair do Ascot com os amigos. Jovens, cheios de talento e, por isso, donos do mundo. Olho para Laura e a vejo perdida em seu sonho, que, como todos os sonhos, encontrará mais cedo ou mais tarde uma alvorada na qual morrer. De repente, tudo me parece irônico, meigo e ridículo ao mesmo tempo.

E descubro a solução do criptograma de Lucio.

A imaginação mais desenfadada (6, 8, 2, 8)

Última projeção de "Fantasia"...

Um sorriso distende meus lábios.

— Tudo bem, Laura. Como quiser.

— O quê?

— Você entendeu perfeitamente. Siga a estrada que você escolheu. A vida é sua et cetera, et cetera, et cetera, como dizem nos filmes.

— Não está com raiva de mim?

— Mudaria alguma coisa?

— Bravo, eu...

— Acho que não tenho mais nada a acrescentar. Se você mudar de ideia, saia onde me encontrar. Ou então, tente ser feliz.

Isso também é dito nos filmes, junto com todos os outros et ceteras. Mas me parece inútil destacar esse fato novamente. Laura põe outra vez os óculos escuros e se levanta. Há alívio em sua voz, um alívio cheio de bons propósitos.

— Tchau, Bravo. Obrigada.

— Tchau, Laura. Fique bem.

Sigo-a com os olhos, assim como muitas outras pessoas, enquanto ela sai. Ao mesmo tempo, consulto mentalmente a lista de todas as garotas que conheço, procurando identificar quem é capaz de substituí-la no trabalho na casa de Bonifaci. Quando ela some do outro lado da porta, levanto-me e jogo sobre a mesa o valor equivalente a um café e mais uns trocados de gorjeta. Saio do bar e de um fim de relacionamento para voltar a outro, que está começando. Não sei bem o que esperar de Carla nem de mim mesmo. Sempre naveguei a olho nu e receio que, mais uma vez, serei obrigado a confiar no instinto.

Quando volto ao salão, todas as moças e rapazes estão cuidando dos clientes que ocupam as cadeiras e espelhos. Nem meu amigo nem Carla estão na sala principal. Sento-me em uma poltrona e espero, fumando e folheando revistas cheias de histórias de amor de atrizes e atores. Já encontrei, no lugar em que estou agora, alguns dos personagens que vejo nas fotos. Sei que algumas histórias são totalmente inventadas. Fico me perguntando sobre as outras. Depois de mais ou menos meia hora, a voz de Alex me tira de uma matéria na qual insinua que a blusa larga de uma cantora é roupa de gestante.

— Pronto. Avalie o resultado.

Levanto e me viro.

Quando a vejo, penso que, antes de ter saído do salão, eu deveria ter me despedido de Carla para sempre, já que nunca mais a veria. À minha frente, está uma pessoa nova, tão luminosa a ponto de esmorecer as luzes que o decorador distribuiu profusamente pelo salão. Cabelos mais curtos e tingidos em um tom de mel emolduram um rosto que agora se tornou o único lugar em que aqueles olhos podem ficar cravejados. E seu olhar desperta o desejo de conhecer a palavra mágica que dá acesso ao mundo que existe atrás daquele semblante. Enquanto a observo, estou em um planador lançado em um voo cheio de vácuos. Penso coisas demais, todas juntas. Decido fixar a atenção em apenas uma: a mais fácil, a mais segura e, portanto, a mais vil. Que é, ao mesmo tempo, uma fuga e uma solução para um problema. Agora, sei que encontrei a mulher capaz de substituir Laura no compromisso de amanhã.

HOJE, CERTAMENTE CRIEI UMA RECORDAÇÃO, embora não saiba o que vou fazer com ela. É no que estou pensando agora, enquanto saímos da Bargagli cheios de bolsas e embrulhos. Carla tem dentro de si, e compartilha com o mundo, uma luz esplêndida e animada. E também excitante, a julgar pela expressão das pessoas com quem cruzamos. Os olhares dos homens, que arrancam do seu corpo o vestido que acabei de comprar, são um termômetro do potencial de uma mulher. Tive uma confirmação desse fato quando Laura entrou no bar algumas horas atrás. Tenho mais uma confirmação agora com Carla, como se isso fosse necessário. No que diz respeito a mim, estou observando de fora como me mexo, como falo e o que faço. Vejo-me desconfiado, incerto sobre o que esperar dessa mulher que agora percorre o curso Vittorio Emanuele ao meu lado, deixando um rastro de perfume que apaga tudo o que ela foi até então. E tudo o que *eu* fui até então.

Carla se vira para mim e me encara com aqueles olhos que são um convite à transgressão.

— Parece realmente que sou a Cinderela.

— Agora, não mais. Agora, você está no baile do príncipe.

Ainda não especifiquei que, na verdade, a fada foi substituída por um filho da puta, que o baile do príncipe foi cancelado e que ela irá para uma suntuosa mansão em Lesmo para um outro tipo de dança. Todavia, foi ela quem pediu tudo isso, e, desde então, eu não consigo me livrar de um leve mau humor.

Não estou acostumado a certos abalos. Sou um homem de cortes secos.

Esta dramática autoironia, que deixaria Lucio feliz, me faz sorrir. Carla acha que o sorriso é para ela. Sorri em resposta e me comove.

— Você gastou uma grana preta com todos estes presentes.

Para voltar para casa são e salvo, acho necessário fazer um esclarecimento, que serve para pôr os pés de ambos novamente no chão.

— Geralmente, não dou presentes. Trata-se de um adiantamento sobre seus emolumentos futuros.

Carla me olha surpresa, depois, explode em uma risada.

— Emolu... o quê?

— Significa ganhos.

— Mas que palavras você usa, professor! Assim, me sinto ignorante. Talvez eu deva ler alguns dos seus livros.

Eu gostaria de explicar que, na verdade, os livros são uma maldição. Os otimistas estão convencidos de que, lendo livros, combatem a própria ignorância, os realistas sabem que têm apenas uma prova da própria ignorância. A medida da falta de conhecimento é, na verdade, o que distingue as pessoas. A idade, o dinheiro e a aparência não têm importância alguma: a verdadeira diferença está na ignorância.

A vida depende de quantas coisas você sabe.

O bipe me desvia de qualquer veleidade de mentor, avisando que devo dar

um telefonema. Deixo Carla apreciando as vitrines enquanto me aproximo de uma cabine telefônica, ponho uma ficha e disco o número da central.

Recebo em troca outro número, sem nome. Quando ligo, a voz que atende é impessoal e distraída, e tem ao fundo um barulho vago de louças e humanidade.

— Bar La Torre.

— Aqui é o Bravo. Pediram que eu ligasse para esse número.

— Um momento.

O barulho do fone sendo apoiado sobre uma bancada. Os passos de alguém que se aproxima. Em seguida, do telefone, sai uma voz conhecida.

— Bravo?

— Sim.

— É o Tano.

Eu devia ter imaginado que aquele homem nunca daria como referência um número particular. O lugar onde ele está neste momento deve ser um dos vários postos de segurança de onde conduz seus negócios.

— Diga-me tudo.

— A partir de amanhã, estarei pronto para aquela operação.

— Muito bem. Poderia ser depois de amanhã. Falo com a pessoa e aviso.

— Onde você vai estar hoje à noite?

— Vou jantar no Ricovero Attrezzi, um restaurante em...

— Sei onde fica. Um dos meus homens entrará em contato com você para acertar os detalhes.

— Como vou reconhecê-lo?

— Ele reconhecerá você.

— Tudo bem.

Uma pausa do outro lado. Depois, a voz que conheço muda ligeiramente de tom. Não sei se é de propósito ou não, mas se torna um pouquinho mais ameaçadora.

— Bravo, soube do Salvo?

Se eu soube? Até vi...

— Soube. História cabeluda.

— É. História cabeluda mesmo.

Outra pausa.

— Você não tem nada a me dizer?

— Não.

A terceira pausa não promete nada de bom. Nem as palavras que se seguem.

— Tudo bem. Voltaremos a falar a respeito.

— Claro. Quando você quiser.

Um clique me confirma que a conversa terminou, por enquanto. Mas, em seu devido tempo, será retomada e vou ter de explicar a Tano Casale algumas coisas. Se entendo um pouco do mundo, acho que ele não ficou sentimentalmente abalado com a morte do Tulipa. Mas era um dos seus homens e, de acordo com as regras daquele ambiente, a pessoa que o matou desrespeitou Tano. Ele é um chefe e não pode permitir que isso aconteça, seja qual for o motivo.

Aproveito o telefone para convidar Barbara e Cindy para jantar, marcando

de nos encontrarmos direto no restaurante, com a premência de uma grande ocasião. Faço um esforço para não pensar a respeito, mas, quando volto a encontrar Carla, talvez a história do Tulipa ainda esteja presente no meu rosto.

— Algum problema? Más notícias?

Tento voltar a ser aquele homem de poucos minutos antes. Não sei se consigo, mas o jogo é esse. Carla percebe e aceita jogar.

— Absolutamente. Agora que você está linda e elegante, quero me exibir um pouco ao seu lado. Vamos jantar com duas garotas que você precisa conhecer.

— Elas trabalham para você?

— Trabalham. E, amanhã, vão a uma festa na casa de pessoas bastante importantes.

Olho para ela e faço uma pausa. Todo mundo tem direito a um rufar de tambores de vez em quando.

— E você vai com elas.

Carla levanta o rosto subitamente.

— Eu? Amanhã?

De repente, o sorriso desaparece. Cinderela precisa voltar a se ocupar de serviços que sujam as mãos. Acho estranho que uma garota que aceitou ir para a cama com Daytona por uns trocados crie problemas, mas o mundo é bizarro. Por causa dos seres humanos.

Confirmo.

— Sim, amanhã. Se for do seu interesse, saiba que você poderá pôr no bolso dois milhões e cem mil reais.

— Cacete!

Nessa exclamação instintiva estão todos os anos passados em cortiços, os de verdade, e não aqueles reestruturados para virarem apartamentos românticos para os ricos na velha Milão. Estão também aluguéis e contas de luz e gás que chegam à casa com muito mais pontualidade e regularidade do que o dinheiro para pagá-los. É isso que empurra os pobres com uma mão inexorável para a periferia extrema e estabelece o limite entre vida e sobrevivência.

Eu nunca dei a mínima para nada disso. Mas, no caso de Carla, é diferente. Não sei por que e prefiro não me questionar. Talvez eu seja apenas um homem doente e meus poucos impulsos emotivos sofram da mesma doença.

Lucio, Carla, eu.

Três seres humanos empenhados durante todo o tempo que lhes resta em destruir e reconstruir a si mesmos, dia após dia, para, enfim, acabar destroçados e não ter mais força nem vontade para juntar novamente os pedaços. Enquanto nos encaminhamos para o carro, abandono tais pensamentos e continuo a educação de Carla. É melhor que ela saiba o que a espera e como deve se comportar. Todos precisam de conselhos. Aqueles que não precisam por vezes são pessoas miseráveis.

— Sua situação amanhã será muito delicada. Haverá homens importantes, talvez você já tenha visto a foto de algum deles nos jornais. Mas, para você, eles devem ser perfeitos desconhecidos, antes e depois do encontro. Entendeu?

Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Meu diferencial é que sempre consegui garantir para quem me procurou a discrição mais absoluta. Isso significa que, em determinado ambiente, acontece um boca a boca que gera novos conhecimentos. Esses conhecimentos significam dinheiro. Para você e para mim.

Esse discurso era necessário. Assim como outros que faria em seguida, muito mais crus e detalhados. Por enquanto, tentava me expressar de uma maneira que não a fizesse se sentir totalmente uma puta. O tipo de relação que ela vai ter, como ensina Laura, é uma questão pessoal. Meu trabalho termina do lado de fora do quarto.

Mesmo porque, lá dentro, eu não teria muito a oferecer.

Vejo que ela está absorta. Fixa um ponto a sua frente, vendo na verdade não sei o quê. Se o que vejo em seu rosto é hesitação, é melhor esclarecer logo a questão, antes que seja tarde demais.

— Alguma dúvida? Você está reavaliando a questão?

Carla me olha com aquele jeito que, a cada vez, suscita um novo vácuo.

— Não, nenhuma dúvida. Na verdade, estou descobrindo um mundo inesperado, Bravo. Não é limpo, não é honesto, não tem uma justificativa. Mas, em uma noite, rende aquilo que eu ganhava em um ano. E estou cansada de sapatos recauchutados e de cabeleireiras no terceiro andar, estou farta de viver em uma casa em que o cheiro de comida parece fazer parte do reboco.

Em sua voz, estão todas essas coisas, tenho a impressão de vê-las e de sentir o cheiro enquanto Carla fala.

— Quero uma casa de verdade, roupas, um carro, certezas. Não importa o que vou precisar dar em troca. Os sonhos, se é que haverá algum, vão aparecer mais tarde. No momento, só existem necessidades e coisas a serem esquecidas. E tenho intenção de apagar todas elas, uma por uma.

Ela sorri para mim. Mas não há alegria em seus lábios, apenas traços de mágoa.

— Hoje, graças a você, entendi três coisas. A primeira é que eu também posso ser bonita. A segunda é que, bem ou mal, sou capaz de decidir como será minha vida. A terceira...

Ela se cala. Eu a pressiono. Não por curiosidade, mas por uma estranha e sádica forma de eutanásia pessoal.

— A terceira?

Ela sorri de outra maneira e se aproxima. Apoiar no chão as bolsas que estava segurando. Volta a se levantar e, em seu salto alto, fica quase tão alta quanto eu. Levanta o rosto, me abraça e encosta seus lábios nos meus. Está de olhos fechados. Fica assim para sempre, depois, se afasta e o tempo volta ao normal.

— A terceira, se você me permite, vou guardar para mim por enquanto.

Carla pega as bolsas e sai andando, deixando-me em pé na calçada, sozinho como nunca achei que pudesse ficar. Eu a sigo e a alcanço porque não poderia ser diferente. Caminhamos em silêncio, um ao lado do outro, observando o mundo e chamando a atenção, até que chegamos ao carro. Abro o porta-malas e as bolsas e embrulhos se juntam aos que já estão lá dentro. Se posso me considerar um homem de negócios, isto é o que eu chamaria de um investimento

no futuro.

Entramos no carro e deixamos para trás a Galleria del Corso e a Crota Piemunteisa, um bar onde comi cerca de duas toneladas de sanduíches com salsicha e repolho logo que cheguei a Milão. Não porque eu fosse esnobe, mas porque eu era esnobado.

Para aliviar o clima, trago a conversa de volta para assuntos terrenos.

— Está com fome?

— Morrendo. Onde vamos comer?

— Em um daqueles restaurantes em que é necessário aparecer de vez em quando. Vamos nos encontrar com Cíndy e Barbara, as garotas das quais lhe falei.

Uma pergunta surge instintivamente.

— É caro?

Ela perguntou com tanta apreensão que, desta vez, sou eu que começo a rir.

— Não se preocupe com isso. É por minha conta. Além do mais, você precisa colocar na cabeça que a era dos sanduíches trazidos de casa acabou para você.

Dou tempo para que ela metabolize o que acabei de dizer. É importante que ela se convença. A segurança em relação ao futuro faz com que os olhos brilhem e lhe dá uma força que, neste momento, é essencial como o ar para Carla. Segurança é fascínio e fascínio é domínio.

E domínio significa dinheiro.

Falo de coisas práticas para apagar lembranças e evitar melancolias.

— Se entendi bem, acho que você não quer mais voltar para casa. Até encontrar algo melhor, você pode ficar no apart-hotel na via Principessa Clotilde. É muito badalado, frequentado por modelos e manequins. É uma boa vitrine para o que temos de fazer.

Previno qualquer outra análise econômica.

— E não me pergunte quanto custa. Garanto que você poderá arcar com a despesa.

Ela me olha. Não consigo decifrar sua expressão.

— Posso ficar na sua casa novamente esta noite?

Espero talvez mais do que o necessário para responder. E talvez dê a resposta errada.

— Para quê?

— Nada. Só não queria ficar sozinha. Aconteceram coisas demais, depressa demais.

Fico surpreso com minha voz ao conceder aquilo que jamais, em outros casos e a outras pessoas, eu teria concedido.

— Tudo bem. Amanhã, enquanto você estiver ocupada, procuro um lugar para você ficar.

Carla relaxa e sorri.

— Estou com fome e, hoje à noite, já que você está pagando, quero botar para quebrar. Sabe que nunca tomei champanhe?

Rimos e imagino que, vistos de fora, parecemos um casal normal, com o carro cheio de embrulhos, sobrevivente de uma tarde de compras. O que

realmente somos está fechado dentro de nós e temos a noite toda para tentar não pensar a respeito. Enquanto isso, um tráfego razoável nos permitiu percorrer a avenida Ripamonti e passar o cruzamento com a via Antonini. Chegamos ao final da rua e viramos à esquerda. Logo depois, estamos diante de uma chácara reestruturada na qual um letreiro confirma a localização do restaurante Ricovero Attrezzi. Os carros estacionados na penumbra são quase todos de alta cilindrada. Talvez, dali a pouco, alguns deles venham a ocupar a mesma penumbra no estacionamento de um cassino clandestino em Opera. Talvez o estacionamento seja o do Charly Max ou então o carro fique parado em fila dupla na frente do Nepentha, com uma bela gorjeta para que o manobrista o estacione assim que aparecer uma vaga. Enfiou meu mísero Mini entre dois carros comuns e ponho mil liras nas mãos de Nino, o manobrista, para que ele o vigie.

Quando entramos no restaurante, Carla para logo após a porta. Sua entrada foi como o lançamento de uma bola de bilhar entre montes de pedra. Não sei se derrubou todos, mas muitos caíram. Em um segundo, dezenas de olhos estão voltados para sua direção.

Eu estou acostumado.

Ela, não.

Pego seu braço e a sinto um pouco rígida. Sorrio e ela percebe a diversão na minha voz.

— É como eu tinha dito, não? Você precisa se acostumar. Venha. Barbara e Cindy já chegaram.

As garotas estão sentadas na saleta ao fundo, que pode ser vista em diagonal a partir da entrada. Abro caminho para Carla. Passando entre olhares e talheres, atravessamos o salão principal do restaurante, decorado em um estilo que combina com a idade e o tipo da construção. Madeira, luzes amareladas, reboco levemente áspero em um tom de amarelo-claro, mesas de carvalho. Como em todos os locais bem-frequentedos, come-se mal e paga-se um despropósito. Magias da Milão noturna, estranhas alquimias que transformam péssima comida em ouro. Talvez este já tenha realmente sido um depósito de ferramentas, como sugere o nome do restaurante, mas quem o reestruturou o transformou em um depósito de pessoas cheias da grana. Pensando bem, muitas dessas pessoas não passam de simples ferramentas. Portanto, em certo sentido, o uso foi preservado.

Enquanto nos aproximamos, vejo Cindy e Barbara esquadriharem as roupas e calcularem os gastos de Carla.

Quando nos sentamos, elas já a tinham catalogado como uma rival perigosa, embora não o admitiessem nem sob tortura. Porém, neste caso, a referência sou eu e nenhuma das duas jamais ficou decepcionada, tanto no que diz respeito ao orgulho quanto no que diz respeito à carteira. Portanto, alguns pequenos ciúmes podem ser engolidos, especialmente quando acompanhados de caviar e champagne.

Faço as apresentações.

— Carla, essas são Cindy e Barbara.

Barbara é morena, a queridinha do Mediterrâneo, com olhos escuros e pele olivácea. Enverga com desenvoltura seios esplêndidos e um temperamento alegre. Cindy é exatamente o oposto. Mais alta que a média, delgada, mas com

as proporções certas nos lugares adequados, pele clara, cabelos louros com corte Chanel e olhos azuis. Um pouco atormentada, um pouco introvertida, mas, pelo que me disseram, entre quatro paredes é avassaladora.

Voz do povo, voz de Eros.

As duas me olham com uma expressão muito semelhante, que subentende uma pergunta. Desfaço a perplexidade terminando as apresentações.

— Garotas, esta é Carla. A partir de hoje, trabalha conosco.

Vejo que elas ficam parcialmente aliviadas. Isso significa que a conversa poderá correr livremente, a despeito do que tiver de ser dito. Não temos tempo para dizer mais nada. Um garçom aparece pontualmente e apoia sobre a mesa quatro pastinhas de couro com o cardápio. Antes que ele vá embora, peço água e uma garrafa de champanhe, conforme o prometido. Carla observa as outras e se adapta. E lá estão três rostos de mulher imersos na leitura a fim de decidir se vai ser carne ou peixe. O restaurante é um dos poucos lugares nos quais podemos estabelecer com certeza quando será um ou outro.

Enquanto as garotas estudam o menu, eu estudo o salão. Vejo alguns personagens da televisão, alguns protagonistas da sociedade milanesa e muita gente anônima, talvez pessoas que se sujeitam a vir da província só para estar aqui.

Ao fundo, duas mulheres jantam sozinhas. Uma está de costas. A outra tem cabelos grisalhos, é bonita e não aparenta seus 45 anos, muito bem-paramentados por um vestido preto que deve ter custado os olhos da cara. Sua pele exala o odor de máscaras de beleza e sol do Caribe. Seu nome é Margherita Boni e eu a conheço bem. Significa um marido que está quase sempre fora a trabalho e um monte de dinheiro à disposição para enganar o tempo. Faz um sinal para mim e olha para a porta do banheiro, na parede à direita em relação a onde estou. Depois, levanta-se, pega uma pequena bolsa na cadeira ao lado da sua, atravessa o salão e entra no toailete.

— Escolham o que quiserem, mas nada com alho nem cebola. Amanhã, vocês precisam estar com o hálito fresco. Depois, explico tudo. Eu vou querer um bife malpassado e uma salada.

Levanto-me e vou até o banheiro encontrar Margherita. Ela me espera na frente das pias, verificando a maquiagem, que não tem nenhuma necessidade de ser retocada. Acho que não me chamou até ali para cheirar uma carreira. Ela sabe que não cheiro. O motivo é logo revelado, e é o que eu esperava.

— Quem é aquela garota?

Entendi a quem ela estava se referindo, mas, esta noite, estou animado e acho que uma presa está caindo na armadilha. E a armadilha está posicionada exatamente na sua conta corrente.

— Que garota?

— Não banque o bobo. A que chegou com você.

Ponho-me ao seu lado e começo a lavar as mãos. Nossa conversa continua pelas imagens refletidas.

— O nome dela é Carla.

— Eu a quero.

Margherita é lésbica e, muitas vezes, forneci alguns brinquedinhos para ela

satisfazer sua inocente diversidade. Há muitas garotas no meu circuito que navegam à vela ou a motor. Porém, no que diz respeito a Carla, ainda não esclarecemos até onde ela está disposta a chegar.

Transfiro para ela minha perplexidade.

— Carla é nova e não a conheço bem. Você não gosta da Barbara, a morena? Ela é bi.

— As outras duas são mulheres fáceis. São bonitas, mas está na cara o que são. Carla é um sonho que eu quero que se realize.

A abordagem chegou ao fim. Agora, falamos de negócios.

— No caso, custa caro.

— Alguma vez dinheiro foi problema?

— Devo admitir que não.

— Muito bem. Espero notícias suas no número de sempre.

Ela pega a bolsa que está sobre a bancada da pia e sai, deixando-me sozinho a analisar minha expressão no espelho.

O eterno conflito entre ter e ser.

Em determinado momento, alguém reduziu fortemente minha possibilidade de ser. O que me resta é a possibilidade de ter, que é um substituto fraco, a menos que você possua metade do mundo. Porém, mesmo nesse caso, mais cedo ou mais tarde você encontra quem possui a outra metade e a coisa fica feia. Eu me sinto proprietário daquela tênue linha que demarca o limite. Por enquanto, isso me basta.

Mais cedo ou mais tarde, terei tudo o que procuro e, então, poderei, de alguma maneira, voltar a ser.

Enxugo as mãos e jogo a toalha no recipiente de metal polido. Em um canto do banheiro, há um telefone para uso dos clientes. Ponho uma ficha e disco o número de Remo Frontini. Procurei na lista e o decorei, como fiz com todos os outros.

Ele responde ao terceiro toque.

— Alô.

— Sr. Frontini?

Não deve estar acostumado a ser chamado dessa maneira, pois a resposta é um pouco hesitante.

— Sim. Quem fala?

— Sou eu, Bravo, seu vizinho. Nos encontramos outro dia, está lembrado?

— Claro.

— Muito bem. Eu queria dizer que aquela operação provavelmente será feita depois de amanhã. Algum problema para o senhor?

Uma hesitação. Uma longa pausa. Acho que tirei o sono daquele homem honesto, envolvendo-o em algo que ele julga fora do seu alcance. Deve estar assustado, mesmo porque pesei um pouco a mão quando disse que, se ele desistisse, as consequências poderiam ser desagradáveis.

Tento acalmá-lo, tanto quanto é possível.

— Fique tranquilo. Vai dar tudo certo e o senhor será uma pessoa livre de incertezas.

— Tudo bem. O que devo fazer?

— Por volta das onze, esteja diante do banco onde fica seu cofre com uma fotocópia do cartão, para demonstrar que, de fato, é o vencedor. Em troca, o senhor vai receber a soma acordada. Após verificar a quantia, o senhor vai entrar no banco, pôr o dinheiro no cofre e só então vai pegar o cartão original e me entregar. Acha esse procedimento seguro?

A voz que ouço depois das devidas ponderações parece aliviada. Talvez ele também tivesse pensado em como se proteger de uma cilada e essa solução provavelmente superou suas expectativas.

— Acho que não tem problema. O banco é o Credito Romagnolo, na via Roma, em Cesano Boscone.

Estou prestes a desligar, mas sinto que devo dizer mais alguma coisa, se é que poderá ter alguma utilidade.

— Só mais uma coisa, sr. Frontini.

— Pode dizer.

— A sorte bateu à sua porta. Não a desperdice. Use esse dinheiro com calma. Não mude de vida de uma hora para outra. Fique tranquilo por um tempo, depois, mude-se, vá para outra cidade, talvez. Esse valor pode significar um belo presente para o senhor e para sua esposa, mas também pode significar um belo futuro para seus filhos.

Do outro lado, uma breve e silenciosa reflexão.

— Acho que entendi.

— Espero que sim. Boa noite, sr. Frontini. Durma em paz. Logo o senhor será um homem rico.

Ao desligar, um respingo de remorso mancha minhas certezas. Não acontece com frequência, mas, desde o início, gostei desse homem com sua desarmada humanidade. Considero-me responsável por ele, perante mim mesmo e perante os outros, para que nada dê errado.

Saio do banheiro e volto à mesa. Sou recebido pelo olhar constrangido das três garotas e a expressão um pouco zombeteira do homem que está sentado em meu lugar. É um sujeito de estatura média, magro, com paletó e camisa escuros, que precisam ser lavados e passados. A pele é esburacada, resquícios da acne juvenil; o nariz é aquilino; a boca, larga e fina, bastando um esboço de sorriso para que fique parecida com a do Coringa. Também o conheço bem, por vários motivos.

O primeiro é o meu trabalho, o segundo é o trabalho dele.

Stefano Milla, inspetor de polícia, delegacia da via Fatebenefratelli.

CHEGAMOS À BYBLOS QUANDO LUCIO está tocando.

Ele está de óculos escuros e tem a barba desleixada de sempre, sentado sobre um banquinho no meio de um tablado, de costas para a parede, sob um jogo de luzes que não consegue ver. Sempre me perguntei se a iluminação de um palco serve para pôr o protagonista no centro das atenções ou se tem a função de esconder de seus olhos uma sala vazia ou cheia. Imagino, sendo eu alguém que vive em uma penumbra tranquilizadora, que as duas coisas podem ser fonte de ansiedade. De qualquer modo, Lucio é a pessoa menos indicada para solucionar essa minha perplexidade. Acho que sua relação com o público é muito mais olfativa que visual.

No chão, atrás dele, um suporte onde está encostada uma guitarra espanhola. O instrumento que está no seu colo é um violão acústico Martin, com o qual ele executa uma notável versão de “John Barleycorn”, do Traffic.

Lucio toca muito bem, tem técnica e coração. Sua voz, mesmo não sendo canônica, tem a capacidade de transmitir as emoções certas para calar, em um local como este, muitos murmúrios.

Para não atrapalhar, Carla e eu ficamos em pé ao lado do bar até que a canção termine e o artista receba como recompensa o justo aplauso. Depois, nos encaminhamos para uma mesa livre mais ou menos na metade do salão, que é o limite entre quem está ali para escutar música e quem está ali para beber e falar de tudo sem saber que, na verdade, não está falando de nada.

Peço uma confirmação a Carla.

— Está bom aqui?

Ela faz apenas um sinal com a cabeça e se senta. Seus olhos estão fixos no palco. Dá para perceber que a música a fascina. Vi sua expressão ao escutar a canção enquanto esperávamos no balcão.

Sem falar, Lucio substitui o violão acústico pelo clássico e inicia uma canção de José Feliciano intitulada “La Entrada de Bilbao”. As notas brotam e ricocheteiam enquanto os dedos de Lucio beliscam e atormentam o náilon e o cobre das cordas. Fico sentado tranquilo, esperando para pedir uma bebida. Escuto a música, observo Carla e, enquanto isso, tento pôr um pouco de ordem em tudo o que aconteceu no restaurante.

O bar desaparece junto com a música e todos os espectadores.

Conheço Stefano Milla há muito tempo. Não temos uma relação de amizade, mas de mera colaboração profissional, se é que podemos chamá-la assim. Enfim, a relação que pode existir entre um sujeito como eu e um policial disposto a fazer vista grossa. E, de vez em quando, dar um jeito para que algum outro também o faça. Nunca se tratou exatamente de corrupção, apenas de um providencial cinto de segurança para o caso de haver uma batida de frente. Nunca foi perigoso de verdade para nenhum dos dois porque sempre andei por aí em baixa velocidade. Em troca, eu passava para ele de vez em quando uma compensação monetária para cobrir alguns vícios ou oferecia uma saída com

uma das minhas garotas.

Nunca consegui descobrir qual das duas retribuições ele apreciava mais.

No entanto, encontrá-lo no Ricovero Attrezi foi uma surpresa. E me esforcei para disfarçá-la enquanto me aproximava da mesa.

Milla se levantou.

— Preciso falar com você. Podemos ir lá fora um instante?

O tom de voz me indicava que eu não havia tirado nenhum coringa do maço de cartas.

— Tudo bem.

Carla me lançou um olhar repleto de pontos de interrogação. Tranquilei-a com uma rápida expressão. Depois, pedi desculpas a Cindy e Barbara e segui meu visitante até a saída.

Na luz incerta do estacionamento, demos alguns passos em silêncio para nos afastarmos dos ouvidos do manobrista, que fumava um cigarro apoiado à parede à nossa direita. Quando chegamos perto do meu carro, Milla se manifestou.

— Você e eu precisamos fazer uma coisa juntos.

— O quê?

— Isso você é que vai me dizer. Eu tenho apenas que escotar uma pasta e garantir que determinado envelope chegue ao destino certo.

Fui pego um pouco de surpresa. Eu não pensava que Stefano Milla pudesse estar na folha de pagamento de Tano Casale, muito menos que ele estivesse disposto a declarar isso de maneira tão aberta.

Talvez meu rosto tenha transparecido tudo isso. O policial deve ter confundido minha perplexidade com um julgamento a seu respeito. Aventurou-se em uma clássica justificativa não solicitada, que demonstrou apenas que o sentimento de culpa é um péssimo companheiro para dividirmos alguns trechos de estrada.

— Não fique surpreso, Bravo. E não tente me fazer um sermão. Você é a pessoa menos indicada para até mesmo pensar em algo do gênero.

Levantei um ombro e acendi um cigarro.

— O que você faz é problema seu. Eu não procuro nem quero arrumar problemas.

— Muito bem. Política inteligente. Então, o que vamos fazer?

— Esteja depois de amanhã às onze na via Roma, em Cesano Boscone, em frente à filial do Credito Romagnolo.

— Só isso?

— Só isso. Preciso encontrar uma pessoa e, depois, você poderá fazer a tal entrega. Mais alguma coisa?

Ele esperou antes de responder. Entendi que não era hesitação, estava avaliando. Minha expressão, e também a pergunta que ele estava prestes a fazer.

— Talvez Acompanhou a história de Salvatore Menno?

Era a segunda pessoa que falava daquele assunto na mesma noite e quase com as mesmas palavras. Só que não consegui entender que posição Milla estava assumindo ao se referir àquela história: representante da lei ou um homem que, por interesse pessoal, passou para o lado oposto. Levantei a cabeça e o que farei não me agradou nem um pouco.

— Claro. Vi algo sobre isso na televisão.

— Soube que, recentemente, você e ele tiveram divergências.

Uma voz débil atravessou rapidamente as lembranças para ecoar na minha cabeça, como se o Tulipa estivesse na minha frente no lugar de Milla.

“Trate de ir cavando. Não importa se o terno vai ficar amassado. Se você quiser, quando terminar, eu mando lavar.”

E, depois, aqueles sons abafados

pfft... pfft... pfft...

que trocaram a vida pela morte, uma no lugar da outra, como duas pedras do jogo de damas.

— Aquele sujeito era um psicopata filho da puta. Não sei quem fez esse serviço, mas devia ter um motivo mais do que plausível.

— Com isso, posso até concordar.

Milla parou um instante. Quando prosseguiu, na penumbra, seu rosto esburacado tornou suas palavras ainda menos tranquilizadoras.

— Mas, assim como chegaram aos meus ouvidos, certas vezes poderiam chegar também aos ouvidos de quem está investigando a morte dele.

Não importa qual é sua posição, pensei.

A ideia de ter no meu encaixe tanto a polícia quanto Tano Casale não era nem um pouco reconfortante. Fui vago e contei uma meia-verdade, que me dava uma segurança parcial.

— Não tenho nada a ver com isso.

— Isso, só você e o Tulipa sabem. Infelizmente, ele não pode mais confirmar.

— Então, o que devo fazer?

— Pelo afeto que sinto por você, seria melhor se você tivesse um álibi sólido para ontem à noite.

A voz de Carla nos surpreendeu.

— De fato, ele tem.

Nós dois nos viramos e a vimos na nossa frente, bonita e nitida, apesar da escassez de luz. Talvez ela tivesse uma reserva pessoal de luz dentro de si para ressaltar os olhos daquela maneira.

Carla se aproximou e se pôs a meu lado.

— Estávamos juntos ontem à noite. A noite inteira.

Milla a estudou antes de responder. Em seu tom, havia a consideração adequada às palavras e à aparência de Carla.

— Senhorita, caso seja necessário, se estiver disposta a jurar diante de um juiz, para o Bravo não haverá problemas.

— Claro que estou disposta.

— Muito bem.

Milla levantou um braço e puxou o punho da camisa para ver a hora.

— Infelizmente, preciso deixar esta bela companhia. Quanto à senhorita...?

— Carla. Carla Bonelli.

— Algumas pessoas estariam realmente dispostas a matar para ter uma testemunha assim. Até logo.

Sem esperar ser cumprimentado, virou-se e se dirigiu a um grupo de carros

estacionados à margem da estrada, sob os postes de luz. Depois de dois passos, parou, voltou novamente o rosto em nossa direção e carimbou com uma frase nossos passaportes.

— Às vezes, apenas os tolos e os inocentes não têm um álibi.

Em seguida, foi embora, tornando-se progressivamente o barulho da porta de um automóvel que se fechava e do motor que se afastava. Carla e eu ficamos sozinhos em meio a carros brilhantes e situações obscuras.

Algumas podiam ser esclarecidas por ela.

— Tem duas coisas que você precisa me responder.

Com um expressão atenta, Carla esperou em silêncio que eu terminasse de falar.

— Primeira: por que você me seguiu? Segunda: por que menti?

Em sua voz, surgiu um pequeno tom de desafio, não sei até que ponto proposital.

— Vim até aqui porque não gosto daquele sujeito. Menti porque gosto de você. E porque confio em você.

Achei oportuno ressaltar a realidade dos fatos. Firme e preciso. Não por honestidade, mas por um tortuoso acerto de contas pessoal.

— Estamos falando de um homicídio.

Ela, por sua vez, também retrucou firme e precisa. Sem possibilidade de escolha: preto ou branco.

— Foi você?

Declarei a minha cor.

— Não.

— Está vendo? Então, não tem problema dizer que passamos a noite juntos.

Virou-se e partiu sem pressa rumo à porta de entrada, da qual provinha uma luz inadequada para vasculhar certas sombras. Fiquei ao seu lado e, naquele breve trajeto, pela primeira vez na vida, me senti parte de alguma coisa. Pensei no psicólogo que me acompanhou por um tempo depois do meu incidente. Na época, não serviu de nada porque eu só tinha vontade de fugir. Perguntei a mim mesmo que ajuda ele poderia me oferecer agora que aquela vontade, como que por encanto, já havia passado.

Voltamos à mesa, onde Cindy e Barbara estavam terminando a entrada. Metade do champanhe já tinha ido embora. Meu bife estava frio e a salada havia murchado por causa do vinagre. O que restava do risoto à milanesa de Carla havia se transformado em um bloco amarelo e compacto.

Cindy, que conhece Stefano, levantou em minha direção seus olhos azuis. Seu sotaque norte-americano tornou a massa com tomate e manjerição um pouco menos italiana.

— Problemas?

Sorri, falso como Judas.

— Nem pensar.

Barbara limpou os cantos da boca com o guardanapo.

— Então, quer nos dizer que coisa importante é essa?

Sentei-me e inclinei-me na direção delas, baixando um pouco a voz.

— Amanhã, temos um compromisso em um lugar no qual você e Cindy já

estiveram. Em Lesmo, na mansão de Lorenzo Bonifaci.

Dei a Carla o tempo para assimilar aquele nome. A expressão de seu rosto confirmou que ela o conhecia e que ficara bastante impressionada.

— Vocês deverão estar amanhã às três horas na piazza San Babila, preparadas para passar a noite fora. Um carro passará e as levará até o destino. As condições são ótimas: três milhões por cada uma. Devem ser as mesmas pessoas da última vez, pois pediram expressamente vocês.

— E Laura?

— Ela não trabalha mais conosco. Escolheu um caminho alternativo.

Para não jogar pedras em águas paradas, parei a tempo, quando estava prestes a dizer que ela havia escolhido o amor. É melhor evitar a ativação de certos mecanismos mentais nos quais as mulheres são mestras. Eu julgava Cindy e Barbara bastante refratárias ao assunto, mas Carla ainda era uma incógnita e devia ser protegida.

De si mesma, por mim.

— Portanto, fui obrigado a escolher outra garota. Carla irá substituí-la. Muito melhor, acredito. É seu primeiro trabalho, portanto, conto com a colaboração de vocês para que ela se sinta à vontade.

Barbara começou a rir. Sufocou sua alegria no guardanapo.

Carla ficou um pouco acabrunhada.

— Por que você está rindo?

Barbara fez um gesto com a mão, para minimizar.

— Nada. É só que, da outra vez, tinha um cara louco pela entrada de serviço, se é que você me entende. É melhor você estar preparada, caso seja escolhida.

Uma piada de péssimo gosto, se fosse uma piada. Mas era a realidade nua e crua, e era assim que deveria ser encarada. Olhei para Carla, esperando sua resposta. Ela ganhou tempo, olhando primeiro para uma e, depois, para a outra.

— Vocês fazem?

Cindy respondeu pelas duas.

— Nada de chicotes ou pancadas, mas, quanto a todo o resto, com uma cifra dessas em jogo, não tenho limites.

Carla meneou de leve a cabeça. Um pequeno sinal para uma mulher, um grande passo para as suas finanças, e para as minhas.

— Então, também topo.

Bebeu o que sobrava do champanhe na sua taça e então a estendeu, vazia, em minha direção.

— Muito bom. Pode me servir mais um pouco?

O aplauso fragoroso no final da execução me traz de volta ao Byblos e apaga o resto de uma noite na qual meu intuito fora fazer com que as três belas garotas que me acompanhavam se tornassem colegas, já que a palavra amizade é sempre um pouco exagerada.

Depois, a luz no palco se apaga, sendo substituída pela iluminação difusa do salão. A aparelhagem de som começa a transmitir uma música gravada, talvez alguns decibéis acima do necessário. O espetáculo terminou. Lucio se levanta do banco e um técnico logo vai até ele e o ajuda a guardar os violões e a descer do

palco.

Carla vira-se para mim.

— Gosto de como ele toca.

Não tenho tempo de comentar, pois um garçom se aproxima e pedimos duas bebidas quaisquer, que não temos vontade nenhuma de tomar. Acendo, como um cavalheiro à moda antiga, o cigarro que Carla põe entre os lábios. Depois, apoio uma das mãos sobre seu ombro.

— Com licença, já volto.

Abro caminho entre as mesas e vou até Lucio. Ofereço como indício da minha presença a solução do criptograma da tarde.

— Última projeção de “Fantasia”. Devo dizer que a dica das aspas foi determinante.

Ao som da minha voz, Lucio se volta para minha direção sem a menor surpresa.

— Eu sabia que você o resolveria. Com você, quase não tem mais graça.

Ele se abaixa e verifica se as caixas dos violões estão bem fechadas. Como todos os músicos, tem um cuidado maníaco com os instrumentos. Boa parte de seus bens e afetos estão guardados naqueles dois estojos rígidos.

— Chegou faz tempo?

— Não, infelizmente só ouvimos as duas últimas músicas.

— Ouvimos?

— Carla está comigo.

— Ah, é?

Essa breve pergunta contém muitas palavras. Um mundo inteiro. Talvez Lucio esteja tentando imaginar o rosto de uma mulher da qual conhece apenas a voz.

— A garota da pele cheirosa.

Sorrio. Talvez eu tivesse razão quando fiz aquela consideração sobre os sentidos de Lucio. Se um deles vem a faltar, os outros quatro se apropriam, em um acordo tácito, do seu potencial.

— Agora você não a reconheceria. Acrescentamos um bom perfume.

— Francês?

— Só sei que é bom. Não verifiquei o passaporte.

— Idiota. Sou amigo de um idiota.

Lucio se levanta e estica a mão para procurar meu braço. Encontra-o e se entrega a mim.

— Só há duas maneiras para você se redimir aos meus olhos.

— Quais?

— Primeiro, dê-me um par deles. Depois, acompanhe-me para cumprimentar aquela criatura divina.

Às vezes, me pego pensando que, se Lucio não tivesse perdido a visão, o mundo teria perdido sua maravilhosa e amarga ironia. Porém, em vista das circunstâncias, acho que talvez ele se abstinhasse de compartilhar com a humanidade esse dom.

Levo-o até a mesa onde Carla está nos esperando. Lucio procura, tateando, uma cadeira.

— Oi, Lucio. Você foi incrível.

— Oi, garota. Bravo tinha razão.

— Em dizer que você não é bom?

— Não. Ele não entende porra nenhuma de música. Mas entende de perfumes. O que você está usando é excepcional.

— Foi ele que comprou para mim, além de muitas outras coisas.

Enquanto eles conversam, olho à minha volta, surpreso por não ver Chico, o rapaz que geralmente acompanha Lucio.

— Seu *alter ego* não veio hoje?

Meu amigo se exprime com gestos e voz, falando levemente em falsete.

— Meu chofer, você quer dizer? Não, dei folga para ele esta noite.

— E quem vai levar você para casa?

Lucio volta a ficar sério.

— Chico me trouxe, mas não podia vir me pegar. Combinei com o dono da casa e ele vai me dar uma carona.

Carla antecipa minha oferta.

— Venha conosco.

Acrescento um parecer favorável, embora com alguma dificuldade.

— Você vai precisar dar um jeito. O carro está cheio de bolsas e embrulhos, mas a gente acha um lugarzinho.

— Muito bem. Vou ocupar o espaço de um arenque. Está bem assim ou vocês me querem defumado?

Carla ri e nos levantamos. Comunicamos a mudança de programa ao proprietário, que parece aliviado por não ter de percorrer àquela hora o caminho até Cesano Boscone. Como na noite seguinte Lucio vai tocar novamente, ele entrega ao dono do local os violões e pede que tranque à chave o lugar onde os instrumentos ficarão guardados.

Saimos, deixando os clientes e os funcionários às voltas com o último suspiro da vida noturna milanesa. Vamos até o carro e, logo depois, somos três pessoas diferentes no mesmo caminho. Durante toda a viagem, dirijo e fumo em silêncio. Escuto meus dois passageiros conversarem sobre música, depois de Carla ter descrito empolgada sua recente tarde de compras.

O tráfego noturno abre os braços para nós, as placas nos indicam o caminho e, em menos tempo do que o previsto, o Mini já está diante de nosso edifício. Recolhemos os embrulhos e conseguimos, apesar das mãos ocupadas, guiar, em meio a risadas, Lucio até a entrada, abrir a porta de vidro e subir a escada até o nosso andar.

Abro minha porta e, finalmente, apoiamos no chão nossa leve, porém cara, bagagem. A voz me surpreende antes que eu aperte o interruptor.

— Querem um café?

Viro-me e vejo Lucio em pé na soleira da sua porta.

Carla e eu nos olhamos. Sabemos perfeitamente que o café é um pretexto. O objetivo, nem tão oculto assim, é diluir a solidão com algumas colheradas de açúcar. Se eu fosse diferente, teria pressa para ficar a sós com Carla. Mas, às vezes, não temos escolha na vida. A única coisa que nos é permitida é decidir com quem dividir a jaula.

— Vamos tomar esse café.

E isso conseguiríamos no apartamento da frente. Ao nos ouvir entrar, Lucio estende a mão para acender a luz. Fico com o coração apertado porque sei que ele faz aquele gesto apenas por nossa causa. Suas contas de energia elétrica são mínimas. Carla olha à sua volta sem se preocupar em esconder seu gesto. Observa as paredes nuas e as cores aleatórias, talvez tirando as mesmas conclusões que eu em seu devido tempo. Aqui, tudo é escolhido em função da praticidade e da ausência de arestas. O aspecto estético é um luxo do qual Lucio foi obrigado a abrir mão. E, como todos os luxos, se revelou supérfluo.

Nosso anfitrião vai até a cozinha.

— Sentem-se enquanto eu passo o café.

Carla o interrompe.

— Não, eu faço.

— Mas...

— Nada disso. Hoje à noite você trabalhou, e eu me diverti a tarde toda. Pode se sentar para ser servido. Pela primeira vez na vida, sou eu que decido servir, uma novidade para mim.

Lucio se rende e senta-se à mesa. Carla desaparece na minúscula cozinha e ouvimos quando ela abre os armários em busca da cafeteira e do pó de café. Fico em pé no meio do cômodo, diante de um móvel com portas e gavetas. Sobre a bancada estão o telefone, o rádio e um recipiente de vidro, em que dentro estão chaves, folhas e moedas.

Ao lado, há algumas fotos. Observo-as e vejo um retrato de Lucio alguns anos mais jovem, no meio de outros rapazes em um palco. Estão fazendo uma pose típica de músicos, cercados de instrumentos, microfones e amplificadores. No bumbo da bateria, está escrito o nome do grupo em letras góticas: Les Misérables.

— Você não me disse que havia participado de um conjunto.

— Como você sabe disso?

— Tem umas fotos aqui em cima do móvel.

Meu amigo resolve o pequeno mistério.

— Mostrei essas fotos ao Chico antes de sair. Ele se esqueceu de guardá-las. Vou ter de trocar de mordomo.

— Durou muito tempo? O conjunto, quero dizer.

Lucio faz uma careta.

— Não. Tentamos durante um tempinho, mas éramos apenas talentosos, e não excepcionais. E os outros integrantes tinham projetos que não incluíam a música.

— E você?

Pela primeira vez, desde que o conheço, Lucio permite que a nostalgia apareça em seu rosto.

— Continuei sozinho, mas não com a força necessária. Na época dessas fotos, embora não dê para notar, minha visão já tinha quase ido embora.

Volto a olhar as imagens. Lucio é o único que não está sorrindo. Coloco-as sobre o móvel e também me sento à mesa, diante dele.

— Bravo, posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Você sabe o que eu faço. Agora, teve acesso também ao meu passado. Mas o que você faz para ganhar a vida?

Em geral, já é difícil encontrar uma definição. Em particular, é ainda mais difícil, sobretudo com uma pessoa com a argúcia de Lucio.

— Digamos que sou um homem de negócios.

Ele sorri e me trata como um perdedor honrado.

— Tenho a sensação de que, se eu perguntasse que tipo de negócios, você não me daria uma resposta satisfatória.

Minimizo com o tom de voz, já que ele não pode ver meus gestos instintivos.

— Os negócios são todos iguais. Têm como único objetivo gerar dinheiro. E não vale a pena levar em consideração qualquer coisa que diga respeito exclusivamente a dinheiro.

Carla chega com o café e interrompe este momento de confidências. Certamente ouviu o que dizíamos, mas não retoma nenhum dos dois assuntos. Apoia uma xícara diante de cada um de nós. Depois, volta à cozinha e pega sua xícara e o açúcar.

— E você, Carla, no que trabalha?

Carla volta, põe o açucareiro e as colherzinhas sobre a mesa e se senta entre nós dois, com a xícara na mão. Sirvo o açúcar, como de costume. Duas para Lucio e meia para mim. Carla não adoça o café.

— Até ontem, eu trabalhava para uma empresa de limpeza. Agora, estou olhando à minha volta.

— Você, uma faxineira? Com esse perfume? Não acredito.

— Mas é isso mesmo. Ou melhor, era isso mesmo.

O café, quente e aromático, nos cala por um instante. Ficamos em silêncio sob essa luz que vem do alto, cada um absorto, imaginando como teria sido a própria vida se as coisas tivessem tomado outro rumo. Construindo uma alternativa fictícia e ilusória, que, como tal, não é possível amenizar.

Lucio fala primeiro.

— Carla, posso tocar no seu rosto?

Parece que essa pergunta a faz pensar. Tenho tempo de acender um cigarro antes que ela responda.

Porém, ao responder, a voz não tem incertezas.

— Claro.

Sai do seu lugar e põe-se diante de Lucio. Ele sente sua presença e se levanta. Ergue as mãos, começando lentamente a passar a ponta dos dedos sobre seu rosto. Entrelaça os dedos nos cabelos, percorre a testa, a linha do nariz, estuda a pele. Explora-a com o cuidado e a curiosidade de um especialista decifrando um documento antigo.

— Meu Deus, você é linda!

A compaixão chega voando de longe e se poussa sobre o rosto de Carla. Ela se volta para mim com uma pergunta nos olhos. Faço que sim com a cabeça.

Então, ela toma as mãos de Lucio e as leva ao seio. Move-as lentamente para fazer com que ele também conheça aquela parte do seu corpo. Depois, se aproxima e o beija. Primeiro, encosta apenas a boca na dele e recua. Uma troca

de hálitos e nada mais. Após um instante, que parece suspenso no tempo, Carla volta e o beijo se torna verdadeiro, de língua e saliva, a única pena e a única tinta capazes, entre um homem e uma mulher, de escrever a mensagem de amor perfeita.

Carla se afasta novamente, recua um passo e pega Lucio pela mão. Sem dizer nada, afasta-se com ele, guiando-o rumo à porta do corredor, presumindo que o quarto fica naquela direção.

Fico sozinho.

De uma maneira à qual já não consigo mais pôr um limite.

Termino o cigarro e acendo outro antes de ir até eles. Quando entro, o quarto está iluminado apenas pelo reflexo que chega da sala, percorrendo o breve corredor.

Sento-me em uma poltrona encostada na parede em frente à cama e observo Lucio e Carla que fazem amor. Sem perceber, deslizamos todos para uma noite artificial, provisória, na qual nada pertence a ninguém. Os dois corpos nus sobre o leito se entrelaçam e se movem, oferecendo mutuamente todos os tipos de veneno e seus antídotos exatos. Fico sentado, observando, procurando absorver como uma planta o oxigênio da respiração dos dois. Imóvel, feito do mesmo mármore das estátuas, diante daquele gesto sexual realizado por quem não pode ver no lugar de quem não pode mais executá-lo.

AO MEIO-DIA, QUANDO ACORDO, CARLA ainda dorme.

Eu não havia fechado a porta à chave, embora pensasse que ela fosse ficar na casa de Lucio até de manhã. No entanto, a certa altura da madrugada, eu a ouvi subir na cama sem uma palavra. Deitou-se de bruços e procurou o contato do meu corpo. Cai novamente no sono como se fosse normal tê-la dormindo ao meu lado.

Acendo a lâmpada da mesinha de cabeceira e a observo. Está deitada de lado, nua, seu corpo apenas parcialmente escondido pelo lençol. Estico a mão e acaricio sua pele, seguindo a linha suave dos seus quadris. Resmungando, ela gira e oferece à carícia a graça do seu seio. Depois, passa os braços em volta do meu pescoço e, sem abrir os olhos, esconde o rosto na cavidade do meu ombro.

Seu hálito é quente e tem o perfume do sono.

— Bravo...

Não sei se é meu nome ou um elogio pela minha carícia. Escolho a primeira opção.

— Pode falar.

— Com você, tudo é bonito.

Conheço essas palavras. Já as ouvi no passado, várias vezes. Mas, até agora, só haviam chegado aos meus ouvidos na única vez desta maneira, prontas para serem acolhidas e com a possibilidade de causar danos. Outro momento, outro lugar, e eu era um homem diferente do que sou agora. E a mulher que as disse era diferente.

Quando nós dois nos iludíamos, achando que éramos melhores do que realmente éramos.

Todavia, se existem momentos de que não nos esquecemos, Carla acabou de me dar de presente um deles, a despeito da hora que é concluída por este segundo. Não sei que futuro começará na hora seguinte, mas sei que será um limite além do qual eu poderia tentar esquecer e substituir.

Mas não agora.

— Tenho coisas a fazer. Você também.

— Eu sei.

— Podemos falar disso mais tarde.

— Tudo bem.

Ela se afasta e apoia a cabeça no travesseiro, ainda sem abrir os olhos. Talvez por isso eu me salve e consiga me levantar incólume da cama, talvez por isso eu consiga jogar meu corpo inútil embaixo do chuveiro com a tentação de me esfregar até arrancar a pele.

Fico no banheiro durante muito tempo, barbeando-me e pensando. A história do Tulipa continua a girar na minha cabeça. Estou razoavelmente seguro de ter feito tudo direito e de não ter deixado rastros. Além do fato de que ninguém nos viu quando ele me pegou na frente do Ascot, o que, no momento, foi um azar, mas que, agora, é outro detalhe de sorte a meu favor. Isso no que diz respeito à

policia, se, de alguma maneira, eles chegarem até mim. No que diz respeito ao Tano, as coisas são um pouco mais complicadas. Seus métodos podem não ser totalmente ortodoxos, se ele decidir esclarecer o caso. Imagino até que ponto ele acreditaria em mim se eu lhe contasse a verdade nua e crua.

Às vezes, apenas os tolos e os inocentes não têm um álbi...

Enquanto estou passando a loção pós-barba no rosto, meu olhar cai no exemplar da *Settimana Enigmistica* apoiado sobre o cesto de roupa suja. Sinto vontade de sorrir ao pensar em toda a vida que existe naqueles quebra-cabeças, também no que diz respeito à estética.

Quando você nasce, é sorteado. A página em que você vai acabar é apenas uma questão de ter ou não a bunda virada para a lua. Dali em diante, há o branco e o preto, os espaços vazios dos quais eliminar as incógnitas, as letras prontas para qualquer caligrafia, cada uma no seu quadrado com a presunção de ser importante. Para, depois, perceber que, sem todas as outras, ela não é nada.

No fundo, somos apenas isto: horizontais e verticais. Um simples conjunto de atitudes e posições, palavras que se cruzam como nós enquanto andamos, dormimos, brincamos, fazemos amor, voltamos para casa com calafrios e caímos na cama doentes. Até que, um dia, tudo se torna homogêneo e percebemos que o enigma, aquele que estamos tentando resolver há tanto tempo e com tanta dificuldade, nunca poderá ser solucionado.

O resto do tempo é uma longa linha horizontal.

Ouçõ batidas à porta do banheiro.

Saio do papel de Zarathustra e me vejo em meu velho roupão atalhado, com Carla, cujos contornos estão desfigurados pelo vidro trabalhado da porta, perguntando se pode entrar.

— Pode vir.

Sua cabeça desponta da porta entreaberta. Seus olhos são a madeira clara da Árvore do Bem e do Mal.

— Fiz macarrão, se quiser.

Eu não sabia que tinha algo comestível em casa. A única coisa que é feita sobre o fogão aqui é o café. Espero que ela não o tenha usado para condimentar a massa.

— Com o quê?

— Com o pouco que encontrei. Azeite, sal e uma lata de tomates sem pele. Sua despensa estava bem vazia.

— Só um segundo.

Espero que ela se afaste e vou para o corredor. Pego do armário embutido uma calça esportiva e uma camisa. Entro no quarto, onde os lençóis e a coberta já foram arrumados de maneira impecável.

Fecho a porta e me visto.

Ela já me viu nu uma vez e nós dois ainda carregamos conosco as consequências.

Quando chego à sala, Carla está vestindo apenas a camisa que usei ontem. Nela, tem o efeito de um vestido de noite. Está sentada à mesa e diante de si há um prato de espaguete. Outro está pousado no lugar que ela decidiu que seria o meu.

Sento-me e experimento uma garfada.

— Gostoso.

Sou sincero. Está realmente gostoso.

Carla sorri para mim.

— Não é o jantar de ontem à noite.

— Não. Mas tem sabor de novidade. Acho que nunca comi em casa.

— Eu, sempre.

Essas duas frases simples revelam mais sobre nossas vidas do que discursos inteiros. Continuamos a comer em silêncio, certos da presença recíproca. Nenhum dos dois menciona a noite anterior e o que aconteceu com Lucio.

Termino de comer primeiro e, quando ela também acaba, me levanto.

— Eu cuido dos pratos. Vá se arrumar.

— Tudo bem.

Carla se levanta e desaparece no corredor. Eu apoio os pratos na pia, deixando-os para a futura atenção da faxineira. Acendo um cigarro, sem ceder às lisonjas do café. Mesmo porque não quero prepará-lo.

Enquanto Carla toma banho e se arruma, cuido de alguns de meus negócios. Fecho encontros para velhos clientes, dóceis e sem problemas, que pedem um pouco de companhia que, sozinhos, não conseguem ou não podem obter. Uma benesse para eles e para mim. Trinta por cento de mim é extremamente compreensivo. Os setenta por cento restantes são uma questão que diz respeito àqueles homens, sua consciência e às garotas.

Bipe.

Meu mordomo de bolso me avisa que alguém quer falar comigo. Recebo da central Eurocheck um número sem nome, como sempre. Ligo. Responde uma voz masculina, ligeiramente hesitante, com um leve sotaque estrangeiro que não consigo identificar. Apresento-me seguindo a rotina testada e aprovada. Na prática, é como se uma cortina se abrisse.

— Recebi uma ligação desse número.

— O senhor é o Bravo?

— Claro. Pode falar.

— Um amigo me deu o seu número. Disse que o senhor é uma pessoa competente e de toda a confiança.

Muito gentil, mas não basta. Uma ou duas referências são necessárias, se possível.

— Posso saber quem é esse amigo?

— O dr. Larsson.

Lembro-me do nome. É um cirurgião plástico sueco que, com certa frequência, vem a Milão e não desdenha a companhia feminina. Com acessórios e complementos de fumaça e pó. Fanático pela Betsy, uma bela mulata. Normal, para um escandinavo. Acho que, com ela, não usa anestesia para operar. Todavia, decido assim mesmo armar uma cilada para o meu cliente em potencial, por segurança.

— Ah, sim, o dr. Larsson. Um dos melhores dentistas de Gotemburgo.

Meu interlocutor não percebe que esse erro é proposital. Mas me corrige logo e passa na prova.

— Não, está enganado. O dr. Larsson é um cirurgião e trabalha em Estocolmo.

— É claro. Perdão. O que posso fazer pelo senhor?

— Bem, eu estava me perguntando se...

Muitos ficam hesitantes e constrangidos no primeiro contato. Espero enquanto ele procura as palavras. No que diz respeito à coragem, ela existe ou não. Mas ele encontra um substituto razoável.

— Estava me perguntando se o senhor teria a possibilidade de fornecer garotas muito jovens.

— Todas as garotas que trabalham comigo são muito jovens.

A voz incerta do outro lado se torna alusiva.

— Não, eu estou falando de garotas muito, muito jovens...

Deixa a frase em suspenso e eu capto a mensagem. Depois, reajo. As malhas do meu código moral são bastante largas, mas existem coisas que são tão grandes que não conseguem passar. Sibilo como uma serpente ao responder. Imagino que seja a única língua que esse canalha consiga entender.

— Escuta aqui, seu filho da puta. Não sei quem você é, mas sei quem eu sou. Se ousar ligar novamente para mim atrás das suas safadezas, quebro suas pernas e seus braços. E não se atreva a continuar sua pesquisa em Milão. Eu acabaria sabendo e o tratamento seria o mesmo. Entendeu?

— Sim, mas eu...

Não o deixo terminar.

— “Mas eu” é o caralho! Vai tomar no cu, seu babaca.

Bato o telefone com tanta violência que fico com medo de tê-lo quebrado. Pego uma folha de papel e uma caneta e anoto o número para o qual acabei de ligar. Na primeira oportunidade, vou dá-lo a Milla para que ele investigue esse pedófilo maldito.

A voz de Carla muda repentinamente a situação.

— Estou pronta.

Viro-me e fico atônito. Não encontro palavras para descrever o que sinto.

Carla pôs um dos vestidos que comprei ontem, um modelo de tecido macio e cáqui, que combina com seus olhos. Por cima, está usando um paletó com desenhos *jacquard* sobre um fundo da mesma cor do vestido. Os sapatos, mesmo com saltos que não são exagerados, a tornam mais esguia e a fazem chegar ao topo do K2.

Ela dá uma pirueta, sorrindo, com aquela migalha de vaidade que lhe permito e que ela merece.

— Como estou?

— Linda.

Carla volta a ficar séria.

— Para você, quero estar sempre linda.

Olha para mim e se aproxima até grudar seu corpo ao meu. Depois, seus braços se fecham em torno do meu pescoço e nos beijamos. Sua língua tem gosto de pasta de dente sabor morango e de mais alguma coisa que não consigo identificar. De repente, vejo-me diante de uma porta aberta, mas, a despeito de qualquer esforço que eu faça, sei que não conseguirei atravessá-la. Mesmo

assim, fico ali, retribuindo aquele beijo como se fosse o primeiro ou o último da minha vida. Depois, permanecemos abraçados. Ela apoia a cabeça sobre meu ombro.

— Bravo...

— Sim.

— Aconteça o que acontecer, obrigada.

Eu a afasto de mim. Levanto o braço para checar a hora. Falo com uma voz que não me pertence totalmente.

— É tarde, temos de ir embora. O trajeto daqui até San Babila pode ser uma viagem, dependendo do tráfego.

— Entendo.

Ela parece decepcionada. Eu certamente estou com raiva. De mim, dela, do Lucio, dos nossos enigmas idiotas, das nossas ilusórias brincadeiras de adultos, do mundo inteiro. Saímos e, em silêncio, vamos até o carro. Aconteceram muitas coisas sobre as quais pensar, coisas difíceis de serem traduzidas em palavras. É por isso que não temos muitas delas, é por isso que nós dois temos medo.

Chego ao carro, abro o porta-malas e ponho lá dentro a bagagem de Carla. Depois, nos sentamos e eu ponho a chave na ignição. Giro-a e dou a partida no motor. Engato a marcha, mas não saio do estacionamento. Desligo novamente o motor e olho à minha volta. O volante, os bancos, os tapetes, as coisas no porta-luvas e sobre o banco traseiro. Tudo como ontem. Porém, alguma coisa me parece estranha. Para a alegria de Lucio, eu poderia dizer que se trata de um *déjà-non-vu*, o que pareceria a solução de um dos nossos estranhos criptogramas. Mas aqui não há palavras em torno das quais fazer evoluções. Somente esta sensação estranha, que não consigo definir.

— Algo errado?

— Não, tudo certo.

Volto a ligar o carro e parto. Minha resposta não deve ter sido convincente. Durante todo o trajeto até San Babila, enquanto explico pela enésima vez a importância e a exclusividade do lugar ao qual ela terá acesso, Carla continua a me olhar como se estivesse tentando decifrar através dos meus gestos e palavras uma mensagem oculta mais complexa.

Quando chegamos ao centro, Barbara já chegou e está de pé na frente do Gin Rosa, com uma pequena mala a seu lado. paro diante dela e, enquanto Carla está saltando do carro, um táxi para atrás de nós. Da porta que se abre, saem as longas pernas de Cindy. Ela salta e se aproxima com uma bolsa Louis Vuitton nas mãos. Alta, bonita e sem limites. Senão, como teria comprado aquela bolsa e os vestidos de grife que usa? Vem até nós e se une ao grupo.

Sorri, entusiasmada com a vida.

— Nada mal o taxista. Um rapaz realmente bonito. Não me deixou pagar. Dei meu número de telefone para ele. Caso ligue, acho que também vou deixá-lo dar umas voltinhas grátis.

Barbara ri, mas Carla permanece absorta. Talvez esteja pensando na frase que me disse quando nos encontramos pela primeira vez.

Com você, seria grátis...

Talvez, mas não há como saber ao certo.

Uma concentração de garotas deste calibre não passa despercebida. Na verdade, eu também não passo despercebido, o que não acho totalmente gratificante. Quero ir embora o mais rápido possível, ficar sozinho com o meu carro.

— Tchau, garotas. Boa sorte. Liguem quando voltarem.

Recebo os cumprimentos de Barbara e Cindy e ignoro o olhar de Carla que me acompanha até que eu volte para o carro.

Aproveito o sinal verde e entro no curso Venezia na direção do curso Buenos Aires.

A tarde se apresenta longa e cheia de interrogações. Decido que é o momento certo para o Cinema Argentina, localizado com muita imaginação na piazza Argentina. Esse fato deve ser ressaltado, pois não acredito que o cinema tenha emprestado o nome à praça. Em uma sala que já viu dias melhores, passam maratonas de filmes de ficção científica, terror, faroeste e tributos a um ou outro ator, mudando os títulos diariamente.

O lugar certo para passar algumas horas.

Dirigindo no tráfego de Milão, continuo a olhar o interior do carro porque aquela sensação, que mantive guardada durante a viagem desde Cesano, voltou a se manifestar com força. Chego às proximidades do cinema e procuro uma vaga. Quando a encontro, desligo o motor e acendo um cigarro. Assim que solto a primeira baforada, me dou conta.

No carro, não há nada de novo, mas falta algo velho.

O cheiro de cigarro.

Abro o porta-luvas na frente do banco do passageiro e decido que não vou passar vergonha pelo que estou prestes a fazer, já que estou sozinho. Ninguém mais vai me ver fazendo o papelão de um esclerosado. Tiro o documento do carro e aciono a pequena alavanca que abre o capô. Vou até a frente do carro. Levanto o capô e encaixo sua haste, travando-o, como está escrito nas instruções. Depois, comparo o número do chassi com o do documento.

A arteriosclerose passa imediatamente, substituída pela ideia de que sou um idiota. Os dois números não coincidem. Verifico duas vezes, mas as sequências de números e letras continuam a não bater, como a mesma frase em dois idiomas diferentes.

Não sei o que pensar.

Geralmente, quando isso acontece, não penso. Uso esta pequena técnica quando não consigo resolver um criptograma. Faço uma pausa, dedico-me a outra coisa, espero que a parte incontrolável do meu cérebro trabalhe por conta própria. E a solução, mais cedo ou mais tarde, é uma centelha que traz consigo uma série de “Mas é claro! Como não pensei nisso antes?”

— Ei, seu babaca, isso é lugar para trocar o óleo?

Viro-me em direção à voz e me vejo a um passo do Daytona. Ele se aproximou percorrendo a calçada à minha direita. Imerso no meu pequeno mistério, não o vi nem o ouvi. Está exibindo de maneira impecável um rosto transtornado e seu costumeiro terno azul-escuro amarrotado.

Escondo o documento que ainda tenho em mãos.

— Tem um barulho que está me perturbando. Acho que pode ser a correia.

Daytona dá um dos seus sorrisinhos, daqueles que o fazem parecer um personagem de desenho animado. Aponta para o meu carro sem saber que não houve barulho algum e que a correia do distribuidor funciona perfeitamente.

— Está na hora de você comprar um carro decente e se livrar desse cacareco. Você é do tipo que deve circular com um fora de série, e não com esse calhambeque do tamanho de uma narina.

Retiro a haste do suporte e fecho o capô.

— Quando você se decidir a vendê-lo, talvez eu compre seu Porsche, desde que, nesse meio-tempo, devido à idade, ele já não esteja sob a proteção do Patrimônio Histórico.

Despeitado, Daytona logo me menospreza.

— O meu é um carro de grã-fino. Você não é desse naipe. Se um cara sem graça como você se senta atrás do volante, é só dar a partida que ele explode.

Decido deixar para lá um bate-boca que talvez não tenha solução. Passo às amenidades.

— O que você está fazendo por aqui? Achei que, a esta hora, ainda estivesse dormindo.

Daytona indica um ponto que poderia ficar em qualquer parte da cidade.

— Quem me dera! Eu tinha um compromisso de trabalho em uma rua aqui atrás. Uma operação muito interessante.

Sempre tive muita dificuldade em combinar a palavra “trabalho” com a figura de Daytona, que, por causa de seus vícios, às vezes anda por aí com uma cara que tem a cor das vitaminas da casa de sucos Viel. De banana ou de morango, dependendo do dia. Para não ser cruel, revelo minha parte do programa.

— Estou indo ao Argentina.

— Coisa de quem não tem porra nenhuma para fazer: cinema à tarde.

Provocado, respondo à altura. Com meu melhor ar de gozação.

— Por quê? Quais são seus compromissos hoje?

— Nenhum. De fato, vou com você. Que filme está passando?

— Não faço a menor ideia. E só caminhar cem metros para descobrirmos.

Vamos em direção à entrada. Eu teria preferido ficar sozinho, mas não encontro um motivo válido para recusar a companhia e a conversa fiada de Daytona. Espero que, pelo menos durante o filme, ele fique de boca fechada. Caso contrário, terei um motivo válido para pedir que ele se cale.

Quando estamos na frente dos cartazes, descobrimos que está acontecendo uma mostra dedicada a Paul Newman e que o filme do dia é *Golpe de Mestre*. Ele me olha com ar de dúvida.

— Eu não vi. E você?

Dou de ombros. Para mim, todos os filmes são iguais, vim até aqui apenas para gastar algumas horas em um lugar tranquilo e discreto, pensando nos meus problemas.

— Eu já, mas assisto novamente numa boa.

Estamos com sorte. Ao entrarmos, o mostrador pendurado na parede em cima do caixa se acende, indicando o início da primeira parte. Quando compramos os ingressos, a bilheteira nos confirma que o espetáculo começou há

poucos segundos.

Entramos na sala forrada por uma penumbra cambiante. Quanto ao lugar, temos opções de sobra. No total, lá dentro, deve haver umas dez pessoas. Ajudados pela luz vinda da tela, encontramos duas poltronas mais ou menos na metade do corredor.

Daytona se posiciona à minha esquerda e se lança em uma qualificativa dissertação sobre o filme. daquelas que ficarão esculpidas na cinematografia mundial.

— Grande Robert Redford.

Temo pelo resto, mas Daytona se cala e, depois de poucos minutos, me faz feliz. Inclina a cabeça para frente, o lábio superior fica pendente e sua peruca balança patética no vazio. Adormece, roncando baixinho como um enorme gato satisfeito.

Recosto-me, acompanho a história na tela e penso. Os dois heróis da trama, paramentados como convém a dois astros daquele calibre, tentam passar a perna em um chefão de Chicago nos anos 1930. A história romanceada daqueles dois vigaristas se mistura com a minha vida e, em algum lugar, em um canto da minha cabeça, surge uma intuição.

Mais do que uma intuição, é uma sugestão. Mas eu a elevo imediatamente ao nível de ideia.

Deixo meu lugar e vou rumo à saída, abandonando Daytona nos braços de Moira Orfei, como diz um artista do Ascot. Chego ao átrio, onde há um telefone em um nicho. Não sei de cor o número que me serve e sou obrigado a procurá-lo na lista telefônica.

Uma ficha e minha voz é autorizada a viajar pela cidade.

Meu amigo responde com um sonoro sotaque lombardo, após uma longa série de toques.

— Alô, quem fala?

— Pino, é o Bravo.

— Ei, seu punheteiro! Tem um tempão que você não aparece.

Pino é um pouco verborrágico, mas é uma pessoa muito digna e um mago no seu trabalho. Sua mulher é uma cozinheira excelente e sua filha é um monstro. Nossos encontros, já rarefeitos, quase se interromperam quando percebi que eles a queriam empurrar para mim. E que a garota estava gostando de ser empurrada.

— Estive fora de Milão. Tenho andado muito ocupado.

— Finjo que acredito. O que você quer?

— Preciso de um favor. E até amanhã de manhã, no máximo.

— Está achando que sou o Mago Zurli?

Toco no ponto certo, ele levantou a voz. Tudo previsto, conhecendo Pino. Já o vejo, pequeno e magro, de regata, grudado ao telefone preso à parede do corredor, levantando-se ligeiramente na ponta dos pés enquanto diz essa frase.

Eu o adulo, apelando para sua autoestima.

— Não, estou achando que você é um mago e ponto final. Pode escolher o nome.

— Do que você precisa?

Explico o que quero. Ele exprime uma dúvida previsível em relação ao meu pedido.

— Você vai se meter em encrenca. Nunca vai conseguir.

— Não preciso fazer nada. É só uma espécie de brincadeira.

— Não se esqueça de que certas brincadeiras levam direto para a prisão de San Vittore.

Não posso dizer que é exatamente o que espero.

— Fique tranquilo. Nenhuma encrenca, nem para mim, nem para você.

Então?

Ele parece refletir sobre prazos e modos de realizar a tarefa. Depois, cede.

— Dá para ser feito. Venha amanhã depois das nove. Mas saiba que vai custar caro.

— Depende do que você chama de caro.

— Uma milha.

— Cacete! Uma milha! Você não é o Mago Zurli, é Arsenio Lupin.

— Então, encontre outro.

— Tudo bem, um milhão. A gente se vê amanhã.

— Você fica para o almoço?

— Não posso. Vamos deixar para outra vez.

— Até amanhã, então.

Desligo e volto para a sala. Daytona ainda está ali, dormindo, só mudou a posição da cabeça. Posso apostar que vai acordar quando acenderem as luzes. O que acontece pontualmente logo depois que Paul Newman e Robert Redford passam para trás o malvado Doyle Lonnegan.

Ele abre os olhos, olha em volta com cara de quem não sabe onde está ou como foi parar ali.

Depois, volta a si e lança um blefe ousado.

— Filmaço.

Decido pagar para ver. Aliás, aumento o lance, só pelo prazer de deixá-lo de calças curtas. Estou eufórico com a ideia que tive e gosto de sacanear o Daytona.

— Muito bom. Fantástica a cena com Robert Redford a cavalo.

Ele cai na armadilha. E faz um papelão.

— É mesmo. Eu disse que ele era um grande ator.

Enquanto isso, nos levantamos e percorremos o corredor entre as poltronas. Eu o empurro por trás.

— Ah, vai te catar! Não tinha nenhuma cena com cavalo. Você dormiu feito um porco o filme inteiro.

Ele tenta se justificar, com os olhos avermelhados de um sono incômodo.

— Estou meio esgotado. Não tenho dormido muito ultimamente. Estou fazendo uns trabalhos muito cansativos.

Não me aprofundo quanto a que tipo de trabalho. Tenho certeza de que, se a notícia se espalhasse, um camburão pararia no endereço que Pino citou pouco antes. Daytona é assim: pegar ou largar. De fato, muitos e muitas largam.

Entramos no átrio e ele vê o telefone.

— Você pode me esperar? Preciso dar um telefonema.

Saio, fico fora da vitrine, fumando e observando a cidade que circula, já

atenta à hora de pico, mas sem dar a mínima para mim, para Daytona ou para qualquer um que gaste tempo, pneus e passos sobre calçadas e ruas.

Meu amigo sai do Argentina um pouco alterado. E, conhecendo-o, um pouco preocupado.

— O que foi?

— Estou em apuros. Esta noite, preciso estar em dois lugares na mesma hora. E não posso deixar de ir nem a um lugar, nem a outro. Especialmente a um deles.

Olha a sua volta, como se o mundo que o circunda pudesse fornecer alguma solução. O que acontece, mas não me agrada. Nem um pouco.

— Ao outro, você poderia ir.

— Ficou maluco?

— É uma coisinha de nada. Preciso fazer uma entrega lá pelos lados da sua casa.

— Uma entrega? Você pirou. Não faço nenhum tipo de serviço de entrega. Nem para você, nem para qualquer outra pessoa.

Ele finge que ficou ofendido.

— Quem você acha que eu sou? Não é droga. Não atuo nesse ramo.

Vasculha o paletó e, do bolso interno, tira um envelope grande. Aproxima-se e o abre, de maneira que eu possa ver o conteúdo, mas deixando o envelope encoberto por nossos corpos. Está cheio de notas de cem mil liras.

— À meia-noite, preciso entregar este dinheiro para uns caras com quem tenho uma dívida. Eles vêm de fora e, se eu não aparecer, vão ficar furiosos. E são do tipo que, furiosos, não são uma imagem bonita.

Um sujeito passa perto de nós e Daytona, por excesso de prudência, volta a guardar o envelope no bolso do paletó. O homem se afasta, pouco se lixando para nós. Ficamos um de frente para o outro.

Olho para ele. Ele olha para mim.

— Vamos, faz esse favor para mim. Garanto que não é uma roubada.

Parece que ser portador de dinheiro se tornou minha atividade principal. Hoje à noite, para Daytona; amanhã, para Tano Casale.

— Tudo bem. Onde devo estar?

— Fora de Trezzano, na estrada para Vigevano. Tem um restaurante que se chama La Pergola. À meia-noite e meia, no estacionamento. Vou avisar que você estará no meu lugar. Assim que eles chegarem, você entrega o envelope e cai fora.

Abaixo a cabeça, ainda indeciso. Quando volto a pôr os olhos em Daytona, ele tirou novamente o envelope do bolso e o está lambendo para lacrá-lo. Estica-o em minha direção.

— Quanta confiança!

— Estou entregando a você alguns milhões. Se você acha que isso é falta de confiança...

Pego o envelope e o enfio no bolso da jaqueta.

— Tudo bem. Mas lembre-se de que você está me devendo um favor.

— Tenho uma memória de elefante, não esqueço.

Faço uma gozação. Ele merece e está em dívida comigo.

— Se você continuar a se empanturrar, logo vai ter também um corpo de elefante.

Após as despedidas, vou até o carro, que me espera com seu pitagórico mistério não resolvido.

Esperando que a intuição chegue para me indicar uma direção, entro no automóvel e começo a girar pela cidade, como acontece quando o tempo se esvazia e se torna uma sacola murcha e difícil de encher.

Uma passada no Duomo para ouvir as fofocas sempre em evolução de um grupo de pessoas que vivem paradas na frente da Rinascença. Depois, um pulo no Jamaica, uma cerveja com artistas desvairados, tão divertidos quanto pitorescos, um jantar no Torre Pendente, onde vejo gente e consigo alguns trabalhos para minhas garotas, um pulo na Budineria, perto da via Chiesa Rossa.

Por fim, vejo-me sozinho em um estacionamento fora da cidade, sentado em um carro suspeito, com os bolsos cheios de um dinheiro que não me pertence, esperando que os donos apareçam. O restaurante está fechado e estou sozinho nesta área de terra batida ao lado da estrada. Os carros que passam me oferecem luz e, pouco depois, querem-na de volta, prosseguindo depressa para fazer a mesma brincadeira mais à frente.

Fumo e penso.

Minha existência mudou há alguns dias. Carla, o Tulipa, Lucio, Daytona: um rosto novo e caras conhecidas, mas com uma expressão diferente. A morte, que saiu da escuridão e que trouxe escuridão. A vida, que talvez ainda exista.

Pensamentos, pensamentos, pensamentos.

Enquanto isso, o tempo passa e não vejo ninguém.

O relógio marca uma e quinze. A dívida de Daytona comigo está aumentando exponencialmente. Às duas horas, decido que o preço superou as cotações da bolsa e mando tudo à merda.

Ligo o carro e volto para casa, que, por sorte, fica realmente perto, senão, eu teria mais um bônus de chateação para cada quilômetro, além do parâmetro carro-óleo-gasolina-pneus.

Em meu apartamento, tiro a roupa e jogo o envelope sobre o móvel, ao lado do telefone. Uma coisa me vem à mente. Amanhã de manhã, tenho de dar um milhão a Pino. Nem preciso dizer que tem de ser em dinheiro, pois é sempre melhor não pôr cheques na mão de certas pessoas. Tenho dinheiro escondido em casa, em um lugar seguro que criei. Mas não quero mexer na minha reserva emergencial. Desde que guardei o dinheiro ali, decidi fingir que ele não existia.

Decido usar o dinheiro do envelope, assim evito uma ida ao banco antes de passar na casa de Pino. Um pouco por comodidade, um pouco porque o fato de ter ficado mais de uma hora esperando uns babacas que não apareceram ainda está me irritando. Se Daytona ousar ficar com raiva porque abri o envelope, vai acabar dando a volta na perimetral impulsionado por chutes na bunda.

Pego o envelope, enfio o mindinho no espaço livre sob a aba e o faço correr. O papel se rasga irregularmente e parte do que está dentro cai, farfalhando, em cima do móvel. Fico como um idiota olhando incrédulo para o que está na minha frente. O envelope está cheio de recortes de jornal com as dimensões exatas de uma nota de cem mil liras.

ESTOU ESTACIONADO NA VIA ROMA, em frente à sede anônima de um banco, sentado no carro dos mistérios. De manhã, eu me levantei cedo e saí sem sequer tomar banho ou fazer a barba. Decidi que as pessoas que eu preciso encontrar devem me aceitar na versão desalinhada.

No corredor, encontrei Lucio com sua bengala branca e seus óculos escuros, subindo o último lance de escadas. Chegou ao andar e parou. O barulho da porta se abrindo e fechando revelou minha presença.

— Acordou cedo.

— Você também, eu diria.

Ele pôs a mão no bolso e tirou a chave de casa. Tateando a porta, introduziu-a na fechadura.

— Fui dar uma volta em um estúdio de gravação no castelo de Carimate ontem à noite. A sessão acabou demorando e dormi por lá. Hoje de manhã, para voltar, tive de aproveitar a única carona disponível. Quase ao amanhecer, como você está vendo.

Abriu a porta e pôs a chave de volta no bolso.

— Preparei um novo enigma para você.

Eu não estava com tempo nem vontade de ouvir um novo criptograma. Tentei dizer isso de uma maneira que não o ofendesse.

— Infelizmente, não é o momento. Estou morrendo de pressa.

Ele não se deu por vencido.

— É sempre o momento de fazer o cérebro funcionar. É simples. Ouça: Mordeu o civil, 6 e 5. Gravou?

— Gravei.

Comecei a descer as escadas, mas sua voz me deteve.

— Bravo, só uma coisa.

— Pode dizer.

— Obrigado pela outra noite. Com Carla, quero dizer. Não sei qual é a relação que vocês têm, mas tenho certeza de que o que aconteceu é mérito seu.

Por um instante, a imagem dos corpos deles sobre o leito se sobrepôs ao entorno. Depois, voltei a ser eu mesmo.

— Está tudo bem, músico. Mas agora preciso ir.

Ouvi a porta se fechar enquanto eu descia o último lance da escada. Fiz tudo o que eu tinha de fazer na velocidade máxima permitida por um tráfego clemente: banco, um milhão no caixa, depois corri até a casa de Pino, em Cormano. Retirei o produto da sua arte, desviando dos olhares de sua filha, de seus convites e seus bons conselhos, frutos de uma sabedoria antiga que, todavia, não impediu que o pai entrasse e saísse várias vezes da cadeia.

Agora, sou um homem que aguarda alguém, esperando que o resultado seja diferente daquele de ontem à noite.

Um Simca 1000 verde-claro passa por mim e para duas vagas adiante. Depois de alguns instantes, sai Remo Frontini. Está vestindo um paletó azul-

marinho que já viu dias melhores e calças que têm cara de liquidação. Saio do carro e vou em sua direção. Por seu aspecto, dá para ver que ele não dormiu muito esta noite. Por vários motivos, estou na mesma situação. Essa estranha semelhança aumenta minha simpatia e, por conseguinte, meu cuidado em relação a ele. Talvez por causa daquela exasperante atração instintiva que a honestidade exerce em pessoas como eu.

— Bom dia, sr. Frontini.

— Espero realmente que seja um bom dia.

— Vai ser. Fique tranquilo. Confie em mim.

Talvez ele pense que não tem motivo algum para confiar e este seja o motivo de sua inquietação. Desajeitado, com ar de quem não vê a hora de tudo acabar, ele vasculha os bolsos e me estende uma folha dobrada ao meio, no formato de um papel de carta.

— Aqui está o que o senhor havia me pedido.

Abro e verifico a fotocópia. Está perfeitamente legível. Tiro do bolso do paletó um recorte de jornal com os dados do cartão vencedor. Verifico tudo várias vezes. Pelo menos os números coincidem.

— Muito bem. Agora, é só esperar.

Ele não pergunta quem.

Ofereço um Marlboro. Ele recusa com um leve movimento da cabeça. Acendo e fumo um cigarro sem sentir seu sabor. O que houve me deixou um gosto ruim na boca. Não estou acostumado a não me sentir dono da minha vida. Tenho a sensação de uma ameaça iminente, algo que está prestes a acontecer e cuja natureza, e sobretudo a proveniência, não consigo perceber. Não é um bom estado de espírito com o qual conviver porque, por mais que me esforce, não encontro nem um rastro de explicação.

À primeira vista, os recortes de jornal no envelope podem ter apenas um significado: Daytona queria passar a perna em seus credores e pensou em me usar como mensageiro e, talvez, como bode expiatório. No entanto, me parece um projeto tão estúpido que até o cérebro atrofiado daquele idiota deveria ter entendido seus limites. Não sei como enquadrar o fato de os credores não terem aparecido no encontro. Um golpe de sorte para mim ou o sinal de que a explicação deve ser procurada em outra direção? O problema é que não faço a menor ideia de qual seja essa direção.

Resta o detalhe nada desprezível do número no chassi do carro. Não se trata de um inócua desafio enigmático entre mim e Lucio. Uma daquelas sensações sem nome que nos fazem acertar o cavalo vencedor ou evitar o perdedor me sugere que a situação não é tão simples. Trata-se de um enigma mais complexo, cheio de números e letras que não sei como combinar.

Por mais que me esforce, não consigo entender. Quando não entendo, sinto-me achinchado e fico furioso.

Vejo um Alfa Giulietta cor de creme aproximar-se pela direita e reconheço Stefano Milla ao volante. Estaciona um pouco longe de nós. Como não o vejo chegar, vou até ele. Está sentado no carro, fumando e me esperando. Abro a porta e me sento no banco do passageiro. Nada de formalidades. Ele pega uma maleta de napa marrom-escuro do banco traseiro e a põe no meu colo.

— Entrega realizada.

— Você também vem?

Milla balança a cabeça.

— Prefiro que aquele sujeito não me veja. Sou apenas a escolta. Tano me disse que, neste caso, você é o responsável. Com bônus e ônus.

Por experiência, conheço bem qual poderia ser a natureza dos ônus e dos bônus. Pego a maleta, saio do carro e vou até Frontini, que parece mais nervoso que nunca. Convido-o a se sentar a meu lado no carro. Verifico se não há ninguém por perto; em seguida, abro a maleta e mostro o conteúdo.

— Aqui está.

Eu jamais conseguiria descrever a expressão deste homem. Não é cobiça, mas estupor. É o rosto de uma criança diante do tesouro dos piratas, de algo que achava que só existisse na fantasia, e não na realidade. Aquela maleta representa a certeza de uma vida nova e inesperada. Eu o observo e fico feliz por ele.

— Verifique. Devem ser cinquenta maços de dez milhões cada. No total, quinhentos milhões. Exatamente o valor que havíamos combinado.

Ponho a maleta sobre os seus joelhos.

— Sem pressa.

Ele remexe nas notas por tempo suficiente para contar três ou quatro maços aleatórios e, depois, até cinquenta. Por fim, fecha e tranca a maleta.

— Parece que está tudo aqui.

— Perfeito. Agora, vá pegar o cartão.

Por escrúpulo, faço questão de lhe informar que os ônus e os bônus mencionados por Milla há pouco não dizem respeito apenas a mim, mas a ele também. A experiência me ensinou que nunca se sabe, embora, com Frontini, eu tenha infringido várias vezes essa minha regra.

— Devo fazer um último esclarecimento. Sei que não é necessário, mas sou obrigado a ressaltar que qualquer gesto impróprio da sua parte pode acarretar consequências nada agradáveis.

Surpreendentemente, ele sorri.

— A esta altura, se eu não tivesse entendido, seria um idiota.

Em seguida, sai do carro com sua maleta das maravilhas. Quando está do lado de fora, se abaixa, apoia o braço na porta e passa a cabeça pela janela aberta.

— Não preciso ir pegá-lo.

Põe a mão no bolso interno do paletó e tira um envelope. O mesmo gesto de Daytona no dia anterior com seu pequeno cavalo de Troia cheio de papel-jornal. Mas executado por um homem diferente. Muito diferente.

— Aqui está o cartão.

Abro o envelope e o comparo com o meu recorte e com a fotocópia. Tudo coincide: data, resultados, autenticações, número da lotérica. Olho para ele e, agora, é minha vez de ser pego no contrapé. Remo Frontini sorri novamente.

— Bravo, acho que sou uma pessoa de bem. E, a despeito da sua opinião sobre si mesmo, tenho certeza de que o senhor também é. Agradeço seus conselhos e, se me permite, vou lhe dar um.

— Diga.

— É o oposto do conselho que ouvi. Vou esperar para mudar de vida. Mude a sua o mais depressa possível. O senhor merece algo melhor. Tenha um bom dia.

Não tenho tempo de responder, ele já se levantou e se dirigiu rapidamente até o banco para pôr seu pé de meia ao abrigo de olhos indiscretos e mãos aduncas. Fico sozinho com meu envelope nas mãos.

Esta é uma sorte inesperada. Posso fazer o que prometi com toda a tranquilidade. Do bolso interno, tiro o mais recente trabalho de Pino, um dos melhores falsários que existem por aí. Encomendei um cartão falso, que não passaria nunca no exame dos especialistas da Sisal, mas que é perfeito para que Tano Casale acredite que tem em mãos o cartão vencedor. Se ele o for trocar amanhã de manhã, é provável que, à noite, eu esteja no fundo do Ticino com uma pedra amarrada nos pés, aprendendo a língua dos peixes. Mas conto com sua avidez para que isso não aconteça. Quero fazer uma proposta que deverá me manter seguro por algum tempo.

O tempo necessário.

Ponho o cartão fajuto no envelope e, um segundo mais tarde, Milla se materializa ao lado da janela, do meu lado.

— Tudo certo?

— Tudo certo.

Dou a ele o que tenho em mãos.

— Tome. Entregue isto a Tano.

— Você vai entregá-lo pessoalmente. Ele me disse que gostaria de falar com você. Portanto, acho que deve vir comigo.

Seu rosto de coringa desponta de um maço de cartas embaralhadas e, desta vez, não há sorriso. O tom é de quem não gostaria de estar no meu lugar. O fato é que nem eu gostaria de estar. Ele não tem como saber que esta é apenas uma nova incógnita que vem se juntar a todas as outras.

— Tudo bem. Vá na frente. Eu sigo você.

Ele sai e, pouco depois, seu carro passa por mim. Saio do estacionamento e sigo o Alfa. Por culpa dos sinais de trânsito, corremos o risco de nos perder algumas vezes enquanto saímos de Cesano.

Observo a nuca de Milla enquanto dirige. Não sei o que esperar dele. Antes, eu podia considerá-lo uma espécie de proteção, se é que sua colaboração podia ter algum valor em um mundo no qual, ao menor sinal de problema, cada um está disposto a jogar ao mar a própria mãe. Agora que ele se revelou e declarou ser um capanga de Tano, não tenho dúvidas sobre a posição que ele assumiria se tivesse de escolher. O que não consigo entender é até que ponto ele está envolvido e, portanto, até onde está disposto a chegar.

Entramos no anel viário na altura de minha casa e seguimos rumo ao sul. Meu carrinho tem um pouco de dificuldade para seguir o Alfa. Os dois cartões são bigornas nos meus bolsos. Se, por um motivo que não ousa imaginar, Tano Casale mandar alguém me revistar, talvez o banho no Ticino seja antecipado para esta noite.

Tento me distrair e penso em Carla.

O fato de que, neste momento, ela pode estar na cama com um ou mais

homens não me desperta ciúme nem me desanima. Quando uma navalha me afastou definitivamente de certas práticas, de certo modo as emoções correspondentes também foram eliminadas. O estímulo, não. Permaneceu. Como revanche em relação a um desejo às vezes lancinante, um impulso que nunca mais poderá ser satisfeito, as mulheres se tornaram um instrumento de comunicação com o mundo dos homens.

Mulheres de um lado, homens do outro.

E eu no meio, ainda carregando a cicatriz da minha uretrotomia perineal, a operação à qual me submeti para poder ter uma relação menos caótica com meu corpo quando sinto a necessidade humana de urinar.

Carla é uma das poucas pessoas no mundo que sabe disso. E que entendeu. Intuí tudo quando me pediu permissão para fazer amor com Lucio e, ao mesmo tempo, ofereceu-me esse presente. Tive a confirmação em seguida, quando a ouvi entrar na cama ao meu lado e buscar contato.

O carro de Milla vira na saída para Opera. Instintivamente, presumo que estamos indo em direção ao galpão do ferro-velho onde estive com Micky. Aquele que, à noite, se transforma em um cassino clandestino. A imagem da pedra amarrada nos pés e do mergulho no Ticino é substituída pela imagem do meu corpo enfiado na carcaça de um carro cuja carroceria será transformada em um cubo. Tais pensamentos não são bons companheiros de viagem, especialmente em um dia de sol que, como na canção de Battisti, faz retornar à mente os respingos do mar e o seu sorriso.

No entanto, o Alfa Giulietta segue em frente e, após alguns quilômetros, vira à direita, entrando em uma estradinha que, centena de metros depois, termina no estacionamento de uma *trattoria*. É uma construção baixa, com janelas protegidas por grades com alguma pretensão artística. As paredes, que em algum momento devem ter sido cor de tijolo, agora estão rosadas e manchadas pelas intempéries. Nos fundos, há uma pérgula com uma glicínia enorme que serve como telhado. No verão, esse deve ser o lugar reservado para os jantares ao ar livre.

Estacionamos entre os poucos carros presentes, descemos e, em silêncio, nos dirigimos a um pequeno portão de madeira sob um letreiro que nos informa da cozinha caseira de Jole. Dentro, as janelas não permitem a entrada de muita luz para os poucos clientes, por isso, algumas lâmpadas estão acesas. Um garçom desinteressado nem nos olha e uma senhora loura, corpulenta e suada, talvez a Jole do letreiro, pode ser vista pela fresta da porta, entre os vapores da cozinha.

Milla se dirige sem hesitar a um corredor que conduz a uma saleta em separado, onde encontramos Tano Casale e seu guarda-costas sentados diante da única mesa ocupada. Vamos até eles. O chefe está comendo um prato de espaguete. Seu laçao, que usa o mesmo terno daquela primeira vez em que o vi, está empenhado em uma luta barulhenta com um prato de *minestrone*.

Tano aponta sem falar para a cadeira a sua frente. Enquanto me sento, ele faz um gesto para Milla e para o homem a sua direita. O sujeito se levanta sem dizer palavra e, junto com o policial, desaparece na direção do salão.

Estamos sozinhos. Não entendo se este é um bom sinal ou não.

— Quer comer alguma coisa? O *carbonara* daqui é fantástico.

— Não, estou sem fome.

Ele engole um bocado, limpa-se com o guardanapo e estende a mão na minha direção.

— Acho que você tem algo que me pertence.

Tiro do bolso o envelope e o entrego. Ele o abre e saca o cartão, observando-o longamente. Talvez tenha dificuldade em acreditar que comprou aquele retangulzinho insignificante com um monte de dinheiro. Depois, vira novamente para mim um rosto com uma expressão indefinível.

— Você é um rapaz esperto, Francesco Marcona, nascido em Sollano, na província de Perúgia, em novembro de 1943, filho de Alfonso Marcona e Marisa Giusti, que emigraram para a Austrália. Um rapaz realmente esperto. Acho que você abriu um caminho com esse estratagema que arquitetou.

Sorri ao ver minha expressão de surpresa.

— Estava achando que eu teria confiado essa transação a você sem me informar a seu respeito? Para alguma coisa deve servir o fato de ter na folha de pagamento um inspetor da polícia do Estado.

Aceito o fato como óbvio.

— É compreensível.

Tano olha mais uma vez o cartão. Depois, apoia-o sobre a mesa a sua frente, como se quisesse mantê-lo sob controle.

Fala com aquela voz que conheço.

— Resta aquela pequena história da morte de Salvo. Queria que você me dissesse, olhando nos meus olhos, o que sabe a respeito.

Por fora, pareço estar tranquilo. Por dentro, não estou.

— Não sei absolutamente nada. Na noite em que aconteceu, eu estava com uma garota.

Ele me olha com atenção. Para ele, meu discurso ainda não terminou.

Apenas os tolos e os inocentes não têm um álibi...

Apoio os cotovelos sobre a mesa e me estico na direção dele.

— Tano, sendo benevolente comigo mesmo, eu diria que sou mais diplomata do que homem de ação. Nunca tive nenhuma arma e nunca terei. Quando tive um problema com Menno, procurei você e tentei resolvê-lo como uma transação de negócios. Tranquila, pacífica, rentável para ambos. A prova está diante de seus olhos.

Aponto para o cartão a fim de reforçar o conceito e preparar o que estou prestes a dizer.

— E acho que é possível seguir em frente. Se você quiser, tenho outra proposta que permitiria que você dobrasse esse valor em uma hora.

Uma luz se acende em seus olhos. O espagete terminou, mas o interesse por essa nova proposta está apenas começando. No fundo, conquistei um mínimo de credibilidade. Tano toma um gole de vinho.

— Estou ouvindo.

— Algum de seus clientes trabalha no setor bancário? Alguém viciado em jogo e que talvez tenha uma dívida alta com você?

Vejo que ele está curioso para saber como a história vai terminar.

— Talvez Prossiga.

Tentando ser o mais convincente possível, explico a ideia que tive. É um pouco mais arriscada do que a operação que pôs diante dele um cartão de quatrocentos e noventa milhões de liras, um pouco mais complexa de se executar, típica de homens mais corajosos. Destaco esse fato, em vez de tentar minimizá-lo. A despeito do nível que alcançou e por mais esperto que seja, Tano é um homem da rua que abriu caminho com todos os meios que a coragem e a falta de escrúpulos colocaram à sua disposição. Seu temperamento é o de um homem que aceita desafios.

E é exatamente o que ele faz.

— Pode funcionar. Nossa, pode realmente funcionar!

Sorri e termina o vinho com um único gole, um pouco eufórico e, portanto, um pouco fanfarrão, graças às perspectivas que minhas palavras descortinaram.

— Quero mesmo foder com aqueles babacas. Quatrocentos e noventa milhões de paus no cu.

Quando para de acalentar a ideia, lembra-se de mim.

— Você quer participar dessa operação?

Balanço a cabeça.

— Eu já disse, não sou um homem de ação. Sou um peixe pequeno e quero permanecer assim.

Tano retribui com uma expressão que parece desenhada pelo inexorável.

— Receio que, desta vez, você terá de crescer um pouco, meu rapaz.

Ele me olha com seus olhos escuros, nos quais há certa benevolência. Verdadeira ou falsa, não importa.

— Gosto de você, Bravo. Quero que tome conta disso. Você tem uma cabeça de primeira.

— Obrigado, mas eu preferiria que minha cabeça ficasse presa ao corpo. Por isso, quero ficar de fora.

— Neste mundo, não podemos ficar de fora para sempre.

É como se ele tivesse dito: você está dentro, rapaz. E sem brincadeiras.

Olho para ele. Ser mergulhado nesse veneno é exatamente o objetivo que eu havia preestabelecido. Mas eu não podia pedi-lo abertamente. Queria que fosse ele a chegar a tal ponto. Apesar de tudo, não consegui afastar uma sombra de suspeita. Temo que, ao se lidar com um homem com a atitude mental de Tano, isso seja difícil de se conseguir. Mas caí em suas graças, o que é um grande passo.

Ele se inclina levemente em minha direção.

— Você está à altura?

Abaixo a cabeça e finjo refletir, como se ainda estivesse indeciso. Depois, levanto-a, resoluta.

— Eu consigo.

— Tem os homens certos? Gente de confiança?

— Tenho. Conheço as pessoas apropriadas. Decididas e discretas, se for o caso.

Ele relaxa. Não percebe que eu também relaxei.

— Então, você toma conta deles. Quanto ao outro detalhe, pode deixar comigo.

Acrescento algumas palavras que ratificam meu consentimento.

— Tudo bem, então. Vou começar a me mexer e aviso quando estiver pronto.

— Ótimo. Enquanto isso, tem certeza de que não quer comer nada?

Trata-se de um convite ou de uma despedida, cabe a mim escolher. Prefiro que o encontro termine aqui enquanto espero novos desdobramentos.

Levanto-me.

— Obrigado, mas preciso ir andando.

— Como quiser.

Deixo a saleta onde acabei de ludibriar um homem muito perigoso, feliz por não estar sendo escutado e por não ter um revólver apontado para minhas costas. No salão, encontro o pau-mandado sentado em silêncio em uma cadeira. Talvez esteja pensando que o *minestrone* esfriou. Talvez simplesmente não pense e esteja esperando as ordens de quem pensa em seu lugar.

Não o cumprimento e ele não me cumprimenta.

Stefano Milla está grudado no telefone público ao lado do caixa. Faz um sinal de despedida com a mão. Respondo da mesma maneira, contente por não ter de falar com ele. Não teríamos nada a nos dizer. Aquele tênue fio que nos tornava cúmplices, mais por diversão do que por outro motivo qualquer, partiu-se. Ele se tornou um homem que tem um pé em vários sapatos, e o meu não é mais do seu tamanho.

Saio e respiro.

Lá fora, há um sol atrevido e o céu, varrido por um leve vento norte, tem um tom de azul que só a primavera poderia trazer. Vou até o Mini e fico triste por não estar no estado de espírito certo para apreciar aquela cena.

Coisas demais aconteceram. Todas ao mesmo tempo.

A morte do Tulipa, a chegada de Carla na minha vida, o número do chassi do meu carro, Tano Casale com aquela voz que conheço e seu cartão da loteria falso. E mais os jornais de Daytona, que tenho intenção de esclarecer assim que conseguir pôr as mãos em um telefone ou nele próprio.

Saio na direção de Milão, rumo a minha casa. Preciso me deitar por algumas horas e ficar modorrando com o televisor ligado, na penumbra. Pôr um pouco de ordem em toda esta bagunça. Dar alguns telefonemas, esperando receber notícias das garotas.

Faço o percurso inverso da viagem de ida. Quando você está com a cabeça em outro lugar, algumas viagens parecem breves, a não ser que o pensamento não esteja voltado obsessivamente para o lugar aonde você quer chegar.

Não é o caso.

Logo estou em Cesano. A esta hora, o que não falta são vagas de estacionamento. Saio do carro, passo ao lado de crianças que gritam enquanto brincam na grama, deixo cair por terra os olhares de uma ou duas mães.

Ainda alguns instantes e fecho o mundo do lado de fora da porta, trazendo comigo apenas o mínimo necessário para manter sob controle as coisas que me perseguem. A casa cheira a desinfetante e as venezianas estão fechadas pela metade. A sra. Argenti deve ter vindo e criado uma ordem que sinto que vou subverter em breve.

Assim que entro, vou direto para o telefone e disco um número, esperando que a pessoa já esteja no escritório. Daquela vez, ele atende diretamente.

— Biondi. Com quem falo?

— Ugo, é o Bravo.

— Estou ocupado. Fale rápido.

Pelo tom um pouco esbaforido, talvez tenha recebido uma de suas clientes particulares, que agora está sentada em cima dele.

— Preciso de uma permissão para ver Carmine.

— Quando?

— O quanto antes.

— Não é um bom momento para fazer visitas em San Vittore.

— Imagino. Mas preciso vê-lo.

— Tudo bem. Ligo assim que souber de alguma coisa.

Nem tenho tempo de me despedir e ele desliga.

Com o telefone ainda na mão, revejo o rosto de um homem no locutório da prisão. Sua expressão cada vez mais apagada. O que vou lhe propor talvez a ilumine um pouco.

Depois, volto a avaliar minha posição. Estou dançando um *shake* em terreno minado. Se eu errar um passo, de mim não vão sobrar nem migalhas.

Desligo com delicadeza do telefone, como se ali também pudesse ter uma bomba.

Pego do bolso interno o bendito cartão e jogo o paletó sobre o sofá. Tiro os mocassins e vou para o quarto. Escondo aquele pedaço de papel no meu recanto seguro. Depois, ligo o televisor. A tela se ilumina enquanto estou me deitando na cama.

Não chego a apoiar a cabeça no travesseiro.

O aparelho está sintonizado no canal número 1, que transmite uma edição especial do telejornal. O rosto de Bruno Vespa é apropriado, sua voz inexorável, enquanto verifica um pedaço de papel que Paolo Frajese acabou de pôr na sua frente.

— ...e aqui temos a confirmação de que Mattia Sangiorgi, deputado da Democracia Cristã, irmão mais novo do senador Amedeo Sangiorgi, também deve estar entre as vítimas do atentado que aconteceu na mansão de Lorenzo Bonifaci, que foi encontrado morto. Ainda não sabemos os nomes das outras pessoas nem a dinâmica desse terrível crime, mas, segundo as primeiras informações não oficiais, parece que ninguém que estava na mansão conseguiu sair com vida, nem mesmo os agentes de segurança, homens competentes e treinados para garantir para o financista e para seus convidados a incolumidade que infelizmente não se concretizou. Falamos agora com o nosso enviado que se encontra em Lesmo, perto de Monza, diante da mansão onde aconteceu o massacre.

Às imagens do estúdio se sobrepõem as de uma externa ao vivo. O rosto de um repórter está em primeiro plano, com, ao fundo, um portão entre duas colunas de tijolos vermelhos. Um muro, atrás do qual se entreveem árvores altas, estende-se para a direita e para a esquerda, delimitando um parque.

O enquadramento permite que se veja um carro da polícia estacionado

atravessado em relação ao portão, impedindo que a massa de repórteres das redes de televisão e dos jornais que circula em busca de notícias acesse o local.

Nem ouço suas palavras.

De repente, estou respirando um ar denso com uma fragrância doentia, como se uma aura maléfica tivesse conseguido permear cada centímetro do quarto. Sentado sem ter voz ou expressão, verifico as imagens que não vejo e as vozes que não ouço, com apenas uma certeza impressa a fogo na mente.

Meu tempo, aquele que eu conhecia, dentro do qual eu me deslocava, acabou para sempre.

A CAMPAINHA TEM O ESTRONDO de uma explosão e estilhaça em mil pedaços o tempo cristalizado em que me fechei. Desligo o televisor e me levanto com a sensação de que as pernas sobre as quais me desloco não são minhas. Chego à porta com a certeza de encontrar do outro lado Lucio, que veio cobrar a solução de seu último ataque enigmático ou propor um café.

Porém, surge na minha frente o rosto sério de Stefano Milla. Com ele, estão dois policiais uniformizados. Um traz consigo um cachorro, um mestiço que deve ter nascido de um cruzamento de pastor alemão. O inspetor tem uma expressão neutra que, nesse caso específico, revela-se muito profissional. Neste momento, não tenho controle sobre a minha expressão. Em pouco tempo estamos novamente um diante do outro, mas, agora, somos duas pessoas diferentes. Eu sou aquele que abriu a porta e ficou perplexo e ele é um representante da lei.

Milla põe a mão no bolso, tira de lá uma folha, que estende em minha direção.

— Oi, Bravo. Acho que você vai ter que nos deixar entrar. Temos um mandado de busca.

Nem verifico o documento. Tenho certeza de que está tudo em ordem. Ele passa direto para o campo batido das formalidades.

— Informo que você tem o direito de pedir a presença de um advogado durante a inspeção. Pretende chamar alguém?

Balanço a cabeça e me ponho de lado para que eles entrem. Milla passa na minha frente, seguido pelos dois agentes. Param no meio da sala, olhando em volta, avaliando em silêncio o ambiente. O cachorro está tranquilo e, obedecendo à ordem do policial que o guia, senta-se no carpete.

— Você pode nos ajudar a acelerar o trabalho. Tem um porão ou um sótão?

— Não.

— Armas ou drogas em casa?

— Não.

— Cofre?

Sorrio, desconsolado. Faço um gesto eloquente com a mão.

— Para guardar o quê?

Vejo que um dos agentes dá uma risadinha. Ele se vira para ocultá-la. Milla não percebe e se dirige a seus homens com toda a autoridade de sua posição oficial.

— Tudo bem. Procedam.

Sem uma palavra, os dois saem e desaparecem no corredor. Meu pensamento os segue com certa apreensão. Agora, finalmente terei como verificar se o meu esconderijo secreto, que sempre julguei engenhoso, é à prova de buscas.

Milla está com uma expressão desolada. Não sei quanto é sincera.

— Sinto muito. Vamos deixar sua casa um pouco desarrumada.

— Tenho alguma alternativa?

— Acho que não.

Conformado, vou me sentar no sofá e espero. Stefano começa a vasculhar as gavetas. Não sei o que esperar dele. Certamente, estou em uma posição privilegiada, já que, de alguma maneira, conheço os esqueletos que ele tem no armário. Isso pode se transformar em uma vantagem? Acho que não, já que falar dele e Tano Casale significaria falar de *mim* e Tano Casale.

Talvez Stefano também pense as mesmas coisas porque, enquanto circula pela sala e pela cozinha, revistando e vasculhando, não trocamos nem um olhar, nem uma palavra. Acho que a presença dos dois agentes nos outros cômodos seja um impeditivo válido para qualquer forma de comunicação.

A busca parece durar uma eternidade. Reviram minha casa literalmente, abrindo gavetas, verificando cada pedaço de papel, tirando os quadros das paredes, tirando a capa do sofá e as fronhas dos travesseiros.

No final, os três ficam em pé no centro do cômodo. Três homens, para não falar do cão, quase o título de um romance de J. K. Jerome. Só que esta não é uma história com a qual seja possível se divertir muito, e o barco está cheio de furos.

Milla me olha.

— Parece que está tudo certo. Mas não é tudo. Você deve vir conosco.

— Estou detido?

— Se fosse o caso, já estaria viajando com algemas nos pulsos. Eles precisam de algumas informações na delegacia.

Levanto-me da cadeira onde me sentei depois que ele me expulsou do sofá. Pego o paletó e calço os sapatos.

— Vamos.

Saimos e, logo depois, já estamos no final da escada. Lá fora, não há ninguém. Procuo quantificar quantos pares de olhos nos observam das janelas e quantos “Eu sempre disse que...” estão esvoaçando em direção aos tetos. Depois, digo a mim mesmo que, no fundo, não me importa. É apenas curiosidade em cima de curiosidade, suposições em cima de suposições.

Do lado de fora do portão, estão à espera uma patrulhinha e um furgão da Unidade Cinófila.

O cachorro desaparece com um salto no fundo da sua viatura e eu sou conduzido rumo à viatura Alfa Romeo. O agente abre para mim a porta do lado direito e Milla se senta do outro lado. Quando estamos todos a bordo, o carro se move, sem o ultraje da sirene, deixando para trás aquela parcela do mundo honesto que nunca fará uma viagem como a minha.

O carro atravessa as ruas de Milão. Do lado de fora, há barulhos e sons. Dentro, apenas silêncio. Eu e Milla estamos sentados um ao lado do outro e absorvemos os trancos do asfalto sem nos olhar. Cada um estaria disposto a pagar para conhecer o pensamento do outro. Todos os dois mentiriam caso pedissem que os pensamentos fossem declarados.

A viagem termina na delegacia da via Fatebenefratelli. Atravessamos o portão e paramos no meio do pátio. Descemos do carro e chegamos a uma escadaria que sobe à nossa frente. Dois lances de degraus gastos e uma parede com o reboco deteriorado, depois, um corredor que ecoa nossos passos e, por

fim, uma porta de madeira.

Milla bate à porta e, ao ouvir do outro lado a palavra mágica que o autoriza, pega a maçaneta e cria um espaço vazio onde antes ficava a chapa de madeira. Entra em um escritório que, mesmo para alguém que chegasse ali de repente, sem ter passado pela entrada, teria ares de polícia por causa dos móveis dissonantes, da papelada sobre as escrivaninhas e dos arremedos de quadros pendurados nas paredes. Mas, sobretudo, por causa da aparência dos dois homens sentados ali dentro. Um sujeito na faixa dos 30 anos com um rosto escuro e maduro, cabelos compridos e barba por fazer está em uma cadeira com braços, no canto à esquerda. Está vestido de maneira comum, que talvez pudesse camuflá-lo perfeitamente na rua. Esta sala cheira a agentes infiltrados ou a Divisão de Operações Especiais, mesmo se ela fosse vista de um avião. Milla se dirige ao homem sentado atrás da escrivaninha.

— Bom dia, senhor delegado. Aqui está ele. Quanto ao resto, tudo negativo.

— Muito bem. Pode ir.

Enquanto o inspetor sai, o delegado me indica uma cadeira à sua frente.

— Sente-se.

Obedeço e ficamos frente a frente. O delegado é mais velho e muito mais formal do que o outro homem que está no recinto, usa uma camisa azul, um terno cinza e uma gravata pela qual deveria ser preso. Os cabelos são curtos e castanhos, o rosto é magro e o olhar, indecifrável por trás das lentes dos óculos.

Olho para ele e espero.

— Sou o delegado Vincenzo Giovannone, apenas para fazer as apresentações.

A respeito do outro, que está afastado e em silêncio na sua cadeira, não diz nada. Homem sem dados pessoais nem qualificação. Na minha cabeça, logo se torna O Inominado.

O delegado abre um dossiê que está na sua frente, sobre a escrivaninha.

— O senhor é Francesco Marcona, também conhecido pelo apelido de Bravo?

— Sou.

— Vejo que foi preso uma vez por exploração da prostituição.

Previsível. As danças começaram de forma canônica. Respondendo de acordo com o roteiro, embora tenha a sensação de que, a partir de certo momento, vamos improvisar.

— O senhor também deve estar vendo que a acusação não acarretou consequências e não fui sequer processado.

— Sim.

Giovannone finalmente levanta os olhos do dossiê. Concede a mim e a si mesmo um olhar direto. Os olhos são claros, agudos. São os olhos de um homem que sabe o que faz.

— O senhor conhece três garotas que se chamam respectivamente Cindy Jameson, Barbara Marrano e Laura Torchio?

— Conheço.

— Está a par do fato que, ontem à noite, estavam na mansão de Lorenzo Bonifaci, em Lesmo, perto de Monza?

Um mau pressentimento toma conta de minha cabeça e de meu estômago ao mesmo tempo. Tenho a mesma sensação desagradável de quando sonhamos que estamos caindo. Nessa lista de nomes, há algo absurdo e errado. Eu mesmo acompanhei Carla até San Babila. Não fiquei esperando que o carro enviado por Bonifaci chegasse para pegar as garotas no local do encontro, mas a presença de Cindy e Barbara naquele lugar maldito deveria confirmar também a presença de Carla.

Que diabos Laura tem a ver com tudo isso?

O tom áspero do delegado me arranca à força desta reflexão.

— Então, está a par ou não?

— Estou. Sei que elas tinham sido convidadas para uma festa.

Sem querer, a voz com que respondo não é a mesma de antes. É a voz de um homem que, de repente, esgotou suas falas ensaiadas. O delegado percebe.

Fica no meu encaço.

— Sabe que todas as três foram assassinadas?

Faço um sinal afirmativo com a cabeça.

— Sei. Ou melhor, suponho. Quando os seus agentes chegaram à minha casa, eu estava assistindo ao telejornal. Uma edição especial relatava o que aconteceu na mansão de Bonifaci.

— Vamos falar dele, então. O senhor conhecia Lorenzo Bonifaci?

— Não pessoalmente. Quero dizer que nunca o encontrei fisicamente. Travei com ele apenas conversas telefônicas.

O delegado exhibe uma expressão de surpresa, que parece gozação.

— Dizem que ele era um homem bastante fechado e reservado. Quase inalcançável. Por que ele tinha essa relação privilegiada com alguém como o senhor?

Engulo a provocação do *alguém como o senhor*. Faço um gesto vago que tento unir a um tom inocente.

— Frequento muitas pessoas em Milão. Sobretudo no setor da moda. Quando tinha convidados, ele me ligava para que eu chamasse garotas, modelos e manequins para embelezar suas festas.

— Festas ou festinhas particulares?

— Não tenho como saber. Nunca fui a nenhuma delas.

O delegado Giovannone muda repentinamente de assunto.

— O senhor conhecia um tal Salvatore Menno, um criminoso reincidente também conhecido pelo apelido de Tulipa?

— Conhecia.

— Sabe que ele também foi encontrado morto, assassinado com três tiros em uma pedreira perto de Trezzano?

Sei, e como!

pfft... pfft... pfft...

— Li nos jornais.

— E em que circunstâncias o conheceu?

— Encontrei-o várias vezes no Ascot Club, na via Monte Rosa. Entre nós, não havia nenhum tipo de relação, exceto o fato de sermos, ocasionalmente, clientes do mesmo estabelecimento. Em seguida, fui tomar satisfações com ele

por causa de certas atenções um pouco insistentes demais em relação a uma amiga.

— E como se chama essa sua amiga?

— Laura Torchio.

— Ah!

Esse breve monossílabo é longo como um romance e diz muito mais coisas. Coisas ruins. O delegado se levanta e vai até a janela. Para em silêncio, olhando para fora. Quando fala, abandona o tratamento formal. Em vez de denotar amizade, essa mudança soa como uma ameaça.

— Veja bem, Bravo, há elementos bastante curiosos no enredo dessa história.

Eu o ouço caminhando atrás de mim. Resisto à tentação de me virar.

— As pessoas que você frequenta têm a preocupante tendência a acabar mal. Um homem com o qual você foi tirar satisfações, como você mesmo definiu, é encontrado morto. Em uma mansão na qual é consumada uma verdadeira chacina, a mesma coisa acontece com três garotas que são suas amigas e com um financista importante com o qual você mantém contato.

Entendo que a pancada está a caminho. E, de fato, ela chega.

— O fato estranho é que o revólver que matou Salvatore Menno é também uma das armas usadas nos homicídios da casa de Bonifaci. Você faz ideia de como tudo isso seja possível?

É uma pergunta que não prevê uma resposta. Pelo menos, não uma resposta na qual o delegado esteja disposto a acreditar, a menos que seja uma confissão de minha parte. É uma notícia cuspidada na minha cara para ver qual será minha reação. Uma advertência de que, desde o momento em que uma perícia balística foi entregue em tempo recorde, estou entre os suspeitos.

— Não faço a menor ideia.

Giovannone volta a se sentar diante de mim. Durante todo o interrogatório, O Inominado não mudou de posição ou de expressão.

— Você pode me dizer onde estava na noite de ontem e na madrugada de hoje?

— Jantei no Torre Pendente, em via Ravello. Depois, dei um pulo na Budineria, na via Chiesa Rossa. Por volta de meia-noite, fui para casa e lá fiquei até hoje de manhã.

Não menciono a história de Daytona nem suas consequências. Um pensamento incômodo insinuou-se em meu cérebro. Um verme que extrai força e energia exatamente das palavras que Stefano Milla lançou ao ar durante nossa conversa da outra noite.

Apenas os tolos e os inocentes não têm um álibi.

O meu, para a noite em que o Tulipa foi morto, era Carla, que desapareceu. E nem para a noite da chacina tenho um álibi, porque eu estava sentado como um babaca no meu carro, esperando pessoas desconhecidas que não apareceram para retirar um envelope cheio de recortes de jornal.

— Tem alguém que pode confirmar o que você disse?

Meu Deus, não. Nem Lucio estava em casa. Estava no castelo de Carimate, brincando com seus violões de merda. Sinto uma raiva de origem desconhecida

tirar meu fôlego.

— Não.

Minha resposta foi seca, grosseira.

— Esse “não” pode lhe custar muito. E a maneira como você o disse, ainda mais.

O delegado interpreta o papel de um homem com raiva. Eu estou realmente furioso. Olho para ele e, desta vez, sou eu a fazer uma pergunta.

— Estou detido? Devo chamar um advogado?

— Não, você não está detido. Com os elementos que tenho em mãos, qualquer calouro idiota da faculdade de Direito libertaria você em uma hora.

Relaxo e tiro um pouco de onda.

— Posso ir embora, então?

— Pode. Mas, antes, você não vai ficar chateado se fizermos a luva de parafina, não é?

Ele está me sacaneando. E nem se dá o trabalho de disfarçar. Ele sabe muito bem que uma lavagem minuciosa eliminaria qualquer traço de partículas moleculares das mãos. Quer só encher meu saco e mostrar de que lado está o cabo e de que lado está a lâmina. Giovannone não disse nada, mas tenho certeza de que está a par da natureza do meu relacionamento com Laura, Cindy, Barbara e as outras garotas. Os policiais nutrem um desprezo salutar por quem executa certos tipos de tráfico, a despeito do nível. A não ser que, como Stefano Milla, se valham da própria posição para aproveitar o que restou no prato.

— Sem problema. Nunca disparei uma arma de fogo.

— Tem gente que, apesar de nunca ter dado um tiro, é mais culpada do que quem apertou o gatilho.

Giovannone faz uma pausa. Quando fala, sua voz está forrada de desprezo.

— Você é um merda que ganha dinheiro em cima de garotas tão estúpidas a ponto de lhe dar algum crédito. Você não passa de um cagão que não tem coragem de ir além. Resultado mínimo com esforço mínimo. Se a miséria fosse crime, você mereceria a prisão perpétua.

Sorri para mim. Mas só com os lábios.

— Desta vez, acho que você deu um passo maior que a perna e pisou em uma merda do tamanho da Lombardia. Com tudo o que já estava acontecendo, você não faz a menor ideia da confusão que essa história criou. E sei que, de alguma maneira, você está envolvido.

Faz uma pausa apenas para interromper o sorriso.

— Se estiver, vamos descobrir. Garanto que, nesse caso, muitos anos de cadeia não serão mais fruto de uma hipótese fantasiosa, mas uma realidade concreta que me dará tanto prazer quanto o pão fresco que como toda manhã.

Aperta um botão no telefone.

Logo em seguida, a porta se abre e surge um agente uniformizado.

— Alfio, acompanhe o senhor até o laboratório. E peça desculpas por nós se a luva que ele for usar não combinar com seu belo terno de grife.

Levanto a bunda da cadeira antes que ela se torne elétrica e sigo o policial. Enquanto abandono a sala ignorado pelos dois, tenho a satisfação de ver que O Inominado se levanta. Sei pelo menos que ele é dotado de função motora.

Também tenho a certeza de que ele não estava ali apenas para completar seu treinamento.

Quando saio da delegacia, depois de estar de saco cheio de uma longa série de fatos e comportamentos, são oito horas. A cidade que encontro do lado de fora não me parece mais a mesma do dia anterior, quando eu tinha a ilusão de que o cone de sombra atrás das luzes era um esconderijo satisfatório. Procuo ser realista comigo mesmo. Estou na merda até o pescoço. E o pior desta situação é a sensação de que o nível de merda está destinado a subir.

Vou em direção à piazza San Marco, onde sei que vou encontrar um ponto de táxi. No ar, paira uma sensação de ameaça iminente, algo que, até agora, nunca pude perceber, pois, de dia, sempre dormi e, à noite, sempre frequentei um ambiente impermeável a qualquer coisa que não fosse a busca obstinada pelo prazer. Cada passo é um pensamento, uma pergunta sem resposta, a nova versão de um mau pressentimento.

Percebo que estou com fome. Durante o dia inteiro não comi nada: a corrida antes da troca com Frontini, a conversa com Tano Casale, a descoberta da chacina, a chegada da polícia.

Muitas coisas, pouco tempo. Cada vez menos, receio.

Passo na frente de uma banca que está fechando. Os jornais devem ter tido muita saída hoje. Compro um dos últimos exemplares do *La Notte*, praticamente todo dedicado à chacina de Lesmo, como já se vê pela manchete da primeira página. Entro em um restaurante e me sento, depois de ter me certificado de que não havia ninguém conhecido lá dentro. Não estou com vontade de aturar todas as baboseiras que saem da boca de um certo tipo de gente que tenta ser interessante ou divertida.

Enquanto espero pelo garçom, abro o jornal. O artigo insinua muito mais do que declara, o que significa que o jornalista precisou se virar, baseando-se nas poucas notícias à disposição, que eram, sobretudo, os nomes das vítimas: Lorenzo Bonifaci, financista; Mattia Sangiorgi, deputado da Democracia Cristã; Ercole Soderini, construtor, com as respectivas fotos de arquivo.

Seguem-se os nomes das três garotas, entre os quais o de Carla insiste em não aparecer. Admiro a habilidade de quem escreve para deixar o campo livre para a fantasia do leitor no que diz respeito ao possível significado da presença de três homens e três mulheres, sem declarar nada que possa justificar um processo.

Poucas palavras sobre o pessoal da segurança, cujos nomes sequer são mencionados. Talvez por distração, talvez para não associá-los a toda essa imundície.

Por fim, o artigo deixa amplo espaço às considerações sobre o momento pelo qual a Itália está passando, perguntando se existe uma ligação entre o sequestro de Moro, o processo contra Curcio e seus companheiros e esse novo massacre, que, até agora, não foi reivindicado por ninguém.

Se alguém tivesse se declarado responsável, se esse delito tivesse uma origem declaradamente terrorista, eu não teria saído com tanta facilidade da delegacia. No caso de suspeitos subversivos, a polícia se torna menos propensa a adotar praxes que respeitam regras e procedimentos.

Fico no restaurante pensando e relendo algumas vezes a matéria, como se os fatos fossem mudar entre uma leitura e outra, comendo um alimento do qual aceito a substância, mas cujo gosto não consigo perceber bem. Duas perguntas martelam meu cérebro.

Por que Laura e não Carla?

Por que um envelope cheio de recortes de jornal e não cédulas?

As respostas não vêm. Em seu lugar, vem a conta sem que eu a tenha pedido. O estabelecimento está fechando. Não é um daqueles locais dispostos a oferecer hospitalidade e refeições até tarde, como quase todos os restaurantes da região.

De repente, estou na rua, onde nada mudou nem dentro nem fora de mim. Acrescentou-se apenas a minha determinação de tentar enxergar com clareza antes que outra pessoa o faça em meu lugar e venha à tona não a realidade, mas a aparência.

Sigo até o ponto de táxi. Ao lado, fica uma cabine telefônica. Entro, deposito a ficha e disco o número de Daytona. A esta hora, eu até poderia correr o risco de encontrá-lo em casa. O telefone toca várias vezes, mas ninguém atende.

Tomou um táxi e vou para o Ascot Club.

O taxista não fala, e também não: o motorista perfeito e o passageiro perfeito. Ele me deixa em meu destino enunciando apenas o preço da corrida.

A via Monte Rosa vive uma de suas noites comuns de tráfego, carros estacionados e mulheres paradas na rua. Posiciono-me sob uma árvore na esquina com a via Tempesta para poder controlar tanto a entrada do Ascot quanto a da Costa Britain.

Não sei quanto tempo terei de esperar, mas não quero fazê-lo na companhia de algum frequentador bisbilhoteiro do Club.

A esta hora, todos sabem o que aconteceu. Quem conhecia Laura, Cindy, Barbara e a relação delas comigo faria de tudo para ter notícias em primeira mão. Mesmo que o espetáculo só comece às onze e seja difícil encontrar alguém ali antes disso, prefiro me manter afastado. Essa sempre foi minha filosofia de vida, embora eu não possa dizer que tenha tido muita serventia.

Espero, passeando e fumando, até que minha constância é premiada. Do outro lado da rua, vejo duas mulheres vindo na minha direção. Atravessam mais ou menos na minha altura e, quando cruzam comigo, reconheço uma delas. É a que me olhava com um rosto cheio de suposições na manhã em que abordei Carla.

Aproximo-me e as faço parar.

São duas mulheres comuns, da mesma estatura e de idade indefinível, a aparência delas talvez valorizada pela penumbra. São tão parecidas que poderiam ser irmãs. Ou talvez não passem de umas coitadas, o que as une mais do que uma relação de parentesco. Elas param e ficam próximas, com os ombros se tocando, e têm estampada em seus rostos a suspeita de que eu possa tê-las confundido com prostitutas.

Dirijo-me ao rosto conhecido.

— Com licença, poderia me dar uma informação?

— Pode falar.

— Vocês fazem a limpeza da Costa?

— Fazemos.

— Tem uma moça que trabalha com vocês que se chama Carla Bonelli. Vocês não saberiam por acaso o endereço ou o número de telefone dela?

As duas se olham. Depois, a mulher à qual me dirigi responde por ambas.

— Que nome o senhor disse?

— Carla Bonelli.

A condenação chega rápido, sem hesitação.

— Não tem nenhuma garota com esse nome que trabalha conosco.

Não sei em quanto terreno estou apoiado, mas sinto o chão ceder sob meus pés.

— Tem certeza? Uma garota bonita, alta, de cabelos castanhos e olhos cor de avelã. Eu a vi sair com vocês há alguns dias.

— Sim, eu me lembro daquela moça. Mas nós a encontramos na rua, ao lado da porta, quando saímos. Ela não saiu conosco. E também me lembro do senhor. Desculpe, mas achamos que a garota fosse uma daquelas e que o senhor fosse...

Para antes de dizer o que pensava que eu fosse. E eu percebo o que realmente aconteceu. Na verdade, nunca vi Carla sair junto com as outras. Foi Daytona que a apontou fora da Costa Britain. Foi ele que lançou a provocação da abordagem, sabendo que eu a teria aceitado. Foi ele que...

Dou as costas às duas mulheres e vou embora, sem agradecer nem cumprimentar. Dane-se. Agora, tenho algo mais importante a fazer. Caminho depressa até o ponto de táxi da piazza Amendola. Sinto em meu corpo, justa como uma camisa de força, a necessidade de ter uma conversinha com Paolo Boccoli, mais conhecido pelo apelido de Daytona.

A MÃE DE DAYTONA MORA NO bairro Isola, na via Confalonieri, perto da Stecca degli Artigiani. Enquanto atravesso os jardins para chegar à casa, pergunto a mim mesmo se não estou fazendo uma besteira. Essa eventualidade deve ser levada em consideração, mas, quando estamos prestes a nos afogar, até mesmo uma esponja flutuando parece uma boia de salvamento.

Ontem à noite, rodei meia Milão, visitando sem resultado todos os lugares que meu amigo costuma frequentar. No Scimmie, encontrei Matteo Sana e o Godie, que, quando me viram, não se comportaram como eu imaginava. Achei que me levariam para um canto e torrariam meu saco fazendo perguntas. Mas fizeram de conta que não haviam me visto. Isso me deu a medida exata da minha posição atual. Sou uma pessoa com a qual não é oportuno ser visto. Nesse caso específico, talvez tenha sido melhor. Dei uma olhada ao meu redor no bar lotado, procurando a cabeça de Daytona com sua peruca.

Não a encontrei.

Pensei que ele pudesse estar em um monte de lugares: no cassino clandestino de Tano, em algum outro lugar onde há jogos de azar ou na cama com alguma vadia. Ou então, escondido em algum buraco, como uma ratazana traidora, roendo seu pedaço de queijo e esperando que a situação se acalme.

De qualquer modo, lugares não identificáveis e inalcançáveis.

No táxi que me levava para casa, lembrando as palavras de Daytona em uma situação quase análoga, tive uma ideia. Pobre, desesperada e patética, mas a única à disposição. E, agora, estou aqui, com uma grande agenda de couro embaixo do braço e, nas mãos, um pesado envelope amarelo formato ofício que, por ironia do destino, está cheio de recortes de jornal. Enquanto os colocava ali dentro, não consegui reprimir um sorriso, pensando que essa desforra poderia ser definida como a Lei de “Retalião”.

Lucio ficaria orgulhoso de mim por causa do trocadilho.

Mas não quis colocá-lo a par dos meus problemas para ganhar esse prêmio.

Chego diante do portão de um prédio comum, resultado da construção de habitações populares. Aqui mora a mãe de Daytona, que é o único ponto de apoio possível para minha escalada. Aquele merda tem uma relação bastante próxima com a genitora de suas desventuras, como costuma acontecer com os frequentadores de putas. Se ele deu o fora e sumiu por um tempo, sua mãe certamente sabe onde ele está. Em breve, com um pouco de sorte e muita cara de pau, espero também conhecer seu paradeiro.

Aproximo-me do interfone e aperto o botão correspondente ao nome Boccoli-Crippa. Passa um certo tempo, que imagino tenha sido o necessário para que ela arrastasse pelo corredor os pés calçados com chinelos de feltro. A voz que ouço é suave e agradável.

— Pois não?

Cruzo os dedos e me apresento.

— Bom dia, senhora. Sou Rondano, o corretor de seguros de Paolo. Não

consigo encontrá-lo em casa. Ele está aqui com a senhora por acaso?

— Não, viajou a trabalho por alguns dias.

Tudo como previsto. Essa coitada é a única pessoa em Milão que consegue associar o filho à ideia de trabalho. Se é verdade que, quando o assunto são filhos, os pais são cegos, ela deve ser pior do que uma toupeira.

— Eu já imaginava. Estava passando por aqui e, como estou com alguns documentos que precisam ser assinados, pensei em vir e deixá-los com a senhora. Trata-se de um reembolso. Se a senhora me deixar subir, posso entregá-los, assim, quando ele voltar, poderá assiná-los logo. Quanto antes eu os receber, mais rápido será o pagamento.

Ela fica atônita. Entendo pelo silêncio que se segue às minhas palavras. Por fim, o temor de prejudicar o filho ou de talvez suscitar sua ira vence sua prudência.

— Segundo andar.

A porta se abre com um barulho seco e metálico. A palavra pagamento é um pé de cabra capaz de forçar muitas portas, tanto físicas quanto mentais. Subo as escadas com suas cores desbotadas e seu cheiro de comida e água sanitária. A mistura não é entusiasmante. Mas não estou aqui para comprar um apartamento, e sim para roubar uma informação.

A mãe de Daytona me espera à porta. É uma mulher de estatura mediana, com o rosto marcado e ar indefeso. Está usando um vestido de casa com um avental por cima. Talvez eu a tenha interrompido enquanto preparava a comida, talvez mais por hábito do que por fome. Do pouco que sei sobre sua vida, acho que o único acontecimento positivo foi a morte prematura de um marido que a tratava mal. Infelizmente, o destino, em revanche, reservou para ela um filho como Daytona, que a chama de *minha mãezinha* e que deve ser responsável pela metade dos cabelos brancos que ela tem na cabeça.

Algumas pessoas parecem não ter direito a um pouco de tranquilidade.

Ela me cumprimenta com sua voz agradável, que, no interfone, me fez imaginar uma aparência totalmente diferente. Fantasia no rádio, realidade na televisão.

— Bom dia.

— Bom dia, senhora.

— Teresa Crippa.

Apesar do meu estado de espírito, sinto certa ternura por causa dessa apresentação formal com nome e sobrenome. Estendo a mão com meu melhor sorriso. Ela a aperta temerosa, como se não se sentisse à altura da pessoa com quem está falando.

— Prazer. Sou Marco Rondano.

Estendo o envelope.

— Aqui está, sra. Teresa. Aí dentro estão os documentos de que falei. Diga ao Paolo para assinar onde eu fiz uma cruz a lápis.

Ela repete para ter certeza de que entendeu direito.

— Assinar onde tem a cruz a lápis.

— Exato. Obrigada, senhora.

Recuo dois passos, como se estivesse indo embora. Paro e interrompo seu

cumprimento levantando o pulso para olhar o relógio. Mostro o rosto preocupado de uma pessoa que se lembrou de algo importante.

— Posso lhe pedir um favor?

— Pode falar.

— Preciso contatar uma pessoa agora, senão, não a encontro mais no escritório. A senhora me permite dar um telefonema? Não é interurbano.

Muitas pessoas mais velhas prestam atenção aos gastos com o telefone. Acrescentei esse detalhe para garantir que o favor pedido não custará nada.

— Se for aqui na cidade, não tem problema. Paolo é que paga minha conta de telefone e eu não gostaria que ele gastasse muito.

Eu poderia dizer que o filho perde no jogo em cinco horas a pensão que ela recebe em cinco anos. Mas seria uma maldade inútil e uma perda de tempo: certos mitos são impossíveis de destruir.

A sra. Teresa me faz entrar em um corredor que, de tão limpo, parece uma pintura. No ar, um leve aroma que lembra as pastilhas Valda. Os móveis são surrados, mas brilhantes, provavelmente ainda os mesmos do seu casamento. Nas paredes, quadros ordenados, comprados na feira ou prêmios de uma pescaria beneficente. Uma foto do filho na escola junto dos colegas, com um trabalho de crochê como *passe-partout*, está pendurada em cima do telefone. Tem uma frase bordada: Primeiro Ano do Segundo Grau. Achei que a instrução de Daytona não tivesse chegado a tanto. Quando vejo o aparelho, dou um suspiro de alívio. É daqueles pretos, com o disco no qual enfiamos o dedo para discar o número. Está em cima de um móvel difícil de identificar, com duas prateleiras sobrepostas e duas portinhas embaixo.

Apoio a agenda sobre a prateleira inferior.

Disco o número da minha casa e finjo uma conversa tensa com um cliente insistente, deixando um longo recado na minha secretária eletrônica, ultrapassando o bipe que marca o fim do tempo concedido. Termino como se tivesse ficado em dificuldade devido às palavras do meu interlocutor.

— Não se preocupe, em dez minutos estarei aí. Piazzale Maciachini, não é?

Deixo a pausa para uma resposta que nunca é dada.

— Número seis, muito bem. Até daqui a pouco.

Viro-me para a pobre sra. Teresa, que acompanhou a conversa da cozinha, onde, sobre a mesa, estão verduras já fatiadas e outras ainda a serem cortadas para um futuro *minestrone*. Receita trabalhosa, mas saudável e, sobretudo, econômica. Comporto-me como se estivesse com muita pressa.

— Pronto. Muito obrigado. Infelizmente, preciso sair correndo. Dê um abraço no Paolo e diga para ele dar notícias.

Ela dá um passo na minha direção.

— Não se preocupe, sei o caminho. Obrigado, senhora.

Ouçõ seu até logo quando já estou no corredor. Ela não sabe como aquela saudação é verdadeira. Se tudo correr bem, nos veremos novamente em quinze minutos.

Bato a porta e saio depressa, com o temor de ouvir a voz da sra. Teresa me chamando de volta. Por sorte, não acontece. Entro no primeiro bar que encontro. Tomo um café, fumo um cigarro enquanto folheio o *Corriere della Sera*, apoiado

junto com a *Gazzetta dello Sport* sobre o freezer dos sorvetes.

Nas páginas, palavras e fotos. Todas dedicadas ao que aconteceu em uma rica mansão em Lesmo, perto de Monza. Fatos e suposições, histórias de pessoas, rostos sorridentes de belas garotas, semblantes sérios de homens em situação oficial, corpos caídos no chão e cobertos por lençóis encharcados de sangue transformados em uma mancha pela impressão de baixa qualidade em preto e branco. A despeito da resolução, um adeus à vida e ao pouco de privacidade que pelo menos a morte deveria conceder.

Não há qualquer menção à mulher com olhos cor de avelã que deveria estar naquela casa. Ela não esteve em nenhum dos lugares aos quais me disse que iria. Só na minha casa e na minha pele, em alguns momentos.

Olho o relógio. Passaram-se vinte minutos. Acho que já chega.

Poucos segundos depois, estou apertando mais uma vez a mesma campainha de antes. A voz leva o mesmo tempo para responder.

— Quem é?

— Senhora, desculpe-me, é Rondano novamente. Esqueci minha agenda. Posso subir para pegá-la?

A porta se abre. Entro e subo rápido as escadas. Ela está na soleira, me esperando com o objeto da minha amnésia proposital em mãos.

— Sou mesmo um avoadado. Hoje não estou dando uma dentro. Como se costuma dizer, quem não tem cabeça tem que ter pernas.

Recebo de suas mãos o volume encadernado e trancado por uma fechadura.

— É bem pesada.

— É essa capa em couro que a torna pesada. Foi um presente da minha namorada, senão, eu já teria trocado.

Novamente nos cumprimentamos e, desta vez, quando desço as escadas, minha pressa não é fictícia. Assim que chego à rua, tiro do bolso do paletó uma pequena chave de latão e abro a fechadura que bloqueia a agenda. Fico reconfortado com o que vejo lá dentro. Escavei no corpo do papel um nicho da medida certa para conter o gravador portátil que, ainda agora, sob meus olhos, está girando. Aperto sucessivamente o botão STOP e o outro para voltar a fita. Com um miado, a fita chega ao início. Espero até alcançar o carro antes de ouvi-la, e nunca trezentos metros me pareceram tão longos.

Sento-me ao volante e fecho a porta. Dou um suspiro que equivaleria a um cruzar de dedos e aperto o PLAY. Há um trecho em que se ouve, um pouco baixa, mas inteligível, a conversa entre mim e a mãe de Daytona. Toda a minha comédia até os cumprimentos e minha saída de cena.

Por fim, o que me interessa.

No silêncio da casa, o barulho do disco do telefone que gira. Claro e forte. Apesar da barreira da capa da agenda.

Trrr... trrr... trrr...

Depois, a voz da sra. Teresa.

— Oi, meu amorzinho, sou eu.

Silêncio.

— Sei que não devo ligar, mas estive aqui um sujeito atrás de você. O seu corretor de seguros. Ele trouxe uns documentos que precisam ser assinados para

um reembolso.

Silêncio.

— Não sei. Estão em um envelope.

Uma pausa. A mulher fica ansiosa ao declarar sua inadequação.

— Você sabe que não entendo nada dessas coisas. Vou colocá-lo no seu quarto, assim você o abre quando chegar.

Mais um breve silêncio. Desta vez não para escutar, mas para tomar coragem.

— Você volta logo?

Imagino Daytona escondido em algum lugar, inquieto e nervoso, com a peruca desarrumada e o rosto corado. Imagino o rosto da mãe enquanto dá espaço às mentiras do filho. Acho que, se ela tivesse decidido abrir o envelope, as minhas teriam caído por terra.

— Tudo bem, meu querido. Mas tenha cuidado. E ligue de vez em quando.

O barulho do telefone no gancho e, em seguida, o barulho dos passos que se perdem. Na cozinha, presumo.

Paro o gravador. Da breve conversa que ficou registrada, tive a confirmação de duas coisas. A primeira é que, seja lá o que estiver acontecendo, aquele babaca do Daytona está envolvido até o pescoço. A segunda é que talvez eu consiga descobrir o lugar em que ele se refugiou.

Posiciono novamente a fita no ponto em que a sra. Teresa discou o número. Pego uma folha de papel e começo um processo de identificação que espero que se revele eficaz. Começo a marcar os números contando os pulsos do disco do telefone. O sistema é um pouco empírico e preciso repetir a operação várias vezes antes de obter um resultado que considero confiável. Se é que existe um deus que protege os filhos da puta, imploro que ele ponha a mão na minha cabeça e tire-a de cima da de Daytona.

trrr... trrr... trrr... trrr... trrr... 5

trrr... trrr... trrr... trrr... trrr... trrr... trrr... 7

trrr... trrr... trrr... trrr... 4

trrr... trrr... trrr... trrr... trrr... trrr... 6

trrr... trrr... trrr... trrr... trrr... 5

trrr... trrr... trrr... trrr... trrr... 5

Tenho um número: 574655

E agora, preciso de um endereço. Entre as pessoas que conheço, só existe uma a quem posso recorrer. Ligo o carro, ando um pouco e paro na primeira cabine telefônica que encontro. Eu poderia ligar para o serviço de informações da companhia telefônica, mas receio que só funcione a partir de um telefone doméstico. Tenho apenas uma alternativa. Não posso dizer que o dedo com que componho o número da delegacia da via Fatebenefratelli está muito firme.

Peço ao telefonista para falar com o inspetor Stefano Milla. Fico esperando e, depois de alguns instantes, ouço sua voz.

Muito profissional, portanto, impaciente na medida certa.

— Inspetor Milla.

— É o Bravo.

A mudança de tom é repentina. Imagino que corresponda a uma mudança brusca de posição na cadeira.

— Está louco, ligando para mim aqui?

— Talvez. Mas estou com uns problemas.

— Eu sei. E quer arrumar problemas para mim também?

— Não, se você me der uma mão.

Essa última frase soa como uma chantagem. Talvez seja, talvez não. O importante é que Milla acredite.

— O que você quer?

— Tenho um número de telefone. Preciso saber o endereço correspondente.

— Por quê?

— É uma história longa e meio obscura. Mas assim que eu conseguir entender alguma coisa, você será a primeira pessoa a saber.

— Bravo, não vá fazer merda.

— Essa é a última das minhas intenções. Exatamente por isso preciso desse endereço.

No final, ele cede. Um pouco por medo e um pouco pela curiosidade inata que transforma um homem em policial.

— Tudo bem. Pode dizer o número.

Dito os algarismos lentamente para que ele possa anotá-los.

— De quanto tempo você precisa?

— O necessário. Onde posso te encontrar?

— Em casa. Se eu não estiver, pode deixar um recado na secretária eletrônica.

— É um pouco arriscado.

— Apago logo depois de ouvir.

O silêncio que se segue significa incerteza. Sem dúvida, está avaliando a natureza da confusão em que está se metendo ao me ajudar. Ele não precisa calcular as conseqüências, pois já as conhece muito bem. É sempre necessário contar os passos quando dançamos com sapatos diferentes.

Tento puxar a brasa para a minha sardinha.

— Stefano, não sei o que está acontecendo, mas eu não tenho porra nenhuma a ver com toda essa história. Mande para Bonifaci três garotas, como já havia feito um monte de vezes. Só isso.

Por enquanto, ainda não julgo oportuno que ele saiba mais. Há coisas que preciso saber e entender antes de compartilhá-las com qualquer outra pessoa. Minha posição já é bastante delicada e não pretendo fornecer a ninguém os elementos para fazê-la desabar de vez.

No fim, Milla cede.

— Vou agir o mais rápido possível.

Agradeço, se é que isso tem algum valor. Desligo e me vejo sozinho, esperando o endereço no qual se encontra minha última e ínfima esperança. Olho à minha volta. O clima neste período parece estar com pena dos homens. Sol e céu azul de primavera, vento fresco que leva embora a poluição. Gente trabalhadora circulando, os malandros ainda na cama, curando-se dos próprios

vícios. Se fosse um dia normal, talvez eu também estivesse dormindo. Ou então, estaria perambulando por Milão, matando tempo e administrando meus tráficos, almoçando no Santa Lucia ou comendo um sanduíche da Bagi.

Mas não é o que está acontecendo. Não pode ser.

Várias pessoas morreram. Três delas, eu mesmo pus em um carro e mandei para o matadouro. Eu tinha direito a trinta por cento de seus ganhos. Tenho a sensação de que está caindo sobre mim cem por cento da responsabilidade.

Olho à minha volta.

Dirigindo a esmo, costeei o Cemitério Monumental e fui acabar na via Cenisio. A uns cem metros do lugar onde estacionei o Mini fica o Pechino, um restaurante chinês ao qual vou com frequência e onde fazem os melhores *gyozas* fritos de Milão.

Como estou com pouca fome, tanto faz se vou comer em um lugar ou em outro. Enquanto caminho em direção ao restaurante, começo a sentir um incômodo no baixo-ventre, uma queimação sutil que conheço bem. Para uma pessoa na minha situação anatômica, inflamações nas vias urinárias são bastante frequentes. Sinto também alguns arrepios, não sei se por causa do estresse ou por causa de um pouco de febre.

Tac, capturado! Foragido e febril.

Isso é o que diria o Godie apoiando dois dedos abertos como uma tesoura no meu pescoço. Mas o momento não é esse, e não sei se algum dia esse momento voltará. Estou com pressa demais para ficar doente e sentir pena de mim mesmo. Finalmente, entrei no ritmo da cidade que me circunda, na qual, por definição, a pressa é rainha e todos correm até para ir dormir. Nessa agitação coletiva, minha vida está em jogo. Agora, preciso somente esperar, ansioso, que um policial corrupto me dê a informação de que necessito para, depois, esclarecer algumas questões com um amigo.

A cinquenta metros do restaurante fica uma farmácia. Atrás do balcão, vejo uma moça de jaleco que usa óculos e tem o rosto cheio de espinhas. O incômodo está aumentando, mas não estou com vontade de falar sobre isso com ninguém, muito menos com uma mulher. Peço uma caixa de Furadantina que a farmacêutica, depois de fazer um pouco de história, aceita vender mesmo sem receita.

Saio e tomo um comprimido engolindo-o sem água. Não quero ser visto sentado na frente de uma mesa enquanto tomo alguns remédios. Uma mania causada pelo pudor do deficiente. Abro a porta do Pechino e logo estou no meio de lanternas vermelhas e outras bugigangas chinesas, a decoração daquele pequeno restaurante que, ao meio-dia, não tem muito movimento. De fato, neste momento, apenas uma mesa está ocupada.

O dono, que me conhece bem, vem me receber. É um sujeito capaz e sorridente, um elemento anômalo em relação à comunidade chinesa de Milão, geralmente muito fechada e pouco comunicativa. Fala italiano e milanês perfeitamente. É muito divertido ver o dialeto articulado em seu rosto exótico. O restaurante também deve seu sucesso à simpatia do proprietário, além dos incontestáveis méritos da cozinha.

Trocamos cumprimentos e acho que é possível ver pelo meu rosto que não estou de bom humor, pois ele não estica a conversa. Acompanha-me até a mesa, anota meu pedido e se afasta em direção à cozinha, onde a mulher está atrás do fogão.

Sento-me na diagonal do balcão do bar, que fica à direita, logo após a entrada. Um rapaz chinês está mexendo na máquina de café e olhando para um televisor portátil com o áudio muito baixo, apoiado na bancada de mármore.

Estão transmitindo o telejornal e imagino a dificuldade dos redatores para se dividir entre a avalanche de notícias que chegam de todos os lugares. Mas a grande notícia do momento é representada pelos fatos de Monza. Da minha posição, consigo ver bastante bem a tela, pela qual desfilam imagens que, de alguma maneira, eu já havia visto nas fotos dos jornais.

Levanto-me e vou até o televisor.

O rapaz, um sujeito cuja voz nunca ouvi, continua seu trabalho e não me pergunta nada. Sou eu que peço para ele aumentar um pouco o volume.

Ele atende ao meu pedido e também gira o televisor na minha direção.

Na tela, aparece um homem que, assim que saltou de um carro escuro, foi logo circundado por agentes da polícia protegendo-o do ataque dos jornalistas. Atrás da aglomeração de pessoas, é possível reconhecer a entrada do Hotel Principe di Savoia, na piazza della Repubblica. O homem no centro das atenções é alto e robusto, com cabelos bastos e grisalhos nas têmporas, e tem a expressão decidida de quem sabe aonde quer ir e como fazer para chegar até lá.

Eu o conheço bem.

Todos o conhecem bem.

É Amedeo Sangiorgi, siciliano, líder de bancada no Senado e ponto de referência do seu partido e da vida política italiana. Seu irmão Mattia, muito mais jovem do que ele, é um dos homens que foram encontrados mortos na mansão de Bonifaci. Era deputado na Câmara e uma das novas figuras da Democracia Cristã, há muito tempo apontado como futuro presidente do Conselho de Ministros.

O fato de o irmão ter sido encontrado morto em companhia de outros dois homens de sua classe social e de três garotas jovens e bonitas parece não deixar nenhuma marca no rosto de Amedeo Sangiorgi. Certamente, por dentro, ele deve estar fervendo de raiva porque esse aspecto do caso se tornou de domínio público em vez de permanecer oculto entre os meandros do segredo instrutório. Mas ele é um homem hábil e experiente demais para mostrar as próprias emoções e para não saber que vivemos em um país estrangeiro, no qual certas fraquezas são perdoadas e esquecidas com extrema facilidade. Com uma pequena ajuda dos amigos, como se costuma dizer. Tenho certeza de que, depois das primeiras ilações, Cindy, Barbara e Laura, com as pressões certas nos lugares certos, se tornarão três competentes e desafortunadas secretárias que pagaram caro por estarem presentes em um jantar de trabalho naquele lugar e naquele dia.

Um repórter da RAI se aproxima de Amedeo Sangiorgi com um microfone em mãos, seguido por um operador com uma câmera sobre o ombro. O senador faz um sinal para o policial que está prestes a bloquear a passagem do repórter e aceita conceder o que comumente é definido como uma breve declaração.

Sua voz é profunda, marcada por um véu de pesar e indignação.

— Esse gesto é filho de uma barbárie sem precedentes, que leva a desprezo total pela vida humana. Deixa-nos atônitos enquanto nos perguntamos que tipo de homem pode ter dentro de si tanta ferocidade. Ficamos chorando por nossos irmãos, maridos e filhos. Estes são momentos em que a esperança e a confiança nas instituições, assim como as palavras, parecem nos faltar. Mas é exatamente em momentos como este que é nosso dever, e nosso direito, reagir. Precisamos ter certeza de uma só coisa: seja qual for a origem desse vil ataque, seja ele de caráter terrorista ou ligado a uma trama qualquer do crime organizado, tal injúria não ficará sem punição. As forças da ordem estão trabalhando para que os culpados sejam entregues à justiça e recebam a merecida pena.

Sua voz treme um pouco no final do discurso. O rosto é obscurecido por um instante pela sombra da dor. É a representação perfeita do que as pessoas esperam de um homem na sua posição: dignidade e firmeza capazes de superar um envolvimento emocional.

A imagem volta ao âncora no estúdio, que começa a analisar, segundo as informações divulgadas à imprensa, quantos homens podem ter participado do comando que perpetrou o ataque à mansão do massacre, que é como ele passa a definir o local da chacina.

Voltam-me à mente as palavras do comissário Giovannone.

Você não faz a menor ideia da confusão que essa história criou...

Pelo contrário, faço toda a ideia. Um político do calibre de Aldo Moro nas mãos das Brigadas Vermelhas, um outro enviado para o mármore do necrotério por mãos ainda desconhecidas. Além das tensões dos processos em andamento e do gélido véu de medo que cobre as pessoas e as coisas.

Neste momento, todos os agentes da polícia, dos *Carabinieri*, da Divisão de Operações Especiais e do Serviço Secreto devem estar trabalhando. E, nos vários ministérios, todas as pessoas importantes devem estar com as mãos na cabeça, perguntando a si mesmas que diabos está acontecendo neste país e deslocando os homens, que nunca são suficientes, de um lado para outro do mapa, como soldadinhos nos jogos de guerra.

Vejo o dono do restaurante chegar da cozinha e apoiar sobre a minha mesa o prato de *gyoza* que eu havia pedido. Volto a me sentar e como em silêncio, com a queimação no baixo-ventre aumentando, em vez de diminuir. Obrigo-me a terminar a comida, segundo a lógica de que é necessário pôr combustível para produzir energia.

Olho o relógio. Talvez Milla já tenha conseguido a informação de que preciso. De qualquer maneira, não tenho mais paciência de esperar passivamente, com a impressão de não ser dono da minha existência.

Pago a conta, saio do restaurante e volto à cabine telefônica perto do carro. Deposito uma ficha e componho o número de casa. Escuto minha voz que declara minha ausência e pede que seja deixado um recado. Espero o fim e pronuncio a sequência vocal que ativa o comando remoto.

Depois de alguns barulhos e chiados, o aparelho encadeia toda a sequência de recados. Alguns telefonemas de clientes que não sabem em que encrenra

podem se meter deixando um recado gravado naquela fita. Sandra, uma das minhas garotas, pede que eu ligue para ela. O telefonema de alguém que desligou sem dizer nada. Minha conversa com o nada, feita da casa da sra. Teresa Crippa. Depois, por último, a voz de Stefano Milla que, sem comentários, fornece-me o endereço que eu havia pedido.

Assim que entro no carro, o anoto, embora tenha certeza de que não vou esquecê-lo. Entro no tráfego enquanto penso que a viagem até San Donato Milanese será longa. Enquanto isso, a queimação se tornou um fio incandescente que alguém enrolou no meu baixo-ventre e no meu estômago.

NA VELOCIDADE MÁXIMA PERMITIDA, meu carrinho azul segue rumo à metrópole que todos conhecem como San Donato Milanese, um centro urbano que, há dois anos, pode se vangloriar do título de cidade. Cidade satélite, com todas as implicações que essa definição comporta. É um lugar estranho, reino incontestado da Eni, que dá trabalho a um alto percentual de habitantes. Duas realidades em uma. Metade lojas e escritórios e metade dormitório, com todos os serviços que uma situação desse tipo exige. Um exemplo clássico da inventividade lombarda, que eu nunca conseguirei entender por completo.

Enquanto viajo, minha mente continua a vagar pelas ruas tortuosas que alguém decidiu me forçar a percorrer. Os personagens que fazem parte desta história, da qual não consigo entender o início nem ver o fim, estão todos sentados a meu lado no carro.

Tano Casale, com sua voz conhecida, esperando para receber o prêmio de um cartão da loteria falso e dobrar seu capital graças a uma brilhante ideia que tive. Laura, que deveria estar livre e feliz com seu artista de cabaré e que acabou morrendo em um lugar onde não deveria estar. Carla, que deveria estar naquele lugar, desapareceu como um fantasma depois de ter se apresentado como uma pessoa que nunca foi e talvez com um nome que nunca teve. Daytona, que fez de tudo para que eu a encontrasse e que, depois de toda a confusão, tomou um chá de sumiço. Por fim, eu, que faço parte daquela categoria de tolos ou ingênuos que cruzam uma história como esta sem a proteção de um álibi.

Sinto arrepios de febre. A dor no ventre se estabilizou em um nível suportável, mas ainda assim não é algo agradável com que conviver. Saio do anel viário e entro na via Rogoredo. Sigo reto por um tempo, margeando estabelecimentos que, com o passar dos anos, surgiram em uma área que era prevalentemente agrícola. Sigo até encontrar um lugar para estacionar o Mini.

Tomo outro comprimido e procuro no mapa de Milão e adjacências que mantenho no carro o endereço que Milla me deu. A casa onde está instalado o telefone para o qual a mãe de Daytona ligou fica na via dei Naviganti Italiani, 106, e o titular da assinatura é um tal Aldo Termignoni. Um nome que nunca ouvi. Mas, com as várias atividades do meu amigo, seria um pouco difícil conhecer todas as pessoas que ele atende e frequenta.

Prossigo aos poucos, parando várias vezes para verificar a direção para onde o mapa me guia. Saio da cidade e sou levado pelas indicações rumo à periferia, em que ainda existem realidades agrícolas remanescentes. Construções que formam um quadrado, os últimos postos avançados contra a invasão do progresso e o ataque da construção civil. Enquanto me desloco, passa sobre minha cabeça o estrondo dos aviões em fase de aterrissagem que sobrevoam a área urbana em baixa altitude rumo ao aeroporto de Linate.

Finalmente, dobro na rua que estava procurando. Fico no meio de um pequeno aglomerado de casas e, na minha frente, se abre uma rua que continua na direção de um grupo de árvores que entrevejo ao fundo. Verifico o número da

última casa à esquerda e noto que, deste lado, estão os números ímpares. Prossigo lentamente até encontrar outras construções. Os números parecem sair um a um do saco de um bingo.

Não há ninguém na rua. Os carros estão estacionados nos pátios ou rentes à calçada, e as pessoas estão dentro das casas. Um menino brinca em um jardim, sozinho. Ignora o quanto aquela solidão poderá crescer com o tempo. Gestos, palavras, vida cotidiana. Um despertador que toca, um filho que deve ser levado à escola, o dia do pagamento que nunca chega, quinze dias por ano de férias remuneradas, um baile em uma gafieira, sexo no carro com uma garota que espera se tornar sua esposa.

Para os menos sortudos, uma puta de cinquenta mil liras na estrada para Paulo.

A dor no baixo-ventre e os arrepios continuam, agora acompanhados de enjoo. Depois de passar pelas árvores, estou no que poderia ser definido como campo aberto, se não fosse pelo muro do enésimo estabelecimento que desponta ao fundo de uma plantação de trigo. Talvez seja em um lugar como este que vão passear um dia o Velho e o Menino da canção de Francesco Guccini.

Chego a uma casa rústica isolada que já viu dias melhores e que, depois de todos esses anos, ainda tem um ar de pós-guerra. O aspecto é decadente e o terreiro parece mais o depósito de um ferro-velho do que o de uma casa de fazenda. Uma geladeira enferrujada está apoiada em uma árvore, a carcaça de um carro sem placa e sem pneus está montada sobre quatro pilhas de tijolos. Uma das persianas está inclinada para um lado e a janela parece o olho de um cachorro com a pálpebra abaixada. Nos fundos, é possível entrever uma construção baixa feita com chapas de metal enferrujadas pregadas em estacas enfiadas na terra.

As ervas daninhas cresceram a esmo para semear sua costumeira desordem e só é possível chegar a um dos lados da casa passando pelo meio de uma autêntica plantação de urtigas. Um número traçado com um pincel inábil e tinta preta em uma das duas colunas dispostas nas laterais do caminho de entrada confirma que cheguei a meu destino.

Paro o Mini no pátio. Talvez devesse ter ido além, estacionado longe e caminhado até a casa. Mas estou com muita dor e com muita pressa.

A porta que dá para a frente da construção está fechada por um cadeado preso a uma corrente que passa através de dois furos abertos nas duas folhas de madeira. No térreo, as persianas estão fechadas. Margeio a casa e sigo até os fundos. Uma calçada de cimento se estende, quebrada, por todo o seu comprimento. Da porta semiaberta do barracão, que não dava para ver da rua, desponta a traseira alaranjada do Porsche de Daytona. Percorro a calçada, ultrapasso as janelas protegidas por grades e chego até uma porta de madeira.

Está encostada.

Empurro-a, temendo instintivamente que emita algum rangido.

Digo a mim mesmo que sou um idiota.

Minha entrada já foi anunciada pela chegada do Mini no pátio. Entro e vejo um ambiente escuro e sujo, aparentemente desabitado. Dou uma olhada rápida pelo térreo. Só cômodos vazios, papéis jogados no chão, uma coberta

empoeirada e uma pilha de pratos trincados no que parece ser a cozinha. Por toda a parte, cheiro de umidade, poeira e salitre. Fico imaginando quem consegue viver em uma pocilga como esta. Porém, alguém deve conseguir, já que paga as contas de telefone e de luz.

Subo a escada que começa no hall de entrada e leva ao andar superior, segundo a arquitetura típica dessas casas rurais. Quando chego lá em cima, estou em uma área um pouco mais cuidada, na qual um esboço de limpeza revela a presença humana. Um corredor ocupa todo o seu comprimento, com as portas dos quartos abrindo-se como bocas espantadas.

À direita, parece que a área é um pouco mais abandonada, portanto, viro à esquerda. Passo por um cômodo onde estão dois catres com um colchão em cima. Uma porta fechada com vidro fosco poderia ser o banheiro. Depois, outro cômodo com a porta entreaberta, através da qual é possível vislumbrar uma cama de casal com os lençóis desarrumados.

Finalmente, atravesso um umbral e chego ao último ambiente daquela ala.

Com uma rápida olhada já se tem uma ideia do lugar. Há paredes com pequenas áreas desenhadas com rolo, poltronas rasgadas, revistas e copos sobre uma mesinha, embalagens de comida largadas numa prateleira, pratos sujos em um balde, um forinho a gás ligado a um botijão e um telefone preso à parede.

Enquanto subia, eu me perguntei por que ninguém foi ver quem estava chegando.

Agora que estou aqui, entendo o motivo.

Daytona está no chão, deitado de lado com a cabeça apoiada sobre um braço esticado. A parte da frente da camisa está vermelha de sangue. Por causa da queda, a peruca que ele arrumava de maneira mórbida dividiu-se ao meio. Uma parte caiu esticada sobre a manga enrolada da camisa e a outra cobre seu ouvido, revelando a calvície que ele sempre tentou esconder de todas as maneiras. Ao ouvir meus passos, move os olhos sem virar a cabeça. Reconhece minha figura e o alarme em seu olhar se dilui em alívio.

— B... avo.

Falou com um fio de voz, tanto que intuí mais do que ouvi meu nome ser pronunciado. Ajoelho-me ao seu lado. Ele respira com dificuldade, com um arfar sibilante que parece vir de um lugar que não fica neste cômodo.

Chora, não sei se de dor ou de culpa. Um soluço se transforma em um jorro de espuma avermelhada que brota dos lábios para conhecer o mundo. Do canto da boca, escorrega para o chão e se torna uma lágrima vermelha de desilusão.

— Me p... doa.

O perdão não faz parte desta vida. Mas tenho a impressão de que, daqui a pouco, nem ele fará mais, por isso, dou sem esforço o que ele me pede.

— Claro que perdoe, seu imbecil.

Como se tivessem sido evocadas pelas suas, lágrimas também brotam em meus olhos: por ele, por mim, por todos os idiotas como nós, por todo mundo que um deus imperfeito relegou do lado de fora destas janelas com os vidros sujos. Por todos aqueles que nos levaram a ser como somos, por nós que o permitimos. Por esta dor que me atormenta as vísceras e que deve ser semelhante a que Daytona está sentindo.

— O que aconteceu?

— Deram fa... das.

Cada palavra parece ser fruto de um esforço infinito. Ele sabe que chegou ao fim. Está contando os respiros, à espera do último, aquele que ninguém jamais conseguirá fixar na memória porque, depois, não existe mais nada. Talvez esteja se perguntando se valia a pena fazer tantas armações para tentar uma jogada importante que nunca aconteceu. Talvez esteja se perguntando por que levou uma vida tão mesquinha, iludindo-se de que era melhor do que um trabalho honesto, para receber em troca esta recompensa: morrer sozinho como um cachorro no chão imundo de um lugar no cu do mundo, deixando como herança sua existência vazia.

— Quem foi?

Levanta com dificuldade uma das mãos e a leva até a cabeça. Pega a peruca e tenta ajeitá-la, em um último e desajeitado impulso de vaidade. Estico a mão e o ajudo a arrumar aquele tufo de cabelo brilhoso de tanto laquê e tintura.

Repito a pergunta.

— Quem foi, Daytona? Onde está Carla?

Ele me olha sem me ver. Parece que está revivendo uma cena à qual eu não assisti. Talvez a cena de sua morte. Talvez, como muitos costumam dizer, toda sua vida. Depois, fecha os olhos.

— Co... bianchi.

É sua última palavra.

Uma lufada de náusea parte do meu estômago e chega à garganta. Levanto-me, dou um passo para trás e me curvo como a lâmina de um canivete que se fecha.

Vomito.

Golfadas longas e doloridas que parecem partir meu estômago e minha cabeça ao meio. Quando terminam, um véu de suor frio cobre meu corpo. Lamento que meu elogio fúnebre a Daytona seja uma regurgitação que envolveu ao mundo os *gyozas* transformados em uma papa ácida.

Pego o lenço e limpo a boca.

Vejo que ele ainda tem no pulso o Daytona de ouro que marcou as fases alternadas de sua existência e que o marcou mais do que seu próprio nome e sobrenome em um certo ambiente milanês. Tiro-o de seu pulso, pensando que aquele relógio é a única coisa que ainda se movimenta naquele corpo. Guardo-o no bolso do paletó. Assim que puder, o entregarei à sua pobre mãe, com a qual compartilho um destino desagradável: descobrir da pior maneira quem era realmente seu filho.

A exígua presença de espírito que ainda me resta me diz para fugir deste lugar o mais depressa possível. Não consigo deixar de pensar que, se eu tivesse chegado um pouco antes, talvez agora eu estivesse caído no chão ao lado de Daytona, perdendo aos poucos cor e calor. Dou uma última olhada no cadáver de um homem que eu acreditava ser meu amigo sem me lembrar de que, no fundo, amigos de verdade não existem. Daytona era um patético marginal de meia-tigela, mas talvez, apesar de tudo, não merecesse o que aconteceu. Vou embora e o abandono no chão deste lugar de merda enquanto suas roupas reabsorvem todo

o seu sangue. A próxima noite talvez seja a primeira em anos que ele não vai virar.

Deixando também de acordar na tarde seguinte.

Desço as escadas e percorro o trajeto que me leva de volta ao Mini. Entro no carro, ligo o motor e parto desta casa com seu ar de abandono, de tempo desperdiçado e de morte. Os calafrios aumentaram, a queimação continua a inflamar meu baixo-ventre e o vômito não fez desaparecer esta náusea que parece encher meu estômago de espuma.

Apoio uma das mãos na testa. Sinto que está queimando. Talvez seja autossugestão, talvez seja febre ou então a desforra do meu físico por ter presenciado a agonia de Daytona. O preço da angústia, de avançar tateando sem entender nada do que está acontecendo à minha volta.

Esta não é uma das brincadeiras que faço com Lucio, maquinações de duas mentes presas em corpos que as abrigam de má vontade. Tenho a sensação de que este é um enigma terminal cuja solução pode ser pior que a própria charada.

Sou um guerreiro incapaz, sozinho e assustado, com medo de morrer no escuro.

Vou até o anel viário retornando pela estrada que usei para chegar aqui, sem voltar a entrar na cidade. Por prudência, prefiro não passar duas vezes na frente das mesmas janelas e dos mesmos pátios. Em todo o restante da viagem de volta para casa, continuo a ser atormentado pela última palavra de Daytona, sussurrada com uma voz que não era mais a de um ser vivo.

Cobianchi.

O que o Cobianchi tem a ver com isso?

Trata-se de um hotel diurno que fica embaixo da via Silvio Pellico, na Galleria del Duomo. Existe um outro na piazza Oberdan, na região de Porta Venezia. É um lugar onde é possível tomar uma ducha ou um banho de banheira, encontrar um barbeiro e uma manicure, telefonar, ficar no bar ou deixar as bagagens. Faz parte de uma cadeia de estabelecimentos semelhantes que foram abertos por um industrial na primeira metade dos anos 1920 em muitas grandes cidades como Milão, Bolonha, Turim, Roma e Nápoles. Na época, como não era tão comum que as casas tivessem banheiro, esses estabelecimentos eram considerados banhos públicos. Todavia, o uso de materiais de luxo e a decoração de bom gosto davam a esses lugares um ar requintado, transformando-os em pontos de encontro frequentados por uma clientela mais exigente, em viagem de lazer ou de negócios.

Fico pensando o que pode representar em toda esta história uma instituição que, devido à evolução dos costumes e das possibilidades econômicas, está destinada a desaparecer, algo que no futuro talvez venha a se tornar uma relíquia, um achado da arqueologia social a ser visitado como testemunho de um estilo de vida e de uma época que não existem mais.

O que tem a ver um lugar visitado diariamente por centenas de pessoas com o homicídio de meia-dúzia de seres humanos em uma luxuosa mansão em Lesmo? Parece-me pouco provável que um lugar tão abertamente público possa se tornar o esconderijo de alguém. Ou então me engano e a resposta a esta pergunta deve ser procurada em um velho ditado, segundo o qual a melhor

maneira de esconder uma coisa é torná-la evidente.

Pego a saída que dá na Vigevanese, na direção da minha casa. Do outro lado da rampa, ficam edifícios e galpões que abrigam escritórios e comércios. No alto, no topo de um desses prédios, o letreiro de uma empresa de desratização. Uma vez, passando por aqui com Daytona e o Bisteca, sobreviventes de alguma noite em claro, ouvi este último falar do banco traseiro em dialeto milânês.

— *Ehi, chî ciapen i danee per masà i ratt.*

Lembrando-se de que não sou de Milão, repetiu a frase em italiano.

— Aqui ganham dinheiro para matar ratos.

Penso apenas por uma fração de segundo, aquele minúsculo intervalo de tempo que é mais do que suficiente para a mente transformar em palavras a própria intuição.

— Sabe qual é o slogan dessa empresa?

Proseguiu sem esperar minha resposta.

— Eu odeio esses ratos!

Rimos como uns imbecis ao ouvir aquela frase pronunciada em uma imitação perfeita da voz do Chuvisco, o gato dos desenhos animados de Hanna & Barbera. Piadas, gestos e risadas que parecem estar a séculos de distância, quando atravessávamos nosso tempo sem entender o que acontecia à nossa volta.

Todos para a cama depois do Carosello, o horário noturno dos comerciais na televisão.

Só que, vinte anos mais tarde, aquele intervalo publicitário não existe mais, deixando-nos sem pontos de referência, tendo à nossa frente as longas horas da madrugada a serem preenchidas. Durante a viagem de carro com o Tulipa, lembro que pensei, olhando as luzes da cidade, que muitas pessoas teriam um despertar ruim ao descobrir como a festa prometida havia na verdade terminado. Eu achava que aquele momento não fosse chegar tão cedo. Achava que não fosse chegar para mim.

Uma espécie de raiva endurece meu maxilar e aumenta a sensação de náusea.

Fico pensando quais serão os comentários de quem o conhecia, quando a morte de Daytona for descoberta. Pergunto-me o que vai pensar e fazer o inspetor Stefano Milla quando descobrir que um homem foi encontrado morto no endereço que ele havia me passado por debaixo dos panos. Uma coisa é certa: não posso ficar sentado no sofá da minha casa como um idiota, esperando que ele resolva aparecer e exigir esclarecimentos, oficialmente ou não.

Desta vez, passo pelo portão com o carro e vou parar exatamente diante dos vidros da porta de entrada. Vou precisar sair logo com uma sacola nas mãos e estou passando mal demais para levá-la além do muro.

Vou até o meu apartamento, esperando não encontrar Lucio. É o que acontece e fico feliz. Estou mal de diversas maneiras e por muitos motivos. Não tenho vontade de ser puxado para uma disputa que, com o tempo, tornou-se um costume, a ponto de eliminar entre nós qualquer outra forma de comunicação que não se manifeste através de enigmas e brincadeiras.

Agora que a aposta do jogo subiu, tudo me parece bobo e infantil. A morte é uma prima-dona, tem a capacidade de monopolizar a atenção. E quanto mais

estranhas são as circunstâncias em que se apresenta, maior é a atenção. Ao mesmo tempo, de um modo ou de outro, ela tem o dom de criar protagonistas. Estou percebendo tudo isso à minha própria custa agora que, para onde quer que eu vire os olhos, acabo encontrando corpos ensanguentados caídos no chão. E, ao que parece, cada um deles tem um dedo esticado que aponta para mim.

Chego em casa pronto para correr até o banheiro e vomitar mais uma vez. Em meio à agitação, um jato mancha a beirada do paletó. Eu o tiro e o jogo no cesto de roupa suja.

Lavo o rosto e me olho no espelho.

O que vejo não é mais o rosto do homem que eu conhecia. Tenho olheiras e uma cor amarelada, os lábios estão ressecados e rachados. Os cabelos têm restos de uma teia de aranha que devo ter tocado sem perceber ao explorar a casa de fazenda.

O belo rapaz inútil que fazia as mulheres dizerem “Com você, seria grátis...” e que, apesar do seu cinismo e da sua presunção não conseguiu entender que se tratava de uma mentira, parece ter caído ao lado de Daytona naquele lugar de merda. Quem me olha é um homem diferente. Agora, cabe a mim descobrir até que ponto, antes que sejam os outros a me revelar essa informação.

Tiro a camisa e a ponho junto do paletó. Pego outra limpa no armário do corredor e puxo para fora uma sacola de viagem. Vou apoiá-la sobre a cama e ligo o televisor. Passo pelos diversos canais em busca de um noticiário. RAI 1 e 2, Telemilano, Antenna 3, mais algumas outras redes que as revistas identificam como “de âmbito local”. Encontro apenas programas infantis ou bobagens do gênero.

Desligo o aparelho inútil e ligo o rádio relógio que está sobre a mesinha de cabeceira.

Começo a encher a sacola com roupas e objetos indispensáveis para uma viagem breve. Durante todo o tempo, do minúsculo alto-falante do rádio, a voz de Claudio Baglioni me fala da Tunísia e me propõe uma viagem distante. Queria que ele estivesse cantando dentro do quarto para que eu pudesse explicar-lhe como isso seria um prazer para mim.

Quando a sacola está cheia, enquanto iniciam as notas de uma velha canção dos Dik Dik, começo a abrir meu cofre particular, que os policiais não encontraram durante a busca.

A cama é de ferro batido, com quatro pés redondos nas laterais das cabeceiras. São mais grossos e um pouco mais altos do que a média e terminam com castões de latão. Inclino-me ao lado do primeiro, seguro na sua base um anel que, à primeira vista, parece um ornamento e o faço dar uma volta completa. Desta maneira, desbloqueio o castão, que só pode ser desparafusado em sentido horário, ao contrário do que acontece normalmente. Simples, mas, à luz dos resultados, eficaz. Dentro, um leve recipiente cilíndrico de plástico transparente preso ao castão por um barbante. Eu o extraio e tiro a tampa que o fecha. Apoio o tubo plástico na cama e deixo cair dele os rolos de cédulas. Repito a operação nos outros três pés da cama, recuperando todo o meu dinheiro líquido e quatrocentos e noventa milhões que, por enquanto, estão representados apenas por um cartão da loteria esportiva.

Sempre pensei que fosse melhor não confiar aos bancos todo o meu dinheiro. Em primeiro lugar, um fluxo contínuo e significativo sem uma justificativa plausível poderia ser comprometedor no caso de fiscalização. Em segundo lugar, poderiam acontecer situações em que não fosse aconselhável espalhar cheques nem recibos de cartões de crédito.

Os eventos legitimaram minha prudência, que, às vezes, julguei um pouco excessiva. Porém, a sabedoria popular me sugeria que o seguro morreu de velho e eu nunca me senti à vontade para contrariá-la.

Enfio o dinheiro na sacola de viagem e o cartão da loteria no bolso. Abandono sobre a mesinha de cabeceira o bipe, que poderia se revelar uma faca de dois gumes. Pego a sacola com a precariedade emocional não do emigrante, mas do homem perseguido. O programa musical termina e começa o noticiário. Pronto para uma viagem sem duração nem retorno certos, paro no centro do quarto para escutar.

Desligo sem sequer esperar o final da transmissão.

A voz do jornalista entrou na minha casa e, com uma palavra após outra, estilhaçou o mundo à minha volta. Enquanto saio porta afora, impulsionado não mais pela pressa, mas pela fúria, pergunto-me se o resto da minha vida será suficiente para juntar os pedaços de volta.

PARO O MINI DE FRENTE PARA as grades de um portão com a tinta descascada na via Carbonia, em Quarto Oggiaro. Salto e demoro um pouco a achar a chave certa no molho que está na minha mão. Depois de diversas tentativas, consigo destrancar a fechadura. Abro o portão e volto ao carro. Sou obrigado a parar logo em seguida para fechar a entrada de automóveis. Sinto dentro de mim uma ansiedade que me obriga a fazer tudo depressa, com a sensação de que a luz é uma inimiga e de que todos na rua só têm olhos para mim.

Durante a viagem de Cesano até aqui, dei muitas voltas, entrando à direita e à esquerda e olhando o retrovisor para ver se estava sendo seguido. Quando pareceu que tudo estava direito, que não havia nenhum carro suspeito me escutando, parei em uma banca de jornais. Comprei a edição vespertina, algumas revistas e periódicos de criptogramas. Parti novamente e liguei o rádio, dando vida a vozes que logo apagava e a músicas que logo interrompia, procurando um noticiário para confirmar as informações que eu havia acabado de ouvir, com aquele leve masoquismo que acompanha o afã das pessoas ameaçadas.

Por fim, parei para ouvir a edição especial de um noticiário da RAI dedicado à evolução dos eventos do caso Bonifaci. Algumas horas antes, a sede da Ansa havia recebido um telefonema anônimo cuja autenticidade estava sendo verificada. O homem havia reivindicado, em nome das Brigadas Vermelhas, a responsabilidade pelos delitos de Lesmo, definindo-os como uma nova e vitoriosa ação na guerra armada contra o Estado e seus representantes, um outro sucesso depois do sequestro de Aldo Moro e a aniquilação de sua escolta. Seguiu uma declaração gravada do ministro do Interior, na qual era ressaltada a extrema gravidade da situação e, ao mesmo tempo, a firmeza das instituições diante da ameaça do terrorismo. Uma reunião extraordinária do governo estava em andamento.

Era, *grosso modo*, o que eu já havia ouvido em casa. Foi por isso que decidi cair fora antes que Giovannone, ou alguém em seu lugar, resolvesse que havia elementos mais do que suficientes para me deter enquanto eles procuravam entender o que eu tinha a ver com toda aquela história.

Depois, o locutor anunciou uma novidade que poderia representar uma reviravolta no curso do inquérito. Algo que, por um lado, fez com que eu vislumbrasse um raio de luz e que, por outro, atirou-me em um lugar nojento e escuro. Uma testemunha ocular, um rapaz que voltava de uma discoteca, havia visto, na noite da chacina, dois carros com várias pessoas a bordo saindo pelo portão da mansão de Bonifaci. Um Volvo *station wagon* e um carro pequeno, escuro, azul-marinho ou preto, que a testemunha identificou como um Mini ou talvez um Fiat 127.

A notícia me deixou petrificado. Os calafrios se tornaram um tremor incontrollável, tanto que tive de parar e esperar que passassem. Depois, fui

tomado por um frenesi para chegar logo a meu destino e descobrir se minhas suspeitas tinham ou não fundamento. A confirmação não teria resolvido nada, apenas transformado uma série de perguntas difíceis em respostas alarmantes.

A buzina de um carro que está esperando atrás de mim faz com que eu volte a tomar consciência da situação e do lugar em que me encontro.

A poucas dezenas de metros, há uma rampa de cimento que conduz a uma série de garagens subterrâneas. Rumo para lá, deixando livre a passagem para o outro carro que está se dirigindo aos estacionamentos ao ar livre no pátio do prédio. Quando chego ao fim da rampa, viro à direita, em direção ao portão com o número 28.

Na claridade incerta que chega filtrada pelas grades no alto, encosto o Mini ao lado da longa sequência de portões de ferro. Salto e abro o portão que me interessa. Dentro, está estacionado um Fiat 124 cor de avelã. Um carro anônimo, no que diz respeito ao modelo e à cor. Exatamente o que preciso neste momento. Entro no carro e encontro as chaves no para-sol. O motor dá a partida quase imediatamente, cuspidando uma fumaça densa pelo cano de escape. Agradeço minhas periódicas cargas de bateria que permitiram este pequeno milagre. Com o novo meio de locomoção, torno a sair. Abandono o Fiat 124 em uma das vagas marcadas nas áreas asfaltadas em torno dos edifícios.

Toda vez que estou ao ar livre, tenho uma sensação obscura de ameaça, amplificada desmedidamente pelas condições físicas precárias em que me encontro. Volto à penumbra da garagem e ao frescor que ela me oferece.

Vou até o Mini e o estaciono no devido compartimento, no qual há mais espaço do que o necessário. Fecho o portão e acendo a luz pendurada no teto, que cria mais sombra do que luz neste espaço exíguo. Acrescento a reverberação dos faróis nas paredes desbotadas. Pego no porta-malas uma lanterna. Volto a me sentar ao volante e abro o porta-luvas. Retiro os documentos e aciono a alavanca do capô.

Enquanto desço do carro, repito para mim mesmo que sou um idiota, que estou pensando bobagens, que não é possível que alguém...

Acontece poucas vezes, mas há certezas que, quando aparecem, são mais devastadoras do que qualquer ignorância. É o que penso, é o que sinto no momento em que aponto a luz da lanterna e percebo que, desta vez, o número do chassi corresponde ao do documento.

De repente, sinto na boca um sabor rançoso e meu hálito parece infectar todo o escasso ar úmido contido nesta caixa de cimento, neste abrigo para carros que agora parece ter se transformado na cela da morte para um ser humano.

Começo a inspecionar o Mini meticulosamente. Desloco os bancos, tiro os tapetes, verifico os bolsos laterais e o conteúdo do porta-luvas, esvazio o porta-malas. Enquanto isso, digo a mim mesmo que não é tão simples. Se minha suspeita corresponde à verdade, quem quer que tenha armado toda esta trama certamente foi muito cuidadoso e fantasioso.

Pego um alicate de eletricitista e uma chave de fenda na bolsa de ferramentas. Começo com o porta-malas, tirando o estepe do lugar e levantando o revestimento do fundo. Não encontro nada de estranho. Passo para a parte interna. Levanto os bancos da frente e, com o alicate, começo a cortar o banco

de trás, revelando e, em seguida, extraíndo, o estofamento fibroso escondido pelo forro.

Só paro quando o encosto e o assento estão completamente esvaziados, sem revelar nada de anormal. Estou todo suado. A cabeça está latejando e parece que há alguém fazendo força lá dentro para tirar meus olhos das órbitas. A queimação voltou a ser uma faixa incandescente que envolve minhas vísceras.

Começo a me ocupar dos bancos da frente.

Deslizo o que fica na frente do volante até que saia dos trilhos. Ponho-o no chão, na frente dos faróis acesos, e inflijo a mesma punição metódica aplicada ao banco traseiro, mais uma vez sem sucesso. Volto à parte interna do veículo e aponto o feixe luminoso da lanterna para o chão. Espalhada sobre o assoalho como um insulto, está uma mancha vermelho-escura. Não é necessário ser médico para entender do que se trata. O sangue apresenta um cartão de visitas que não precisamos ler. Não sei de quem é, mas tenho certeza de que qualquer técnico em um laboratório poderia confirmar que corresponde ao de uma das vítimas da mansão Bonifaci.

Prossigo como um alucinado, enquanto ouço vozes sussurrando palavras incompreensíveis em meu ouvido. Ou talvez elas só existam na minha cabeça e só se tornem tão reais por causa da febre e da ansiedade.

Corto, rasgo, desmonto. Finalmente, o encontro.

Preso com fita adesiva dentro da porta do passageiro, está um revólver munido de silenciador. Encontro-o de repente, como se fosse uma ameaça sob a luz esbranquiçada da lanterna. Um passageiro clandestino inerte e silencioso, mas, ao mesmo tempo, sinistro e ameaçador. Também neste caso, não há dúvida: tenho certeza de que é a arma que, em uma noite, no meio do campo, abriu três furos no corpo de Salvatore Menno, vulgo Tulipa, fazendo apenas o barulho de três flechas que acertam no alvo.

pfft... pfft... pfft...

Mesmo sem o respaldo de uma perícia, tenho certeza de que aquela arma também cumpriu seu dever em outro lugar, mais especificamente, em uma mansão em Lesmo, perto de Monza.

Arranco-a do seu alojamento forçado e sinto seu peso em minha mão. É uma Beretta, embora eu não saiba dizer de qual modelo. Entendo um pouco de armas porque meu pai tinha duas. Nunca dei um tiro, mas o observei manejá-las várias vezes. Libero o carregador e o inspeciono. Está cheio de projéteis. Quem a colocou naquele lugar fazia questão de trabalhar com capricho, de não me deixar indefeso. Ou de convencer a pessoa que a encontrasse de que eu era um sujeito corajoso e pronto para qualquer coisa.

Certifico-me de que a trava de segurança está ativada e enfito a arma na sacola. Tenho certeza de que estou cometendo um erro, mas, neste momento, sinto-me mais protegido levando-a comigo. O objetivo de quem a escondeu no meu carro era me foder. Se por acaso nos encontrarmos, prefiro não estar de mãos abanando. Estou na merda, mas não tenho intenção alguma de permitir que meu título seja escavado nela.

Levanto o portão de ferro e uma lufada de ar fresco me faz respirar novamente de maneira decente depois do calor úmido daquele cubículo. Pego a

sacola e lacro os restos do meu carro naquela câmara mortuária. Saio em direção ao elevador que fica embutido em uma parede de cimento aparente do outro lado da pista de acesso à garagem.

Aperto o botão do quarto andar, esperando não encontrar ninguém. O edifício em que me encontro é uma espécie de colmeia em forma de C à margem da cidade e da lei. Quarto Oggiano é um bairro no qual a marginalidade se estabeleceu e prosperou, o que o tornou um lugar malfrequentado, onde não é aconselhável se meter na vida alheia.

Como sempre, o diabo não é tão feio quanto se pinta e a situação em Quarto Oggiano não é tão dramática. No entanto, dadas as circunstâncias, é o que me convém: o lugar certo no qual me refugiar, ainda mais agora que o diabo está no meu encaixe e me parece muito mais feio do que qualquer uma de suas representações.

O elevador para. Deixo que as pichações nas paredes informem à posteridade e aos passageiros que Luca é bicha e Mary é uma piranha. Com o respectivo número de telefone. Outro rabisco, semiapagado por uma mão apressada com uma opinião diferente, afirma que o Inter é uma merda. Esses pequenos vandalismos, que antes eu via com certa irritação, agora me parecem um testemunho da normalidade, de vidas que têm tempo a perder, da ausência de qualquer pensamento, exceto uma furtiva banalidade.

Saio e estou em um corredor. Longo e silencioso, com o reboco que deixa transpirar um leve cheiro de umidade. A porta logo à esquerda é a do apartamento ao qual me dirijo. Quando finalmente estou lá dentro, dou um suspiro de alívio instintivo.

Deixo a sacola cair no chão e me apoio na porta.

A cabeça lateja. A dor nos olhos melhorou. A queimação, não.

Tiro do bolso do paletó a Furadantina e ponho entre os lábios outro comprimido. Engulo-o, mais uma vez sem água. Depois, inclino-me e pego na sacola um estojo com uma reserva de medicamentos. Enquanto o procurava, toquei várias vezes no metal inerte do revólver. Em vez de me agitar, aquilo me transmitiu segurança. Vou à cozinha e pego um copo em um móvel em cima da pia. Em seguida, o enxágua e pingo nele algumas gotas de Novalgina, que serve tanto para a febre quanto para a dor de cabeça. Acrescento um pouco de água e bebo, aceitando o amargo do remédio, que parece melhorar o gosto de fel que tenho na boca.

Volto à sala e resumo com um olhar o lugar em que me encontro. O apartamento é um pouco maior do que o meu, com uma copa-cozinha e um quarto a mais. A decoração corresponde ao que se espera de um edifício e de um bairro como estes.

Móveis ordinários, quadros ordinários, tecidos ordinários.

No ar, cheiro de fechado e uma sensação de abandono. Sobre todas as coisas, um véu de poeira que não tenho intenção alguma de tirar. Assim como também não tenho intenção de chamar alguém para tirá-lo por mim. Aqui, até um ano e meio atrás, morava uma pessoa que atualmente está na prisão de San Vittore.

Carmine Marrale é um dos homens mais feios e, ao mesmo tempo, com um

dos maiores paus do mundo. Conheço o primeiro lado da sua anatomia porque tenho olhos e o segundo porque recebi as confidências de uma das minhas garotas, a única que havia aceitado ter relações carnavais com ele depois que outras se recusaram, aterrorizadas.

Eu o conheci em circunstâncias peculiares, daquelas que, quando acontecem, ou afastam para sempre seus protagonistas ou criam um relacionamento, independentemente das bases para seu desenvolvimento futuro. Mais especificamente, ele e eu somos os atores principais de uma história clássica, aquela que fala de dentes e pão.

A ironia da vida no poder.

Eu estava fora de Milão, perto de Motta Visconti, em uma *trattoria* no meio do campo, conhecida e frequentada por causa de suas receitas à base de rãs. Fritada com rãs, risoto de rãs, rãs fritas. Para os amantes do gênero, um lugar que valia a pena frequentar. Naquele período, estava na moda sentar-se na frente daquelas mesas espartanas e comer o que era servido, bebendo vinho sem rótulo. Não era raro encontrar ali personagens importantes, ou que se julgavam importantes, de Milão. Acabei indo parar lá com um grupo de pessoas de cujos rostos e nomes não me lembro e que nunca mais vi. As únicas coisas de que me lembro são uma garota da qual eu gostava e o meu mau humor, que se transformou lentamente de desejo físico em desejo de ser outra pessoa e de estar em outro lugar. Quando decidi que bastava, levantei-me e transformei cinquenta por cento das minhas vontades em realidade.

Parei na saída e acendi um cigarro. Um carro com três pessoas a bordo saiu do estacionamento atrás da *trattoria*, surgindo de repente do canto à minha direita. Olhei as luzes traseiras que se afastavam e se perdiam na escuridão, desbotadas por uma nuvem de poeira que se desprendia da estrada de terra. Em uma daquelas estranhas brincadeiras do acaso, dos olhos e da memória, decorei o número da placa.

Saí para pegar o carro, que era o último no fundo do estacionamento. Na metade do caminho, intuí, mais do que vi, a figura de um homem caído no chão.

Estava deitado de costas e tentava, sem êxito, virar de lado. Inclinei-me sobre ele. Ajudei-o a se sentar tendo, ao fundo, seus xingamentos sussurrados à meia-voz. Não era necessário muita luz para perceber que quem executou aquele serviço havia exagerado.

O nariz daquele homem estava quebrado e um dos lábios estava cortado. Todavia, a penumbra não me permitiu contar os vários hematomas. Imaginei que o corpo não estivesse em condições melhores do que o rosto. Uma vez em posição ereta, o sangue do queixo começou a pingar na camisa. Peguei um lenço no bolso e passei para ele.

— Nada quebrado?

Ele movimentou as pernas e me respondeu através do tecido leve comprimido contra o lábio.

— Acho que não.

— O que aconteceu?

— Levei uma surra. Eram três filhos da mãe.

— Você os conhecia?

— Estavam com o rosto coberto. Uns covardes de merda.

— Chamo uma ambulância? Talvez você esteja com alguma lesão interna.

— Não, nada de ambulância nem de pronto-socorro.

Lendo nas entrelinhas, essa última afirmação também tinha outro significado: nada de polícia.

— Você consegue dirigir?

Antes de responder, fez uma rápida avaliação estatística de suas energias.

— Não.

Depois, me examinou.

— Pago cem mil liras para você me levar para casa.

Respondi rápido.

— Duzentas.

Ele respondeu com a mesma rapidez.

— Você é um babaca.

— Sou, mas um babaca em condições de dirigir. Caso não queira aceitar minha oferta, você sempre pode chamar uma ambulância.

— Vá se foder. Me ajude a levantar.

Amparei-o até que ele ficasse em pé e ouvi uma nova ladainha muito fantasiosa de coisas ligadas à religião. Coloquei-o no carro e parti rumo à sua casa, no endereço que ele havia me informado. Durante a viagem eu não conseguia tirar os olhos do seu rosto inchado sob a luz intermitente dos postes. Lembro-me de um meio-sorriso, logo interrompido pela ferida no lábio.

— Não adianta me olhar. Garanto que, antes das pancadas, eu era ainda mais feio.

Trouxe-o para este apartamento em que estou agora. Ajudei-o a se limpar e a se deitar na cama. Observei enquanto ele procurava a melhor posição que o corpo podia oferecer sem exigir em troca muita dor. Por fim, pus em cima da mesinha de cabeceira uma garrafa d'água e algumas aspirinas que encontrei no banheiro.

— Quer que eu ligue para alguém?

— Não.

— Lamento ter de tocar nesse assunto, mas você me deve duzentas mil liras.

Ele apontou sem falar para a gaveta do criado-mudo a seu lado. Eu a abri. Dentro, havia cédulas. Conteí o valor que ele me devia e coloquei o dinheiro no bolso.

Ele não deixou de comentar aquele meu gesto.

— Você é um urubu.

— Talvez. Mas vou acrescentar um presente ao serviço de transporte.

Tirei do bolso interno do paletó uma caneta e escrevi algumas letras e números em uma revista que estava ao lado do abajur.

— Não sei se pode ser útil, mas esse é o número da placa dos caras que bateram em você.

Dois meses mais tarde, encontrei-o por acaso no Negher de Milan, um bar no Naviglio. Foi ele que se aproximou. Ofereceu-me uma bebida e especificou que não se tratava de um agradecimento, pois as duzentas mil liras que embolsiei haviam sido uma recompensa mais do que suficiente. Era apenas para festejar o

sucesso de uma expedição punitiva contra os três marginais que o haviam surrado, identificados graças ao número da placa que eu fornecera.

De alguma maneira, nos tornamos amigos, até onde possam ser amigos dois ratos que, por equívoco, vão parar dentro de um garrafão de vinho. Conheci sua história, que é semelhante à de tantos outros sujeitos que vivem entrando e saindo da prisão. Uma juventude na rua com más companhias, algumas bravatas e pequenos furtos. Em seguida, roubos em apartamentos e, depois, assaltos à mão armada. Com alguns intervalos como traficante de cocaína para conseguir uns trocados nos momentos de vacas magras. A mulher o abandonou quando percebeu que ele nunca mudaria e descobriu que estava grávida. Carmine voltou e encontrou a casa deserta, os armários vazios, a gaveta sem o pouco dinheiro que costumava conter.

E um bilhete em cima da cama.

Nele, ela anunciava que não tinha intenção alguma de permitir que o filho crescesse com um pai como ele. Desde então, Carmine não a viu mais. Um dia, recebeu um envelope da Alemanha, no qual havia somente a foto de um menino de uns dois anos. No verso, escrito a caneta, um nome: Rosario.

Quando Carmine tentou o enésimo assalto, duas pessoas acabaram morrendo. Um policial à paisana que se intrometeu e uma cliente do banco. Ele foi preso graças a uma denúncia e, no processo, pegou vinte e dois anos. Então, decidi arcar com as despesas do seu apartamento a fim de tê-lo à disposição, bem como o automóvel, em caso de necessidade. Agora, sinto que foi um dinheiro bem-gasto e que, pelo menos por um curto período, a casa de Carmine representa um refúgio seguro. Pelo menos enquanto a ação movida pelos familiares das vítimas não a tirar dele. Foi um pacto entre nós dois e ninguém está a par. Deposito o valor do condomínio por meio de um vale postal e as despesas continuam a ser quitadas como se ele as pagasse. O mesmo acontece com as outras contas.

Pego a sacola, vou para o quarto e a apoio sobre uma cadeira. Por sorte, meu amigo tem os mesmos hábitos que eu. Na frente da cama, fica um móvel com um televisor Saba e o videocassete ao lado. Os marginais estão sempre na vanguarda tecnológica. Ao lado e em cima de uma prateleira, estão empilhadas muitas fitas, infelizmente para mim, quase todas pornô.

É um tipo de espetáculo que não me diverte.

Penso sem nenhuma alegria em uma piada de Giorgio Fieschi: o sexo é como o esporte, o importante é participar.

Ligo o televisor e me certifico de que está funcionando. Deixo sintonizada na RAI 2, com o volume no mínimo. Vou ao banheiro, tiro as calças e me sento no vaso. Solto alguns palavrões que poderiam competir com os do dono da casa. Parece que estou urinando fósforos acesos.

Aperto o botão que acende o aquecedor e, enquanto espero para poder tomar um banho, volto a me deitar na cama. Retiro o pano que cobre o colchão e os travesseiros sem fronha. Tiro os sapatos sem desamarrá-los. As imagens no televisor estão desfocadas e as palavras talvez pertençam a um idioma que não existe.

Estou péssimo.

Pego aquela espécie de colcha cuja limpeza é discutível e me cubro, como um personagem patético de *O Poderoso Chefão*: quando há guerra entre as famílias, todos vão para esconderijos onde só existem colchões pelo chão. Surge um cansaço repentino que me impede de refletir e me faz esquecer que, exatamente quando começo a entender, não consigo acreditar.

O sono me parece o único refúgio.

Durmo.

ACORDO COM OS OLHOS GRUDADOS.

Embora seja algo que eu nunca tenha comido, minha boca parece estar com gosto de merda de coelho. Sinto-me um pouco transtornado, mas a queimação passou quase totalmente e a noite de sono profundo me trouxe de volta à categoria dos seres humanos. O pensamento chega logo em seguida, pontual, e me faz lembrar da situação precária em que me encontro. Os seres humanos não tiveram suas casas revistadas e podem passear pela rua sem qualquer temor. Fazem o que querem sem precisar olhar para trás nem prestar atenção nos carros que cruzam seu caminho com medo de que, a seu lado, pare de repente uma viatura da polícia.

Os seres humanos não fogem, caminham.

Levanto-me da cama e constato que os ossos voltaram para dentro das pernas e que a cabeça não está girando. Tiro a roupa e a jogo sobre a cama. Desta vez, não evito o espelho, preso a uma porta no meio do armário. Meu corpo nu é uma piada anatômica e vai chegar o dia em que terei forças para rir disso. Porém, neste momento, minha mutilação é o único recurso que tenho, a única verdadeira fonte de raiva da qual posso tirar energia para reagir ao que acontece comigo.

Ao que alguém está fazendo acontecer comigo.

Vou para o banheiro.

O ambiente é dominado por tons de marrom, os azulejos com seus desenhos geométricos transmitem uma sensação de tristeza que reflete perfeitamente meu estado de espírito. É um aviso: a despeito do lugar em que nos escondemos, não podemos fugir dos azulejos marrons.

Aqui, como recompensa, está à minha espera um outro espelho, menor.

Oferece o detalhe do rosto, com a barba comprida, os olhos remelentos e os cabelos sujos e desgrenhados. Talvez eu realmente não bata bem, mas, apesar de tudo, um pensamento me faz sorrir. A ideia de que aquela superfície, habituada a refletir as feições de ogro de Carmine, possa sentir uma espécie de alívio ao reproduzir um rosto abatido, mas que pertence à categoria dos homens normais.

Um rosto do qual, por minha escolha, praticamente não existem fotografias. Toda vez que me vi diante de uma máquina fotográfica, como é normal que aconteça quando estamos em grupo, sempre dei um jeito de ficar encoberto por alguém ou de virar a cabeça e não ser retratado de frente. Nas minhas gavetas, ao contrário do que acontece nas de Lucio, não há imagens que lembrem minha vida passada, que fiz de tudo para esquecer e que consegui apagar junto com o meu nome.

Examino minha aparência e avalio como posso mudá-la.

Decido deixar a barba. Cresce rápido e, em dois dias, já deverá ser uma camuflagem aceitável. Os cabelos compridos e ondulados são bastante reconhecíveis, mas isso é algo que pode ser resolvido. Começo a abrir as gavetas dos móveis de fórmica e, no meio de bugigangas de vários tipos, algumas de

natureza tipicamente feminina, encontro o que me serve. Penso que Carmine, após ter sido abandonado pela mulher, não teve coragem de jogar fora o que ela esqueceu no banheiro. Pego um elástico, um pente fino e um par de tesouras de cabeleireiro. Eu achava que um homem como Carmine não fosse vaidoso a ponto de cuidar pessoalmente do próprio bigode. Tenho certeza de que ele diria, se soubesse dos apuros em que me encontro, que achava que eu não fosse tão burro a ponto de cair em uma armadilha como esta.

Abro a torneira, inclino a cabeça e umedeço os cabelos. Depois, os penteio para trás e os seguro com a mão para formar uma espécie de rabo de cavalo no meio da cabeça. Prendo-os, dando várias voltas em um elástico e fazendo-os descer até a base.

Olho para o meu reflexo. Com a barba por fazer e essa crina de huno, pareço o figurante de um filme mitológico dos anos 1960. O resultado seria engraçado, se não fosse fruto de uma condição desesperadora.

Com as tesouras, faço um corte reto cerca de dois centímetros acima do elástico. Quando o solto, os cabelos voltam a cair, aparados de maneira aceitável. Agradeço ao meu amigo Alex, que, sem saber, me ensinou esse procedimento uma vez quando eu estava em seu salão. Manejo ainda um pouco as tesouras em volta da cabeça, auxiliado por um espelho de mão que encontrei em outra gaveta.

No final, avalio o resultado. Agora, sou um homem de cabelo curto batido na nuca, alguém que tem um cabeleireiro com habilidades discutíveis e que talvez devesse se barbear, mas, certamente, diferente do que eu era antes.

Junto os cabelos que caíram no chão e na pia e os joga na privada. Talvez, na sua época, Dalila tenha feito a mesma coisa. Aperto o botão e a descarga os leva embora, junto com minha força.

Pego em um móvel toalhas que parecem limpas. A aparência parece ter tido um resultado aceitável. Na situação em que estou, não posso ser muito exigente. Entro debaixo do chuveiro e fico ali até acabar com toda a água quente do boiler. Quando saio, vejo que recuperei minhas faculdades físicas e mentais, sejam elas quais forem.

Com a toalha enrolada na cintura e calçando um par de chinelos de um número menor, vou em direção à cozinha. Ao longo do tempo, reabasteci a despensa com massa e enlatados. A geladeira está cheia de água mineral e tenho azeite, vinagre, sal e açúcar.

E, sobretudo, café.

Preparo a cafeteira e a ponho no fogo, depois de ter aberto o gás. Sento e espero seu gemido. Enquanto isso, penso em todos os elementos desta história emaranhada, em todos os personagens que eu achava que estavam se mexendo à minha volta como marionetes quando, na verdade, a marionete era eu.

Tudo começa e acaba com Carla. Alguém, em algum lugar, deve ter sabido que eu tinha um relacionamento privilegiado com Lorenzo Bonifaci, que eu era uma das poucas pessoas capazes de introduzir outras pessoas na sua mansão.

Garotas bonitas, nesse caso.

Esse alguém aliciou Daytona, certamente com o chamariz do dinheiro. Conhecendo a figura, acho que ele nunca foi muito propenso a se deixar seduzir

pela ideologia. Meu malfadado amigo fez com que eu encontrasse Carla usando meu orgulho. Desafiou-me a convencê-la a ir para a cama com ele e eu, como um idiota, caí na armadilha. Depois, enalteceu sua beleza e a qualidade de seus serviços. Acrescentou o interesse da garota por dinheiro quando aludiu que ela havia pedido mais para encontrá-lo novamente. Quando recusei o número de telefone que ele me ofereceu na volta do cassino clandestino em Opera, fui deixado, não por acaso, na piazza Napoli. Carla foi logo avisada do meu escasso interesse e decidiu acelerar as coisas, indo para a frente do Ascot Club.

Ela sabia muito bem que eu iria para lá.

Fui seguido o tempo inteiro. A pessoa no meu encalço viu que o Tulipa me levou embora com um revólver apontado para mim. Fomos seguidos até Trezzano e, graças aos meus anjos da guarda, não acabei dentro de uma cova sem nome em um campo ao lado de uma pedreira. Embora eles tenham mandado Menno para o inferno só para evitar que o salvo-conduto para Lorenzo Bonifaci fosse rasgado na frente de seus olhos. Viram-me abandonar o carro do morto e ir a pé na direção da via Monte Rosa. No final das contas, fui eu que me entreguei, que estendi as chaves do carro para Carla, pedindo que ela me acompanhasse até minha casa e permitindo que ela entrasse na minha vida pela porta principal.

Aquela altura, acontece a deserção de Laura, oportuna e calculada. Carla saiu linda de seu casulo e eu demonstrei certa fraqueza em relação a ela. Pressionado, a escolha de mandá-la no lugar de Laura foi uma consequência lógica, a única alternativa possível para mim.

Todavia, era necessário que eu, na noite fatídica, não tivesse um álibi. Por isso Daytona, que por acaso encontrei na frente do Argentina, me mandou para um encontro ao qual sabia que ninguém iria com, no bolso, um envelope cheio de recortes de jornal.

Depois, o ilusionismo do carro substituído. Usaram meu carro para a incursão em Lesmo, substituindo-o por outro igual, cuidando milimetricamente dos detalhes para que eu não percebesse. O que, infelizmente para eles, aconteceu. Depois do trabalho, sujaram o assoalho do meu Mini de sangue, colocaram o revólver na porta e, por fim, puseram o carro de volta em seu lugar.

Aparentemente complicado, mas, na prática, muito simples.

Também tenho outra certeza razoável.

No momento em que a polícia realmente saísse atrás de mim, eu não seria preso. Seria encontrado em algum lugar, em um esconderijo das Brigadas Vermelhas especialmente preparado para despistar as investigações, com uma bala na cabeça e uma arma na mão. Ao meu lado, um bilhete delirante no qual eu declararia minha culpa e diria que não queria dar ao Estado, tão dura e vitoriosamente atingido, a satisfação de me pegar vivo.

Fim da história.

O que não entendo, mas consigo apenas conjecturar, é o motivo da presença de Laura entre as vítimas da chacina. Provavelmente, se ela também estava mancomunada com eles, havia dois motivos para sua morte. Antes de mais nada, para eliminar uma testemunha que deveria ser eliminada de qualquer maneira, como fizeram com Daytona. Em segundo lugar, para equiparar as presenças no

que, para todos os efeitos, era um encontro de fundo sexual: três homens e três mulheres.

As contas batiam e a presença de Carla na cena do crime era apagada. Eliminada a minha pessoa e, por conseguinte, a minha versão, mesmo que Carla estivesse envolvida de alguma maneira, ela se tornaria uma pobre moça atraída por mim que fugiu enojada após ter descoberto que meu único interesse era iniciá-la no mundo da prostituição.

Avalio minha situação.

Se meu raciocínio está correto, não tenho no meu encaixe apenas a justiça, mas também os homens que organizaram esta brincadeira. Eu poderia escolher o menor dos males e procurar a polícia, mas acho que não seria o caminho certo. Eles me atirariam em uma solitária e jogariam fora a chave enquanto verificassem minha história, que, no final, poderia não vir a ser confirmada. De qualquer maneira, significaria ficar atrás das grades por um período indeterminado, levando em conta a gravidade das acusações e a escassa simpatia dos policiais e dos juizes pelas pessoas que fazem o meu trabalho.

Agora que conheço mais ou menos o como e o porquê, a única solução que julgo aceitável é tentar descobrir quem está por trás de tudo isso. É algo que preciso fazer, e rápido, antes que Tano Casale, sabendo da enrascada em que me meti, resolva ir receber o prêmio do cartão de loteria falso que lhe dei. Em vez de estar duplamente em apuros, meus problemas se multiplicariam por três. A menos que ele não decida percorrer sozinho o caminho que indiquei. Nesse caso, teria um pouco mais de folga.

A cafeteira geme e me avisa que o café está pronto. Despejo um pouco em uma xícara e bebo, embora seja o pior café do mundo, já que a cafeteira não vem sendo usada há muito tempo. Eu deveria me forçar a comer algo, mas não consigo. Meu estômago está espremido entre as mãos de um halterofilista e não consigo fazer com que ele o solte.

Levanto-me e volto para o quarto. Pego a roupa na sacola de viagem e começo a me vestir. Encontro um esconderijo aceitável para o meu dinheiro e o cartão da loteria, consolado pelo fato de que os ladrões não roubam as casas dos colegas.

Depois de refletir, tiro o silenciador da arma e a ponho na cintura.

Talvez seja um erro, mas não me sinto seguro para sair desarmado. O ambiente em que vivi até agora me ensinou que, em certos casos desesperadores, a única satisfação possível é levar alguém com você na viagem para o outro mundo. Sempre julguei essa escola de pensamento uma babaquice, mas devo admitir que as contingências me fizeram reavaliá-la.

Neste momento, só existe uma coisa na qual posso me agarrar para tentar entender ao menos parte disto.

A última palavra pronunciada por Daytona: Cobianchi.

Não faço a menor ideia do que o Cobianchi possa ter a ver com toda esta história. Não faço a menor ideia se é algo dentro dos banhos públicos ou então em seus arredores. Além do mais, em Milão, há duas filiais, embora a mais famosa e frequentada seja a da Galleria.

É a partir desse ponto que decido começar.

Ponho um par de óculos escuros e verifico minha aparência no espelho. Quem me conhece como Bravo demoraria um pouco a associar meu nome a esta nova imagem. Quem está atrás de mim demoraria menos de um segundo. Espero não encontrar ninguém de qualquer das comitivas.

Saio de casa sem trancar a porta.

O corredor está deserto e, no elevador, Luca continua a ser bicha e Mary continua a ser piranha. A pichação sobre o Inter foi apagada por completo e de maneira definitiva. Milagres da fé futebolística.

Saio do edifício e me dirijo para o Fiat 124 que deixei nas vagas externas. É hora do almoço e não há qualquer movimento. Meu estômago começa a reclamar e talvez seja o caso, após chegar ao centro, de comer um sanduíche. Entro no carro, dou a partida no motor e sigo rumo à saída.

O portão está aberto e não preciso descer para mexer com chaves e fechaduras.

Quando chego à rua, tenho um ataque de agorafobia. Preciso me esforçar para prosseguir e não ceder à tentação de retornar, largar o carro em qualquer lugar e voltar correndo para casa. Digo a mim mesmo que é apenas um episódio de ansiedade típico de mergulhos subaquáticos, quando o ar dos cilindros parece não chegar até os pulmões. Forço-me a respirar normalmente. Aos poucos, tudo passa e sigo o tráfego até a primeira estação do metrô que encontro.

Hoje é sábado e deve ter um monte de gente indo para o centro. Isso torna mais fácil passar despercebido. Com meu habitual excesso de prudência, faço mais uma vez uma série de desvios com o carro pelo mapa de Milão, para ter certeza de que não estou sendo seguido.

Decido ir pegar o metrô na estação QT8, na piazza Santa Maria Nascente, que tem até um estacionamento perto. Fica bastante longe de Quarto Oggiaro e, caso alguém viesse a me reconhecer, ficaria um pouco desorientado, imaginando que estou me escondendo ali por perto. Todos esses pensamentos, todas essas precauções que sou obrigado a tomar, esses rituais de uma pessoa obsessivo-compulsiva me deixam furioso.

Penso que, talvez, de alguma maneira, eu já estivesse com raiva. Os acontecimentos nos quais estou enredado foram apenas uma lente que aumentou tudo. Uma lente que tem uma retícula em forma de mira. Fui manipulado como um fantoche, deslocado de um lado para outro como um bibelô, sacaneado sem o benefício da alegria, com o objetivo preciso de ser destruído. Extraíram-me, como se eu fosse um molar, da minha indiferença em relação ao mundo e a mim mesmo.

Agora que apurei e aceitei esse fato, me vejo de posse de uma arma e enfurecido. Decido a ir até o fundo. Talvez, nesse fundo, esteja escavado meu túmulo, mas isso pouco me importa.

Agora, quero um nome. Quero ver na minha frente um rosto.

Por enquanto é o que desejo, o que acontecerá depois é um problema que não levo em consideração.

Deixo o carro no estacionamento e sigo para a estação do metrô sinalizada por uma placa vermelha com a conhecida logomarca branca.

MM.

No passado, essas duas letras foram objeto de interpretações fantasiosas de todos: Daytona, o Bisteca, o Godie e os artistas do Club. Agora, parecem-me apenas o acrônimo de Minha Morte.

Desço para o subterrâneo e descubro com prazer que não tem muita gente ali. Melhor assim. Vou até a banca de jornais para comprar os bilhetes e, chegando lá, me transformo em uma estátua de sal.

O que vejo não é Sodoma e Gomorra em chamas, mas a primeira página de uma edição especial do *Giorno* com um retrato falado que reproduz com uma eficácia perturbadora as minhas feições.

O título, em letras garrafais, é significativo.

CUIDADO COM ESTE HOMEM

Para a minha sorte, no desenho, estou com os cabelos compridos e o rosto sem barba, portanto, acho que posso me aproximar do jornalista e pedir um exemplar. Compro também um novo número da *Settimana Enigmistica*. O homem os estica para mim e aceita o dinheiro sem nem sequer olhar na minha cara. Nunca senti tanto prazer pelo descaso das pessoas em relação aos outros.

Viro as costas e faço o caminho inverso.

Merda.

Dessa, eu não precisava. Achei que tivesse um pouco mais de vantagem. O fato de terem chegado a mim não me surpreende. Os responsáveis por essa maquinação demonstraram que não são tolos. O pessoal da polícia também não é, especialmente quando eles se veem diante de uma série de indícios tão bem construídos.

Agora, não sei o que fazer.

Talvez ir para o centro com as bancas repletas de jornais que trazem um desenho fidedigno de meu rosto não seja uma boa ideia. Não sei em que pé andam as investigações, mas, se de alguma maneira veio à tona por uma outra via qualquer o envolvimento do Cobianchi nesta história, circular por lá não me parece uma jogada favorável.

A tênue luz que havia se acendido se revelou um toco de vela que logo se apagou. Agora, o breu voltou e eu estou novamente às cegas.

Decido voltar para o carro e ler o artigo.

Quando abro a porta, sou atingido por uma lufada de calor. Sento-me sem abrir as janelas, como se aqueles vidros fossem uma defesa contra os perigos do mundo à minha volta.

Começo a ler. Ao mesmo tempo, começo a suar, mas não me dou conta.

As investigações sobre o incidente que já está sendo definido por todos como a Chacina de Lesmo, reivindicada pelas Brigadas Vermelhas com um telefonema que ainda está sendo apurado, parecem ter sofrido uma reviravolta, ao contrário das investigações sobre o sequestro ainda sem

pistas de Aldo Moro. Ao que parece, o crime de Monza pode ser atribuído a uma pessoa específica, um homem com um nome e um rosto. Trata-se de Francesco Marcona, mais conhecido no mundo do crime milanês pelo apelido de Bravo, atualmente foragido. Uma inspeção em sua casa em Cesano Boscone, em via Fratelli Rosselli, 4, não revelou a presença de elementos ou materiais que o liguem explicitamente a tramas subversivas. Não foram sequer encontradas fotografias capazes de fornecer sua imagem exata. Todavia, os investigadores encontraram, no bolso de um paletó apressadamente abandonado na fuga, um relógio de ouro que pertencia a Paolo Boccoli, que, justamente por causa do relógio, era conhecido como Daytona. Boccoli foi encontrado morto em uma casa de fazenda semiabandonada na periferia de San Donato Milanese, assassinado com várias facadas. A morte violenta desse expoente de destaque da marginalidade milanese se soma à de Salvatore Menno, outro famoso criminoso reincidente, assassinado pouco tempo antes com a arma usada em seguida na chacina da mansão de Lorenzo Bonifaci. A partir desses fatos, admite-se a hipótese de uma série de cúmplices...

Esse expoente de destaque da marginalidade milanese...

Constato com amargura que a definição confere a Daytona um salto de qualidade que, em vida, ele nunca conseguiu obter. Volto a ler o artigo, que não acrescenta nada de novo, limitando-se a recapitular os fatos, apresentar uma reconstrução aproximada da dinâmica dos homicídios, destacando as figuras das vítimas e tecendo hipóteses alusivas sobre o significado da presença das garotas na mansão.

Fecho o jornal, abro a janela e acendo um Marlboro.

Sinto o suor escorrer debaixo das minhas axilas. Sobre a minha testa, se formou uma coroa de espinhos.

Eu não imaginava que seria envolvido em algo tão profundo em tão pouco tempo. Todas as minhas intenções, boas ou más, desmoronaram miseravelmente. O revólver que carrego comigo não é mais uma segurança, mas apenas um objeto que aperta minha cintura e me causa dor no quadril.

Decido voltar para a casa de Carmine, esperando que ninguém me reconheça. Digo a mim mesmo que em Quarto Oggiaro as pessoas cuidam da própria vida, mas trata-se de um consolo volátil, que sai pela janela junto com a fumaça do cigarro.

Ligo o carro e repito minhas verificações no retrovisor de maneira ainda mais meticulosa. Enquanto isso, reflito. A melhor coisa a fazer seria ligar para o meu advogado, Ugo Biondi. Depois, apresentar-me à polícia acompanhado por ele, esperando que acreditem na minha história. Além do fato de que hoje eu não saberia onde encontrá-lo, há outro aspecto da questão que me freia. Temo que essa ação possa ser considerada pela polícia uma maneira de atrapalhar as investigações e criar ainda mais confusão em um caso que, por si só, já é muito confuso.

De qualquer maneira, as consequências não mudariam. Até prova contrária, estamos falando de terrorismo e eu seria detido como principal indiciado caso minha inocência não fosse provada.

O que poderia acontecer depois de meses ou anos. Ou talvez nunca.

Vejo novamente a silhueta familiar do edifício em que estou refugiado. Atravesso o portão e deixo o carro no pátio. Há pessoas na área verde, mas estão distantes e não se importam comigo. Chego ao hall e, sem ter lutado, sinto-me como o sobrevivente de uma batalha: entro no elevador e subo sem esperança os andares que eu havia descido com orgulhosa segurança.

Desta vez, não me dou o trabalho de olhar as pichações.

Entro em casa e fecho a porta exatamente quando ecoa no corredor o som de uma fechadura que se abre. Talvez uma mulher levando o cachorro para passear ou uma criança descendo para brincar. Mas fico contente por ter entrado em casa sem ter sido visto.

Agora, a casa onde sou um hóspede forçado me parece ainda mais despojada e esquelética. Dou alguns passos, tiro o paletó e vou me sentar em um sofá que ainda está com o espaldar e o assento cobertos por uma folha de plástico transparente. Minhas costas logo colam nesse forro extemporâneo e recebem seu calor pegajoso. Apoio a cabeça e levanto o olhar para o teto rosa, certamente uma escolha da mulher de Carmine.

Mil pensamentos chegam e logo vão embora, expulsos por outros mil pensamentos. A certa altura, talvez para me trazer de volta para a Terra, meu corpo me lembra de que ainda sou um organismo vivo com necessidades fisiológicas bem precisas.

Pego a cópia da *Settimana Enigmistica* e vou para o banheiro. Há gestos que, depois de repetidos algumas vezes, se tornam um reflexo condicionado. O banheiro carrega os rastros do meu banho e do meu corte de cabelos. Aqui, não existe nenhuma sra. Argenti para que, ao meu redor, eu encontre as coisas em ordem e o chão varrido.

Abaixo as calças e me sento no vaso. Acendo um cigarro e começo a folhear a revista. Assim que a abro, encontro a “Página da Esfinge”, com um criptograma que nem tento resolver. Prossigo, lendo apenas as piadas e as curiosidades. Chego a uma coluna que se chama “O Édipo Enciclopédico”, uma série de perguntas de vários tipos para que o leitor teste sua cultura.

Passo os olhos pelas questões, verificando, aos poucos, as respostas que estão no pé da página. Armazeno-as como dados de fato, sem dar muita importância àquilo. Estou na metade da coluna quando uma pergunta atíça minha curiosidade. Verifico a resposta e, como sempre acontece com as intuições felizes, a solução surge com a velocidade que só o pensamento pode ter. Na minha mente, todas as letras das palavras cruzadas surgem de repente no tabuleiro para formar vocábulos com um sentido completo.

Duas palavras.

Um nome e um sobrenome.

APERTO O BOTÃO E UMA CAMPAINHA soa lá dentro. É um som familiar. Após algum tempo, que me parece uma eternidade, uma voz se manifesta atrás da porta. Outro som familiar.

— Quem é?

— É o Bravo.

A porta se abre de repente. No rosto de Lucio está estampada uma expressão de alarme. As lentes dos óculos escuros refletem a lâmpada das escadas. Tateando, ele procura meu braço e me puxa para dentro. Fecha a porta como se tivesse de deixar lá fora o diabo. Seu tom é o de uma pessoa convencida de que, apesar de tudo, o diabo conseguiu entrar em sua casa.

— Você ficou louco? O que está fazendo aqui? Toda a polícia de Milão está atrás de você. Vieram até me interrogar.

— Eu sei. Mas preciso da sua ajuda.

Lucio dá um passo para trás.

— Meu Deus, quer me meter em apuros?

— Não. Fui obrigado a aprender a ser prudente. Dei todas as voltas e fiz todas as verificações necessárias antes de subir. Fique tranquilo, ninguém me viu.

Ele relaxa, mas não a ponto de eliminar a tensão. Talvez, como já aconteceu com Laura, eu também lhe cause um pouco de medo.

Ele é brusco, apressado.

— O que você quer?

— Você só precisa me ajudar a resolver um criptograma.

Surpresa. Ressentimento. Raiva.

— Qual? “Pura ideia”? Você corre o risco de ser preso e me faz correr esse mesmo risco por causa de uma bobagem dessas?

— Não, não estava falando desse. Esse é fácil. A solução é Imaculada Conceição. Já tinha até esquecido. Estou falando de outro, daquele que você me ofereceu durante todo esse tempo e que era muito mais difícil de decifrar.

— Não estou entendendo.

— Lucio, há quanto tempo você faz parte das Brigadas Vermelhas?

Ele está caminhando em direção à mesa. Interrompe o passo incerto e se vira para mim com um sorriso indefeso e incrédulo.

— Bravo, você ficou louco? Eu nas Brigadas Vermelhas? O que eu faria nestas condições...

Eu o interrompo com a voz e com um gesto. De modo que possa me ouvir e me ver.

— Você não é cego, Lucio. Nunca foi.

Ele permanece em silêncio. Observa-me por trás das lentes. Agora, sei que é capaz de fazê-lo.

Vou abrir a gaveta e encontro a foto na qual Lucio está com os rapazes de seu misterioso grupo. A esta altura, pergunto a mim mesmo se algum dia existiu uma banda chamada Les Misérables. Pego as fotografias e olho as figuras

impressas sobre o papel opaco. Não para verificar, pois não é necessário, mas para confirmar que todas as astúcias, até as mais sutis, têm sua recompensa, talvez uma viagem de vinte anos para voltar a Ítaca.

Ou vinte anos de prisão.

Jogo aqueles retângulos coloridos sobre a mesa ao lado dele.

— As fotos que você me mostrou. De quando você tocava, de quando, segundo seu relato, você já não enxergava mais.

Instintivamente, indico-as com a mão.

— Na foto, você está com os olhos vermelhos. E esse pontinho vermelho em uma fotografia significa que está tudo em ordem, que o olho não tem problema algum. Por ironia do destino, fui encontrar a solução justamente em uma revista de criptogramas.

Lucio fica pensativo durante um tempo.

Depois, sorri.

Por fim, com um gesto resignado, tira os óculos, revelando pupilas cobertas por um véu branco. Põe uma das mãos arqueada embaixo de um olho e deixa que nela caia a primeira lente de contato. Faz a mesma coisa com a segunda. Fecha algumas vezes os olhos, livre. Apoia sobre a mesa aquele pequeno expediente que lhe forneceu por muito tempo uma proteção enorme.

Como se os nossos movimentos estivessem sincronizados por um destino imposto, tiro do cinto o revólver, no qual recoloquei o silenciador.

Talvez por isso, Lucio logo o reconhece. E entende que, se for o caso, estou disposto a usá-lo.

— Ah, então você o achou.

Fala tranquilo, sem ansiedade, como se estivesse fazendo uma simples constatação. E não move um músculo quando vê o cano apontado para a sua barriga. Tem sangue-frio. Eu não poderia esperar outra reação.

— Pois é. Como você pode ver, achei.

Ele se senta e cruza as pernas. Seus movimentos são mais fluidos agora que a farsa terminou. Agora que pode olhar e ver a realidade sem precisar se esconder.

— Como você conseguiu?

Faço um gesto de modéstia com os ombros.

— Uma série de detalhes. Pequenos esquecimentos. Erros marginais, digamos, mas que, somados, tornaram-se uma heresia.

— Tipo?

— A substituição do carro foi uma ideia genial. Mas, dentro, não havia cheiro de cigarro. E aquele deveria ser o meu carro, o carro de um fumante. Àquela altura, se me concede esse mérito, verificar o número do chassi foi uma ideia brilhante da minha parte.

Ele concede, mas não faz qualquer comentário. Sua ironia, que aparentemente era a couraça dialética de um homem indefeso, parece ter desaparecido.

Tenho diante de mim uma pessoa dura, sem emoções, sem piedade.

Um assassino.

— Prossiga.

— Erro número dois: no envelope que Daytona me deu para entregar, havia apenas recortes de jornal.

Lucio se levanta de repente, seu rosto está contorcido, revelando que possui nervos.

— Aquele ladrão de galinhas era um idiota ganancioso. O envelope deveria conter dinheiro de verdade. Ele o embolsou, achando que ninguém descobriria.

Com o cano do revólver, sinalizo para que ele volte a se sentar. Quando encosta a bunda na cadeira, sua calma já foi retomada.

— Foi você que o matou, não?

A calma se transforma em naturalidade.

— Sim. Com certo prazer, devo admitir. Aquele merda era um perigo para todos. Mas transformou-se num perigo apenas para si mesmo.

Eu já imaginava. Deveria ter entendido logo que Cobiانchi não tinha nada a ver com aquilo. Aquele coitado estava gemendo. Quando perguntei quem foi, quando perguntei onde estava Carla, Cobiانchi foi a palavra que ele conseguiu articular. Na verdade, queria dizer “o dos olhos brancos”.

Ou algo do gênero.

Ouvir Lucio falar assim de Daytona me dá raiva. Pensar que ele é o responsável pela morte de três garotas jovens e bonitas me dá raiva. Pensar que ele matou os homens da escolta, culpados apenas de terem feito o próprio trabalho, me dá raiva. Pensar que ele me enganou me dá raiva. A vontade é de apertar o gatilho e enfiar na sua cabeça uma bala, duas, três...

Com o conforto do silenciador, capaz de transformar três disparos em três voos de flecha.

pffi... pffi... pffi...

Talvez eu o faça. Mas não agora. Lucio ainda precisa me contar algumas coisas.

E ele sabe disso.

A ironia volta à tona, só que, agora, está usando as cores lívidas do escárnio.

— É difícil resistir, não?

— A quê?

— É difícil resistir à tentação de apertar o gatilho quando uma pessoa que você odeia está na sua frente.

— Como você faz?

— A única maneira de resistir a uma tentação é cedendo.

— Oscar Wilde.

Ele me olha surpreso porque reconheço a fonte da citação. Seus olhos estão escuros e parecem querer penetrar em mim.

— Quem é você, Bravo?

— Alguém que quer saber e que tem à sua frente uma pessoa que pode explicar.

Faço uma pausa para que ele entenda bem quais são os papéis que nos cabem.

— Agora, vou dizer algumas coisas. É só você me interromper quando ouvir algo errado.

Recito passo a passo minha reconstrução dos fatos, exatamente como a

formulei durante a estadia na casa de Carmine. Os papéis de Carla e de Daytona, a morte do Tulipa, a deserção de Laura, a manobra para que eu não tivesse um álibi, a eliminação das testemunhas e meu eventual suicídio como epílogo de uma história que começa e acaba em um delírio.

Chego ao final sem que ele tenha me interrompido uma única vez.

Depois, ele me concede o luxo de sua avaliação.

— Você é mais esperto do que eu pensava.

— Não sou mais esperto do que você pensava. Você é que é menos esperto do que pensava.

— Você acha?

— Acho.

— Veremos.

Ele sorri e, por um instante, revejo a expressão daquele Lucio que fazia suas brincadeiras. Dura apenas um segundo e desaparece, como todas as lembranças agradáveis quando são substituídas pelo presente.

Depois, olha um ponto atrás de mim.

— Desarme-o.

No momento em que pronuncia essa palavra, sinto um objeto pequeno, redondo e duro tocar minha nuca. Não tenho muita dificuldade para entender que se trata do cano de um revólver. Às minhas costas, ouço uma voz que não deixa possibilidade de resposta.

É a voz de Chico.

— Jogue o revólver em cima do sofá. E levante as mãos.

Depois, ouço outra voz, que também conheço bem.

— E não me venha com ideias estranhas. Somos dois.

Jogo o revólver no sofá, com a esperança de que um tiro seja disparado e mate alguém. Sinto-me tão idiota, que não teria problema se fosse eu. A regra era inspecionar a casa, e eu não a segui, ansioso para aproveitar meu estúpido triunfo.

Merda. Merda. Merda.

A pressão na nuca diminui.

— Vá para a parede.

Desloco-me na direção pedida. Giorgio Fieschi entra no meu campo de visão e vai até o sofá. Pega o Beretta e o transforma no segundo revólver apontado em minha direção. Não sei bem por que, mas não fico muito surpreso de encontrá-lo aqui.

— Então, você também está envolvido.

— Como você pode ver.

Do rapaz limpo e despreparado que frequentava o Ascot Club, não sobrou nada. Seu rosto tem uma expressão resoluta e ele se movimenta como um profissional. Esta é a tarde das revelações, das transformações. Olho para ele e o revejo no palco. Jovem, cheio de talento, dono do mundo. Se o que eu achava era verdade, que os outros artistas tinham medo de suas capacidades, eles ficariam pasmos ao descobrir que deveriam temê-lo ainda mais.

Percebo com surpresa que não estou com medo. Sinto apenas desilusão. Como acontece quando vemos uma chance perdida.

— Você é talentoso. Genial, eu diria. Poderia fazer coisas importantes.

Ele me olha como se estivesse diante de um idiota.

— Já as estou fazendo.

— Laura fazia parte delas?

Ele movimenta os ombros de forma indiferente.

— Laura era uma puta. Uma mulher que se vendia a quem oferecia mais. Exatamente como você. Estamos em guerra e ela era uma peça que podia ser sacrificada para que obtivéssemos o que queríamos.

Lucio intervém. Estava sentado, sem sair da cadeira, observando sem expressão enquanto seus cúmplices me transformavam de ameaça em ameaçado. Eu também sofri minha pequena transformação.

— Igual a você, como já deve ter percebido.

Em silêncio, espero o resto.

Ele se levanta e dá um passo em minha direção. Encaramos um ao outro, algo que poderíamos ter feito muito antes se não fôssemos quem na verdade somos.

— Bravo, por mais que alguém explique, acho que você não pode entender o que está acontecendo neste país. Você pertence à categoria das pessoas ausentes. Aquelas pessoas capazes de atravessar um campo de concentração sem se dar conta de seus horrores enquanto vão tomar um aperitivo no Tre Gazzelle. Enquanto vocês dormiam de dia e se iludiam de viver à noite, o mundo mudou e vocês não perceberam. O que aconteceu em 1968 e em 1977, a luta de classes, a luta armada. Para vocês, coisas sem sentido. Pior ainda, coisas desconhecidas. Vocês não passam de uma leve neblina, aquele pedacinho de nada entre o bem e o mal.

— Deduzo que o mal são as pessoas que vocês sequestram, ferem e matam. Deduzo igualmente que você acha que é o bem.

Ele balança a cabeça com amargura.

— Não, sou apenas seu braço armado, aquele que tem a coragem de se parecer com o mal para ter a força de derrotá-lo.

— Você é louco.

Ele me responde como se essa fosse a solução de todos os enigmas.

— Não, Bravo. Eu sou um homem morto. Exatamente como você.

Chico intervém e interrompe essa espécie de confissão.

— O que vamos fazer agora?

Olho para ele. É um rapaz jovem, pouco mais baixo que a média, com cabelos cacheados e costeletas que o deixam parecido com um hippie em Woodstock. O bom samaritano que era guia de um cego jogou sobre a mesa a parte prática da questão.

Giorgio Fieschi dá sua opinião com um pouco de impaciência na voz.

— Precisamos sair daqui. E rápido. Não estou tranquilo neste lugar.

— Tem uma viatura com dois agentes à paisana controlando a entrada. Como vamos tirá-lo daqui sem que eles vejam?

Chico confirmou um problema que eu já havia localizado e superado no meu percurso de aproximação do edifício. Protegido por um grupo de árvores, escalei o muro na esquina pelo lado mais comprido do terreno, oposto ao edifício,

que faz fronteira com um campo cheio de arbustos. Depois, margeei o muro mantendo-me abaixado, de modo a ficar fora do campo de visão dos dois sujeitos sentados naquele Alfa suspeito.

Eu já imaginava que o serviço de vigilância seria realizado com um pouco de descaso, pois, no fundo, ninguém achava que eu seria tão estúpido a ponto de tentar voltar para casa. Porém, é óbvio que o mesmo trajeto não pode ser percorrido mais de uma vez e por várias pessoas.

Lucio me estuda como se tivesse acabado de me ver. Depois, seu olhar se fixa em mim, mas sua mente vagueia. Quando volta, traz consigo a centelha da intuição.

— Tive uma ideia. Esperem aqui.

Lucio sai e desaparece no corredor.

Ficamos nós três nesta sala sem arestas nem quinas, cada um com uma certeza indiscutível. Eles têm a certeza de que estão com razão. Eu estou certo de que cheguei ao final da corrida. Desta vez, não haverá anjos da guarda para me proteger, como aconteceu quando o Tulipa apontou a arma para mim. Agora, eles se tornaram a ameaça.

Esperamos em silêncio, pois tudo o que podíamos nos dizer no mesmo idioma já foi dito. Ir além seria apenas uma inútil viagem a Babel.

O som dos passos antecipa a volta de Lucio. Ele chega segurando um violão. Aparou a barba. Está usando uma peruca com cabelos longos e castanhos e um bigode postiço da mesma cor. Não é o máximo do realismo, mas lá fora está escuro e, como diz o ditado, à noite todos os gatos são pardos.

Ele sorri ao ver minha expressão.

— Todos devem ser um pouco atores, não acha?

Vai até o cabide e pega seu paletó e o chapéu que geralmente usa. Joga-os na minha direção, obrigando-me a pegá-los no ar.

— Você facilitou as coisas cortando os cabelos e deixando a barba. Assim, ficamos muito parecidos, se pensarmos que temos mais ou menos a mesma estrutura física. Os agentes lá fora esperam ver a saída de um músico cego com seu acompanhante de sempre. E é exatamente o que eles vão ver, só que, desta vez, haverá um fã a mais.

Chico entendeu e sorri. Estende o revólver para Lucio, que o transforma naturalmente em uma extensão da própria mão.

— Vou trazer o carro aqui para baixo. Depois, subo para pegar você e os violões.

Sai abrindo a porta apenas o necessário para passar. Giorgio Fieschi pede instruções sobre o que fazer.

— Vim de moto. O que eu faço?

— Espere quinze minutos depois que nós sairmos. Em seguida, vá nos encontrar no lugar marcado.

Lucio tem a segurança de um chefe e é capaz de transmiti-la aos seus homens. Tenho certeza de que toda essa camuflagem o diverte, além de descarregar adrenalina em seu sangue. Ao notar que ainda estou parado no meio da sala com as roupas na mão, gesticula com impaciência. Repete o mesmo gesto que fiz quando mandei que ele se sentasse.

— O que está esperando? Trate de se vestir.

Visto o paletó e enfio o chapéu de Lucio. Ele se movimenta e chega até a mesa. Pega as lentes de contato, as olha com um meio-sorriso, depois, as coloca no bolso. Pega os óculos escuros e os joga para mim. Ponho-os no rosto, perdendo um pouco da luz e dos detalhes. Não há espelhos para que eu possa ver o resultado, mas tenho certeza de que a regra dos gatos e da noite também vale para mim, e não apenas para Lucio.

É ele mesmo quem me confirma isso.

— Está perfeito. Não tenho tempo para lhe dar aulas de violão, se bem que você não vai precisar tocar mesmo.

O carro devia estar bem perto porque, após uns dois minutos, ouvimos alguém bater à porta. Giorgio se aproxima e deixa Chico entrar depois de se certificar de que era ele mesmo através de uma fresta aberta com cautela.

— Podemos ir.

Chico se aproxima e me oferece o braço, mantendo-me à sua esquerda. Sua voz não tem a benevolência de quando ele fazia a mesma coisa com Lucio. Seus gestos são brutos e fortes. A mão direita comprime o cano do revólver contra a lateral do meu corpo.

— Ande com calma e dê passos curtos. Nada de olhar onde pisa, olhe para frente. Eu guio.

Para confirmar a ordem, aperta com violência o revólver contra as minhas costelas.

— Entendeu?

Respondo acenando com a cabeça.

Primeiro, descemos Chico e eu. Lucio está atrás, carregando os violões, fechando o cortejo. A noite está muito fresca e não tem ninguém lá fora. Uma pequena amostra do inverno que não favorece conversas nem paradas ao ar livre. O carro, um Opel Kadett branco, está estacionado bem na frente da porta de vidro.

Um violão é colocado no porta-malas, o outro, no banco atrás do motorista, ao lado de Chico. Eu fico no banco do carona. Uma arma permanece sempre discretamente apontada para mim. Assim que Lucio dá a partida no motor, sinto o cano do revólver voltar a fazer cócegas na minha nuca.

Partimos.

Abandonamos sem problemas o Quartiere Tessera, toda sua vigilância e toda sua indiferença. Fico pensando se Lucio conseguirá recuperar essa parte da sua vida. Observo-o enquanto ele dirige em silêncio, é curioso vê-lo pela primeira vez empenhado em fazer algo que eu acreditava que fosse impossível.

Ele ficaria surpreso se soubesse como somos parecidos, quanto tempo passamos nos escondendo, fingindo que somos o que nunca fomos enquanto esperávamos entender o que nunca nos tornaríamos.

Mas acho que é tarde demais e isso não mudaria nada. Agora que tudo foi revelado, Lucio pode se dedicar a uma única coisa, algo que endurece seu olhar, que o convenceu a abandonar as palavras e os confrontos e a empunhar armas. Todas as revoluções tiveram suas vítimas e seus loucos. Suspeito que eu vá morrer sem entender o papel que me foi designado.

Enquanto entramos no anel viário no sentido leste, tiro os óculos e observo da janela as luzes de Milão. Não fui vendado, o que significa que não é um problema para meus carcereiros se eu vir o lugar para onde serei levado. Afinal, logo será descoberto, assim que for encenado o que eles pretendem fazer comigo. No fundo, trata-se sempre de um espetáculo. Só que, desta vez, será uma representação única, pois a morte não concede bis.

DEIXAMOS O ANEL VIÁRIO NA SAÍDA da via Forlanini, rumo a Linate.

Lucio dirige, o rosto iluminado de vez em quando pelas luzes dos faróis e dos postes, os olhos fixos na estrada. Sem a peruca e o bigode, voltou a ser ele mesmo. Ou seja, alguém que, na verdade, não conheço. Acendeu um cigarro e isso me deu a medida da sua frieza e do seu autocontrole. Em sua casa, nunca houve o menor cheiro de cigarro nem o menor indício dessa dependência. O que significa que não fumava nem quando estava sozinho.

Pergunto a mim mesmo como teria sido sua vida se ele tivesse dedicado tantos dons e tanta determinação a algo construtivo, e não destrutivo. Talvez ele tenha tentado, seguindo um ideal que, dia após dia, reduziu-se a uma ideia, até que a música parou de ser um refúgio e se transformou em um esconderijo. Talvez, com outras palavras e por outros motivos, ele se pergunte a mesma coisa a meu respeito.

Chegamos ao fim da avenida e nos beneficiamos de um sinal verde que nos permite dobrar à esquerda, rumo ao Idroscalo. Deixamos para trás o aeroporto, onde, a esta hora da noite, os passageiros são poucos e os voos, escassos. O estrondo de um avião que parte é como a promessa de um novo horizonte, mas se trata apenas de outra viagem rumo a situações idênticas e homens diferentes. A ilusão dura o intervalo entre uma decolagem e uma aterrissagem, tendo como único consolo um sono intermitente em uma poltrona desconfortável. Margeamos o Luna Park. As barraquinhas de jogos estão com as grades de correr abaixadas, os esqueletos dos brinquedos imersos na escuridão e os discos voadores cobertos por lona. Por hoje, as prendas e as corridas já terminaram e é necessário esperar até amanhã para tentar o arremesso que derrubará todas as latas.

Durante a viagem, ficamos em silêncio. Chico, no banco de trás, relaxou e a pressão do cano do revólver na minha nuca desapareceu. Mas tenho certeza de que a arma permanece na sua mão, apontada direto para a minha cabeça. Um gesto errado da minha parte, uma leve pressão no gatilho e...

pfft...

...com o barulho de um fuzil de ar comprimido, meu crânio se estilhaçaria como uma placa de gesso do tiro ao alvo. O que fui se reduziria a borrifos vermelhos do meu sangue sobre o para-brisa em um macabro desenho de aerógrafo.

No entanto, estou estranhamente frio e distante.

Não tive coragem de perguntar as únicas coisas que eu realmente queria saber. Para que fazer as perguntas que teriam me deixado ainda mais desarmado e indefeso?

Onde foi parar Carla?

Qual é seu verdadeiro papel em toda esta história?

Não consigo imaginá-la com uma arma na mão enquanto aperta um gatilho e apaga a vida de pessoas que um credo distorcido indicou como inimigas. Enquanto elimina a vida de garotas com as quais, poucas horas antes, ela riu e

brincou, mascarando seu desprezo e suas intenções. Não consigo imaginá-la no papel e no espírito de quem olha em volta, vê apenas corpos envoltos em sangue e acha natural o que acabou de fazer.

Talvez porque, cada vez que tento vê-la assim, a essas sequências se sobrepõem seus olhos, bonitos demais para serem verdadeiros, bonitos demais para serem falsos. Talvez porque, apesar de tudo o que aconteceu, eu nunca me desvencilhei da imagem de uma calçada fresca ao raiar do dia e do calor das suas palavras.

Com você, seria grátis...

Olho para Lucio e penso novamente em seu corpo enroscado ao de Carla, quando os observava, sentado, como se o prazer deles fosse meu. De repente, sinto rancor e pena de mim mesmo. Não porque sou prisioneiro, não porque estou prestes a morrer. Mas porque, no final das contas, a única coisa que eu gostaria de saber é se, naquela noite, em um apartamento anônimo do Quartiere Tessera, aquele ato de amor foi um presente para mim ou para ele.

Prosseguimos pela estrada Rivoltana, passando por Segrate. A certa altura, viramos à direita. Depois de alguns quilômetros, chegamos a uma casa isolada. Um portão, um muro baixo que era completado por uma grade com barras de metal, um pedaço de jardim gramado, com arbustos esparsos e um pinheiro ao fundo.

Nenhuma luz nas janelas.

Lucio desce para escancarar o portão. Vê-lo movimentar-se tão livremente ainda me surpreende.

No halo dos faróis que se abrem como uma cortina enquanto o portão desaparece, a casa é anônima, branca, de dois andares. A casa que as crianças desenhavam nas páginas do caderno no primário, se não fosse por uma garagem ligada à construção no lado direito. A via de acesso termina exatamente na frente de um portão que está abaixado.

Lucio volta para o carro e chegamos diante do painel de metal pintado de verde, que reflete e colore a luz dos faróis. O portão é aberto por alguém que está do lado de dentro, avisado pelo som do motor.

Entramos e paramos ao lado de um Volvo 240 no exato momento em que, do escuro da estrada, despontam o barulho e o olho de ciclope de uma moto.

Uma Kawasaki 900 estaciona ao lado do Kadett. Em um movimento contínuo, Giorgio Fieschi abre o estribo central e desce do selim. Tira o capacete, revelando sua cabeça e seus cabelos encaracolados que, se deixasse crescer, o tornariam parecido com Angelo Branduardi. Ele abre o zíper da jaqueta de couro e poderia ser um rapaz qualquer que está chegando de uma noiteada com sua garota, se, do cinto, não brotasse a coronha de um revólver.

Lucio sai do carro. Em sua voz, não há ansiedade, mas a segurança de quem está acostumado a ver os próprios planos se concretizarem.

— Tudo certo?

— Tudo certo. Depois que saí da sua casa, fiquei alguns minutos nos arredores para me certificar. Nenhum movimento suspeito.

— Muito bem.

Lucio se dirige a uma das duas pessoas que encontramos na garagem, o

homem que abriu o portão. É um sujeito atarracado, tem uns 30 anos, sobranceiras grossas, lábios carnudos e ossatura robusta. A cabeça, que desponta de um suéter de gola alta, parece estar grudada diretamente no tronco.

— Sergio, feche o portão e se certifique de que ninguém tenha nos seguido.

Sem uma palavra o sujeito sai e, mancando levemente, vai executar as ordens. Pela sua expressão, não deve ser uma mente brilhante, apenas um cérebro doutrinado e um braço de confiança.

Olho à minha volta, sob a luz das duas lâmpadas fluorescentes presas ao teto. A garagem, na verdade, é quase um galpão. Lá dentro há tudo o que se pode esperar de um ambiente do gênero.

Uma bicicleta pendurada, uma bancada com um torno encostada na parede da direita, um painel no qual estão pendurados uma furadeira e outros instrumentos de trabalho. Um gaveteiro metálico que deve conter chaves inglesas e outras ferramentas. Uma prateleira cheia de latas. Um velho par de esquis apoiado em um canto, ao lado de um mimeógrafo. No chão, uma pilha de folhetos impressos com o emblema das Brigadas Vermelhas. Tenho certeza de que, também no restante da casa, estão disseminados elementos que a qualificam como um antro de terroristas.

A cenografia está pronta e o roteiro foi escrito há tempos. O protagonista chegou.

Ação. Vamos filmar.

Lucio se dirige a outra pessoa, um rapaz alto e jovem que parece um estudante de segundo grau. Ao olhá-lo, podia-se imaginar que ele estaria perfeitamente adequado na saída de uma escola, com livros embaixo do braço, conversando com um amigo ou uma namorada. No entanto, é muito provável que tenha sido um dos passageiros dos carros que foram perpetrar a chacina, convencido de que aqueles homicídios não eram um crime, mas um ato de justiça.

— Como vão as coisas por aqui?

— Tudo tranquilo. Estamos prontos.

— Perfeito.

Lucio olha para mim. Tenho a impressão de que ele está verificando se a prova de sua autoridade surtiu efeito em mim. Cada homem tem suas fraquezas, suas pequenas ou grandes vaidades. Se estou aqui e me encontro nesta situação, é porque eu também cedi às minhas.

Pergunto.

— Você acha mesmo que tudo isto vai mudar alguma coisa? Que realmente vai criar um mundo novo?

— Não sei. Posso apenas dizer que vivo há anos no velho e não estou satisfeito.

Giorgio intervém.

— Não perca tempo com esse cafetão. Como ele poderia entender em dez minutos o que não entendeu em toda uma vida?

Olho para ele. Vejo-o novamente no palco, enquanto oferecia às pessoas na sala um dos presentes mais bonitos que um homem pode dar a outro: uma risada. Vejo novamente seu rosto desolado e meigo enquanto dizia a frase final.

E destruiu nossa infância...

Seja lá o que tenha destruído a sua, agora é tarde para remediar. Ou, então, tudo isso são bobagens de psiquiatras e não existe um verdadeiro motivo. Talvez a natureza seja a única responsável e ele seja simplesmente uma maçã podre em um cesto de maçãs boas.

Algumas pessoas sabem reconhecê-la, e a jogam fora.

Algumas pessoas sabem reconhecê-la, e a usam.

Respondo com o mesmo tom de voz.

— Uma coisa eu entendi em toda esta confusão.

— O quê?

Ele me encara, enquanto espera. Arrogante, com um ar de desafio.

— Algumas pessoas explodem bombas porque acreditam nelas. Outras explodem bombas só porque gostam de ouvir o barulho e os gritos dos feridos.

Deixo que ele assimile o conceito.

— A que categoria você pertence?

A raiva dele vem de um ponto muito próximo porque em um instante está em seus olhos. Ele saca o revólver do cinto e o põe embaixo do meu queixo, obrigando-me a levantar a cabeça.

— Seu merda, vou...

Não tenho tempo de saber o que ele vai fazer porque Lucio intervém.

— Giorgio, chega! Guarde esse revólver.

A pressão do cano diminui, mas a fúria permanece intacta. A contragosto, cede ao pedido de quem detém o comando. Lucio age como Tano Casale, Giorgio, como o Tulipa. Se fosse necessário, seria a confirmação de que é a mesma coisa em todos os lugares.

É a ilusão do avião. São os lugares que mudam, e não os homens.

A arma volta para seu cinto e ele recua um passo.

Sergio, que foi fechar o portão, volta à garagem. Abaixa a porta de metal e deixa do lado de fora o ar fresco da noite. Agora, estamos fechados dentro desta caixa de tijolos, telhas e chapas metálicas, sob luzes impiedosas, todos prisioneiros, cada um a seu modo.

A porta no alto da pequena escada à esquerda se abre.

Carla sai e para no patamar para olhar os homens em pé no nível mais baixo, que, instintivamente, viraram a cabeça em sua direção. Desce com seu passo felino e tenho a impressão de que aquele movimento de poucos degraus acontece em câmera lenta para me dar tempo de reviver cada instante das horas que passamos juntos. Todas as suas expressões, todas as suas transformações. Faxineira, garota incrédula da própria beleza, mulher consciente do próprio poder sobre os homens, decidida a conquistar o mundo. Até chegar à Carla de agora, uma desconhecida com olhar frio e uma expressão dura no rosto.

Nem mesmo a luz das lâmpadas fluorescentes consegue atenuar sua beleza. Nem o jeans e o suéter barato que ela está usando. Nem a ideia de que ela se aproximou de mim com a intenção precisa de me envolver em um plano do qual eu não sairia vivo.

Ela ignora Giorgio e Chico, que continua atrás de mim, um passo e um cano de revólver mais recuado. Vai até Lucio, abraça sua cintura e apoia os lábios

sobre os dele. Depois, me indica com a cabeça.

— Vejo que temos companhia. Como você fez para encontrá-lo?

Lucio me olha com um meio-sorriso. Porém, sua ironia não me diverte mais.

— Bravo fez jus a seu apelido. Infelizmente para ele, foi apenas bravo, e não bravíssimo. Descobriu sozinho quase tudo, embora tenha cometido o erro de se apresentar a mim e não à polícia.

Carla não comenta e se vira para mim.

Não há lisonjas em seus olhos.

— Aqui está você.

Uma simples constatação. Ela fala como se fosse algo natural estarmos um diante do outro nesta situação, com uma arma na mão de Chico que não para de controlar meus poucos movimentos.

— Pois é. Aqui estou.

O que posso acrescentar que já não tenha sido dito ou que não seja inútil dizer? Existe alguma emoção a ser expressa que ela já não tenha visto refletida em meu rosto ou em meus gestos?

Ficamos olhando um para o outro. Também neste caso, como aconteceu com Lucio, permaneci sendo a mesma pessoa.

Ela não.

E, se fosse necessário, suas palavras me demonstrariam isso.

Secas, precisas, sem absolvição.

— Você me dá nojo, Bravo. Gostaria de ter dito isso desde o primeiro instante em que nos encontramos. Pelo que você é. Por sua inutilidade. Pelo mundo podre que você representa e ao qual serve de maneira asquerosa.

Só existe uma coisa que posso dizer. E eu a digo.

— Nunca matei ninguém.

— Nem eu. Só pessoas que mereciam morrer, mas essas não contam.

Os outros ouvem em silêncio essa troca de frases. É fácil entender de que lado eles estão e a quem, dentro de si mesmos, estão dando razão.

Lucio intervém.

— É isso que você nunca conseguirá entender, meu amigo. Não temos adversários, apenas inimigos. Deixamos os adversários como cobertura para a política, que, com essa definição, mascara toda uma série de trapaças e conivências, abusos e homicídios comandados pelo Estado. A ponto de a palavra adversário ter se tornado sinônimo de cúmplice. O que nos sustenta é a firme convicção de que nada é intocável, inelutável, insubstituível. Acreditamos em algo que deixa em segundo plano não apenas a vida dos outros, mas também nossa própria vida. Carla aceitou, como tantos companheiros, rebaixar-se a ações que a enojavam a fim de atingir o objetivo que havíamos estipulado. Não fechou os olhos, mas os manteve abertos, olhando para longe, enquanto trepava com você.

Acaricia seus cabelos. Sorri para ela.

— O mundo de amanhã deve muito a ela.

Carla me observa. Em seu rosto, encontro a expressão que confirma as palavras de gelo que me disse pouco antes. Mas eu penso somente em uma frase

de Lucio.

Enquanto trepava com você...

Isso significa que ela não lhe disse nada sobre mim, sobre a minha patética mutilação, o que criaria uma balbúrdia de piadas e risadinhas, se atirada como uma bola de boliche entre os pinos do Ascot Club. E que seria uma fonte de sarcasmo e escárnio até mesmo entre estes homens capazes de interromper vidas em nome do nada e, em seguida, desaparecer nesse mesmo nada.

Ela deixou que eles acreditassem que nós dois...

— Acho que está na hora de nos mexermos.

O rapaz com cara de estudante interrompe este momento. Palavras ditas em voz alta porque assim é a vida, e outras palavras não ditas porque assim são os homens.

Todas importantes, todas inúteis.

Lucio retoma o controle da situação. Estende para Carla o revólver que encontrei escondido na porta do Mini.

— Tome, ponha em cima da bancada. Esse precisa ser encontrado em casa. Deixe também os outros dois, que foram usados em Lesmo. Vai dar mais força à encaenação.

Carla empunha o revólver como se nunca tivesse feito outra coisa. Tranquila, forte, mentirosa. Volto a me perguntar por que mentiu também a respeito de nós. Receio que nunca saberei a resposta. Enquanto me sobrar tempo, posso apenas tentar imaginá-la.

Lucio indica com a cabeça a porta no topo da escada.

— Ele está lá em cima?

— Está.

— Perfeito. Eu falo com ele, depois pegamos as coisas e vamos embora.

Vamos embora.

Lembro-me de Daytona e das piadas que eu fazia para ele. Desta vez, gostaria de estar incluído naquele plural. Mas duvido que isso vá acontecer.

Chico torna a falar. O cano do revólver reencontra minhas costelas.

— Por ali. Vamos.

Seguimos Lucio em direção à escada. Quatro degraus nos permitem alcançar a porta. Do outro lado, encontramos um corredor com uma tapeçaria que tem como estampa desenhos geométricos. Prosseguimos em fila indiana, homem-homem-revólver-homem, até entrarmos em uma sala de estar na qual a tapeçaria entra em conflito com cortinas que precisariam ser lavadas e esquecidas no varal até o fim dos tempos. A área à direita está tapada por uma estante que serve de divisória. À esquerda, há móveis em nogueira, com um sofá e duas poltronas de napa dispostas na frente de um televisor. No chão, ao lado do sofá, algumas bolsas com alças, as malas dos fugitivos.

Sentado em uma das poltronas está Gabriel Lincoln. Só o vi uma vez na vida, mas é uma daquelas pessoas que você não esquece por causa dos traços e das circunstâncias.

— Boa noite, mister Bravo.

Seu italiano perfeito e seu sotaque inglês são tão inconfundíveis quanto seu perfume. Ele é um homem cheio de certezas, um conservador. A elegância do

terno é como o brilho de um garfo sobre um prato neste ambiente de pobres mortais.

— Como pode ver, o mundo é pequeno. E malvado, eu acrescentaria.

Não sei por que, mas não estou surpreso. Gabriel Lincoln é uma resposta lógica, um ornamento que encontra seu lugar nesta história de maneira totalmente natural. O homem sempre um passo atrás ou dois à frente, o colaborador fiel, o Judas com muito dinheiro depositado em uma conta no exterior.

— Não posso dizer que é um prazer revê-lo.

— Sinceramente, nem eu. Faz parte, digamos, de uma incumbência do trabalho. Para seu azar, desta vez não se trata do seu trabalho, mas do meu.

— Só por curiosidade, o senhor é do Serviço Secreto?

Ele sorri e parece se esquivar. No entanto, não acredito que a modéstia seja um de seus dons.

— Uma definição desse tipo lembra por demais James Bond. Porém, digamos que o campo em que atuo pode ser definido assim.

— Por que eu? O senhor tinha a confiança de Bonifaci. Que necessidade tinha de recorrer a mim?

Lincoln se levanta e ajeita as calças de gabardine.

— Infelizmente, Lorenzo me afastou há alguns meses. Um deplorável incidente de percurso. Eu sabia tudo sobre ele, mas não podíamos mais interagir. A mansão Bonifaci se tornou inalcançável para mim.

Faz um gesto com as mãos que explica tudo. Até o motivo pelo qual, daqui a pouco, vou levar uma bala na cabeça.

— A única pessoa por meio da qual podíamos entrar naquela casa, e naquelas circunstâncias, era o senhor. Nada pessoal, apenas uma questão de oportunidade.

Faz uma pausa. E então me recompensa com sua compreensão.

— Lamento.

Do corredor, chega o barulho da porta que dá na garagem. Um som de passos e, logo em seguida, Carla aparece na sala de estar. Está com um revólver nas mãos. Um cheiro estranho a segue. Demoro um instante para reconhecê-lo, no momento exato em que ele apaga o perfume francês de Gabriel Lincoln.

É cheiro de pólvora.

Lucio dá um passo para o lado.

— Terminou?

Ela faz duas coisas quase ao mesmo tempo. Primeiro, um sinal de confirmação com a cabeça, depois, levanta a mão direita e...

pffi... pffi...

...dois pequenos jorros de sangue na altura do coração de Chico sujam o terno de Mr. Lincoln. Lucio é rápido, como se, em sua cabeça, já tivesse visto a sequência do que estava para acontecer. Antes que o corpo de Chico caia no chão, ele já pega seu revólver.

Desta vez, sem silenciador. O disparo ecoa no ambiente apertado e no amplo silêncio da noite como uma explosão. Um furo se abre no meio da testa de Gabriel Lincoln. Um milésimo de segundo depois, seu sangue e seu cérebro vão

parar nas cortinas da janela ao fundo.

Ele cai de costas com a expressão de quem não entende por que morreu. Na verdade, quem é assassinado nunca entende. Seu corpo inanimado é feito de linhas interrompidas e forma uma estranha geometria com o de Chico.

Carla se junta a nós e olha para os dois cadáveres. Talvez tenha sido isso o que aconteceu em Lesmo. Com aquele olhar frio, verifiquei se todos os corpos caídos no chão haviam perdido a vida de maneira definitiva, pronta para, caso contrário, dar o tiro de misericórdia.

Lucio pergunta.

— E os outros?

Carla responde.

— Foram embora.

— Pegue as malas. Eu termino aqui.

Com passos rápidos, Carla passa pelo sofá e entra em uma porta no fundo do cômodo. Da porta aberta, após a luz ter sido acesa, é possível vislumbrar um quarto. Ela desaparece lá dentro e, na sala, restamos vivos apenas Lucio e eu.

Ele levanta o revólver e o encosta em minha têmpora.

— Sinto muito, Bravo. O verdadeiro criptograma era muito mais complicado do que a solução que você encontrou.

— Ou seja?

— O que encontramos naquela casa nos fez mudar de planos. Agora, eles não dizem mais respeito aos companheiros, à luta, à vitória que talvez nunca venha a acontecer. Agora, os projetos dizem respeito apenas a Carla e a mim.

Poucas palavras secas de Carla cortam pela raiz uma pergunta inútil de minha parte.

— Receio que, nos seus projetos, haja um nome sobrando, Lucio.

Nós dois viramos a cabeça para a voz. A tempo de...

pff!...

...ver surgir do cano do revólver uma pequena faísca que arranca um pedaço da cabeça de Lucio. Um leve jorro de sangue também vai parar em meu paletó e em meu rosto. A pressão do cano em minha têmpora desaparece. Um corpo se junta a outros dois no chão.

Carla aponta o revólver para mim. Indica com o cano um canto do cômodo.

— Fique ali e nada de brincadeiras, se não quiser ter o mesmo fim.

Ela se movimentava depressa. Saca do bolso de trás do jeans um paninho e esfrega o revólver que usou para atirar em Lucio. Depois, segurando-o pelo cano através do tecido, se inclina ao lado do corpo de Gabriel Lincoln e faz com que ele feche o punho em torno da coronha e do tambor para deixar suas impressões digitais.

Abandona a arma no chão e volta a se levantar. Durante todo o tempo, ficou de olho em mim. E eu, do meu ponto de vista, fiquei de olho o tempo todo no segundo revólver que brotava do cós de suas calças.

Carla olha para mim. Não há ansiedade em sua voz, apenas a urgência exigida pela praticidade.

— Você tocou em alguma coisa?

Faço um sinal negativo com a cabeça.

— Muito bem. Espere aqui.

Ela desaparece novamente no quarto e reaparece arrastando duas malas. Apóia uma delas a meu lado.

— Pegue essa. Precisamos ser rápidos. Alguém pode ter ouvido os disparos.

Tudo aconteceu depressa e sem explicação. Os relâmpagos, os trovões, o granizo e o temporal acabaram antes mesmo que eu me desse conta de que estava caindo água do céu. Só que não era água, era sangue. Estou transtornado pelo barulho e pelo cheiro dos disparos, pelo alívio de não ser um daqueles corpos imóveis no chão.

A única coisa da qual tenho certeza é de que estou vivo.

Percorremos novamente o corredor. A porta ainda está aberta, a tapeçaria continua sendo feia, o cheiro acre de cordite continua forte. Quando chegamos ao topo da escada, consigo ver com uma única passada de olhos o que a garagem se tornou. Giorgio está caído perto de sua moto, a parte da frente da camisa azul ensanguentada, a jaqueta de couro, furada na altura do coração. O estudante está no chão, de lado, com os olhos abertos. Uma mancha vermelha se expandiu no cimento a partir de sua cabeça. Parece observar Sergio, que está de bruços, ainda mais atarracado e desajeitado no seu modo pouco elegante de estar morto.

Carla nem se digna a olhá-los, como se fossem parte de algo que sua mente registrou como acontecido e logo arquivado. Descemos rapidamente os degraus. Minha mala pesa. Não sei que diabos tem dentro, mas pesa. Apesar dos poucos passos, já estou sem fôlego.

Carla é mais enxuta, forte, calma e eficiente.

Penso na palavra letal, mas a deixo de lado imediatamente.

Chegamos ao Kadett e ela abre o porta-malas. Tira lá de dentro um par de luvas de trabalho e as atira para mim, uma de cada vez.

— Ponha isso. Levante um pouco a porta de metal e verifique se não tem ninguém lá fora. Depois, vá abrir o portão.

Cumpro a tarefa enquanto ela arruma as malas. De repente, estou do lado de fora, no ar insípido da noite que, em si, já é uma bênção. Percorro a estradinha de cimento, guiado até o portão pela claridade violácea da cidade ao fundo.

Assim que abro o portão de metal, o motor do Opel é ligado e o carro sai em marcha à ré. A luz dos faróis resvala nos corpos caídos e se retrai, como se estivesse com nojo. Apenas as luzes fluorescentes no alto permanecem iluminando a cena.

O carro chega até a estrada e para com a parte da frente apontando para o lugar de onde, alguns minutos ou algumas horas antes, cheguei. Por um instante, suspeitei que ela não pararia, que eu ficaria aqui sozinho, no quintal desta casa cheia de cadáveres, procurando entender o que aconteceu e tendo de explicar tudo a quem viesse tomar satisfações.

Depois, a porta do passageiro se abre. Graças à claridade do painel, vejo um gesto de Carla, que me convida a entrar. Com um suspiro de alívio, sento-me a seu lado, permitindo finalmente que minhas mãos e pernas tremam. Seguimos velozes até a estrada estatal e viramos à esquerda. Mais uma vez o parque de diversões, o Idroscalo, Linate. No sinal, enquanto dobramos à direita rumo à

cidade, um muro de painéis de cimento ladeia a viale Forlanini. Alguém, com uma lata de tinta spray preta, deixou uma pichação.

Que diabos Nelson está fazendo no nosso navio?

ESTACIONAMOS EMBAIXO DA CASA DE CARMINE. Sobre os telhados, uma vaga promessa de luz. Outro dia está raiando e Carla e eu estamos novamente juntos. Permito a mim mesmo o luxo de uma quimera, o único que me é concedido neste momento. Gostaria de poder voltar atrás em uma manhã como esta e ouvir pela primeira vez...

Com você, seria grátis...

...e pensar que tudo é verdadeiro, e responder sim, meu Deus, sim; até a última luz que eu puder ver, sim; pelo que sou e pelo que não sou, sim; maldição, sim; em qualquer lugar, sim; de qualquer maneira, sim...

Em qualquer mundo, sim, mas não neste.

A mão de Carla gira a chave e desliga o motor.

Falei o endereço da casa de Quarto Oggiaro quando ela voltou para o carro depois do telefonema.

Mais ou menos no final da viale Forlanini, ela parou na frente de um telefone público. Desceu e, através do para-brisa, eu a vi passar na frente do carro. Pela janela lateral, vi quando levantou a mão e introduziu a ficha, compôs um número e esperou a resposta. Depois, a vi falar com alguém, um diálogo breve, durante o qual parecia responder a pedidos que eram feitos do outro lado da linha.

Desligou e voltou para o veículo. Deu a partida com calma. Voltou a dirigir com os olhos atentos à rua. Atentos demais para que eu não entendesse que ela estava decidindo o que fazer.

Não o que fazer comigo.

Mas o que fazer *de* mim.

Fui eu que quebrei o silêncio. Eu tinha muitas perguntas. Não sabia quantas teria resposta. Comecei pela primeira, a que não nascia da curiosidade, mas da surpresa.

— Por que você não me matou também?

Logo em seguida, virei a cabeça e fiquei olhando para a rua com medo de ler em seu rosto que aquela era uma pergunta que ela também estava se fazendo.

Prosegui, desafiando suas intenções e seu silêncio.

— Teria sido tudo perfeito. Tudo estaria em seu lugar. De acordo com a lógica desta história, eu sou o único que falta naquela casa, no meio daqueles corpos.

Carla vasculhou o porta-luvas. Estendeu para mim um pacote de lenços de papel.

— Limpe o rosto. E tire o paletó porque está manchado de sangue.

Entendi que aquele era apenas um dos muitos artifícios que estavam à sua disposição para adiar a resposta. Ou para me fazer entender que não haveria resposta. Tirei o paletó e o joguei no banco de trás. Virei o retrovisor para mim, acendi a luz interna e comecei a limpar do meu rosto os vestígios do sangue de Lucio.

— Onde você se escondeu nos últimos dias?

Respondi sem olhar para ela.

— Em um lugar.

— É seguro?

— É.

— Vamos para lá.

Apaguei a luz e deixei que fosse Milão a iluminar Carla. Ela entendeu meu silêncio como hesitação.

— Quando parei, liguei para a polícia. Disse que havia passado na frente da casa e que me pareceu ter visto corpos caídos no chão da garagem. Interpretei o papel da cidadã amedrontada que cumpre seu dever, mas que não quer se envolver.

Olhou para mim.

— Você precisa de um lugar onde ficar até que a polícia encontre os corpos e faça uma reconstituição do que aconteceu. A presença de Gabriel Lincoln, colaborador de Bonifaci mandado embora com um pé na bunda, e a descoberta de que Lucio não era cego reforçarão a hipótese de que, nesta história, você foi vítima de um complô.

— Vão sobrar muitos pontos obscuros.

— Em histórias como esta, é sempre assim. Obscuros ou obscurecidos.

— Não. Serão apenas outros momentos para os quais não tenho um álibi. E tudo o que eu puder dizer ou mostrar vai parecer simplesmente uma tentativa de construir um. Carla ficou em silêncio. Talvez tivesse pensado a mesma coisa e minhas palavras funcionassem como mera confirmação. Através dos vidros do carro, desfilavam à nossa frente imagens de uma cidade que, poucos dias antes, eu tinha a coragem de considerar uma espécie de propriedade privada. Sem me dar conta de que, na verdade, ninguém é dono de nada. Podemos apenas optar por pertencer a alguma coisa. A capacidade e a sorte são uma ajuda válida para tomarmos uma decisão.

O amor faz o resto. É o que às vezes ilude, mas que não se compra e não se vende.

Nunca.

Depois de informar o endereço, recostei-me no banco. Até chegarmos ao destino, não disse mais nada, repassando na minha cabeça a sucessão dos eventos. Reflito que, em poucos dias, tive dois momentos clamorosos de sorte. Um quando fui salvo do Tulipa. O outro quando saí vivo de uma casa deixando para trás cinco mortos. Temo ter esgotado meu crédito com a sorte.

Não aventei nenhuma hipótese sobre os verdadeiros motivos para que toda esta confusão tenha sido armada. O Estado, o Serviço Secreto, as Brigadas Vermelhas, os ideais, a luta de classes, a luta armada eram apenas indícios sem sentido. Eu sabia que, apesar da fantasia e do hábito de solucionar enigmas, este era difícil demais para mim. A chave de tudo estava sentada a meu lado. E eu ainda não sabia se Carla me daria uma explicação ou se enfiaria uma bala na minha cabeça.

Descemos do carro. Jogo o paletó manchado de sangue na lata de lixo. Acho que Lucio não terá uma sepultura melhor. Minhas costas doem e meus olhos

ardem. Vamos até a traseira do carro e colocamos as malas no chão. Carla tira do porta-malas uma bolsa de viagem.

Indico com um gesto o Kadett.

— É prudente deixar o carro aqui?

— É, sim. Está limpo.

Mostro o caminho e chegamos ao elevador. As malas parecem mais pesadas ainda. Mas talvez sejam apenas o cansaço e o manto negro que cobre meu futuro que tornam a carga ainda mais onerosa.

Enquanto subimos, meus olhos reencontram as pichações. Agora, parecem-me testemunhos confiáveis da vida, uma brincadeira com o tempo, mais do que com os homens. Fico pensando que Mary e Luca, quando eu sair da prisão, serão adultos e eu serei um velho. Sem querer, dou um sorriso tão amargo a ponto de causar compaixão. Minha companheira de viagem não o nota.

Quando chegamos a casa, depois de largar a bolsa no chão, Carla olha à sua volta. Nada mudou, exceto um detalhe. A esqualidez foi totalmente eliminada pela sensação de segurança.

— Não é o Grand Hotel.

— Não, não é. Mas é um lugar no qual, por enquanto, ninguém vai nos procurar.

— Quem mora aqui?

Conjugo o verbo no tempo certo, para tranquilizá-la.

— Quem morava aqui está em San Vittore. É a casa de um amigo que pegou vinte e dois anos.

Ela assimila a informação sem comentários ulteriores. Mexe a cabeça como se quisesse estalar as vértebras.

— Preciso tomar um banho.

Indico o corredor.

— O banheiro é por ali. Enquanto isso, vou preparar um café.

Carla está com uma expressão estranha, como se lamentasse o que está prestes a dizer.

— Eu preferiria que você ficasse comigo.

Entendo e esboço um sorriso. O de antes, no elevador, em comparação, era um cubinho de açúcar. Não há nada de doentio nem exibicionista no que ela acaba de me propor. Nenhuma concessão aos meus olhos. Quer apenas me manter sob controle em todos os momentos porque não confia em mim. A regra de quem mata é não proporcionar a ninguém, em momento algum e por nenhum motivo, as condições para que essa pessoa o mate.

Em silêncio, mostro o caminho até o banheiro. Fico me perguntando quando chegará o momento das palavras entre nós. Aquelas palavras que arrancam os véus escuros e deixam entrar um pouco de luz.

Abro um armário e ponho duas toalhas em cima da pia, ao lado do chuveiro. Ela tira o revólver do cinto e o apoia sobre as toalhas. O metal preto se destaca como um insulto sobre o branco pálido do tecido felpudo.

Vou me sentar no vaso e me permito acender um cigarro.

Carla começa a tirar a roupa. Sem malícia. É somente uma pessoa que se libera das roupas com gestos despachados, assexuados. Tira o suéter e, embaixo,

não está usando sutiã. Os seios são firmes, cheios. Os mamilos estão intumescidos devido ao roçar da lã. Ela se apoia no lavabo e tira, uma de cada vez, as botas que eu lhe havia dado na minha casa. Desata o cinto e, com um só movimento, tira jeans e calcinha.

Está nua.

Está linda.

É uma mulher que matou.

Só agora, ela me olha. Seus olhos estão cheios de algo que não sei definir. Pesar, pena ou somente cansaço. Seja o que for, é ofuscado por outro olhar, o olhar caolho de um revólver que está me observando a poucos centímetros de sua mão.

Dura pouco. Em seguida, Carla se vira para procurar a torneira. Suas nádegas e quadris têm a marca da perfeição, mesmo com o leve sinal deixado pelo cinto de couro e pelo tecido áspero do jeans.

Ela encontra a temperatura certa e, finalmente, entra embaixo do jato que cai do alto. Não fecha a cortina. Começa a se lavar e a água que escorre sobre seu corpo não é mais um fruto banal de pressão, tubos e mecânica, mas sim chuva que cai do céu para contornar e confundir a beleza e restitui-la intacta depois do abraço. Eu a observo até que ela fecha os olhos e levanta a cabeça. Com as mãos, puxa para trás os cabelos e deixa que o jato d'água os livre da espuma.

Depois, aproxima-se da beirada do boxe e faz um gesto para mim. Poucas gotas d'água caem da sua mão para o chão.

— Vem.

O desejo é uma mão macia que se mexe dentro de mim. Enquanto me levanto, sei que se tornará uma garra pontuda que vai me machucar. Mas não me importa. Pela primeira vez depois de muito tempo, liberto-me das roupas na frente de outra pessoa por escolha e vontade próprias. Ignoro meu corpo mutilado. Tenho consciência apenas do corpo dela.

Dou poucos passos e estou sob o chuveiro com ela.

Carla me abraça, junta-se a mim, a água nos cola e encontro sua língua e sua boca. Eu a procuro com as mãos. Descubro-a, abro-a e ela me acolhe com um gemido. De algum modo, ela me encontra, eu sou e existo, a água escorre e, no seu prazer, acontece algo comigo que não sei descrever. De repente, a garra não existe mais e a dor desaparece.

Depois, ficamos abraçados embaixo da água, que voltou a ser a água de um chuveiro, mas que, exatamente por isso, é perfeita. O que devia ser levado embora desceu pelo ralo, e o que devia ser lembrado ficou gravado na nossa pele.

Distancio-me primeiro. Ela fecha a torneira e o chiado do jato d'água é substituído pelo silêncio. Saio do chuveiro, afasto o revólver e estico uma toalha para ela. Ela a passa nos cabelos e, depois, a enrola em volta do peito.

Não tenho coragem de olhá-la.

Há coisas demais que tenho medo de encontrar em seus olhos.

Passo rapidamente a toalha no corpo, então, recolho as roupas e saio do banheiro. Termino de me enxugar no quarto e visto calças e camisa limpas.

Vou para a cozinha e começo a preparar o café. A cafeteira está emitindo seus gorgorejos quando Carla chega à sala. Está descalça e ainda com a toalha enrolada ao redor do peito. Agacha-se e remexe na bagagem. Pega um isqueiro e um maço de cigarros. Acende um deles e o aspira como se fosse uma fonte de vida. Por fim, pega calcinha, calças e uma blusa leve.

Desaparece novamente no corredor. Volta vestida quando estou acabando de despejar o café nas xícaras. Inclina-se novamente sobre a bolsa e vejo que põe lá dentro o revólver. Depois, vem até a mesa e se junta a mim. Não falamos do que acabou de acontecer. Não sei o que significou para ela. Para mim, foi a resposta para uma pergunta. E prefiro acreditar que é o que estou imaginando.

Carla toma um gole de café sem açúcar. Depois, fica com o olhar fixo naquele líquido negro e fumegante. Agora, chegou o momento em que há coisas a serem ditas. E ela também sabe disso.

Começa a falar sem levantar os olhos.

— Bonifaci era um homem muito poderoso. Mais do que é possível imaginar. Ao longo do tempo, havia reunido dossiês com os quais controlava boa parte do mundo político e econômico da Itália. Fotos tiradas durante as festas em sua casa, documentos que testemunhavam conluíus com o crime organizado, provas de corrupção e apropriações indébitas na gestão do dinheiro público, financiamento ilícito dos partidos.

Carla levanta os olhos para mim.

— O suficiente para mandar para a cadeia uma quantidade constrangedora de pessoas. Algo que teria reduzido à metade a classe dirigente deste país. Bonifaci usou todos como marionetes durante anos. A seu favor, é claro. Depois, começou a puxar demais os fios, que se romperam. Alguém decidiu que era necessário pôr fim a seu enorme poder.

— Como?

— Óbvio. Recuperando os dossiês que estavam em suas mãos.

Termina o café e apoia a xícara sobre a mesa. Não é possível ler o futuro no fundo dela. O futuro é filho do presente e, talvez, para nós, ele nunca vá existir.

Mas a questão não é essa.

Agora, quero apenas entender o passado.

Carla sabe disso e, dentro de si, decidiu que é justo.

— Havia uma quantidade impressionante de dinheiro e poder reunida contra Bonifaci. Gabriel Lincoln, seu homem de confiança, foi corrompido graças a um valor astronômico e induzido a colaborar. Infelizmente, Bonifaci o afastou. Talvez tenha farejado alguma coisa. Ou então foi apenas uma manifestação daquele sexto sentido que algumas pessoas parecem ter.

— Isso eu entendo. O que não entendo é onde entram as Brigadas Vermelhas.

— Para levar a cabo a operação, era necessário um disfarce. As Brigadas Vermelhas estão em uma situação muito difícil. Eles estão sendo pressionados por causa do sequestro de Moro e precisam de apoio e dinheiro. Em troca, podiam fornecer homens. Quem organizou tudo estabeleceu contatos dentro da organização. Fez promessas em troca de outras promessas.

— Quer dizer que há pessoas no âmbito da política italiana que estariam

dispostas a abandonar Moro ao seu destino para conseguir ajuda na recuperação daqueles documentos?

— Exato. O resultado seria de interesse comum. Por um lado, teria dado aos brigadistas um novo sucesso em sua luta armada. Por outro, teria eliminado a ameaça de Bonifaci para aqueles que o temiam.

Levanto-me e acendo um cigarro.

— Mas quem iria garantir que os brigadistas, após terem recuperado os dossiês e tomado conhecimento de seu conteúdo, não os teriam usado como arma e os tornado públicos?

— Eu.

Sua simplicidade ao falar foi desconcertante. Como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Entrei nesta operação por dois motivos. Primeiro, porque faço parte de um setor da agência de inteligência Siste e recebi treinamento. Segundo, porque sou uma bela garota. Eu era o contato com os homens das Brigadas Vermelhas e, ao mesmo tempo, a pessoa ideal para conquistar a confiança do único homem que tinha acesso à mansão de Bonifaci.

— Eu.

Também pronunciei este monossílabo com uma simplicidade desconcertante. Uma consequência inevitável da coisa mais óbvia do mundo.

— Claro. Você.

Carla se permite um esboço de sorriso sem alegria.

— Quando descobri que você morava no mesmo andar de Lucio, não pude acreditar. Não havia nada programado, somente a pura e simples casualidade.

Faz uma pausa, ainda cheia de incredulidade em relação à maneira como o caos e o acaso governam o mundo.

— A pessoa indispensável para chegarmos a Bonifaci morava a poucos passos de uma das pessoas encarregadas do plano.

Agora que não se trata mais de vida, mas de história, tudo parece muito simples e inócuo na narrativa pacata de Carla. No entanto, ela está me explicando os motivos pelos quais deixou atrás de si um rastro de mortos. Nas palavras, nunca há sangue, somente sua descrição ou sua lembrança.

— Através de Lincoln, sabíamos que você existia e mandava periodicamente garotas para a mansão em Lesmo.

— Então, vocês atraíram o coitado do Daytona.

— Sim. Parecia a maneira mais suave para que eu entrasse no seu circuito. Chegar a você através de alguém da sua confiança. A partir daquele momento, você foi vigiado dia e noite.

Eu a interrompo.

— Conheço essa parte.

Explico rapidamente como descobri a verdade. Meu resgate das mãos do Tulipa, ela que me esperava na frente do Ascot, a substituição do carro, a descoberta do esconderijo de Daytona, o revólver na porta do carro. Enquanto conto tudo, ela me olha concentrada, atenta, como se estivesse tentando encontrar significados que vão além das minhas palavras.

Ela não sabe, porém há mais significados do que ela pode imaginar.

Mas essa é outra história. Agora, há mais coisas que quero saber. Faço a pergunta que me dá mais medo, a que me atormenta desde que soube da chacina pela televisão. Certamente, se houver uma resposta, ela me perseguirá até o fim de meus dias.

— O que aconteceu na mansão de Bonifaci?

Carla deixa que os olhos corram pelo cômodo. Talvez meça a diferença entre o ambiente despojado em que estamos e o luxo que a cercava naquela noite. Diante de seus olhos talvez estejam passando novamente imagens que ela gostaria de esquecer. As imagens que para mim são fantasia, para ela são lembranças com as quais terá de se defrontar durante muito tempo.

— Posso tomar outro café?

Levanto-me, vou até a cozinha e começo a enxaguar a cafeteira. Acho que entendo por que ela fez este pedido. Prefere que ninguém a veja à medida em que fala.

Ouçõ sua voz enquanto encho o filtro.

— Durante a festa, eu havia deixado uma janela aberta. Quando Lucio e os outros chegaram, trazendo consigo Laura, eu já mantinha sob controle as garotas, Bonifaci e seus convidados.

Aperto o pó marrom com a colherinha.

Quando Lucio e os outros chegaram, trazendo consigo Laura...

Isso significava que os homens da escolta já estavam todos mortos. E que aquela pobre moça fora arrastada até lá para ser sacrificada em nome da Razão de Estado. Talvez pelo próprio homem que a fizera decidir mudar de vida.

Carla prossegue. Eu atarraxo a cafeteira.

— Gabriel Lincoln havia dito que o cofre ficava escondido no porão. Lucio e eu descemos com Bonifaci. Ele negou a existência de uma caixa-forte e eu atirei em uma de suas pernas para convencê-lo a abri-la.

Acendo o fogo. A chama azulada envolve o fundo da cafeteira.

— Àquela altura, Bonifaci cedeu. Explicou onde ficava o cofre e nos deu as combinações. Quando o abrimos, Lucio o matou.

A chama se mexe e tem um poder hipnótico, como as palavras de Carla que chegam do outro cômodo até mim.

— Lá dentro, encontramos o que procurávamos. Pegamos os dossiês e voltamos a subir. Quando chegamos lá em cima, só havia cadáveres no salão.

Através da tampa levantada da cafeteira, vejo que o líquido escuro começa a sair. Fecho-a. Espero ouvir seu som gutural no tubo. Apago o gás, pego a cafeteira e volto ao outro cômodo.

Carla está imóvel, com os braços apoiados sobre a mesa, o olhar fixo diante de si. Despejo o café na xícara à sua frente. Encho a minha também.

— Chico e Sergio foram logo devolver seu carro. Eu e os outros voltamos para a casa da estrada Rivoltana com os dossiês.

Carla estica uma das mãos e pega a xícara. Toma um gole.

Percebo que não quero tomar aquele café. Quero apenas que Carla termine de contar sua história.

— Fale do Lucio.

Na verdade, eu queria perguntar sobre aquela noite. Aquela na qual...

Sua voz interrompe meus pensamentos.

— Lucio estava cansado. Entendi que, na verdade, ele não aguentava mais aquela vida. Não aguentava mais viver escondido, como se estivesse preso, fechado em seu disfarce. Todos os discursos ideológicos eram para uso e consumo dos outros, puro e simples chamariz. A clandestinidade desgasta e, mais cedo ou mais tarde, procuramos uma alternativa. Uma qualquer, a qualquer preço, desde que seja à luz do sol. Fiquei com ele e o trouxe para o meu lado porque tinha certeza de uma coisa.

— Do quê?

— De que, após conseguir aqueles documentos, ele teria reconhecido neles a alternativa que estava procurando. Então, fingi ser sua cúmplice.

— Como assim?

— Nós ficaríamos com os documentos. Com aqueles dossiês em nossas mãos, teríamos o mesmo poder de Bonifaci. Eles seriam nossa garantia de segurança e uma fonte inesgotável de dinheiro.

Ela termina o segundo café. Eu acendo outro cigarro.

— O sonho de todos. Liberdade, imunidade, dinheiro.

Carla me olha.

— Só tinha um problema.

Aguardo em silêncio que ela confirme minha suposição.

— Eu também tinha certeza de que Lucio teria me usado para se livrar dos outros e, quando atingisse seu objetivo, se livraria de mim. Portanto, não tive escolha. Ou ele ou eu.

Bato a cinza na xícara. Em contato com o líquido, ela emite um leve chiado. Tem mais uma coisa que preciso saber.

— Por que você aceitou participar disso?

— Pelo mesmo motivo que todos fazem tudo. Dinheiro. Promessas de poder. Escolha você.

Ela olha para as próprias mãos.

— Coisas que agora não fazem mais sentido.

Faz uma pausa e, em seguida, seus olhos estão novamente voltados para mim. Não sei o que ela procura em meu rosto. Não sei o que encontra. Dou o último trago no Marlboro e o apago na xícara.

Resta uma outra pergunta, a mais importante.

— Agora, o que você pretende fazer?

Carla se mexe nervosa na cadeira.

— Não sei ao certo.

Em silêncio, sigo-a enquanto ela se levanta, vai até as malas apoiadas no chão e as indica.

— Mas sei que se eu entregasse o material que está aí dentro à pessoa que me mandou recuperá-lo, eu seria uma mulher morta em uma hora.

Olho para ela. Em troca, recebo o mesmo olhar.

É o momento dos espelhos.

Em seus olhos, há o presságio da única certeza que todo ser humano tem. Há o cansaço e a desilusão do sobrevivente, daquele que interrompeu vidas e percebeu que tudo foi inútil. Mas que, ainda assim, precisa combater para

continuar vivo.

Carla logo recupera o tom firme de quem tomou uma decisão.

— Me dê seis horas de vantagem e, depois, procure a polícia.

— Para dizer o quê?

— Tudo o que aconteceu.

— Eles nunca vão acreditar em mim. Não tenho um álibi e nem uma prova sequer.

— Você terá.

Carla se inclina e abre a fechadura de uma das malas. Está cheia de pastas rígidas, são vários volumes e diversas cores, cada uma fechada por um elástico e com uma etiqueta na frente. Dedilha muitas antes de encontrar a que está procurando. Então, a abre e folheia rapidamente seu conteúdo. Coloca-a no chão. Fecha novamente a mala e pega um paletó em sua bolsa. Quando volta a se levantar, já está de paletó e com a pasta nas mãos.

— Aqui dentro estão documentos e provas contra o homem que organizou tudo isso. É o suficiente para acabar com ele. Será seu seguro de vida.

Dois passos e a pasta é apoiada sobre o móvel. Depois, Carla volta para perto das malas.

— O resto será meu seguro.

— Para onde você vai?

— Quanto menos você souber, melhor.

Seu rosto diz que o lugar para o qual irá é um mistério até mesmo para ela. Espero que seja um lugar pacífico. Tenho certeza de que não será.

— Você tem dinheiro?

— Tenho. Havia dinheiro aos montes na caixa-forte de Bonifaci. Aquele homem não confiava nos bancos. Nem mesmo nos que lhe pertenciam.

Não resta muito a dizer. Carla se aproxima e encosta seus lábios nos meus.

— Eu gostaria de ser diferente e de ter conhecido você de outra maneira. Teria sido lindo.

Do perfume de sua pele e do calor de seus lábios, nasce, espontânea, uma pergunta. Da qual me arrependo no exato momento em que a formulo.

— Vou voltar a ver você?

Ela põe um dedo sobre a minha boca para impedir que eu fale mais. Seus olhos são, ao mesmo tempo, uma esperança e uma condenação. Depois, ela se vira, abre a porta, pega a bolsa e as malas e as arrasta para fora. A porta se fecha escondendo aos poucos a figura de Carla, até voltar a ser apenas um painel de madeira.

Fico sozinho.

O barulho do elevador chegando significa o início de uma viagem que, no caso de Carla, será uma fuga sem-fim, daquelas que tornam a vida uma experiência maldita. E eu sou ainda mais maldito porque não consigo me sentir culpado por ter piedade de uma assassina.

O CANSAÇO CHEGA NO MOMENTO em que percebo que tudo foi feito.

Estou aqui, ainda de pé, finalmente imóvel. A tensão, o medo e a excitação sumiram de repente e, agora que o vento parou, sinto-me vazio como um canudo. Em minhas veias não há mais um miligrama de adrenalina e talvez nem uma gota de sangue, que certamente está espalhado no chão em algum lugar e eu, no meio deste cômodo, apenas me iludo de que estou vivo.

É por isso que preciso tanto dormir. Porque o sono é a condição dos mortos.

Olho a pasta apoiada sobre o móvel, cheia de segredos. Não tenho sequer a curiosidade de abri-la e descobrir um nome. Os acontecimentos destes dias pertencem ao passado e, como todas as coisas do passado, tenho certeza de que não ensinarão nada nem a mim nem a ninguém. Tudo o que sei é que tive uma chance e a perdi.

O caos e o acaso, lembra?

Vou para o quarto. Deito sobre o colchão e puxo para debaixo da cabeça um travesseiro sem fronha. Adormeço praticamente no mesmo instante. Meu último pensamento antes de cair no sono é que Carla me pediu seis horas.

Primeira hora.

Eu durmo.

Carla percorre de carro as ruas de Milão em uma luminosa manhã de domingo. Preguiçosa para o resto do mundo. Sem fôlego para Carla. Estaciona o carro em uma vaga qualquer no aeroporto de Linate. Sabe que não vai voltar para pagar a conta. Não se dá o trabalho de apagar as impressões digitais. Na situação atual, tornou-se inútil o fato de ter apagado minhas impressões digitais na casa da estrada Rivoltana. A poucos quilômetros de distância, em uma casa isolada cheia de cadáveres, fotógrafos tiram instantâneos que fixam na película a posição dos corpos. Os flashes são raios que duram uma fração de segundo e procuram em vão um reflexo de vida naqueles olhos apagados. Técnicos da perícia estão fazendo anotações para tentar entender o que foi disparado, quantas vezes e a partir de que ponto.

Segunda hora.

Eu durmo.

Carla pega um carrinho, onde coloca as malas, pensando que a sobrevivência às vezes pesa. Entra no terminal e se vê diante de um quadro com os horários das partidas. Buenos Aires, Rio de Janeiro, Nova York, Caracas. O lugar não importa. Não importa saber para onde vamos, a única coisa que interessa é saber quando partimos. A poucos quilômetros de distância, em uma casa isolada, chegam carros que escoltam outros carros transportando pessoas importantes. São elas que decidem no local o que fazer, o que dizer, o que omitir. Homens circulam, indicam, fazem suposições, verificam papéis, pronunciam nomes. Um deles é o meu.

Terceira hora.

Eu durmo.

Carla comprou uma passagem de primeira classe no primeiro voo em que encontrou lugar. Pagou em dinheiro, algo que deverá fazer por muito tempo a partir de agora. Talvez tenha apresentado um passaporte falso no qual, de Carla Bonelli, só sobrou a foto. Se é que esse é seu nome verdadeiro. Entregou suas preciosas malas no *check-in* e, agora, passa pelo portão com o cartão de embarque em mãos. Espera que as malas não sejam extraviadas durante a viagem. O risco existe, mas faz parte da vida. De sua vida, em especial. Entra no ônibus do aeroporto, senta-se no fundo e espera que os outros passageiros façam o mesmo. Na bolsa a seus pés há apenas roupas e dinheiro vivo. O revólver foi jogado em uma lata de lixo no estacionamento. A poucos quilômetros de distância, em uma casa isolada, um médico-legista autoriza o deslocamento dos cadáveres. Ficam no chão as silhuetas dos corpos traçadas com gesso e as tabelas de sinalização dos cartuchos. Do lado de fora, os jornalistas se amontoam. Como sempre, graças a suas “fontes seguras”, farejaram a notícia e, agora, querem saber. O mínimo, aquele pouco que basta para ativar a bomba de carga pessoal que é a fantasia.

Quarta hora.

Eu durmo.

O avião está na fila, esperando a autorização para decolar. Carla guardou a bolsa no compartimento sobre a poltrona com a ajuda de uma aeromoça. Recebe olhares insinuantes de alguns passageiros. Olhares que contêm a história do mundo, mas não a de Carla. Se eles a conhecessem, voltariam imediatamente a fixar os olhos no jornal que estão lendo. Outros a ignoram, mas de maneira evidente demais. Talvez esperem ser notados exatamente por esse motivo. A poucos quilômetros de distância, em uma casa isolada, alguns homens ficam de guarda enquanto esperam que sejam colocados os lacres. Os homens importantes vão embora, seguem para reuniões nas quais terão de relatar os fatos a homens ainda mais importantes, que, por sua vez, terão de ficar a disposição de homens importantíssimos. A escada sobe e parece não ter fim, mas é necessário prestar atenção ao último degrau porque, depois dele, você cai. A poucos quilômetros de distância, um marginal chamado Tano Casale tem em mãos um cartão da loteria esportiva que julga estar premiado e se pergunta o que deve fazer. Minha proposta o seduziu, o atçou. Minha fuga o deixou em dificuldades, mas ele decidiu esperar para ver como essa história vai acabar. Tano acha que pode fazer tudo sozinho, que, no fundo, não precisa de ninguém. Afinal, ele é o dono do mundo e, em parte, de Milão também.

Quinta hora.

Eu durmo.

O avião já é um ponto distante para quem olha do solo. Um rastro de fumaça durante a decolagem, que será igual ao da aterrissagem, só que disperso em outro céu. Carla sente pequenos arrepios de frio provocados pela diminuição da tensão e pelo cansaço. A mente está vazia e o corpo pede repouso. Ela adiou até o momento da chegada qualquer planejamento, qualquer perspectiva, qualquer hipótese de estratégia. Ajeitou a poltrona da maneira mais confortável possível, pôs embaixo da cabeça o travesseiro e jogou sobre o corpo a fina coberta fornecida pela companhia aérea. Os motores são um zumbido lá no

fundo e é fácil relaxar. A muitos quilômetros de distância, estão acontecendo reuniões para decidir qual será a versão oficial dos fatos e quais serão os fatos omitidos que se tornarão um segredo pessoal ou um segredo de Estado. Um inspetor da polícia chamado Stefano Milla está pensando se é arriscado ou não comprar aquele Alfa Romeo Spider no qual ele se imagina sentado com o vento nos cabelos. Dinheiro ele tem, e a maneira como o conseguiu não lhe causa o menor remorso. A única chateação é ter de justificá-lo.

Sexta hora.

Carla dorme.

Eu acordo.

O relógio no meu pulso me informa uma hora que não significa nada. Penso em ligar o televisor, mas logo abandono a ideia. Eu veria na tela Corrado apresentando *Domenica In* ou a banda de Arbore em *L'Altra Domenica*. Não há telejornais a esta hora. As pessoas querem se divertir: há quem decide não saber e há quem decide esquecer. É uma aplicação humana da propriedade comutativa. Seja qual for a escolha, o resultado não muda. De resto, tudo o que eu poderia vir a saber por qualquer fonte de informação é o quanto estão fragmentadas as notícias que eu conheço por inteiro.

Levanto-me e vou até o banheiro. Faço as coisas de sempre, como se este fosse um despertar comum. Urino. Lavo o rosto. Escovo os dentes e, enquanto isso, penso que faz muito tempo que não como. Os alimentos são para os vivos e eu não tenho esse direito.

O caos e o acaso. Agora me lembro.

Olho para mim mesmo na luz incerta filtrada pelas listras das persianas. O espelho me devolve uma imagem que não me pertence. Eu mesmo não me pertencio porque uso um nome que não pode mais me proteger e que não pode mais ser consertado. É como uma camisa velha e, portanto, deve ser jogado fora.

Saio do banheiro e vou para a sala. O chão está frio e sujo embaixo dos pés descalços. As condições higiênicas da fuga deixam sempre muito a desejar. Vi a casa em que Daytona morreu, vi a casa em que Lucio e os outros morreram.

Na mansão de Bonifaci, devia ser diferente.

Mas todos morreram da mesma maneira.

Pego a pasta que estava em cima do móvel e sento-me no sofá, que me acolhe com o farfalhar do plástico que o envolve. Na capa, uma etiqueta branca. Alguém com uma caligrafia apressada traçou palavras com uma caneta-tinteiro preta.

Dédalo e Ícaro.

Penso a respeito, mas aquilo não me diz nada. Tiro o elástico e abro a capa. Afasto as abas. Dentro, há fotos e documentos. Retiro-os da pasta e os folheio, primeiro lentamente, depois, de maneira cada vez mais agitada. Quando chego ao final, recomeço do início e reexamino tudo com mais calma. Aquelas folhas e aqueles instantâneos são o guia de um mundo subterrâneo, um percurso escavado metro a metro por uma completa falta de escrúpulos, guiada na direção certa pela ambição mais desenfreada. Quase dá para perder o raciocínio ao percorrê-lo porque é difícil conseguir assimilar até que ponto pode chegar a vileza do ser

humano. Nesses documentos, estão as provas necessárias para que um magistrado ordene o uso de algemas, desde que ele não encontre obstáculos em seu caminho.

Fecho a pasta e me recosto no sofá.

O teto é uma tela na qual minha mente projeta imagens. Revejo rostos, lugares, cores. São ruas, pessoas, nevas de mar, brincadeiras de criança, amores adultos, esconderijos inseguros.

Depois, de repente, sem aviso prévio, começo a rir.

Rio por mim, por todos esses anos nos quais convivi com uma suspeita que agora se tornou uma certeza. Rio por aquela navalha que me condenou até o fim da vida a ser apenas um espectador, enquanto, na minha estupidez, eu achava que tinha algum poder. Rio por Carla e por todos os aviões que, infelizmente, mais cedo ou mais tarde, aterrissam. Rio pelo seio de Barbara, pela pele branca de Cindy e por Laura, apaixonada e traída. Rio por Lucio, sua música sem alma e seus inúteis anos de fingimento. Rio por Giorgio Fieschi que poderia viver em meio ao clamor dos aplausos e acabou morto pelo sopro leve de um revólver com silenciador. Rio por Daytona, seu relógio e sua peruca que, mesmo no momento da morte, sua mão tentou rearrumar. Rio por Tano Casale e sua voz que conheço. Rio por homens que aceitaram defender os outros e não encontraram ninguém para defendê-los. Rio pelos ideais que matam e pela morte das ideias. Rio porque só os tolos e os inocentes não têm um alibi. Rio porque o caos e o acaso não estão governando, mas sim destruindo o mundo.

Rio, rio, rio.

Com tanta força que meus pulmões doem porque não consigo respirar. Com tanta força que receio que alguém bata na parede para interromper esta algazarra. Com tanta força que acabo deitado no sofá com o plástico grudado no rosto molhado de lágrimas.

Quando minha risada termina, restam apenas as lágrimas.

Lágrimas de libertação, de pena, de adeus.

Recomponho-me e levanto. Sei o que fazer. Primeiro, preciso encontrar o quanto antes Ugo Biondi, meu advogado. Tento o telefone do escritório, mais por escrúpulo do que por outra coisa. Sei muito bem que é pouco provável que eu o encontre lá hoje, mas preciso esgotar todas as possibilidades. De fato, o telefone toca várias vezes sem resposta alguma. Eu tinha a esperança de que ele estivesse no escritório, preparando um processo para ser debatido na segunda-feira, mas me enganei. Ugo não é um stakanovista. O dia em que instituírem o título de Cavaleiro do Descanso, ele será um dos primeiros a ser agraciado.

Ligo para sua casa, mas o resultado é o mesmo. Imagino o telefone tocando em uma casa vazia, os toques que ricocheteiam em paredes, móveis, luminárias, tapetes e livros da estante.

Só existe um outro lugar onde eu poderia encontrá-lo. Sei que ele tem uma casa no lago Maggiore e que, como bom frequentador de putas que é, às vezes passa o fim de semana lá com a Lady Marafa do momento. Em algumas ocasiões, oferecida por mim. *Gratis et amore Dei*, lançada no balancete como relações-públicas.

Disco o número da companhia telefônica que fornece informações sobre os

assinantes. Peço ao operador o número de Ugo Biondi em Arona. Minhas dúvidas sobre o nome da localidade logo são eliminadas pela voz que me comunica o número solicitado.

Disco esse número também.

Cada movimento é claro, preciso. Cada som é nítido. O dedo nos buracos do aparelho, o som do disco que se desloca. Agora, estou lúcido e determinado, como se tivesse cheirado cocaína.

O telefone toca do outro lado. Por muito tempo, sem que ninguém atenda. A resposta me surpreende quando estou quase desligando.

— Alô.

Está um pouco ofegante, como se tivesse corrido para chegar a tempo no telefone.

— Oi, Ugo, é o Bravo.

Ele fica sem fôlego. Eu teria tido a mesma reação em seu lugar.

— Cacete! Onde você está?

— Em um lugar.

Ugo é direto.

— Você está na merda até o pescoço.

— Não mais. Resolvi tudo.

— Como assim, resolveu tudo?

— Sou inocente e estou com as provas. Pretendo me entregar e quero que seja você a me ajudar. Acho que você vai ficar famoso. Vai ser meio complicado, mas, de resto, o que é fácil neste mundo?

Um segundo para avaliar. Um segundo para responder.

— Estou no lago.

Sinto vontade de sorrir. Ele deve ter ficado muito surpreso e transtornado com meu telefonema para me dizer uma bobagem do gênero.

— Acho que já sei, afinal, fui eu que telefonei.

— Eu sei, porra. Só estava querendo dizer que vou demorar um pouco para chegar a Milão.

— Demore o quanto quiser. Não tem ninguém correndo atrás de você.

Mais um breve silêncio do outro lado. Provavelmente está pensando como é possível que eu tenha vontade de brincar na situação em que me encontro. Ele não sabe que estou indo em direção a um dos melhores momentos de minha vida.

Aproveito para prosseguir.

— Quanto tempo mais ou menos você acha que vai demorar?

— Depende do tráfego. Uma hora e quinze, uma hora e meia.

— A gente se vê no seu escritório daqui a uma hora e meia.

Desligo sem que ele possa retrucar. Tenho certeza de que, se ele ainda estava transando, vai deixar sua beleza na cama na metade do caminho para o paraíso, vestir as calças e correr para Milão na maior velocidade que seu carro conseguiu alcançar.

Agora, devo esperar outro golpe de sorte. Abro algumas gavetas e portas de armários até encontrar a lista telefônica de Milão. Apoio-me na mesa e procuro o nome de Stefano Milla entre os assinantes. Talvez ele esteja de serviço, o que é

muito provável em vista da confusão que está acontecendo, mas prefiro deixar uma ligação para a delegacia como último recurso.

Ele atende no sexto toque, com uma voz sonolenta. Provavelmente trabalhou a noite toda e eu o acordei. Nem preciso dizer que não estou nem aí.

— Alô.

— Oi, Stefano. É o Bravo.

Silêncio. Sei que ele não está acreditando nos próprios ouvidos. Depois, ouço um farfalhar de lençóis típico de quem se senta de repente na cama.

— Alô?

— Já disse que é o Bravo.

— Infelizmente, eu já tinha entendido da primeira vez. Só que queria ter certeza.

Introduzo no aparelho minha voz mais neutra.

— Como vai?

— Você é um cara de pau. Faz ideia de quanta gente está por aí atrás de você?

Só um cara de pau pode reconhecer outro. Esse crédito eu tenho de dar a Stefano.

— Eu sei. Mas eles não vão precisar penar por muito mais tempo. Pretendo me entregar. Mas, antes, preciso da sua ajuda.

— Ficou maluco? Já corri riscos demais por você.

— Você tem duas alternativas. A primeira é fazer o que estou pedindo, ganhar uma bolada e ainda por cima fazer bonito com seus superiores.

— E a segunda?

— Você se comporta como um babaca e vai, junto com seus capangas, até o endereço que vou te dar. Nesse caso, garanto que nós dois vamos fazer a viagem de volta algemados. Entendeu?

Sua voz muda. Agora, ele se tornou o policial bonzinho. Talvez nem seja mais um policial.

— Bravo, você não pode fazer isso comigo. Sempre fui seu amigo.

— Você não é amigo de ninguém, Stefano. Tenho certeza de que, às vezes, nem você se suporta. No entanto...

Mantenho a frase em suspenso por tempo suficiente para deixá-lo sobre brasas. As brasas queimam e ele insiste.

— No entanto?

Repito o que eu disse há pouco ao advogado.

— Sou inocente, Stefano. Tenho provas. E são documentos tão explosivos que vão deixar um buraco do tamanho de uma cratera lunar.

— Como você se meteu nessa roubada?

— Fui jogado nela à força. E com a mesma força vou sair. Se você me ajudar, vai ser uma das pessoas que levará crédito. E, volto a dizer, uma bolada.

Minhas últimas palavras parecem acalmá-lo.

Ele estaria menos calmo se conhecesse os nomes das pessoas que estão naquela pasta. Se soubesse o que está para acontecer com Tano Casale.

— O que devo fazer?

— Espere em casa. Ligo mais tarde e digo aonde você deve ir.

— Mais tarde quanto?

— Cinquenta milhões? Está bom para você como estimativa?

Também desta vez, desligo sem dar chance de resposta. Tenho certeza de que ele vai fazer o que eu digo, agora e depois. Em primeiro lugar, porque está se cagando de medo, em segundo lugar, porque ele nunca, em toda a sua vida, teve cinquenta milhões. Não saberia sequer escrever essa quantia, mesmo que só precisasse copiar o número.

Só me resta esperar.

Estou tranquilo agora que o tempo não corre mais na minha direção, oferecendo-me o risco de uma colisão frontal. Na minha cabeça ainda existe um avião que transporta uma mulher adormecida, mas que, a cada minuto que passa, está mais distante. Este é o momento de pensar no avião que vai me transportar. Para onde? Também vou deixar para decidir no último minuto.

Vou até o banheiro e encontro a cópia da *Settimana Enigmistica* que eu havia deixado apoiada sobre o móvel das toalhas. O exemplar que me revelou o fingimento de Lucio e que me ajudou a desmascará-lo. Pego a revista e volto para a sala. Enquanto me sento à mesa, abro-a e procuro um criptograma. Encontro um na Página da Esfinge.

Divas envelhecidas (8, 8)

Sorrio. O assunto tem um pouco a ver com as circunstâncias atuais. A solução é uma expressão com duas palavras de oito letras cada uma. Acendo um cigarro. As xícaras ainda estão sobre a mesa. Em uma delas, na borda, o gosto dos lábios de Carla. Na outra, o café frio que não bebi.

Penso no criptograma. Demoro um pouco para resolvê-lo, mas, no final, consigo.

Estrelas cadentes

Não era tão difícil assim. Cada enigma revela sua fragilidade quando é resolvido. Às vezes, basta ler uma curiosidade em uma revista de criptogramas; noutras, basta encontrar um revólver escondido, se soubermos onde procurá-lo. Às vezes, basta abrir uma pasta de papelão. Infelizmente, ao longo do percurso, muitas coisas e pessoas se perdem e não voltam mais.

Apago novamente o cigarro no café. O chiado é coberto pelo barulho de uma chave na fechadura.

Viro-me para a porta.

A fechadura se destrava e a porta se abre. Surgem, emolduradas pelo umbral, duas pessoas e uma mala de tecido apoiada no chão. Uma mulher com um casaco grosso me olha surpresa e atemorizada. A seu lado, está uma criança pálida, de cabelos escuros, com cerca de 5 anos. O aspecto e as roupas são de quem acabou de chegar de uma viagem e não sabe o que é pior: o lugar no qual aportou ou o lugar do qual está vindo.

QUANDO CHEGO AO FINAL DA VIA Carbonia, o Alfa Giulietta de Stefano Milla está encostado na calçada do lado direito da rua. À minha volta, um bairro popular de Milão vive o último resíduo de um domingo de primavera. O sábado é uma lembrança, a segunda-feira é uma perspectiva desanimadora. Mas, por algumas horas, ainda resta algo. O jogo de futebol, o filme, a pizza, o fliperama, a música nos bares e na discoteca. Um homem, uma mulher, o banco de trás de um carro, uma cama, uma punheta na escuridão do cinema, beijos adolescentes quase sem língua e sem saliva. Um cigarro de maconha, uma carreira de cocaína, uma dose de heroína, um copo de péssimo vinho, uma Coca-Cola, um copo de água mineral com uma rodela de limão. Cada um faz fila para pedir e retirar o que mais lhe agrada a fim de ser ou não ser.

Que filho da puta era Hamlet!

Não tenho nada em comum com as pessoas à minha volta. Nem o passado, nem o presente, nem o futuro. Nem meu nome oculto. Sequer posso mostrar o rosto, coberto pelo colarinho levantado, pelos óculos escuros, pela barba comprida e por um chapéu do Carmine que encontrei em um armário. Meu sábado foi repleto de disparos e cadáveres em uma casa logo após Segrate. A festa acabou cedo, como manda o figurino. Por mais que eu tenha me lavado, ainda sinto no rosto os borrifos do sangue de Lucio.

Lembro-me de suas palavras no Quartiere Tessera na noite em que caí na armadilha.

Não, Bravo. Sou um homem morto. Exatamente como você...

Mas eu, ao contrário, estou vivo. Espero não ter de me lamentar.

Atravesso a rua. Na calçada do lado oposto, cruzo com um rapaz e uma moça. Ele é muito magro, tem cabelos compridos e um paletó militar verde, substituto certo do anoraque naquela estação. Ela tem cabelos crespos, as bochechas cheias de espinhas e nunca será magra.

Laurel e Hardy caminham abraçados.

São lindos.

Assim que passo por eles, já estou ao lado do carro. Abro a porta de trás e jogo a sacola sobre o banco. Depois, passo ao banco da frente e me sento ao lado de Milla. Ele vira a cabeça e avalia meu disfarce, talvez comparando-o mentalmente com um retrato-falado que já não corresponde mais à minha aparência atual. Também está usando óculos escuros. Está tenso, ansioso. Gostaria de ser outra pessoa e de estar em outro lugar, e não faz nada para esconder isso.

Ou talvez tente, mas não consegue.

— Pelo amor de Deus, Bravo. Você faz ideia da confusão em que está me metendo?

Balanço a cabeça.

— Não estou te metendo em nenhuma confusão. Pelo contrário.

Tiro o chapéu e o jogo sobre o banco traseiro. Passo as mãos nos cabelos.

Não estou acostumado a tê-los tão curtos.

— Quando tudo tiver acabado, aos olhos de seus superiores, você vai se tornar o heroico inspetor ao qual me entreguei. Você vai ter dinheiro. E, se fizer o que estou dizendo, também vai ficar livre.

— Livre do quê?

— Da sua *love story* com Tano Casale.

Em seu rosto, surge algo que logo desaparece. Tão rápido que não consigo entender o que é.

— Não sei o que está passando pela sua cabeça, mas, se ele perceber que estou tramando pelas suas costas, sou um homem morto.

Tiro os óculos e olho para ele.

— Eu fui um homem morto por muito tempo. Como você pode ver, não é tão ruim assim.

Ele se decide e dá a partida no motor.

— Aonde vamos?

— Piazza Amendola, número 5. Em frente ao estacionamento dos táxis.

O carro parte. Ponho novamente os óculos escuros e me acomodo. Viramos à esquerda e pegamos a via Arsia, rumo à Fiera. Repito para mim mesmo que tudo passou. Agora, nada mais pode me ferir ou me machucar. Com o que tenho na sacola, eu é que estou em condições de ferir ou machucar alguém.

E vou aproveitar a chance.

Paramos em um sinal de trânsito. Ao lado, há uma farmácia de plantão. Uma mulher com uma menina está empurrando a porta para entrar. O pensamento volta para duas pessoas que acabei de encontrar, em pé na porta de um apartamento que, durante alguns dias, foi um refúgio seguro. Agora, é apenas um dos muitos endereços no mapa de Milão.

Assim que as vi chegar, me levantei e fui em sua direção.

A mulher não se mexeu, mas estendeu uma das mãos e puxou para perto de si o menino. Vi que ela se enrijeceu. O medo e a surpresa iniciais deram lugar à firmeza. A mesma firmeza que fez com que ela abandonasse o marido quando entendeu que ele nunca mudaria. Quando decidiu que o filho não cresceria na mesma casa que um criminoso.

— Quem é o senhor?

Parei a um passo deles.

— Sou Bravo, amigo do Carmine. E presumo que a senhora seja Luciana, a esposa dele.

A mulher me ignorou. Seu olhar vasculhava o apartamento. A qualificação de esposa do Carmine não a incomoda mais há anos. Agora, é apenas um fato desagradável, como a poeira sobre os móveis e as condições precárias do apartamento. Talvez esteja revivendo os momentos em que aqueles móveis eram seus, a casa era mais limpa e sua vida, um pouco mais suja.

— Carmine alugou o apartamento para o senhor? Por que não trocou a fechadura?

Fiz um gesto com as mãos que englobava casas, fechaduras, escolhas.

— Na verdade, não o aluguei. Quando Carmine...

Observei o menino, que olhava alternadamente para mim e para a mãe.

Naquela idade, são como esponjas. Entendem muito mais do que imaginamos. E, às vezes, o que não entendem fica gravado e escondido em algum lugar. Muitas vezes, com o passar do tempo, isso causa danos muito maiores. Portanto, preferi não pronunciar na frente dele a palavra “preso”.

— Quando Carmine teve seu problema, continuei a pagar as contas e o condomínio.

— Por quê?

— Às vezes, fazemos coisas sem motivo.

— Mesmo que não pareça, sempre há um motivo.

Olhou para mim com um ar desencantado. Vi em seus olhos os dias em que ela ficava analisando todas as pessoas que encontrava para determinar se era um marginal, como o marido, ou um policial. Sem entender qual das duas categorias era a mais perigosa. Porém, com uma certeza inabalável, ambas eram hostis. Uma semana atrás, eu a teria deixado com os seus problemas e ido para outro lugar. Agora, minhas certezas apresentavam rachaduras profundas. As dela, por outro lado, pareciam perdurar, confirmadas pelo tempo e pelos fatos.

Ela não me permitiu acrescentar nada.

— O senhor está se escondendo aqui?

Balancei a cabeça.

— Não mais. Tive alguns problemas, mas, agora, tudo passou. Estou indo embora.

— Está armado?

— Não.

A mulher de Carmine decidiu que minha voz e meu olhar eram sinceros. De resto, ela também deve ter adotado como regra não se intrometer na vida alheia. Uma regra que, geralmente, é em parte escolha e em parte imposição. Pegou a mala e empurrou o menino para dentro de casa. Depois, inclinou-se sobre ele e começou a tirar sua jaqueta, um pouco pesada para a estação.

— Sinto muito, mas eu não tinha para onde ir. Chegamos agora da Alemanha. Uma inquilina do edifício, com a qual mantive contato, me disse que esta casa estava vazia. Sempre me perguntei por que eu guardava a chave. Hoje, eu entendi.

O menino, liberado da jaqueta, sentiu-se livre também para falar.

— Mamãe, preciso ir ao banheiro.

Ela tirou o casaco e o jogou no sofá. Por baixo, estava usando uma saia e um suéter cujas cores foram combinadas pela falta de alternativa, e não pelo gosto pessoal. Eu a vi um pouco acima do peso, mas com um corpo bastante proporcional. Devia ser uma moça bonita antes que a existência tivesse lhe reservado a terapia de choque.

— Vamos agora mesmo. Venha comigo.

Segurando o filho pela mão, foi para o corredor. Esperei alguns segundos, depois, peguei a pasta e a segui. Parei no quarto. Enquanto eu escutava a água correr, calcei as meias e os sapatos e tirei a jaqueta de couro da sacola. Guardei todas as roupas que tinha espalhado a esmo. Peguei o dinheiro e o cartão da loteria no esconderijo. Pus o primeiro na sacola e o segundo na carteira. A pasta completou minha bagagem. Quando mãe e filho saíram do banheiro, passaram

na frente da porta sem prestar atenção em mim. Dei uma última olhada para ver se não havia esquecido nada. Não havia mais indícios da minha presença ali, a não ser a impressão do meu corpo na cama. Mas isso também desapareceria.

Voltei para a sala e pousei a sacola ao lado da mala de Luciana. Chegadas e partidas. A história de sempre. Com uma diferença. As malas da volta estão sempre mais pesadas do que as da ida.

Apareci na porta da cozinha. Luciana estava dando um copo de água da torneira ao menino. Ele me olhou com olhos escuros e sem alegria. É incrível como a melancolia de certas viagens não dá desconto para ninguém.

Dirigi-me à mulher.

— Vocês comeram?

— Um sanduíche no trem.

Apontei para os armários e a geladeira.

— Tem um monte de coisa aí. Enlatados, mas talvez seja suficiente por alguns dias.

Luciana começou a abrir os armários e a examinar seu conteúdo. O menino nos deixou e voltou para a sala, a fim de tomar posse daquele novo ambiente.

Após a inspeção, Luciana me olhou. Ela tinha um rosto agradável e olhos que, em um dado momento, devem ter sido vivos.

— Está com fome? Se quiser, posso preparar uma massa.

— Não, obrigado. Estou com um pouco de pressa. Preciso fazer umas coisas. Depois, vou ter todo o tempo do mundo para comer.

A voz do menino chegou do outro cômodo até nós com um tom de lamento.

— Mãe, meu nariz está sangrando.

— Ah, Rosario, de novo?

A mulher deu um passo para o lado, de modo a passar por mim. Foi até o menino que estava de pé, com a cabeça levantada. Um filete de sangue escorria de sua narina direita. Ela vasculhou a bolsa e pegou um lenço que já tinha manchas vermelhas. Ficou agachada segurando o lenço contra o nariz do filho para comprimir a narina.

Depois, olhou para mim. Tinha os olhos cheios de lágrimas. O pranto inconfundível do sofrimento de uma mãe.

— Voltei porque o menino está doente. Ele é hemofílico e, na Alemanha, o serviço médico não cobre o tratamento. Ele precisa de injeções muito caras e eu não tenho esse dinheiro.

Fez uma pausa. Mais uma vez, a garra de uma mulher batalhadora.

— Mas vou conseguir. Mesmo se tiver de obrigar Carmine a vender esta casa. Comprá-la foi a única coisa sensata que ele fez.

Outra pausa. Aquele período deve ter sido difícil de apagar. Assim como tomar decisões.

— Quando fui embora, disse a mim mesma que não queria mais nada dele. Mas, agora, é diferente. Tenho responsabilidades e não sou mais dona da minha vida.

Não tive coragem de dizer que a casa não podia ser vendida. As famílias das vítimas constituíram parte civil. O processo para o ressarcimento dos prejuízos não tinha data para terminar, mas a disponibilidade do apartamento estava

bloqueada.

Luciana levantou o lenço para verificar se a hemorragia havia parado. Limpou os últimos traços de sangue do rosto do filho. Depois, o abraçou.

— Viu como passou?

— Sempre passa.

— Agora que estamos aqui, você vai sarar e isso não vai voltar mais.

Ela se levantou. Rosario seguiu seu movimento com os olhos.

— Mãe, estou cansado. Posso ir para a cama?

— Pode sim. Vá tirar uma soneca enquanto a mamãe prepara uma comidinha.

Luciana pegou o menino e os dois sumiram no corredor novamente. Antes de sair, ele olhou diretamente para o meu rosto pela primeira vez. Depois, todo sério, fez um gesto com a mão. Não entendi o significado. Mas nem sempre é necessário entender certas manifestações. Às vezes, é suficiente presenciá-las.

Peguei o telefone e liguei para Milla. Passei o endereço e marquei o encontro para dali a uma hora. Desliguei enquanto ele falava de seus medos e preocupações. Eu estava cansado de ser o único a semear naquele campo. Daquele momento em diante, eu o faria com mais alguém.

Peguei dinheiro na sacola e contei três milhões. Pus em cima do móvel, exatamente onde antes estava a pasta. Talvez Luciana torcesse o nariz se conhecesse a proveniência das minhas economias. Mas, pensando em como seriam usadas, ela não podia se dar esse luxo. A voz da mulher me surpreendeu enquanto eu ainda estava arrumando as notas.

— Coitadinho, ele dormiu lo...

Viu o dinheiro e se calou. Logo olhou para mim. A surpresa contaminou a desconfiança. Ou é bem capaz que tenha sido o contrário, não sei. Talvez ela nunca tivesse visto aquela quantia toda junta. Certamente, desde que descobriu a doença do filho, estava sonhando com aquilo.

— Deve ser suficiente para o início. Depois, tenho certeza de que Rosario vai poder ser tratado sem que vocês precisem vender o apartamento.

Luciana estava aliviada e com medo ao mesmo tempo. Como sempre acontece com uma mulher que recebe um presente de um homem que não pede nada em troca.

— Por que está fazendo isso?

Sorri para ela.

— Não adianta me perguntar. Eu mesmo estou me questionando.

Ela pegou o dinheiro, dobrou em dois e foi colocá-lo no bolso do casaco. Olhei para o relógio. Eu tinha tempo, todo o tempo de que precisava. De repente, senti fome.

— Agora, se a oferta ainda estiver valendo, eu aceitaria de bom grado aquele prato de massa.

Um tranco me arranca como se fosse um saca-rolhas de meus pensamentos. Um sujeito com uma bicicleta virou de repente sem fazer sinal com o braço. Milla foi obrigado a pisar fundo no freio para não o atropelar.

— Olha só esse filho da puta!

Eu olho para o filho da puta. Que nem percebeu que, por pouco, não foi

parar debaixo das rodas de um carro e continua pedalando tranquilo rumo à próxima freada e ao próximo xingamento. Milla parte novamente. Com o carro e para o ataque. Eu estava esperando que acontecesse muito antes.

— Bravo, você quer me explicar o que aconteceu? Morreu um monte de gente.

— Eu sei. Mas juro que não matei ninguém.

Ele espera pelo restante. Eu não posso prosseguir.

— Por favor, Stefano. É uma história longa e acho que vou precisar contá-la várias vezes quando estivermos na delegacia. Se você tiver um pouco de paciência, acho que vai ficar de saco cheio de tanto ouvi-la.

— Então, me diga pelo menos aonde estamos indo.

— Ao escritório do meu advogado. Quero que alguém me auxilie enquanto sou interrogado.

Isso parece tranquilizá-lo definitivamente a respeito de minhas boas intenções. Mas ele não está tão calmo em relação a outros desdobramentos. Não a respeito da minha, mas de sua vida. Milla sabe que está em cima de uma armadilha para ursos e que eu posso ativá-la. Conheço essa sensação, e não é nada agradável.

Enquanto conversávamos, passamos ao lado da Fiera e chegamos à piazza Amendola. Aponto o edifício e Milla para o carro na frente do portão de madeira de um prédio antigo com seis andares. No segundo, fica o escritório no qual um príncipe do fórum me espera. Abro a porta do carro e, antes de saltar, dou algumas instruções apropriadas a Stefano.

— Você me espera aqui. Vou demorar um pouco. Faça uma coisa enquanto espera. Fale com Tano. Diga que logo vou estar livre dos problemas, mas que talvez fique por muito tempo sob a vigilância de diversos olhos. É perigoso demais para mim e para ele que eu esteja envolvido pessoalmente na operação da qual ele já está a par. Acho que ele vai concordar comigo.

— Só isso?

— Só. Ele vai entender.

Ponho uma perna para fora do carro e a mão dele me segura quando meu pé encosta no chão.

— Bravo, estou arriscando tudo por sua causa. O que você me diz do dinheiro?

— Que dinheiro?

— Não banque o idiota. Meus cinquenta milhões.

Sorriso. O mesmo sorriso que eu poderia dar para um menino com o nariz sangrando.

— Você ainda não fez por merecer.

— Como assim, não fiz por merecer?

— O fato de você estar aqui serve para comprar meu silêncio. O dinheiro serve para comprar o seu.

— Bravo, não estou entendendo.

— Por enquanto, não é necessário. Quando for o momento, você vai entender.

— E quem me garante que eu vou receber a grana?

Mostro uma expressão que indica como o futuro é incerto para todos.

— Lamento, inspetor. Receio que, desta vez, você vai ter de confiar em mim.

Salto do carro e pego a sacola no banco de trás. Fecho a porta e o deixo, ao mesmo tempo, sentado em um carro e sobre um tapete de pregos. Dou poucos passos e toco a campainha que me confirma que ali é o escritório do advogado Ugo Biondi.

O portão se abre quase imediatamente.

Entro no saguão e o atravesso. A luz chega filtrada pelos vidros esmerilhados de um portão na frente da entrada. Na penumbra, as ornamentações nas paredes parecem ainda mais austeras. Poucos degraus e estou diante do elevador. Não há pichações ali dentro. A madeira brilha e está bem-cuidada. O cheiro é de cera e sorrio ao ver um banquinho revestido de veludo para aquela extenuante viagem.

Pressiono o botão do segundo andar e fico em pé. Ugo me espera com a porta aberta.

— Oi.

— Entre, rápido.

Ele fecha a porta e me guia pelo escritório, que tem cheiro de papel, tinta e couro. Todas as portas estão fechadas, e não consigo lembrar para que estão destinadas todas aquelas salas que dão no corredor. Porém, sem dúvida, a sala em que chegamos é seu escritório. Devo dizer que meu advogado cuida bem de si mesmo e, por conseguinte, também de seus clientes. Embora, na verdade, poucos deles mereçam tal tratamento, já que ele é um criminalista.

A escrivanhinha é uma imponente peça norte-americana datada do início do século XX. Os outros móveis e as estantes repletas de livros e códigos que cobrem quase todas as paredes se adéquam ao estilo preponderante da decoração. Os quadros não parecem ser reproduções.

Ugo aponta uma das duas poltronas na frente da escrivanhinha.

— Sente-se. Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

O advogado se senta no lugar que lhe compete. Eu já estou sentado no meu. Apesar de tudo, este é apenas um ensaio geral do que acontece após encontros como o nosso. Uma cadeira para o réu, uma poltrona para o juiz.

Ele pega um lápis e começa a brincar. Deve ser algo que Ugo faz quando está conversando com um cliente. As histórias que um criminalista é obrigado a ouvir devem deixá-lo nervoso.

E é como ele está se sentindo. Sentado diante do homem mais procurado do momento. A confirmação não demora.

— Não há como negar. Você se tornou uma celebridade. Poucas vezes na minha vida vi uma confusão desse tipo.

— E eu estava vendo tudo de dentro. É uma perspectiva totalmente diferente.

Ele apoia os antebraços sobre a mesa.

— Sou todo ouvidos.

— Por onde devo começar?

— Começar do início é sempre uma boa praxe.

Conto tudo. Enquanto falo, fico surpreso por ser capaz de puxar um fio tão comprido sem emaranhá-lo. A cada palavra, os olhos de Ugo se esbugalham um pouco mais. Quando a história chega ao fim, ele já parou há algum tempo de brincar com o lápis.

— Caralho!

Julgo oportuno exasperar o conceito para adequá-lo aos fatos.

— É dos grandes. Mas ainda não acabou.

Mexo na sacola que apoiei ao lado da cadeira e jogo a pasta sobre a escrivaninha.

— Dê uma olhada aí dentro.

Ele a pega, tira o elástico e ainda não sabe que está puxando o pino de uma granada. Demora mais do que os clássicos sete segundos para verificar várias vezes os documentos. Depois, a expressão atônita que me mostra deve ser mais ou menos a mesma que eu tinha quando vi pela primeira vez aquele dossiê.

— Bravo, isto é uma bomba atômica.

— Que poderia até correr o risco de não explodir.

Nós dois sabemos o significado do que acabei de dizer. A situação é tão clamorosa que a possibilidade de terminar embaixo da areia não é nada remota. O segredo de Estado é uma expressão mágica que fecha muitas portas em vez de abri-las. Há também outra possibilidade. Ele a expõe primeiro.

— Ou então, poderia explodir embaixo de nós.

No momento em que viu aqueles documentos, ele percebeu que nossas vidas talvez não valessem mais as roupas sobre nossos corpos. Há coisas que parecem possíveis apenas nos filmes. Ninguém pensa que, às vezes, elas vão parar nos filmes exatamente porque já aconteceram na realidade.

Resolvo organizar a confusão que reina em nossas cabeças.

— Você tem uma fotocopadora no escritório?

— Tenho.

Ugo olha para mim. Na sua cabeça, talvez tivesse começado a se formar uma ideia. Agora, espera, curioso para saber se, na minha, aquela ideia já se completou.

— Você tem um cofre?

— Naturalmente.

Avanço até a beira da poltrona.

— Poderíamos fazer o seguinte: envelopes com uma cópia do dossiê, cada um endereçado à redação milanesa de um jornal. *Corriere della Sera, La Repubblica, La Stampa, Il Giornino, La Notte*. Você os coloca no cofre e deixa um recado para que, amanhã, sua secretária os entregue pessoalmente na redação dos jornais.

Ele pensa um pouco.

— Podemos fazer algo melhor.

Pega o telefone e discar um número. Alguém atende depois de alguns toques.

— Boa noite, Federica. É o Biondi. Sei que é domingo, mas preciso que você me faça um grande favor. Trata-se de algo da máxima importância.

Espera uma resposta afirmativa. Deve tê-la ouvido, pois prossegue.

— Daqui a uma hora, estarão sobre a minha escrivaninha envelopes com

endereços de Milão. Você poderia me fazer a gentileza de passar aqui, pegá-los e entregá-los pessoalmente?

Do outro lado da linha, uma objeção lógica, na tentativa de salvar o que resta do dia de repouso.

— Eu preferiria que fosse ainda esta noite. Depois explico tudo.

A pessoa do outro lado deve ter entendido que se trata de algo sério.

— Eu sabia que podia contar com você. Pode escolher um dia qualquer da semana como folga para recompensar o incômodo. E dois bilhetes para o Scala.

A conversa termina com uma saudação.

— Boa noite, Federica. E, mais uma vez, obrigado.

Ugo desliga. Aponta para o telefone como se estivesse indicando a pessoa com quem acabou de falar. Mesmo sem eu ter pedido, me dá suas referências.

— Federica Isoardi é minha secretária. Esperta, de confiança e reservada. É muito graciosa, mas é tão eficiente que jamais tentei algo para não correr o risco de perdê-la.

Ele me encara de maneira muito significativa, com as mãos apoiadas sobre a pasta.

— Talvez seja excesso de prudência, mas prefiro que um material como este não passe a noite neste escritório.

Suspira. O mundo é realmente um lugar sujo. Sujo, feio e perigoso.

Como se estivesse fazendo um grande esforço, levanta-se.

— Muito bem. Mãos à obra.

Eu também me levanto.

— Tem mais uma coisa que você deve fazer para mim.

— O quê?

Enfia a mão no bolso e saca a carteira. Abro e tiro o cartão da loteria e o recorte de jornal com os resultados dos jogos daquele domingo de sorte.

— Receber este prêmio, quando eu pedir.

Ele pega o cartão, segurando-o entre dois dedos. Estuda-o com curiosidade.

— O que é isto?

— Um cartão premiado da loteria esportiva que vale quatrocentos e noventa milhões.

Ele levanta a cabeça de repente. Devo dizer que o advogado Biondi é bastante repetitivo em suas exclamações de surpresa.

— Caralho!

— O único que, por enquanto, não me fodeu.

Compara os resultados no recorte de jornal com os do cartão para se certificar de que batem. Eu sabia que ele faria isso. Um pouco por curiosidade pessoal e um pouco por deformação profissional. Ugo verificaria qualquer papel, mesmo que tivesse sido entregue por sua mãe. Um número após o outro, chega ao décimo terceiro resultado correto.

A esta altura, deixa escapar uma exclamação.

— Quatrocentos e noventa milhões! Que bolada!

Segurando aquele quadradinho de papel como a coisa mais frágil do mundo, Ugo se aproxima de um quadro na parede à minha esquerda e o abre como se fosse a porta de um armário. Atrás, surge um cofre. Nem mesmo um advogado

tarimhado como ele, com todos os consultores experientes que pode ter, conseguiu inventar um esconderijo menos prosaico. A combinação certa e a porta se abre. O cartão é depositado com cuidado lá dentro.

— Aproveitando o ensejo, guarde isto também.

Inclino-me e tiro da sacola todas as notas de dinheiro que estão lá dentro. Dois passos e ponho tudo em suas mãos. Meu advogado, cada vez mais atônito, coloca o dinheiro junto ao cartão multimilionário. Depois que o quadro é posto de volta no lugar, seu valor aumenta de maneira considerável.

Voltamos à escrivaninha. Ugo pega a pasta.

— Vou fazer um recibo relativo ao que você acabou de entregar. Mas acho que, agora, temos coisas mais importantes a fazer.

— Concordo.

Saio do escritório seguindo-o até uma espécie de almoxarifado onde fica uma fotocopiadora. Trabalhamos sincronizados, em silêncio, até termos todas as cópias de que precisamos. No final das operações, temos sobre a mesa uma série de envelopes de papel pardo. Todos têm um endereço bem claro escrito na frente.

Todos menos um. Aquele serve para mim.

Vamos para o escritório, onde apoiamos o pacote sobre a escrivaninha. Ugo se senta e, imediatamente, sobre uma folha de papel timbrado, escreve à mão algumas linhas. Data e assina e, em seguida, a estende para mim.

— Aqui está seu recibo. Sinto muito, mas não sei bater à máquina.

— Vou ter de me contentar.

Uma outra folha, com algumas linhas de instruções para a secretária, é colocada sobre a pilha de envelopes.

Olhamos um para o outro. Nós dois sabemos que, aqui, não há mais nada a ser feito.

Ugo se vira e pega uma valise de couro que está sobre uma mesinha à sua esquerda. Depois, abre-a e põe lá dentro a pasta com os documentos originais. Levanta-se e seus olhos são os de um homem pronto para lutar. Só durante a batalha saberá se está enfrentando gigantes ou moinhos de vento.

Tenho mais uma coisa a acrescentar. E a acrescento.

— Ugo, lá embaixo, tem um policial que está nos esperando.

— O quê?

— Fique tranquilo. Fui eu que liguei para ele, combinaremos juntos uma versão convincente da minha prisão. Prefiro que ele nos levasse à delegacia.

Ugo me analisa e, de repente, volta a ser um advogado na frente de um fugitivo.

— Por que ele?

— Porque eu o conheço e quero que seja ele a fazer bonito. E também porque é o único que, antes de nos levar até a central, vai aceitar parar em outro lugar.

— Para fazer o quê?

— Dizer adeus a um velho amigo.

Ugo, como homem e advogado, não consegue segurar uma pergunta instintiva.

— Quem?

Olho para ele e sorrio.

— Francesco Marcona, mais conhecido como Bravo.

Viro as costas e me dirijo para a entrada.

O advogado Ugo Biondi, com sua valise de couro, de pé ao lado de sua escrivaninha que vale alguns milhões, no seu escritório de profissional liberal de sucesso, está desconcertado.

Eu, com meu envelope pardo na mão, estou feliz.

O ALFA GIULIETTA PERCORRE EM VELOCIDADE comedido a viale della Liberazione.

A nosso redor, Milão se acendeu e se prepara para celebrar um novo rito noturno. Estarão em circulação os personagens de sempre. Ricos, pobretões, policiais, marginais, artistas e putas. Os rostos às vezes mudam. Os papéis, nunca. Por isso, resta sempre a dificuldade de entender quem é quem. Com uma pequena diferença que me diz respeito. As coisas à minha volta viajaram à velocidade da luz. Para todo o resto do mundo, só se passou uma semana; para mim, passaram-se anos.

Sangue demais, mortos demais, realidade crua demais.

É justamente isso que estou indo enfrentar.

Durante a viagem, Stefano Milla dirigiu de maneira quase esquemática, como se estivesse com medo de cometer uma infração e atrair uma patrulha de colegas. A presença do advogado o aconselhou a não me pôr a par do telefonema para Tano Casale. A parada imprevista, que só informei quando entramos no carro, fez com que ele ficasse ainda mais nervoso.

Os pregos sobre os quais ele estava sentado se transformaram em espadas.

Entramos na via Cartesio e paramos na esquina com a piazza della Repubblica. À nossa direita, as árvores formam um pequeno parque diante da fachada principal do Hotel Principe di Savoia.

Abro a porta do carro.

Do banco traseiro, Ugo verbaliza um pensamento que sei ser partilhado por Milla.

— Bravo, você tem certeza do que está fazendo?

— Absoluta.

Na verdade, estou muito menos seguro do que afirmei estar. Mas há coisas pelas quais esperamos a vida toda. Às vezes, uma vida só não basta. Quando elas chegam, só nos resta segui-las. Esta é uma delas. No mais, o futuro está nas mãos dos deuses, o que nunca foi uma grande referência.

Saio do carro e subo sem pressa a rampa até a entrada do hotel. Vidraças, madeiras, estuques. A luz dos lustres lá de dentro invade a área em que os carros param para descarregar as bagagens. Respira-se um ar de prendas e perfumes. Em lugares como este, basta que a noite caia para se ter a impressão de viver em um Natal perene.

Dois carros da polícia estão estacionados, um de cada lado, como sempre acontece quando algum personagem importante está hospedado no hotel. Os policiais esperam sentados dentro das viaturas, em bancos forrados de tédio. Um agente olha através da janela aberta enquanto chego à entrada. Um olhar distraído, depois, volta a conversar com o colega.

Talvez estejam comentando os últimos acontecimentos que puseram em alerta as forças de ordem de todo o país. Talvez estejam apenas avaliando que, com um mês de salário, mal poderiam passar um fim de semana naquele lugar.

Enquanto passo pela porta, penso que duas coisas são difíceis de vencer no mundo: o tédio e o medo.

Chego à recepção, onde um porteiro uniformizado atenta, preocupado, para minhas roupas não exatamente imaculadas, minha jaqueta de couro e minha barba por fazer. Todavia, é cortês e formal. Não por respeito a mim, mas por respeito a si mesmo.

— Boa noite. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Leio em seus olhos o que ele realmente gostaria de me dizer.

Por que você não dá meia-volta e para de encher o saco, seu pé-rapado?

É típico das pessoas modestas a quem é atribuído um pequeno poder. São fortes com os fracos, fracas com os fortes. Ele ficaria desconcertado se pudesse ler meu pensamento e descobrisse que poderia ir à merda. Todavia, eu também sou cortês e formal. Ironicamente, por respeito a mim mesmo, e não por respeito a ele.

— Claro que pode me ajudar. Sei que o senador Sangiorgi está hospedado aqui. Preciso entregar um envelope a ele. Pessoalmente.

Ele me examina como se eu tivesse lhe pedido para avaliar o peso da minha sacola.

— Senhor, temo que não seja possível. Acho que o senhor deve entender os motivos. Se quiser entregá-lo a mim, providenciarei para que chegue às suas mãos. O senador...

Eu o interrompo. Nunca saberei o que ele ia dizer.

— Ligue para o senador ou para quem responde por ele e diga que Nicola Sangiorgi está no saguão pedindo para subir.

O nome faz com que o recepcionista mude um pouco de comportamento. No entanto, talvez seja apenas um caso banal de homonímia e ele se protege dessa eventualidade.

— O senhor tem uma relação de parentesco com o senador?

— Muito forte.

Faço uma pausa que dura mais de dez anos.

— Sou filho dele.

Há muito tempo não digo essas palavras. Aos meus ouvidos, parecem cair com um estrondo sobre a bancada de mármore. Acho que aos ouvidos do recepcionista também, pois ele muda de expressão.

— Com licença.

— Toda.

Ele se afasta e vai até o final do balcão. Pega um telefone, disca um número interno e fala com alguém. Deve ser uma pessoa importante, já que ele continua a fazer discretos sinais de assentimento com a cabeça.

Quando volta, é apenas cortês.

— Poderia, por gentileza, esperar aqui, sr. Sangiorgi?

— Claro. Posso, por gentileza, esperar aqui.

Acho que ele está tão envolvido em suas boas maneiras que nem percebe que o estou sacaneando. Afasto-me alguns passos. Há um cheiro agradável no ar, o calor do veludo nos sofás, o fausto abundante das dourações. Mas há também aquela sensação de transitoriedade que nenhum hotel, nem mesmo o melhor do

universo, consegue mascarar. Seja qual for o tecido dos lençóis em que você dorme, a madeira das cadeiras em que você se apoia, o custo do champanhe que você bebe, o preço da mulher que você convida, um quarto de hotel é sempre um quarto de hotel.

Um sujeito de meia-idade, não muito alto, com cabelos e barba grisalhos e um terno marrom...

meu Deus, como eu detesto marrom

...sai de trás de uma coluna e me procura com os olhos. Ele me vê e vem em minha direção. Cruza com um grupo de estrangeiros que está saindo e dá passagem. As mulheres estão trajando vestidos de noite e os homens, smokings. Talvez o Scala. Foda-se para onde estão indo. Eu gostaria de cobri-los de merda, tanta merda a ponto de tingir tudo de marrom, até a cara do sujeito que está vindo em minha direção.

Quando ele chega diante de mim, é obrigado a levantar a cabeça para me olhar. Isso não lhe agrada muito, ao que parece. Sua voz tem um sotaque siciliano, no qual meu nome soa estranho, pois há muito tempo não tenho o costume de ouvi-lo assim.

— O senhor é Nicola Sangiorgi?

— Em pessoa.

Estende a mão para mim.

— Prazer. Sou Enrico Della Donna. Seu pai, o senador, honra-me com sua confiança.

É como se tivesse dito: sou o secretário e lambo o saco dele todas as vezes que ele me pede.

Retribuo o aperto de mão sem entusiasmo. Tenho quase certeza de que ele está menos entusiasmado ainda.

— O senhor está um pouco diferente das fotos que vi na casa de seu pai. Amadureceu, tornou-se um homem.

Acho que ele não espera por uma resposta. De qualquer maneira, eu não teria dito nada mesmo.

— Queira me acompanhar.

Della Donna me mostra o caminho por um corredor com carpete macio. Os estofamentos são adequados e brilhosos.

Seu passo é o de um servo. O meu é tranquilo, o de um fugitivo que não tem mais medo.

— Soube pelo senador que o senhor trabalha na América Latina. É sempre muito louvável tentar trilhar seu caminho com as próprias forças. Na sua situação, poucas pessoas teriam tido a coragem de escolher o percurso mais difícil.

Chegamos ao fim do corredor. O homem que meu pai, o senador, honra com sua confiança leva a cabo uma de suas incumbências mais importantes. Aperta o botão de um elevador.

E continua a falar.

— Imagino que o senhor tenha voltado para a Itália quando foi avisado da desgraça que aconteceu com seu tio. Uma coisa realmente terrível. Resolvemos ficar em Milão, esperando que a autoridade judiciária dê sinal verde para as

exéquias. Se tivesse nos avisado, eu teria providenciado um carro para buscá-lo no aeroporto.

Não sei o quanto ele sabe sobre mim e sobre minha história porque não sei até que ponto chega a confiança que lhe foi depositada. A lógica de suas palavras está cheia de furos, mas não há ninguém tão disposto quanto o capacho de um político a acreditar em qualquer coisa que lhe seja conveniente.

Entramos no elevador e, devido àquele estranho rito que se celebra em todos os elevadores do planeta, ficamos em silêncio. As paredes são de madeira, com molduras mais escuras que parecem ser de rãdica. Diante da porta, fica um espelho para acolher e saudar as imagens dos passageiros.

A cabine para no andar solicitado.

Della Donna sai para o corredor, abrindo caminho para mim.

Eu fico ali dentro. Faço um gesto de quem pede vênica.

— Só um instante, por favor.

— Pois não.

Enfio uma das mãos no bolso e saco um maço de chaves.

Escolho a mais pontiaguda.

Depois, com toda a tranquilidade e mão firme, gravo na madeira brilhosa duas pichações.

Luca é bicha.

Mary é piranha.

Quem ler vai ter de acreditar sem pedir provas, pois não me lembro dos números de telefone.

Della Donna não comenta. Certamente, está comentando na sua cabeça. É um direito seu, não se paga nada. Se prendêssemos todas as pessoas que sonharam em matar alguém, precisaríamos transformar o país inteiro em um cárcere.

Avançamos pelo corredor até chegarmos a uma porta sem número. Geralmente, é assim nas suítes. O homem bate à porta com discricão e não espera resposta. Abre-a para mim e me deixa entrar. Logo depois, ela volta a se fechar, silenciosa e discreta.

Meu pai está em pé no meio do quarto.

É alto, ereto, sólido. Na minha frente, está o que poderia ser meu retrato quando tiver aquela idade. Os olhos negros me olham sem curiosidade, a mesma curiosidade que também não tenho. Eu deveria sentir emoções, ter lembranças que passam diante dos meus olhos, fragmentos que voltam à mente. Eu deveria estender uma mão ou cuspir na mão que ele estende para mim, se, em algum momento, ele resolvesse fazê-lo. Mas não sinto nada. Vi sangue demais nos últimos dias para ainda sentir seu chamado. O nosso não é o encontro de um pai e de um filho. É apenas a reunião de duas pessoas que, mais cedo ou mais tarde, tinham de se reencontrar.

Poucos metros nos separam, mas a distância é enorme.

Seu tom é o de sempre. Não pede. Exige saber.

— Por onde você andou?

— Está tentando fazer com que eu acredite que isso tem alguma importância para o senhor?

Recuperei meu sotaque siciliano e o chamei de senhor, como ele me disse tantas vezes que fazia com seu pai. Ele não tem qualquer reação. Aproxima-se. Agora, está a um passo de mim. O tapa chega de repente e ocupa toda a minha bochecha. Mas não sou mais um garoto e agora, não dói.

Endireito a cabeça e, finalmente, sorrio.

— É extremamente fácil se esconder de quem não o está procurando.

O senador Amedeo Sangiorgi não perde a linha. Seu comportamento não mudou. Seu tom não sofreu a menor alteração. Ainda exige saber.

— Por que você foi embora?

— Porque eu estava com medo.

— De quem?

— De tudo. Mas, acima de tudo, de você.

Assimila minhas palavras sem se abalar. Como se fossem uma das tantas críticas sem consistência apresentadas no Parlamento por um membro da oposição. Ele se aproxima de uma mesinha sobre a qual está uma garrafa de água mineral em um balde de gelo. Despeja um pouco em um copo. Bebe e apoia o cálice com atenção em uma bancada de madeira, como se não tivesse certeza de sua consistência.

— Seguindo a lógica, a pergunta sucessiva é: por que você voltou?

— Voltei para falar com você sobre o caos e o acaso.

Quando ele ergue os olhos em minha direção, sua expressão traz um ponto de interrogação. Mas ainda não há curiosidade. O senador está apenas se perguntando se o filho não perdeu a razão. Afasta-se e vai se sentar em um sofá de veludo carmesim. Abre os braços e os pousa sobre o espaldar.

Continuo. Agora, é minha vez. Agora, sou eu que exijo que ele saiba.

— Voltei para falar de como esses dois fatores pegaram Nicola Sangiorgi pela mão e o transformaram em outra pessoa.

Dou alguns passos pelo quarto. Meu olhar pousa sobre um quadro pendurado na parede, uma reprodução razoável de *Moulin de la Galette*, de Utrillo.

Sinto seus olhos fixos em minha nuca.

— Logo depois que fui embora, fiquei entocado em uma pensão barata em Roma. Conheci um pobre coitado, um funcionário do registro civil de uma cidadezinha da província de Perúgia. A mulher estava com câncer e ele havia gastado tudo o que tinha para tentar tratá-la. Éramos duas pessoas feitas para se entender. Ele precisava de dinheiro, eu precisava de um nome. Então, arrumei o dinheiro para ele, e ele arrumou um nome para mim.

Viro-me para que ele possa ver meu rosto. Mas, sobretudo, para que eu possa vê-lo. É um espetáculo que eu não perderia por nada no mundo.

— Ele me inseriu na certidão de composição familiar de um casal que se mudou para a Austrália para eu ficar com parentes. Infelizmente, aqueles coitados morreram logo depois em um acidente aéreo durante um voo doméstico. O caos e o acaso, dos quais eu estava falando, em perfeita harmonia, como você pode ver. Imagine que ironia do destino! Eu tinha acabado de nascer e já estava órfão. E Marisa e Alfonso Marcona morreram sem conhecer seu

único filho, Francesco.

Ele demora alguns segundos a juntar nome e sobrenome. Mas, de repente, se dá conta.

As manchetes dos jornais, o retrato-falado que só agora ele percebe como se parece comigo, os relatórios da polícia ao encaixo dos meus rastros, que, certamente, na sua posição, ele teve possibilidade de ler.

— Você é o...

Não sei se sua voz falha ou se eu o interrompo.

— Isso mesmo. Sou o sujeito que foi usado para que chegassem até Bonifaci. Carla, se é que esse é realmente seu nome, não disse nada?

Dou tempo suficiente para que ele tente imaginar o quanto eu sei. Reservome o prazer de revelar aos poucos que sei tudo.

— Ou, por acaso, ela desapareceu sem entregar a você e aos seus amigos o que ela foi pegar na mansão de Lesmo?

Sangiorgi se levanta de repente. Seus olhos soltam faíscas. Mas são chamadas fracas, um fogo que queima somente a ele mesmo.

— Meu irmão ainda está quente no caixão e você ousa se apresentar na minha frente com essas baboseiras?

— Foi você que pôs seu irmão naquele caixão.

Meu tom é o mesmo com o qual pediram que Caim justificasse suas ações.

Pela primeira vez na vida, vejo uma espada transpassar a couraça invulnerável do senador Sangiorgi. Sua voz está um pouco abalada enquanto ele se aproxima do telefone e o pega.

— O que você está dizendo? Ficou louco? Vou ligar para a polícia agora mesmo.

— Não é necessário. Assim que eu sair deste quarto, vou me entregar.

Atiro o envelope pardo sobre o sofá onde ele estava sentado.

— Mas, antes, eu queria lhe entregar isto. Você fez por merecer.

Com os olhos, ele seguiu o voo do envelope. Desliga atabalhoadamente o telefone, deixando-o torto sobre o gancho. Enquanto vai até o sofá, seus olhos não abandonam aquele invólucro apoiado como uma joia sem valor sobre o veludo do assento.

Ele se senta, pega o envelope e o abre.

Está tudo lá dentro.

Sua história e a de Mattia Sangiorgi.

As fotos do meu tio nu em uma cama, agarrado a uma garota que não conheço. Os documentos que provam o envolvimento deles com a máfia na pessoa de Turi Martesano, o chefe mais poderoso de toda a Sicília. O apoio que ele deu para que os dois irmãos chegassem ao topo da política. Depois, as licitações manipuladas, os tráficos, os subornos, os assassinatos de pessoas incômodas, as eleições fraudadas.

Documentos que representam muitos anos de vida e, ao mesmo tempo, muitos anos de prisão.

Quando termina de examinar o dossiê, meu pai levanta a cabeça. Do homem que ele foi até aquele momento, não sobra nem rastro. Isso faz com que todos os rastros do homem que fui também se percam.

Só existe uma pergunta que posso fazer.

— Por quê?

Ele me olha.

De repente, em minha cabeça, surgem lembranças que vêm cobrar sua dívida. A casa de Mondello, o cheiro da terra, o azul do mar, os passeios pelas ruas de Palermo, o cachorro que vinha correndo na minha direção quando eu voltava da escola, os jantares com os amigos dos meus pais, eu passando em volta da mesa posta para desejar boa-noite.

A figura inflexível do meu pai, as pessoas que ele recebia em seu escritório, seu rosto cada vez mais ausente em casa e mais presente nos cartazes eleitorais. O rosto da minha mãe, sua diplomacia com o marido e sua cumplicidade comigo. Seu funeral, ao qual não fui porque já havia me tornado Bravo e prezava mais a mim mesmo do que à mulher que me havia posto no mundo.

Tudo gira e se contamina. Os rostos se tornam imagens desfocadas e, depois, apenas cores. As palavras se tornam sons indistintos, que se refugiam na pergunta que repito.

— Por quê?

Meu pai se levanta e vai olhar pela janela. Está usando uma camisa branca sem gravata, colete e calças escuras. Antes, era alto, ereto e emanava uma sensação de solidez. Agora, parece que aquelas roupas se tornaram de repente largas demais. As costas estão um pouco mais curvadas e seu passo não é mais tão decidido. Agora, diante de mim, está aquele que poderia ser meu retrato se eu não tivesse vindo aqui hoje.

Sua voz voltou à Terra. É a voz de um homem, agora.

— Quando me aproximei da política, tudo era claro. Havia um ponto de partida e um ponto de chegada, e eu caminharia rumo àquele ponto, sem hesitações ou concessões. Eu tinha em mente mil programas, um milhão de ideias. Projetos importantes, daqueles que mudam o curso da história e a vida das pessoas.

Uma pausa com um toque de arrependimento. Ou talvez seja somente eu que acredito que ele seja capaz de algo assim.

— Mas, depois, você se depara com a primeira dificuldade, que só pode ser superada se você ceder uma pequena parte de si mesmo. Não passa de uma minúscula concessão. Dizem que é para o bem, que aquele desvio serve na verdade para atingir algo mais significativo no interesse comum. Mas uma concessão é sempre uma concessão. Não é grande nem pequena. É apenas a primeira, que se aceita com a ilusão de que também será a última.

Ele interrompe, pensando em como são enganadores os números.

— Até que você para de contá-las.

Vira-se. Estamos frente a frente. Nunca tivemos uma conversa tão longa em nossa vida.

— Dizem que o poder corrompe. Não é verdade. É o medo de perdê-lo que realmente corrompe. Depois de sentir aquele gosto, é difícil abrir mão dele. É ainda mais difícil se quem o ajudou a alcançá-lo não está disposto a abrir mão de você.

Aproxima-se da mesinha e se serve de outro copo d'água.

— São pessoas como Bonifaci que transformam as fraquezas humanas em força.

Bebe um gole grande. Apoiá o cálice, sem delicadeza dessa vez.

— Aquele homem nos tinha na palma das mãos. Um poder transversal enorme, que envolvia pessoas de todos os partidos, representantes do mundo financeiro, até mesmo expoentes do Vaticano. Ele precisava ser detido de alguma maneira. E, finalmente, encontramos esse meio.

— E você não hesitou em sacrificar seu irmão.

Sangiorgi passa as mãos no rosto. Ele também sente o cansaço acumulado nestes dias.

— Mattia havia dado sinais de fraqueza. Não era mais confiável. Com tudo o que sabia, poderia ter causado danos muito semelhantes aos de Bonifaci, se tivesse falado. Quando foi convidado à mansão de Lesmo, entendemos que aquela era a chance de nos livrarmos de dois perigos ao mesmo tempo.

— E todas as pessoas que morreram? Não pensaram nelas?

Ele me olha como se eu fosse o pior dos surdos, aquele que não quer ouvir.

— Você ainda não entendeu, Nicola? Diante de interesses dessa magnitude, não existe ninguém que não seja passível de ser sacrificado. Ninguém.

Em minha cabeça, surge um imagem, a de um homem sozinho, sequestrado e fechado em um quarto, condenado por um grupo de terroristas e pela Razão de Estado.

— Isso também vale para Aldo Moro?

Em seus olhos, há a certeza de uma sentença antes mesmo que ela seja proferida. A voz é um sopro gelado, e eu me surpreendo de não ver desenhado o vapor em volta de sua boca.

— Aldo Moro já é um homem morto.

Ficamos em silêncio. Um silêncio afiado, agudo, que fere e faz sangrar. É o momento de puxar os fios do discurso. Agora que os pensamentos ocultos se tornaram palavras e as intenções se tornaram ações sem retorno.

Com voz átona, ele pergunta o que, na verdade, dá como certo.

— O que você vai fazer agora?

— Já disse: vou me entregar. Vou apresentar à polícia os originais dos documentos que você viu. E, para evitar que sejam abafados, as sedes dos maiores jornais receberão uma cópia.

Ele apenas assente com a cabeça, sem falar. Depois, vai se sentar no sofá. Segura a cabeça com as mãos, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. O que vejo é somente seu corpo, sua mente não está mais ali, naquele quarto de hotel cujo luxo já é inútil.

Mas ainda resta uma coisa que preciso saber. Para completar o quadro, para ter certeza de que nada do que fiz ou do que estou prestes a fazer vai ficar sem justificativa, de que tudo terá seu destino preciso, pois tudo teve um ponto de partida.

— Tenho uma última curiosidade.

Ele espera em silêncio. Já não tem energia. Nem palavras. Nada.

Enquanto faço a pergunta, não consigo evitar que meu coração dispare.

— Quando Turi Martesano deu a ordem para que fizessem comigo o que foi

feito, você sabia?

O silêncio que recebo em troca é uma confissão apavorante. Respiro fundo porque meus pulmões precisam de todo o ar que consigo levar até eles. Não sei como esse homem se sente agora. Ignoro em que quarto ele está fechado, em que lugar ele poderá se refugiar para não ser perseguido pelos fantasmas das pessoas que morreram por sua culpa.

Não sei e não dou a mínima.

Saio daquele quarto deixando sobre o chão os pedaços do onipotente senador Amedeo Sangiorgi.

Enquanto fecho a porta atrás de mim, um pensamento amargo atravessa minha mente.

Pergunto a mim mesmo se Deus sentiu remorso quando permitiu que matassem seu filho.

O TÁXI ESTÁ SE DIRIGINDO para o aeroporto.

O taxista é uma mulher, fato bastante incomum. Tem cerca de 40 anos, é agradável, loura e formosa. Seria muito mais graciosa se decidisse aceitar a concessão de um pouco de maquiagem. Quando chegou para me pegar no Quartiere Tessera, me esquadrinhou da cabeça aos pés enquanto eu me aproximava do carro. Devo ter passado em algum tipo de exame porque, durante a viagem, ela julgou oportuno me contar sua história. Talvez para justificar o fato de estar dirigindo um carro público. A doença do marido, titular da autonomia, as dificuldades subsequentes, a decisão de ocupar seu lugar ao volante.

— Eu não podia ir morar na rua, não acha?

— Claro que não.

Respondi o que ela queria ouvir. Não mencionei que uma mulher como ela, dando os passos certos, poderia obter um resultado muito mais rentável do que a fêria de um táxi. Talvez ela tivesse aceitado o comentário como um galanteio um pouco ousado, sem saber que se tratava de uma lúcida análise de mercado.

Agora, está calada e, de vez em quando, olha para mim com curiosidade pelo retrovisor. Pelo modo como julgou oportuno explicar sua presença naquele carro, não me parece ser do tipo que dá em cima dos passageiros. Portanto, imagino que seja apenas um ser do sexo feminino que estuda um ser do sexo masculino que acha agradável. Isso também pode ser considerado uma análise de mercado, portanto, aceitei seu gesto como um elogio. Se eu tivesse contado a minha história, teríamos de fazer mais de uma corrida para que ela pudesse pentear os cabelos, que teriam ficado em pé.

Da janela, observo as pessoas, os carros e esse retalho de cidade. Há pouco tempo, em uma noite em que eu achava que não veria o nascer do dia, fiz este mesmo percurso com um revólver apontado para minha nuca. Percebo que, daquele momento em diante, cada vez que respirei foi, e será, uma dádiva. Devo isso a uma mulher que, agora, não sei onde está e que conheço pelo nome de Carla.

Depois que me entreguei, meu calvário na delegacia da via Fatebenefratelli durou quatro dias. Milla se exibia enquanto me acompanhava com meu advogado ao escritório do delegado Giovannone. A versão que acordamos durante a viagem do Hotel Principe di Savoia até a central de polícia era muito simples e, portanto, muito crível.

Em poucas palavras, era a seguinte.

Milla não havia acreditado quando liguei para sua casa avisando que queria me entregar justamente para ele. Correu para o carro e foi me pegar no escritório de Ugo. Devido à presença do advogado e à minha intenção manifesta de me entregar, achou que não seria preciso me algemar. O advogado e eu confirmariamos tudo. Além disso, sabíamos que os acontecimentos após a minha prisão relegariam a segundo plano qualquer outra consideração, inclusive o fato de o inspetor não ter avisado seus superiores.

Quando me viu, o delegado Giovannone ficou atônito. Após ter ouvido minha história, sua perplexidade aumentou. Ficou petrificado depois de um exame sumário do dossiê que o advogado Ugo Biondi pôs sobre a sua escrivaninha.

Acho que, com o tempo, o mesmo aconteceu com todas as pessoas que colocaram as mãos naqueles documentos.

Repeti minha versão dezenas de vezes. Diante do delegado, do chefe de polícia, de magistrados, de figuras importantes da Divisão de Operações Especiais. Depois, o prefeito também quis ser posto a par da situação. Então, tive de prestar contas a pessoas que não se apresentaram nem se qualificaram, mas que intui que fossem do Serviço Secreto. Esses homens demonstraram estar particularmente interessados na figura de Carla e em tudo o que eu conseguia me lembrar a seu respeito. Palavras, gestos, impressões. Recebi até a visita do subsecretário que deveria redigir e apresentar um relatório ao ministro do Interior. Esse último, por sua vez, mostrou-se muito atento à existência de dossiês análogos ao que eu havia entregado às autoridades.

Passei a primeira noite na cela de segurança da delegacia. Ugo Biondi exigiu, e obtive, a permissão para passá-la a meu lado. Poucas horas mais tarde, foi acionada uma gigantesca operação policial que prendeu uma centena de pessoas na Sicília, em Roma e em Milão. Exponentes da política, integrantes da máfia, representantes das instituições. Uma erupção vulcânica com uma violência inédita, desencadeada por uma documentação sem precedentes. As cinzas e as pedras continuariam a cair por muito tempo ainda. E a nuvem negra que havia se formado cobriria o mundo.

No dia seguinte, aconteceram várias coisas.

Nos jornais, as primeiras páginas ficaram cobertas por manchetes com letras garrafais. Respaldados pela série de prisões e pelos documentos em seu poder, *Corriere della Sera*, *La Stampa*, *La Repubblica* e, aos poucos, todos os outros jornais, passaram a competir para ver quem causava mais celeuma. No meio do rufar dos tambores e do toque das trombetas, a notícia do suicídio do senador Amedeo Sangiorgi não causou muito impacto. Toda a opinião pública achou normal o fato de ele ter pulado de seu quarto de hotel para evitar o escândalo que o teria derrubado. Ninguém prestou atenção ao detalhe de ele ter se matado muitas horas antes do início das operações da polícia.

Fui acompanhado até a casa da estrada Rivoltana para uma inspeção. Expliquei detalhadamente o que havia acontecido. Quem havia disparado, de onde, quantas vezes. Acho que, enquanto eu falava, era evidente meu alívio por não ter acabado entre os cadáveres. Tenho quase certeza de que algumas das pessoas com quem eu estava falando teriam considerado tal eventualidade uma dádiva dos céus.

O sucesso na luta contra o terrorismo e o duro golpe desferido contra o crime organizado adoçaram uma pílula amarga. As autoridades não aceitaram muito bem o fato de eu ter divulgado informações tão importantes para os jornais. Houve uma longa negociação entre as forças da ordem, os representantes da magistratura e do governo e Ugo Biondi para acertar os pontos. No final, a versão acordada satisfaz a todos. Ficou decidido que se

atribuiria à descoberta daquela célula das Brigadas Vermelhas a recuperação do dossiê que incriminou tantas pessoas. Não seriam realizadas outras investigações acerca da mulher loura que havia entregado os envelopes nas sedes dos jornais.

Isso me protegeria de retaliações de pessoas que acabaram na cadeia por culpa ou por mérito meu, de acordo com os diferentes pontos de vista. Para muitos expoentes daquele ambiente, a vingança é um bom prato. Não importa se é consumido frio ou quente.

Grosso modo, foi o que aconteceu.

O filho do senador Sangiorgi, em meio àquela confusão, passou quase despercebido. Os jornalistas não ficaram no meu encaixo. Havia pessoas muito mais importantes do que eu para serem acuadas com microfones e perguntas. O presidente da República, o premiê, vários ministros, até os degraus mais baixos da escada hierárquica. Nessa escada, eu jamais sequer pus os pés. Também nesse caso, preferi ficar no porão, onde havia vivido por tantos anos.

Ao poucos, os nomes de Francesco Marcona e Nicola Sangiorgi desbotariam na memória das pessoas. Alguns dos conhecidos de Bravo nem chegariam a perceber que os dois eram a mesma pessoa.

Apenas uma pequena e significativa curiosidade. Além do dossiê que apresentei, dois outros depoimentos confirmaram minha incrível história. As faxineiras da Costa Britain, que eu havia abordado uma noite na via Monte Rosa, acharam que tinham me reconhecido pelo retrato-falado que apareceu nos jornais e procuraram a polícia. Disseram que me viram e que eu pedira informações sobre uma misteriosa coleção de trabalho.

Uma tal Carla Bonelli, pelo que se lembravam.

Posso apostar que elas acrescentaram que estava na cara que eu era um louco ou um marginal.

Ou ambas as coisas.

Sorri quando soube e mandei que fosse entregue na casa de cada uma delas um suntuoso maço de rosas vermelhas. É justo que cada mulher tenha um admirador secreto.

O táxi para sob a marquise onde se lê “Embarque Internacional”. Desço do carro. É um bom dia para ir embora. Com o bom tempo do final de primavera para manter a recordação do sol e do céu azul antes que chegue o verão e estrague tudo. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, este momento chegaria. O momento no qual eu me veria diante do quadro de partidas. Ao contrário de Carla, minha situação é um pouco melhor. Ninguém está me seguindo e não sou obrigado a comprar o primeiro lugar livre no primeiro voo que estiver partindo.

Tenho certeza de que, além do bilhete, vou comprar uma ilusão e, no lugar onde eu for parar, encontrarei os mesmos homens e mulheres, só que com rostos e idiomas diferentes. Mas isso não tem muita importância.

A única coisa que importa é a decolagem.

O que vou encontrar depois da aterrissagem fará parte de outra história.

Minha taxista desce e abre o porta-malas. Tiro minha bolsa de viagem, pago o preço da corrida e deixo mil liras de gorjeta. Antes de entrar novamente no carro, ela me lança um olhar significativo. Talvez eu tenha me enganado. Com aquele toque de vaidade e narcisismo que existe em cada um de nós, repito para

mim mesmo que ela não é do tipo que dá em cima dos clientes.

Mas, comigo, talvez tenha acontecido.

Ao entrar no terminal, sinto dentro de mim um esboço de bom humor. Localizo o quadro com os horários dos voos. Vou até lá e corro os olhos por aquela lista de siglas, companhias aéreas e destinos.

A Alitalia tem um voo para o Rio de Janeiro daqui a três horas. Fico me imaginando na praia de Ipanema e minha imagem naquele lugar me agrada. Vou até o balcão da empresa e peço à moça que está no guichê um bilhete de primeira classe para o Brasil.

Lugar tem. É só pagar.

Pago em dinheiro, tirando do bolso interno do paletó um maço de notas. Eu me pergunto quando vou voltar a pagar algo em liras, se é que isso acontecerá um dia. Gosto dessa incerteza, dessa falta de vínculos, dessa possibilidade de tomar uma decisão e, um minuto depois, mudar de ideia.

Vou até o *check-in*. O voo ainda não está aberto.

Localizo a banca de jornais e vou até lá. Compró um livro, dois jornais e algumas revistas. Meu olhar cai em alguns exemplares da *Settimana Enigmistica* empilhados ao lado do caixa.

Hesito um pouco, e acabo desistindo. Chega de criptogramas.

Essa era acabou. O último que decifrei tinha a palavra Bravo na solução. É um bom resultado e não se pode exigir demais da sorte.

Sento-me, apoio a sacola a meu lado e abro o *Corriere*. As primeiras páginas continuam a ser ocupadas pelos desdobramentos das histórias que testemunhei e protagonizei. Leio aqui e ali, pela mera curiosidade de saber quanto foi dito e quanto foi ocultado, distorcido, desfigurado em nome da sempre bendita liberdade de imprensa.

Continua a história que mantém a Itália sem fôlego. Aldo Moro ainda está nas mãos de seus sequestradores. Espero que, entre as várias mentiras que meu pai contou em sua vida, uma delas seja sobre o destino desse homem abandonado. Espero que as palavras que ele pronunciou no seu quarto de hotel não sejam verdadeiras e que não passem de uma última manifestação do seu delírio de onipotência e onisciência.

Espero.

Sigo em frente. Na crônica policial, uma notícia que diz respeito a Tano Casale. Uma manchete que ocupa meia página.

13 PONTOS AZARADOS

Cartão falso deixa em maus lençóis famoso expoente da marginalidade milanese

Sorrio. Nem preciso ler a matéria. Sei perfeitamente o que aconteceu. E sei igualmente o que vai acontecer.

Quando meu depoimento foi escrito, verificado por uma dezena de pessoas e, em seguida, assinado, fui declarado um homem livre. Ugo Biondi e eu, com o rosto emaciado e olheiras profundas, nos cumprimentamos no pátio da delegacia.

Estávamos cansados, destruídos, sem vontade de nada. Eu estava com a voz

rouca de tanto falar.

— Ligo para você amanhã a respeito daquele outro assunto. Agora, só preciso dormir.

Apertei sua mão. Ele apertou a minha.

— Eu também. Você nem imagina quanto.

Através do portão, vimos na rua seu táxi que chegava. Ele saiu correndo e eu entrei no Alfa de Stefano Milla. O inspetor havia se oferecido para me acompanhar até o motel em Settimo, onde eu havia decidido me hospedar por alguns dias até que a poeira baixasse. Não por uma atenção especial em relação a mim, mas para poder trocar duas palavras em particular, o que não havia sido possível nos dias anteriores.

Ele devia estar pisando em brasas. O carro mal havia entrado no tráfego e Milla foi direto ao assunto. Tinha uma mensagem que, para ele, valia cinquenta milhões.

— Falei com Tano.

— O que ele disse?

— Que concorda com você. Agradece pela ideia, mas é melhor que você fique fora da jogada.

Se esperava ver uma reação no meu rosto, ficou decepcionado. Dentro ou fora não fazia a menor diferença para mim. Eu não estava nem aí. No dia em que levei o cartão para Tano, propus um plano. Aventuroso, mas viável. Apresentei-o como mais um embuste, um novo modo de fazer o que ele fazia todos os dias: passar a perna na lei.

Não foi por acaso que perguntei se ele tinha algum bancário entre os clientes de seu cassino clandestino. Alguém que estivesse enrolado com ele até o pescoço. Alguém a quem ele pudesse impor, mais do que propor, uma cumplicidade. Tudo seria muito simples. No dia em que recebesse o dinheiro do cartão premiado, ele deveria ir depositar o montante no banco do seu cúmplice, que, por sua vez, receberia pessoalmente o dinheiro, assinando o recibo e retirando, em troca, uma valise vazia. Naquele momento, um bando de ladrões entraria na sede do banco, esvaziaria os caixas e levaria a valise.

Como o jogo das três cartas.

Tano teria cometido o erro de alardear um pouco demais a vitória na loteria esportiva, atraindo a atenção dos ladrões. Compreensível, visto que poucas pessoas resistem à tentação de exibir a própria fortuna. Ele faria papel de bobó, mas, em compensação, ganharia um recibo válido e ainda teria os quatrocentos e noventa milhões do prêmio escondidos embaixo do colchão.

Sorri pensando no rosto de Tano quando imaginou tudo isso. O jogo zombeteiro, a ação em primeira pessoa, a adrenalina no sangue. Coisas que ele conhecia bem e a cujo fascínio não conseguiu resistir. Eu contava sobretudo com sua avidez. E com sua vaidade, qualidade essa que é muito mais forte nos homens do que nas mulheres. Eu tinha certeza de que ele teria agido sozinho, que teria recrutado pessoalmente o bando para o golpe. Se, por prudência, não o fizesse, eu teria, de qualquer forma, atingido meu objetivo.

Ganhar tempo.

Milla me chamou de volta à realidade.

— Que ideia? Do que estamos falando, Bravo?

Ainda me chamava assim, embora já soubesse de tudo, ou de quase tudo, a meu respeito.

Virei-me para ele.

— Tano será preso.

Na sua resposta, havia uma nota de alarme.

— Quando?

— Em breve.

Milla voltou a olhar para a rua. Certamente via, entre os carros em fila, os pedestres, os sinais de trânsito, que algo ruim estava prestes a acontecer.

— Meu Deus, o que você aprontou? Ficou louco? Quer que ele nos mate?

— Não vai acontecer.

Tentei falar com uma voz cheia de segurança. Era do que ele precisava para superar o medo. Para convencê-lo de que valia a pena fazer o que eu estava propondo.

— Agora, vou dizer o que você vai fazer. Você vai tirar quinze dias de férias. Vá para a praia, a montanha, o lago ou para o quinto dos infernos. Você escolhe.

Por um instante, deixei que ele se imaginasse em uma situação de férias.

— Quando voltar, vai encontrar uma caderneta de poupança ao portador com cinquenta milhões sobre a escrivanhinha do meu advogado. Vai pegá-la e esquecer que esta conversa e meus encontros com Tano aconteceram um dia.

— E ele?

— Não se preocupe. Eu cuido dele.

Uma voz no alto-falante me lembra que estou em Linate, com uma passagem de avião para a América do Sul no bolso. Levanto os olhos e vejo que o *check-in* foi aberto. Aproximo-me e entrego o tiquete e o passaporte à moça uniformizada.

— Bom dia.

Ela me olha e demonstra gentileza. Faço o mesmo e sorrio.

Ela confere meu nome na passagem.

— Bom dia, sr. Sangiorgi.

Embora possa ser considerada bagagem de mão, resolvo despachar a sacola. Quero ficar livre, sem pesos a serem carregados, mesmo que sejam leves. Já fiz isso por tempo demais. Recebo a indicação do portão e do horário e o cartão de embarque. Sigo a fila que avança em direção ao controle de imigração.

Fiquei muitos dias entocado naquele motel, inebriando-me com noticiários e saindo apenas para comer e comprar jornais. Vi o fogo se tornar um incêndio. Disse a mim mesmo que, com o tempo, se transformaria numa fogueira e, por fim, só aqueles que haviam se queimado se lembrariam do calor das chamas. Eu tinha certeza de que muitos deles as atravessariam sem sofrer qualquer dano.

No dia em que decidi sair da toca, encontrei-me com Ugo na presença do tabelião cujo cartório fica dois andares acima do escritório do meu advogado. Dei instruções para o recebimento do prêmio do cartão da loteria e ganhei sua gratidão pagando cem milhões de honorários pelo que ele havia feito e pelo que ainda devia fazer. Retirei a permissão para visitar Carmine em San Vittore. Por

fim, assinei para o tabelião todas as procurações necessárias para realizar as movimentações financeiras que me diziam respeito.

Quando saí de seu escritório, Ugo apertou minha mão e me arrancou um sorriso. Fez a mesma pergunta que eu havia feito a Carla.

— Voltaremos a nos ver?

Não julguei oportuno beijá-lo e dizer que tudo poderia ter sido diferente. Limitei-me a um gesto que encerrava possibilidades.

— Quem sabe?

Um policial examina meu passaporte novinho em folha, obtido em tempo recorde, um brinde do Departamento de Polícia de Milão. Ele o devolve com o rosto já virado para o passageiro seguinte. Passo na frente do *duty free* e decido entrar e comprar um pacote de cigarros. Vou precisar para a viagem, que se prenuncia longa e entediante. Com meus dois pacotes de Marlboro nas mãos, aproximo-me do caixa. Apresento o cartão de embarque e pago. Prossigo sem pressa até o portão cujo letreiro indica Rio de Janeiro. Sento-me em uma poltrona. A matéria que fala da prisão de Tano me faz lembrar do meu último encontro com Carmine, no locutório de San Vittore.

Ele chegou acompanhado por um guarda que se afastou, sem nos perder de vista, para que pudéssemos conversar com certa privacidade. A aparência de Carmine não havia melhorado. Continuava a ser um dos homens mais feios que já vi na vida. Pensei que aquele outro detalhe também não devia ter mudado. Imaginei que, na prisão, ele teria vencido muitas apostas por aquele motivo. Em seu íntimo, os homens permanecem crianças. Não conseguem deixar de competir, em determinadas situações, para ver quem é o mais bem-dotado.

Carmine sentou-se à minha frente. A expressão era a que eu esperava ver em um homem sem liberdade.

— Oi, Carmine.

Virou-se para se certificar de que as orelhas do guarda estivessem longe das nossas vozes.

— Luciana veio me visitar. Trouxe as fotos do menino.

— É um menino bonito.

Em seu rosto feio, aflorou o orgulho paterno quando confirmou minhas palavras.

— É um menino bonito mesmo.

Logo depois, calou-se. Certamente, pensou na doença do filho. A mulher deve ter ido procurá-lo na prisão sobretudo para falar da saúde de Rosario. Mas Carmine não tocou no assunto, como se o fato de não falar de uma coisa dramática servisse para exorcizá-la de certa maneira.

— Também contou o que você fez por eles.

— Não foi nada.

— Pelo contrário, foi muito. É o que eu gostaria de poder fazer se não estivesse nesta prisão de merda.

Vi a frustração pelo estado de impotência aparecer em seu rosto. A vergonha por seus erros, que a doença de uma criança lhe fazia pagar de uma maneira mais dolorosa do que qualquer detenção.

— Carmine, tem uma coisa que você pode fazer por sua família.

Seu nervosismo explodiu. Compreensível, em um homem na sua situação.

— Que diabos posso fazer preso aqui dentro?

Abaixei o tom de voz para que ele também abaixasse o seu.

— Seu filho está doente. Precisa de tratamento. O tratamento custa muito caro.

Senti-me infame enquanto afundava a faca na ferida. Mas achei que aquele resumo da situação era necessário em virtude do que eu diria em seguida.

— Vou dar à sua mulher uma caderneta de poupança ao portador com duzentos e cinquenta milhões. Com esse dinheiro, ela poderá pagar o tratamento de Rosario e assegurar um futuro para o menino. Tirá-lo de certos ambientes, fazê-lo viver em um lugar saudável, estudar.

Afastei-me dele apoiando-me no espaldar da cadeira. Dentro do possível naquela situação, deixei-o um pouco sozinho, imaginando uma fresta de futuro para o filho. A resposta foi a de um homem que nunca recebeu nada de graça.

— O que devo fazer?

Abaixei ainda mais a voz.

— Conhece Tano Casale?

Ele nem respondeu. Todos conheciam Tano Casale. Esperou em silêncio pelo restante. Eu prossegui.

— Em breve, ele vai ser preso. Por uma bobagem, mas a polícia não perderá a chance de transformar a prisão provisória em reclusão e ele será trazido para cá.

Havia curiosidade em seu olhar, embora talvez ele já tivesse entendido.

— E então?

Encarei-o. Poucas vezes em minha vida estive tão calmo. E feliz com uma ideia.

— Quero que você o mate.

A voz da funcionária que anuncia meu voo se sobrepõe à de Carmine, que chamava o carcereiro para levá-lo de volta à cela. Levanto-me e entro na fila com os outros passageiros para o embarque. Examinado o rosto das pessoas que estão à minha volta. Ninguém conhecido. Quando chega a minha vez, entrego o cartão à moça uniformizada e recebo em troca um óbvio e sorridente “boa viagem”.

Antes de sair da sala e me dirigir ao ônibus que me levará até o avião, viro-me para olhar o lugar e as pessoas que estou deixando para trás. Parto sozinho, uma condição que, às vezes, pode ser um peso e, outras, uma libertação.

Bravo nem veio se despedir de mim.

MAIO DE 1988

EPÍLOGO

PILAR SE MEXE E, NO SONO, estica uma perna e me toca.

Acordo e abro os olhos. A luz da manhã penetra pelas frestas das persianas. Neste quarto, nunca está realmente escuro. Na penumbra, viro-me e a vejo dormir com a cabeça apoiada sobre o travesseiro. O lençol escorregou de lado e seu corpo está completamente nu. Ela tem cabelos curtos e lisos, seios pequenos, nádegas bem-desenhadas e pernas compridas.

É alta, esguia, forte.

No meio da madrugada, deixou no outro quarto o garoto com quem havia acabado de fazer amor. Por um curto período, também fiquei com eles, sentado em uma poltrona aos pés da cama, olhando aqueles corpos jovens e bronzeados, portadores saudáveis de uma idade que não me pertence, se emaranharem e se proporcionarem prazer. Cada vez que isso acontece, não tenho como não me lembrar; cada vez que me lembro, não tenho como não deixar que aconteça novamente.

A certa altura, me levantei e voltei para o meu quarto. Fiquei deitado de costas na cama até ouvir o *tum tum* cada vez mais forte dos pés descalços no chão. Então, ouvi o lençol ser afastado e Pilar deitar na cama ao meu lado.

Aproximou-se e escorregou para os meus braços como a areia de uma ampulheta. Senti sua respiração quente contra a minha bochecha.

— Está dormindo?

— Não.

Senti uma mão subir para acariciar meu rosto. Depois, sua voz macia em meus ouvidos.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

Com um movimento fluido, deitou-se sobre meu corpo e começou a se mexer. Senti o calor da sua pele contra a minha e seu seio contra o meu peito. Começou a me beijar e continuou a se mexer até que senti algo que me oprimia o ventre se desmanchar e ir embora de uma maneira tão distante a ponto de me iludir que nunca mais voltaria.

Deito-me de lado. Na penumbra, estico a mão e acaricio uma coxa. Não para que ela sinta a minha presença, mas para que eu tenha certeza da presença dela.

Ontem à noite, saímos sozinhos depois de muito tempo. Jantamos em um restaurante em Playa El Yaque, perto de um dos meus hotéis. Depois, atraídos pelas vozes e pelas luzes de uma fogueira, acabamos em um luau de surfistas. Havia muitos violões, moças e rapazes, cerveja. Sentado sobre uma pedra, com uma latinha na mão, vi Pilar no reflexo do fogo conversar com um deles, um jovem norte-americano de cabelos louros e com sardas no rosto bronzeado. Riam e, no branco reluzente de suas risadas, entendi que gostavam um do outro. No tremeluzir das chamas, Pilar procurou meu olhar. Sorri e, quando voltamos para casa, o rapaz estava no carro conosco.

Desço da cama. Estou nu. Aprendi a não ter vergonha do meu corpo. Recato, sim; vergonha, não. Não julguei oportuno dizer a Pilar quem me ensinou a ser assim. Existem coisas que me pertencem e, se as compartilho com alguém, tenho a impressão de que são menos minhas.

Dou a ela a mesma liberdade.

Descalço, vou até o banheiro. Abro a porta e saio para o terraço que se estende até o quarto. Minha casa fica isolada e ninguém pode me ver. À minha frente, a grande abertura da Ensenada La Guardia, com o oceano a perder de vista. Hoje, o céu está limpo e há mais azul na paisagem do que um homem é capaz de conceber.

Um vento morno acaricia minha pele.

Ainda não me acostumei a esta sensação de paz.

Volto ao banheiro com suas paredes rústicas e seus ornamentos que lembram a arquitetura mouresca. Encostado em uma parede fica um espelho de corpo inteiro, no qual me procuro, vejo-me e me aceito. Os olhos são sempre os mesmos, embora, nos cabelos, o branco tenha começado a aparecer. Voltei a praticar esporte com certa frequência e meu físico melhorou muito. Estou suficientemente enxuto e musculoso para não parecer um homem de 45 anos.

Abro o registro e entro embaixo do chuveiro. Em seguida, ensaboo-me e deixo que o cheiro do sexo escorra com a espuma. Fico embaixo d'água até que, do alto, não cai mais nenhuma gota de lembrança.

Então, saio do boxe e visto o roupão.

Volto para o quarto. Pilar ainda dorme, na mesma posição em que a deixei. É uma mancha âmbar no branco dos lençóis, no meio da cama de ferro batido. Mas esta cama não tem esconderijos. Há tempos não preciso mais ocultar meu dinheiro.

Entro no closet e visto calças de linho, uma camisa e um par de sapatos confortáveis. Aqui na ilha, tudo tem como objetivo a simplicidade, o conforto pessoal, o despojamento. Com esse conceito guiando meu humor, declaro-me pronto para começar o dia.

Saio do quarto e atravesso a grande sala, cheia de sofás e mesinhas dispostas na frente de outro terraço que chega até a cozinha. Feliciano, minha governanta, pôs do lado de fora a mesa com o café da manhã. Sento-me e sirvo um copo de suco de laranja. A vista deste lado é muito semelhante à do quarto.

O sol está subindo e desenha, a cada minuto, um esplêndido dia de maio.

Ainda não está na época dos temporais, sobretudo noturnos, que caracterizam o clima da ilha entre junho e agosto. As adversidades da vida deveriam ser como essas tempestades.

Rápidas, violentas, repentinas.

Depois, tudo volta a ser límpido, até a mente.

Quando fui embora da Itália, rodei o mundo. América do Sul, Ásia, Estados Unidos, Canadá. Eu tinha muito dinheiro. Na minha família, minha mãe é que era rica. Apesar de eu ter sumido, apesar de nunca tê-la visitado durante o período da doença, ainda assim fui seu herdeiro universal. Isso é e sempre será ao mesmo tempo um remorso e uma amargura. Descobri só depois da morte do meu pai e dei ordens para que tudo fosse vendido. Terra queimada atrás, tapete

de flores à frente. Tornei-me dono de vinte e oito bilhões. Era uma bela quantia, dez anos atrás. Continua a ser ainda hoje.

No patrimônio de Amedeo Sangiorgi, não toquei. Durante o último encontro no escritório de Ugo Biondi, encarreguei o tabelião de doar todo o seu dinheiro e todas as suas propriedades para obras de caridade. Com atenção especial às vítimas da máfia.

Feliciana chega da cozinha com seu passo silencioso. É uma mulher de meia-idade com um físico robusto e a tez típica das mulheres latinas. Cuida de mim e da casa há sete anos, ajudada por uma moça do vilarejo que não vive conosco, mas que vem todos os dias de Piedras Negras. Também temos um jardineiro faz-tudo, Cristóbal, que cuida dos pequenos trabalhos de manutenção sempre necessários em uma casa tão grande. Ele é um homem com uma idade indefinível, pai de quatro filhos, marido de duas mulheres, sempre alegre e sorridente. Vive em La Guardia e, em dias alternados, vem com um furgão cheio de ferramentas. Naquela boca em que faltam alguns dentes, o hálito muitas vezes cheira a vinho.

Um sorriso enigmático, teria dito o Bisteca.

Feliciana pousa sobre a mesa alguns jornais.

— *Señor*, aqui estão os jornais italianos. Cristóbal trouxe de Porlamar.

Estico a mão e pego um exemplar do *Corriere della Sera* que viajou muito. Enquanto o abro, Feliciana me lembra que também é cozinheira, além de governanta.

— O que deseja comer hoje?

— Ovos mexidos e torrada. Depois, café e, se você tiver preparado, uma fatia do seu bolo de coco.

Feliciana me olha ressentida.

— Claro que fiz. Nesta casa, nunca falta o bolo da Feliciana.

Moro aqui há mais de oito anos e meu espanhol melhorou com o tempo: passou de patético a razoável, até poder ser definido como ótimo. Minha incomparável empregada, por outro lado, não tem curiosidade alguma por idiomas estrangeiros e não fala uma palavra de italiano.

Entende, mas não fala.

De resto, pensando bem, por que deveria?

Ela se afasta, um pouco magoada por eu ter suscitado a ausência do doce que é a sua especialidade. Mergulho na leitura de acontecimentos que, depois de tantos anos, nem atijam minha curiosidade. Às vezes, tenho a impressão de que, se pegassem os jornais de dez anos atrás e trocassem os nomes, as mesmas matérias poderiam ser publicadas. A política litigiosa, o sul que não decola, a classe operária que não foi para o paraíso. Porém, apesar de tudo, sou um emigrante. Um pouco de nostalgia, não muita, sobrevive.

Aqui em Isla Margarita, os jornais italianos chegam sempre com uns dois dias de atraso.

Hoje é dia 11 de maio.

No exemplar do *Corriere* que está em minhas mãos, a data é de 9 de maio.

Dez anos atrás, neste mesmo dia, o corpo sem vida de Aldo Moro foi encontrado no porta-malas de um R4. Aquela imagem desolada está novamente

impressa na terceira página, no meio de uma matéria que percorre as etapas de seu calvário.

Lembro-me de poucas palavras frias em um quarto de hotel.

Aldo Moro já é um homem morto...

O funeral de Estado teve a repercussão que um personagem de sua envergadura, morto em circunstâncias tão trágicas, podia e devia ter. Os funerais do meu pai e do meu tio foram feitos com a mesma rapidez furtiva com que se varre a poeira para debaixo do tapete. Não interessava a ninguém mostrá-los nem vê-los. Agora, são apenas dois nomes e uma foto em uma lápide e, em certos ambientes, um grande constrangimento quando suas memórias são evocadas.

Como em todo o mundo, também na Itália algumas coisas às vezes são lembradas. Outras, é melhor que sejam esquecidas.

Os ovos e as torradas chegam no mesmo momento em que Pilar desponta de roupão por trás das vidraças da sala. Está descalça e seus cabelos estão molhados, sinal de que acabou de sair do banho. Lança um olhar para a paisagem e se espreguiça antes de vir se sentar ao meu lado.

— *Cómo estás, mi hermoso italiano?*

Tomou sua mão e beijo a pele com cheiro de sabonete líquido e mulher bonita.

— Muito bem. Como poderia ser diferente?

Pilar indica os ovos para Felicidade.

— Pode fazer o mesmo para mim?

Enquanto ela volta para a cozinha, Pilar rouba do meu prato uma fatia de torrada. Começa a mastigá-la fingindo que é um hamster. Rio, como sempre, quando ela faz essa brincadeira. Em seguida, ela pega a jarra e serve um copo de água de coco gelada.

— O que você vai fazer hoje?

— Preciso ir a El Pueblo del Viento. Tenho uma reunião para a abertura de um novo shopping center e eles querem saber se tenho interesse em investir no projeto.

— Você tem?

— Interesse ou dinheiro?

Em vez de comê-lo, ela atira o último pedaço de pão para mim.

— Estúpido.

Abro os braços, como alguém que se vê diante de algo evidente.

— O problema não são as ideias, é o dinheiro.

Ela se estica e me abraça. Apoia a testa contra a minha.

— Coitado do meu amor sem dinheiro. Fiquei sabendo que um milionário suíço que está hospedado em um hotel em Pampatar é muito generoso com as garotas bonitas. Se você quiser, arrumo um pouco de dinheiro para você.

Essas palavras me fazem voltar no tempo. Quando era eu que as dizia, com papéis invertidos. Uma pequena nuvem passa no céu de maio e faço de tudo para que Pilar não a veja. Mas não consigo.

— Acho que não é necessário.

Ela me olha, surpresa. Depois solta uma gargalhada.

— Você está com ciúme. *Madre de Dios*, você está com ciúme. *Hermoso y celoso*.

Levanta-se, vem se sentar nos meus joelhos e me abraça. A umidade do roupão, a umidade de seus cabelos, a umidade de seus lábios.

— *Te quiero*.

— *Yo te quiero también*.

É a segunda vez que dizemos essa frase em poucas horas. E a coisa não me desagrada nem um pouco. Pilar desembarcou na minha vida como um presente inesperado. Uma turista sem problemas de dinheiro que chegou da Espanha em Playa El Agua em busca, ou em fuga, de algo. Depois que nos conhecemos, ela decidiu ficar um pouco mais na ilha. No início, mais um mês. Em seguida, mais dois. Depois, mudou-se para a minha casa. Finalmente, uma possível data de partida não foi mais levada em consideração. Contei a ela o que tive vontade de contar. Ela fez a mesma coisa. Expliquei o que eu era, o que eu não era e o que eu nunca seria. Ela fez a mesma coisa. A partir de então, nosso relacionamento tem procedido com conforto recíproco há mais de cinco anos. Como em todas as questões humanas, não se sabe até quando. Talvez não sejamos uma família. Mas é o mais perto que conseguimos chegar.

O momento de união passa, mas não tanto a ponto de ser esquecido.

Levanto Pilar e a obrigo a voltar para a sua cadeira. Minhas calças ficam com uma leve mancha de umidade no lugar onde ela se sentou. Limpo algumas migalhas de pão da camisa.

— Preciso ir. O que você vai fazer?

Pilar indica a parte interna da casa.

— Howard me convidou para surfar com ele à tarde. Estávamos pensando em ir também a El Yaque. Assim que ele acordar.

Howard é o rapaz que veio conosco para casa. Depois da canseira da noite, acho que ele só vai acordar daqui a umas duas horas. Pela expressão de Pilar, vejo que ela também está cansada.

— Muito bem. À tarde, depois da reunião, vou ficar no *resort*. Preciso decidir algumas coisas com o gerente. Queremos reestruturar alguns bangalôs.

Bloqueio qualquer reação possível de sua parte.

— Para sua tranquilidade, não existem problemas de dinheiro. Portanto, não é necessário que você ligue para o milionário suíço.

Ela ri novamente.

Dou as costas e vou embora. Ouço sua voz quando estou prestes a descer a escadaria que leva do terraço ao andar de baixo, onde fica a piscina e, nos fundos, a garagem.

— Vou precisar do Patrol. Pegue o Mercedes.

Sem me virar, faço um sinal de positivo levantando o polegar.

Chego à garagem margeando a piscina com sua água clara que reflete o azul do céu e absorve sua cor. O jardim, florido e bem-cuidado graças aos bons serviços de Cristóbal, está cheio de árvores e palmeiras baixas.

Um Mercedes sedã está estacionado ao lado de um Nissan Patrol. As chaves estão na ignição. Entro no carro e dou a partida. Saio em direção ao acesso que me leva para fora de minha propriedade. Pegó a avenida 31 de Julio e prossigo

até entrar na estrada estatal que atravessa a ilha e chega até Porlamar. Em uma bifurcação, entro à direita, rumo à estrada que passa pelo aeroporto e desce até Playa El Yaque.

Toda vez que viajo pela ilha, não consigo deixar de me felicitar pela escolha que fiz. Quando cheguei aqui, depois de um primeiro período de adaptação e perplexidade devido à beleza do lugar, olhei à minha volta. Havia no ar um potencial turístico que eu tinha certeza de que explodiria dali a poucos anos. O que aconteceu e ainda está acontecendo. Havia a possibilidade de viver em um lugar agradável sem me sentir um exilado nem um procurado, de trabalhar e, ao mesmo tempo, levar uma vida relaxada. Comprei três hotéis e investi em várias atividades: restaurantes, lojas, agências de serviços turísticos.

Tenho me saído bastante bem.

Ligo o rádio. A estrada asfaltada sem muito capricho levanta poeira e o rastro atrás do carro parece se mexer ao ritmo da música. Chego à praia e estaciono no pátio reservado ao pessoal do El Pueblo del Viento, um dos *resorts* de que sou dono.

Trata-se de uma série de bangalôs de madeira e alvenaria, cuidadosamente concebidos para dar ideia de simplicidade e oferecer todos os confortos possíveis. As construções estão dispostas ao redor de uma casa central na qual ficam a recepção, o restaurante e uma série de serviços que introduzi no turismo da ilha, como as massagens e os tratamentos de beleza para o corpo.

O *resort* se chama assim porque está situado a dois passos de uma praia onde venta muito, um dos paraísos do windsurfe em Isla Margarita. De fato, minha clientela é composta sobretudo de aficionados, que têm dificuldade em acreditar que podem sair do quarto, pegar a prancha e, depois de poucos passos, já estar no mar, impulsionados pelo vento. É óbvio que tudo isso tem um preço. Mas, de resto, tudo tem um preço na terra dos homens.

As pessoas que devo encontrar aceitaram congregar nosso pequeno conselho de guerra em uma sala de reuniões do *resort*. É um gesto de consideração em relação a mim e à minha comodidade, já que acredito ser um dos investidores mais entusiastas dessa nova aventura. Todos têm a tendência a arriar as calças quando estão na frente de dinheiro, em qualquer parte do mundo. A piada sobre o dinheiro e os interesses não é exatamente como contei a Pilar.

As bundas existem, é o dinheiro que falta. Essa é a versão original.

Como dizia o Godie.

Dirijo-me à casa central e ultrapasso a porta de entrada. Entro em um espaço bastante amplo em formato pentagonal, com três de seus lados iluminados por grandes janelas. À esquerda, fica o bar e uma área de convivência. À direita, fica o restaurante, que se estende por um terraço voltado para a praia.

Na entrada, está posicionado o balcão da recepção.

Um grupo de hóspedes recém-chegados está em pé, esperando para ser subdividido e enviado para os quartos. Ao lado, as manchas coloridas das bagagens, que serão levadas pelos carregadores. Aproximo-me e vejo o gerente, um sujeito de estatura mediana com barba e calvície severa, empenhado em uma discussão com três pessoas.

De lado, em relação a mim, está um homem alto, com entradas, físico atlético e maxilar quadrado que nem precisa agitar a bandeira norte-americana para declarar sua nacionalidade. A seu lado, de costas, um menino com uns 7 anos e uma mulher esguia com cabelos cor de mel. Ela está usando jeans e uma camiseta leve do mesmo tecido.

Pelo comportamento deles, tenho a impressão de que há no ar alguma tensão. O gerente fala, esfregando as mãos, um dos seus gestos típicos em momentos de dificuldade. Quando me vê chegar, exibe uma expressão de alívio e me faz sinal. Os três se viram quase ao mesmo tempo, seguindo seu olhar.

A mulher é Carla.

Meu coração para por um instante. Dou um jeito de não parar de andar também. Vou até eles, esperando que meu rosto esteja impassível como o da mulher que, tantos anos depois, está diante de mim.

— *Buenos días, Guillermo. Qué pasa?*

— Deve ter havido um engano. A família McKay afirma ter feito uma reserva, mas não a encontramos em nosso registro. Infelizmente, o *resort* está lotado e não temos como acomodá-los.

O gerente falou em inglês para que todos pudessem entender. Minha hipótese sobre a proveniência deles se confirma.

O menino se agarra ao pai.

— Papai, que lugar legal. Tem um monte de surfistas. Quero ficar aqui.

Carla o afasta do pai e o puxa para si.

— Tenha paciência, Malcolm. Tenho certeza de que tudo vai se acertar.

Estendo a mão para o homem. Ele a aperta de maneira enérgica e decidida. Como o inglês é o idioma oficial da conversa, adapto-me.

— Sr. McKay, sou Nicola Sangiorgi, dono deste estabelecimento. Vamos ver o que podemos fazer para satisfazer seu filho.

Carla teve um sobressalto imperceptível. Só eu percebi porque só eu sabia que ela poderia ter uma reação ao ouvir meu verdadeiro nome.

Deixo-os sozinhos enquanto esperam ansiosos. Afasto-me e vou verificar o registro das reservas. Percebo que as palavras de Guillermo Castillos, o gerente, correspondem à realidade.

O *resort* está lotado.

Vejo na lista das chegadas do dia um casal de franceses, clientes tão frequentes que eu poderia considerá-los amigos.

Aponto para os nomes deles.

— Avise aos Tournier que houve um problema e que não poderemos hospedá-los aqui. Peça que nos perdoem, serão transferidos para La Fortaleza e a estadia será completamente gratuita.

La Fortaleza é o nome de outro dos meus hotéis. Fica em Juan Griego e é, sem dúvida, o melhor dos meus estabelecimentos. Nessa troca, os franceses certamente não sairão perdendo.

— Mas os Tournier...

— Os Tournier não dão a mínima para o surfe. Ficarão felizes de passar um período gratuito em um hotel que é até melhor do que este. Faça o que estou dizendo e tudo vai dar certo.

— Como quiser, sr. Sangiorgi.

Sua expressão é tão evidente que quase ouço as palavras que estão passando por sua cabeça.

Faça o que quiser. Você é o dono, e se isso o deixa satisfeito...

Estou satisfeito e, portanto, ele também deve estar.

O gerente volta para seus afazeres. Eu volto até as três pessoas que estão esperando uma solução. Confirmo o que eles esperavam.

— Tudo certo. Assim que vocês se registrarem, o rapaz ajudará com a bagagem. Boa estadia no El Pueblo del Viento.

O menino levanta os braços em sinal de vitória.

— Viva!

O homem sorri para mim. Um sorriso com cara de jogos de beisebol, churrasco com amigos, acampamentos com a família e um trabalho bem-remunerado.

Advogado, talvez. Ou então, médico.

— Obrigado. E agora me apresento apropriadamente. Sou Paul McKay. Malcolm, meu filho, o senhor já conhece.

Indica com um gesto a mulher ao seu lado.

— Esta é minha mulher, Luisa. Italiana, como o senhor, imagino.

Aperto a mão que ela estende para mim. Na minha mente, Luisa é uma desconhecida.

— Muito prazer, senhora. Devo dizer que nosso país está muito bem-representado.

Carla responde com um aceno de cabeça e um sorriso forçado.

Recuo um passo.

— Agora, queiram me desculpar, mas tenho alguns compromissos me esperando.

Afasto-me e vou até a recepção.

Pergunto a mim mesmo como estou me sentindo.

E quem pode dizer?

Eu não posso, agora que acabei de ter uma nova confirmação de que o mundo é realmente pequeno. No momento em que o caos e o acaso me fizeram lembrar de que eles nunca dormem e que a regra é a de sempre: você pode tentar decidir o que fazer da sua vida, mas, muitas vezes, a vida é que decide o que fazer com você.

Chego ao balcão. Peço o telefone a uma das moças e ligo para minha secretária. Ela responde ao primeiro toque.

— Rosita Seguro.

— Rosita, faça-me um favor. Avise imediatamente Helizondo, Manzana, Cortes e Llosa que tive um contratempo. Pergunte se é possível remarcar nossa reunião de hoje e peça para eles informarem a data mais conveniente.

— Pois não, sr. Sangiorgi.

Devolvo o telefone à funcionária e vou até o escritório que montei para mim em frente à cozinha. Lá dentro, assim que me sinto a salvo, me sirvo de um copo d'água.

Bebo de uma vez só. Lembro-me de um longo gole do meu pai, muito

tempo atrás. Continuo sem entender aquele homem, mas entendo a necessidade de água em certos momentos. Sento-me atrás da escrivaninha e me entrego ao conforto da poltrona de couro.

Adiei a reunião porque tenho certeza de que eu não teria a concentração necessária para falar de negócios. Não teria condições de olhar para os rostos daqueles homens, dizer e escutar palavras, ficar com eles em uma sala. Não minutos depois de o passado ter voltado a me procurar e de meus olhos terem visto os olhos de Carla.

Com você, seria grátis...

Anos se passaram, no entanto, está tudo tão nítido na memória que parece ainda estar acontecendo. A peruca de Daytona, a manhã fresca na frente do Ascot Club, a lanterna do Tulipa que dá voltas no ar em meio à escuridão, a voz de Tano Casale, os óculos de Lucio, o rosto de Carmine...

Não falta nenhum detalhe, nenhuma palavra, nenhuma cor.

Sobretudo o rosto borrifado de sangue.

No silêncio dos pensamentos, ouço baterem à porta.

— Sim?

A porta se abre e surge o rosto de um jovem funcionário.

— Sr. Sangiorgi, tem uma senhora pedindo para falar com o senhor.

Suspiro. Eu não achava que aconteceria tão depressa. Alguma coisa, em algum lugar, dá golpes não permitidos. Por mais tempo que passe, o coração nunca será um aliado.

— Peça para ela entrar.

Levanto-me e espero de pé até que Carla entre. Aponto para a cadeira em frente à escrivaninha. Assim que ela se acomoda, volto a me sentar.

Olho para ela. Dez anos suavizaram sua beleza. Ela possui aquela doçura inquieta das horas que precedem o crepúsculo, quando o sol parece brilhar com mais vivacidade e calor para pedir perdão pela escuridão que chegará quando tiver ido embora. O corte e a cor dos cabelos ainda seguem a linha estabelecida por Alex tantos anos atrás.

Os olhos são os de sempre. E acho que serão assim eternamente.

Eu gostaria de ser diferente e conhecer você de outra maneira. Teria sido lindo...

Mas não foi.

— Oi, Bravo.

Sorriso sem querer.

— Há anos que ninguém me chama assim.

— Sempre pensei que esse apelido fosse perfeito para você.

Fico em silêncio. Ela prossegue.

— Porém, depois de tantos anos, eu o encontro com um nome difícil de carregar.

— É o meu nome. Antigamente, eu achava que nomes não faziam diferença. — Faça uma pausa. — Estava enganado.

Pego o maço de cigarros. Ofereço um para ela. Para minha surpresa, Carla recusa.

Oferece um sorriso para o meu rosto espantado.

— Com o tempo, fica mais fácil resistir aos vícios.

Acendo apenas o meu, pensando que nem sempre é assim.

— Seu marido parece ser uma ótima pessoa.

— E é mesmo.

— E seu filho é um menino lindo. Parece ser muito esperto.

Ela sorri. Também com os olhos.

— Ah, se é por isso, até demais.

Não há curiosidade na minha pergunta, só um pouco de nostalgia.

— Como você está?

— Você já disse. Tenho um marido e um filho. Eles me ajudam a não pensar.

Apoio os cotovelos sobre a escrivaninha. Entendo o que ela quer dizer. Pensar, às vezes, pode ser realmente penoso.

Mudo de tom.

— Em que posso ajudar?

Ela procura as palavras.

E as encontra.

— Quando fui embora, não tivemos como conversar. Mas eu forneci a você uma história.

Suas lembranças não bastam. Acontece, quando as recordações não são bonitas.

— Você também me deve uma história.

Fico me perguntando se ela realmente pensou sobre o assunto durante todos esses anos. A resposta é que eu também teria pensado, se estivesse no seu lugar.

— Uma história?

Finjo desinteresse, virando por um instante a cabeça para o outro lado.

— É muito simples. Bastam poucas palavras.

Ela me olha e as espera.

— Eu era jovem, bonito e rico. Tinha todas as mulheres que desejava. Em Palermo, eu era uma pequena celebridade. No último ano da faculdade de Direito, me apaixonei pela garota errada. Uma garota que interessava ao neto de Turi Martesano, que, na época, era um figurão da máfia. Fui avisado de que estava me arriscando. Mas eu me sentia intocável, protegido pelo escudo da posição política de meu pai.

Sem querer, dou um sorriso ao pensar em como eu era ingênuo e indefeso.

— Ela estava apaixonada, como eu. Talvez mais do que eu porque, se eu soubesse o que aconteceria comigo, teria dado no pé. Continuamos a nos encontrar. Uma noite, enquanto eu voltava para casa, três homens me pegaram. Colocaram um capuz na minha cabeça e me jogaram em um carro.

Dou tempo para que ela crie as imagens correspondentes à narrativa. Com sua experiência, ela certamente tem os elementos para evocá-las.

— Levaram-me para um lugar. Uma fazenda, acho. O ar tinha cheiro de campo. Ouvi a voz do homem que falava comigo. Uma voz rouca, arranhada, que dizia para eu me comportar para sentir menos dor... Depois, abriram minhas calças e ele me castrou.

Também sou obrigado a imaginar. Eu estava com um capuz na cabeça.

Estava vendo tudo preto. Mas me lembro do raio amarelo da dor diante dos olhos arregalados.

— Depois, o que aconteceu?

— Jogaram-me na frente de casa, uma mansão isolada de frente para o mar, em Mondello. Fui logo internado em uma clínica particular, operado de emergência e tratado da maneira mais discreta possível. Ninguém devia saber que tinham cortado o pau do filho de Amedeo Sangiorgi.

Minha voz deve chegar até ela do mesmo modo que chega até mim.

Sufocada e ainda incrédula.

— Quando me restabeleci, fui transferido para Roma e entregue aos cuidados de um psicólogo. Para elaborar meu estado, diziam. As sessões serviram apenas para que eu levantasse uma suspeita. Tudo havia sido preciso demais para ser casual. O abandono na frente de casa, o socorro tão rápido, a presença fortuita dos médicos na clínica, como se meu pai tivesse sido avisado de antemão sobre o que iria acontecer.

Volto a encará-la. Vi essa mulher matar pessoas a sangue-frio. No entanto, agora, há uma pena infinita estampada em seu rosto.

— E, na verdade, foi mais ou menos o que aconteceu. Ele mesmo confirmou. Sabia, mas não teve coragem de fazer nada. Ou a possibilidade, o que não muda muito a ordem das coisas. Ele já estava envolvido e tenso demais com sua escalada rumo ao poder.

Deixo-a pensar sobre a trágica ironia de toda a história. Sobre o fato de ela ter, entre tantas, escolhido pôr em minhas mãos a pasta relativa ao meu pai. Sobre o fato de a única pessoa capaz de ajudar o senador Amedeo Sangiorgi a recuperar um dossiê procurado com tanta ferocidade ter sido seu filho sacrificado às leis da máfia.

— Por isso, fugi. Por isso, me escondi usando um nome falso. Fiz um curso de dicção para esconder o sotaque. Eu sentia medo, rancor, desprezo em relação ao mundo. Em relação aos homens, capazes de ser o que eu nunca mais seria. Em relação às mulheres, que tinham o poder de me excitar sem conseguirem me satisfazer.

Carla me olha em silêncio. Não há muito a ser dito. O pouco que resta, cabe a mim dizer.

— Assim nasceu Bravo. O vendedor de mulheres.

— Você descobriu quem foi o homem responsável pela sua mutilação?

Sorriso, fazendo um grande esforço.

— Claro. Foi um capanga contratado especialmente para aquela ocasião. Eu o encontrei em Milão. Havia feito carreira e se tornado um chefão. Eu tinha um elemento em mãos. Conhecía sua voz. Ele não conhecia nada de mim, nem mesmo meu rosto, que estava coberto por um capuz.

— Que fim ele levou?

— Morreu na prisão de San Vittore. Assassinado por outro detento durante o banho de sol.

Ela demora um instante para estabelecer a ligação. Mas entende quase imediatamente.

— Esse detento, antes de ir parar na prisão, será que não morava em Quarto

Oggiaro?

Meu silêncio vale como uma confirmação. Julgo oportuno acrescentar uma pequena consideração a meu respeito.

— Como pode ver, não sou melhor que você.

Minha história terminou. Como eu havia prometido, foram necessárias poucas palavras. Haverá outras histórias para nós dois. Mas cada um irá vivê-las por conta própria. Agora, não restou muito a ser dito, apenas um pouco de tempo para aproveitar da melhor maneira possível.

Carla se levanta.

— Acho que preciso ir encontrar os meninos. Oficialmente, vim agradecer a você de maneira formal enquanto eles davam um mergulho. Mas, agora, preciso voltar.

Abro caminho até a porta. A voz dela me bloqueia.

— Agora, sou eu que vou fazer uma pergunta. A mesma que você fez para mim. Como você está?

— Tenho uma mulher. Uma só. Permito que ela fique com outros homens. Mas não por dinheiro.

Abro a porta. Sigo-a pelo curto corredor.

— Por várias vezes pensei em como teria sido aquela vida.

— Que vida?

— Trabalhar para você.

Ultrapassamos a porta e chegamos ao saguão. Do outro lado daquela porta de madeira, há um outro mundo. De gente que não sabe e que, nesse caso, preferiria não saber.

— Eu disse a você um dia na minha casa, quando você me pediu para entrar no meu circuito. Não é uma viagem sem volta. Mas algumas lembranças desagradáveis podem sobreviver.

— E quem não as tem?

— É verdade, quem não as tem?

Poucos passos e estamos ao ar livre, no pátio, de onde é possível ver a praia e o mar cheio de velas coloridas. Daqui, não podemos distinguir Paul e Malcolm McKay, mas tenho certeza de que, em algum lugar, eles estão se divertindo como pai e filho de férias. E estão esperando a mulher e a mãe que eles conhecem como Luisa.

Eu gostaria de perguntar-lhe qual é seu verdadeiro nome. Mas me contenho.

Seja qual for, para mim continuaria a ser apenas Carla.

Carla Bonelli.

Quando estamos prestes a nos despedir, Pilar nos surpreende. Deve ter deixado o Patrol no estacionamento e dado a volta no edifício, por isso não a vi se aproximar. Ela para a um passo de nós.

Olha para nós dois e, com aquele instinto que todas as mulheres têm, nos examina.

— Pilar, essa é a sra. McKay. Ela, o marido e o filho serão hóspedes do *resort* durante duas semanas.

Pilar se aproxima. As duas mulheres trocam um aperto de mãos e se estudam como só as mulheres sabem fazer. Depois, Carla...

Não, Luisa decide que está realmente na hora de voltar para sua família.

— Bom dia, sr. Sangiorgi. Obrigada mais uma vez por sua cortesia. Bom dia, sra. Pilar.

Sem esperar resposta, dá as costas e se afasta com aquele passo majestoso que não perdeu sua graça. Sigo-a com o olhar enquanto ela tira os sapatos para caminhar descalça na praia.

A voz de Pilar me chama de volta para seu lado.

— Aquela mulher gosta de você.

Percebo que ela observou meus olhos sem entender o que eles refletiam. Certamente, muitas coisas, todas fáceis de disfarçar.

— Vai me largar por causa dela?

Seguro seu rosto em minhas mãos. Ouço na minha voz algo sólido; nas minhas palavras, algo definitivo.

— Não. Não vou te largar por causa dela.

Tiro os sapatos. Eu também estou com vontade de sentir a areia sob os pés descalços. Faz muito tempo que não faço isso. Abandono o piso de madeira do pátio e vou para a areia. Olho a mulher que vive comigo há alguns anos. Ela está vestindo um short verde-militar e uma regata preta, sob a qual seus seios estão livres para existir e se deixar imaginar.

— Vem cá.

Pilar se aproxima e eu a puxo para mim. Passo o braço em volta de seus ombros. Sinto sua pele, agradável ao toque.

— Quer caminhar um pouco?

Partimos em direção a Punta deMangle, sem pressa nem interrupção alguma.

Pilar passa um braço ao redor dos meus quadris.

— Você não tinha uma reunião?

— E você não tinha um compromisso com o surfe?

Ela ri e seus dentes são como os de uma jovem e meiga fêmea de tubarão.

— Ah, aquele garoto era muito chato. Eu me divirto mais quando me entedio com você.

A partir desse momento, caminhamos abraçados, sem falar, rumo a um lugar ao qual sabemos perfeitamente que nunca chegaremos. Mas sentimos esse avançar juntos, essa coisa nova que nos impulsiona, passo a passo, para longe das nossas pegadas. Nós as veremos novamente ao regressar. Não importa se tiverem se misturado a outras e não soubermos reconhecê-las. Estamos em uma ilha e todos, do seu próprio jeito, são sobreviventes.

Aqui, a primavera dura muito e o verão, quando chega, não estraga nada.

AGRADECIMENTOS

Neste romance, está a história de um mundo que não existe mais. Perdeu-se com as pessoas que foram embora, nos anos que se passaram, na sociedade que mudou. Desbotou com os números que marcam a vida, quando, diante do algarismo das unidades, o 3 substituiu o 2 e, depois, chegaram o 4 e o 5, e paro por aqui porque o 6 é o número do diabo.

Milão não era como hoje e a noite ainda era um adversário nobre a ser enfrentado. O sono era o verdadeiro inimigo e o nascer do sol era um hábito. A indiferença era a única culpa, o talento ainda não reconhecido era um áspero cilício.

Naquele mundo e naquele período, iniciou-se uma aventura que ainda não terminou. Quero agradecer a todas as pessoas que tornaram aqueles anos inesquecíveis com sua simpatia ou sua hostilidade: as duas coisas foram necessárias para que hoje eu seja, no bem e no mal, o homem que sou.

Para tanto, eu deveria escrever cem páginas e citar mil nomes. Contento-me em confirmar um dentre todos: o Bistecca. Ele deixou atrás de si piadas memoráveis, imensas, daquelas que só a genialidade pode criar. Iludo-me, achando que lhe atribuí o devido mérito e lhe dei uma migalha da imortalidade à qual sua inspiração fazia jus.

Há também outras pessoas às quais devo expressar gratidão pela ajuda na escrita deste livro. São pessoas que gratificam com sua amizade e estima meu presente e às quais retribuo da maneira mais absoluta.

Portanto, é justo agradecer:

A Claudio Giovannone, que fez com que uma pessoa de quem ele gostava fosse transformada em um delegado. E da melhor maneira: fazendo o bem.

À família Lavazza, que me deu a mesma oportunidade.

A Dario Tosetti, por ter atuado como elo entusiasta nessa troca de benevolências.

Ao dr. Cesare Savina, valente pediatra, que, enquanto curava as doenças de crianças de verdade, forneceu-me uma cura para uma criança inventada.

Ao dr. Franco Bardari, diretor do Departamento de Urologia do Hospital Civil de Asti, que me iluminou, enquanto eu ficava arrepiado, sobre as peripécias cirúrgicas de Bravo.

À *Settimana Enigmistica*, na pessoa de Alessandro Bartezzaghi, que me deu uma ajuda nos criptogramas contidos neste romance.

A Piero Tallarida, garçom histórico e devoto do mítico Derby Club, que serviu declaradamente como inspiração para o Ascot.

A Claudia Zigliotto, vice-chefe de polícia adjunta, amiga delicada e, ao mesmo tempo, inoxidável protagonista da luta contra o crime em Milão.

A Andy Surdi, clamoroso baterista e vocalista.

A Michele del Vecchio e Furio Bozzetti, velhos amigos reencontrados

intactos.

A Giovanni Bartocci, jovem administrador e companheiro de noitadas nova-iorquinas. Duas idades diferentes, o mesmo blues, a mesma cerveja.

Chegamos, enfim, ao meu grupo de trabalho, composto por homens e mulheres que são colaboradores e amigos ao mesmo tempo. Sem que nunca uma coisa tenha comprometido a outra.

Os nomes deles:

Alessandro Dalai, o homem das nuvens.

Cristina Dalai, a daminha do céu claro.

Lorenza Dalai, meu duende preferido.

Antonella Fassi, que tem uma palavra gentil para todos.

Mara Scanavino, que tem uma cor boa para todos.

Chiara Moscardelli e Elisa Montanucci, que têm um bom comunicado à imprensa para todos.

Stefano Travagli, que é surdo para o chamado da *lap dance*, o que não é comum.

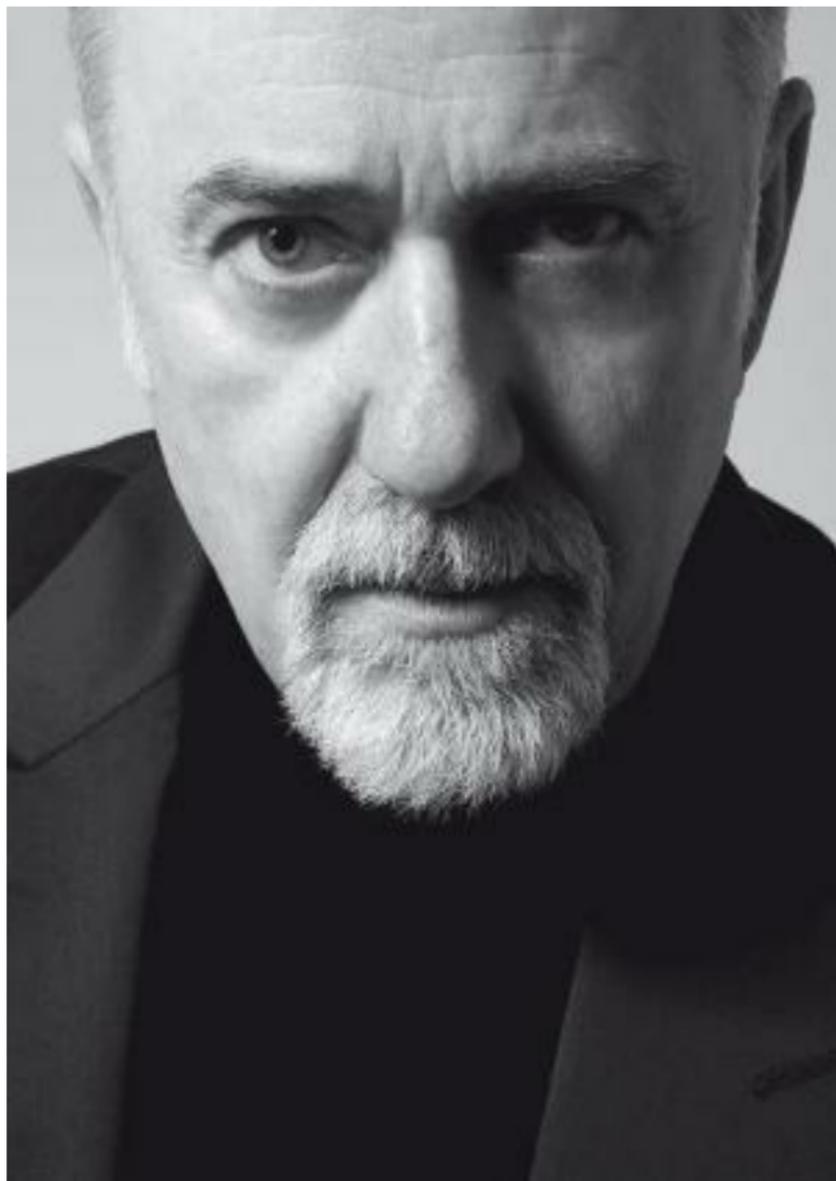
Francesco Colombo, que me corrige como ninguém.

Piergiorgio Nicolazzini, que me encoraja como ninguém.

Roberta, que faz todas essas coisas juntas e outras mais.

Caso eu possa me definir como uma pessoa de sorte, eles são parte integrante dessa sorte.

Sobre o autor



Nascido em Asti, no Piemonte, em 1950, o italiano Giorgio Faletti, com formação em direito, tornou-se cantor, compositor e comediante de televisão. *Eu mato*, lançado em 2002, permaneceu mais de um ano nas listas dos mais vendidos da Itália e foi traduzido para 25 idiomas.

Giorgio Faletti publicou *Eu sou Deus*, *Nienti di vero tranni gli occhi*, *Fuori da un evidente destino* e *Pochi inutili nascondigli* — todos best-sellers. Começou a compor e a cantar no Festival de Música de San Remo, e atuou em comédias como *Notte Prima degli esami*.

Conheça os livros do autor



Eu sou Deus



Eu mato



Memórias de um vendedor de
mulheres